UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÁRCIA MARTINS CASTALDO

Redação no vestibular: a língua cindida.

São Paulo
2009

MÁRCIA MARTINS CASTALDO

Redação no vestibular: a língua cindida

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Linguagem
Orientadora: Profa .Dra. Sílvia de Mattos Gasparian Colello

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

375.105 C346r

Castaldo, Márcia Martins
Redação no vestibular : a língua cindida / Márcia Martins Castaldo ; orientação Sílvia de Mattos Gasparian Colello. São Paulo : s.n., 2009.
277 p. : il, grafs. tabs.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Linguagem) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Redação – Estudo e ensino 2. Vestibular – São Paulo 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino 4. Letramento 5. Aprendizagem 6. Ensino superior I. Colello, Sílvia de Mattos Gasparian , orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Márcia Martins Castaldo
Redação no vestibular: a língua cindida.

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Linguagem

Aprovada em:

Banca examinadora

Profa. Dra. Sílvia de Mattos Gasparian Colello

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura:_____

Prof..Dr._____

Instituição:_____ Assinatura: _____

Prof..Dr._____

Instituição:_____ Assinatura: _____

Prof..Dr._____

Instituição:_____ Assinatura: _____

Prof..Dr._____

Instituição:_____ Assinatura: _____

A

Celeste
Élvio

Luiz
Luiz Guilherme

Cecília
Maria (in memoriam)

Com amor

AGRADECIMENTOS

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.

João Cabral de Melo Neto[1]

À Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

À Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

À Fundação Universitária para o Vestibular FUVEST, pela colaboração em fornecer o *corpus* para este trabalho.

A meu esposo, Luiz Gonzaga Guimarães Júnior, pelo amor, pelo carinho e pela cumplicidade.

A meu filho, Luiz Guilherme Martins Castaldo Picarelli Guilmarães, pela complacência, pela compreensão e pela paciência.

À minha mãe, Celeste de Oliveira Martins Castaldo, minha primeira interlocutora e companheira a cada passo desta e de tantas outras trajetórias, pelo aconchego, pelo incentivo, pela ajuda e pelo apoio.

A meu pai, Élvio Castaldo, por me ensinar a lutar, perseverar e sonhar.

Às minhas tias-mães, Cecília de Oliveira Martins e Maria de Oliveira Martins (*in memoriam*), pela presença carinhosa e companheira.

À minha amiga-irmã, Maria Cecília Marino, por acompanhar o cotidiano desta trajetória.

À minha amiga Profa. Marcela Cristina Evaristo, interlocutora em todas as horas.

À minha orientadora Profa. Dra. Sílvia de Mattos Gasparian Colello, pelas relações dialógicas, pelo carinho e pela infinita compreensão dos momentos críticos desta trajetória.

À Profa. Dra. Maria Thereza Fraga Rocco e à Profa. Dra. Marli Quadros Leite, pelas preciosas orientações e contribuições quando do exame de qualificação.

Ao Dr. Paulo Montes Huvos e sua esposa, D. Tânia Huvos, ao Dr. Antônio Franco Montoro, à Dra. Mary Isabel Vieira Pedroso, ao Dr. Antônio Veriano Pereira e à Dra Ana Paula Rodrigues, pelos cuidados especiais, apoio emocional e atenção dispensados nos momentos críticos desta trajetória.

Aos professores Helena Pozza, Maria José Xavier Pompermaier e José Roberto Cassiano, aos meus primos Selma Acorinte Pincinato, Fábio Papes, Jussara Horton e Mark Horton, pelas leituras, sugestões e revisões competentes e carinhosas.

A Maria Madalena de Araújo Dias, por sempre nos auxiliar e por se envolver com nossas alegrias e percalços.

---

[1] NETO, João Cabral de Mello. **Poesias Completas.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 345.

Aos funcionários do Serviço de Documentação da Biblioteca da Facudade de Educação da Universidade de São Paulo, Sr. José Aguinaldo da Silva, Sra. Vera Lúcia Moura Accioli Cardoso e Sr. Thiago Freires, pelas orientações fornecidas com competência.

Aos meus mestres, pela formação que me proporcionaram.

À Profa. Dra. Cleide Costa e Silva Papes, minha prima, e à Profa. Dra.Cleide Lugarini Andrade, minha amiga, por me iniciarem, profissionalmente, nas reflexões pedagógicas

A Isabel Kimie Prospero, Silvia Syllos Rosas, Vânia Leite e Margareth Garcia, minhas incentivadoras da Rede Municipal de Ensino, com quem muito aprendi sobre o cotidiano da escola.

Aos meus colegas da EMEF Professor José Frraz de Campos, do Colégio São Luís, da Escola Divina Providência e do Colégio Albert Sabin, com quem partilhei experiências.

Aos meus queridos alunos, pelo carinho e pelos questionamentos motivadores de grandes desafios e descobertas.

À Profa. Dra. Cristina Pietraróia, à Profa. Dra. Iná Camargo Costa, à Profa. Elis Cardoso e ao Prof. Dr. José Garcez Ghirardi, pelos conselhos.

À Escola Estadual Professor Joaquim Antônio Ladeira na pessoa de sua diretora, da professora Eliana Martini Martins e dos professores da 3ª série do Ensino Médio de 2007, que tão bem me acolheram.

Às meninas Patrícia Aparecida Abílio, Monalisa Francis Dutra e Mayara Sughihara, pelas divertidas sessões de leitura e de redação aos sábados à tarde.

A Alice Sousa, Bruno Pinheiro de Lacerda, Dra. Maria Regina Campos Brandão e ao Sr. João Bosco, pela colaboração no início deste percurso.

A Nossa Senhora, pelas graças recebidas nesta trajetória.

A Deus, pelas infinitas bênçãos.

RESUMO

CASTALDO, M.M. **Redação no vestibular: a língua cindida.** 2009. 277 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

Ao término da Educação Básica, espera-se que um indivíduo esteja habilitado a redigir adequadamente em qualquer situação, que saiba interagir com a palavra para a produção escrita nos diversos gêneros textuais em circulação. Embora tais expectativas se realizem em alguns casos, em geral, a realidade vivenciada é diversa: mesmo após completarem os ensinos Fundamental e Médio, muitos sujeitos elaboram textos repletos de desvios, marcas que expõem as muitas dificuldades com a produção escrita, as quais revelam uma língua cindida entre um saber-dizer e um dever-dizer. Questionamentos sobre o que leva a essa cisão motivaram esta pesquisa. Considerando-se a perspectiva sócio-histórica, os conceitos bakhtinianos de gênero, dialogismo e polifonia, bem como preceitos da Lingüísitca Textual, o trabalho consistiu na análise de elementos composicionais da "redação dissertativa de vestibular", gênero que desafia estudantes interessados em ingressar no Ensino Superior. Mais especificamente, foram analisados: (a) a norma lingüística, (b) os índices de pessoalidade e (c) a macroarticulação em uma amostra de 374 redações (1% do total) produzidas por candidatos inscritos no Vestibular-2007 promovido pela FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular) – São Paulo, Brasil. Foram analisadas, também, algumas relações entre o perfil sócio-histórico dos candidatos e os perfis de escrita verificados nos textos. Depreendeu-se, das observações realizadas, que a excessiva preocupação com o "outro", com o molde e com a demonstração do saber-fazer interfere no movimento de exteriorização do discurso: em vez de tentar levar ao texto seu universo e sua idéia, o estudante se propõe à tarefa de levar, para o papel, mundo e idéias presumidos do interlocutor e da interlocução, vivencia um confronto - e não uma negociação - entre um saber-dizer que se esvaece diante de um dever-dizer e cinde a língua. As observações realizadas revelaram, ainda uma escolarização que, no âmbito de sua atuação, parece não promover satisfatoriamente condições para o desenvolvimento de estratégias para o diálogo entre os saberes, parece não promover satisfatoriamente a possibilidade de escrever com autonomia.

Palavras-chave: Redação. Vestibular. Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Letramento.

ABSTRACT

CASTALDO, M.M. **Essay writing in College Entrance exams: the schismatized language.** 2009. 277 f. Thesis (Doctoral) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

After concluding high school, students are expected to be able to write proficiently in any situation. They are supposed to interact with words in order to produce texts in the diverse genres currently circulating. Although some of these expectations are sometimes met, in general, the reality is different. Even after having fulfilled the academic requirements of high school, many students produce texts with several deviations, which signal difficulties with writing. This also reveals a schism between "knowing-how-to-say-it" and "should-say". Questioning the reasons for this schism was the starting point for research. Based on socio-historical patterns, bakhtinian concepts for genres of discourse, dialogism, and polyphony, as well as the Textual Linguistics precepts, this work consisted in analyzing the elements found in the Writing Essays from students participating in Standardized College Entrance Exams for the public universities in the state of São Paulo, Brazil. This is a genre of text which challenges students who want to enter into a college career. Specifically, the topics analyzed were: (a) proficiency in standard Portuguese , (b) personal input and (c) macroarticulation in a sample of 374 essays (1% of the total) from the entrance exam that was ministered through FUVEST (Foundation for College Entrance Exams), São Paulo, Brazil, from the year 2007. The analysis included also the relationship between the candidates' socio-historic profile and the writing patterns found in their work. Through this analysis I could detect an exaggerated concern with "the other one", with following a model, and with a concern in demonstrating the "knowing-how-to-say-it". These concerns interfere with the movement of the discourse exteriorization: instead of putting in the text their own world view and their own ideas, students try to present a perspective that agrees with a presumed reader's world view and ideas foreign to themselves: a confrontation – and not an exchange – between the "know-how-to-say-it" and the "should-say" that schisms the language. My observations revealed also a schooling process that does not seem to promote satisfactory conditions to develop strategies that foster the dialogue among the diverse facets of knowledge, and does not promote the individual's self-reliance in their own writing.

Keywords: Essay writing. Essay writing college entrance exams. Learning. Teaching and learning process. Literacy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – *Corpus* – Distribuição das redações 73
Quadro 2 - Proposta de redação do vestibular da FUVEST – 2007 78
Quadro 3 - Grade de Análise das Redações 84
Quadro 4 - Perfil do Candidato – Traços distintivos predominantes.....144

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil de “Norma Culta”.....99
Gráfico 2 – Perfil de “Pessoalidade”..... 108
Gráfico 3 – Perfil de “Configuração Organizacional”..... 122
Gráfico 4 – Perfil de “Pertinência Temática –Assunto”..... 131
Gráfico 5 – Perfil de “Erudição Enciclopédica de Conteúdo”..... 138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil de “Norma Culta”.....99
Tabela 2 - Perfil de “Pessoalidade”.....108
Tabela 3 – Perfil de “Configuração organizacional”.....122
Tabela 4 – Perfil de “Pertinência Temática – Assunto”..... 130
Tabela 5 – Perfil de “Erudição Enciclopédica de Conteúdo”..... 138

LISTA DE SIGLAS

APMBB - Academia da Polícia Militar do Estado de São Paulo – Barro Branco

CESCEA - Centro de Seleção de Candidatos às Escolas de Administração

CESCEM - Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas

EJA – Educação para Jovens e Adultos

FEI - Faculdade de Engenharia Industrial

FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular

MAPOFEI – Ciências Exatas e Engenharia Mauá, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e Faculdade de Engenharia Industrial

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROCON – Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Modelo do questionário socioeconômico.....175
Anexo 2 – Perfil do Candidato.....183
Anexo 3 – Instrução de curso preparatório.....213
Anexo 4 – Imagens das redações.....217
Anexo 5 - Quadro comparativo de características predominantes
Candidatos e Treineiros.....256
Anexo 6 – Elementos composicionais – Candidatos de treinamento
Gráficos e tabelas.....259
Anexo 7 – Lista das Carreiras.....267
Anexo 8 – Perfil dos Candidatos das redações adequadas/inadequadas em todos os elementos
composicionais 273

LISTA DE AMOSTRAGENS

Amostragem-256 …….. ……91
Amostragem-158 ……..92
Amostragem-147…….……..94
Amostragem-48……95
Amostragem-152..……96
Amostragem-10……97
Amostragem-58……...104
Amostragem-258……105
Amostragem-320……106
Amostragem-194……106
Amostragem-89……...107
Amostragem-347……110
Amostragem-217……111
Amostragem-191……112
Amostragem-29…….. 113
Amostragem-76……...114
Amostragem-219……114
Amostragem-49……...115
Amostragem-83……...116
Amostragem-108……117
Amostragem 112……117
Amostragem-42……..118
Amostragem-175……120
Amostragem-38……..121
Amostragem-228……124
Amostragegm-80……125
Amostragem 210……126
Amostragem-225……127
Amostragem-247……128
Amostragem-74……...129
Amostragem-306……129
Amostragem-91……...132

Amostragem-282…….135
Amostragem-103…….136
Amostragem-127…….137

SUMÁRIO

RESUMO.....11
ABSTRACT.....13
LISTA DE QUADROS.....15
LISTA DE GRÁFICOS.....17
LISTA DE TABELAS.....19
LISTA DE SIGLAS.....21
LISTA DE ANEXOS.....23
LISTA DE AMOSTRAGENS.....25
1 Cisma 31
2 A palavra e o outro.....37
3 Ensinar-aprender a ler-escrever 41
4 Entre a sombra e a senha 57
5 Escrever à moda da escola 67
6 Vociferação 75
7 Saber-dizer e dever-dizer.....85
7.1 Elementos composicionais dissertativos
7.1.1 Norma culta 87
7.1.2 Pessoalidade.....100
7.2. Elementos composicionais macroarticulatórios
7.2.1 Configuração organizacional 109
7.2.2 Remissão extra-textual
7.2.2.1 Pertinência temática – assunto 123
7.2.2.2 Erudição enciclopédica de conteúdo 131
8 Quem é quem? 141
9 A palavra mágica ..... .151
REFERÊNCIAS.....157
ANEXOS..... 173

1 CISMA

AULA DE PORTUGUÊS

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade[2]

Alardeiam os críticos da escola: a educação formal seqüestra a língua fácil, aquela do cotidiano, das emoções, do envolvimento com o texto. Dizem que, no processo de escolarização, a expressão vai se dissolvendo nos limites das regras e dos modelos; a vivacidade, arrefecendo, e ocorre o cisma da palavra.

De fato, observamos as redações escolares: textos de voz carente de identidade, mal articulados, lotados de desvios gramaticais, desleixados, com os quais o professor de Língua Portuguesa lida em seu cotidiano.

Em contraste, aqui e lá, a mesma mão que produz a redação escolar materializa a voz que escreve o magnífico poema no verso do rascunho da dissertação precária escrita para cumprir a tarefa. Dá corpo àquela voz que o mestre reconhece no texto premiado e divulgado pelos "Anjos de Prata"[3] ou que faz o professor de Português se emocionar, pois assina reportagem e artigo do exemplar da revista da escola. É a mão da garota da primeira carteira revelando, por descuido, um parágrafo de reflexão sobre as alegrias do dia anterior, na agenda

---

[2] ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 1089.

[3] "www.anjosdeprata.com.br" é um site que surgiu por iniciativa de leitores que acompanharam o cronista Mário Prata em sua elaboração on-line *Os Anjos de Badaró* e que enviavam, ao escritor, comentários bem como suas produções. Ao término do projeto, foi organizada uma antologia dos textos enviados pelos leitores-escritores*: As crônicas dos Anjos de Prata* e criado o espaço para divulgação de novos autores. Atualmente, "Os Anjos de Prata" promove concursos quinzenais de crônicas. Os trabalhos premiados são divulgados no próprio site e em antologias.

aberta. Essas vozes se comunicam com correção, clareza, coerência, eficácia, criatividade, sentimento, alma. São vozes com identidade.

O que propicia esse cisma? Por que “o português são dois”?

Na escola tradicional, as práticas declaradas de ensino da escrita ocorriam nas aulas de Português: nas lições de gramática, na leitura dos Clássicos, no ato de fazer uma redação. A lide com a escrita era responsabilidade do professor de Português; às demais áreas cabia, apenas, exigir a correção e estimular seu uso canônico; nada se dizia a respeito de qualquer tipo de aprendizagem fora dos limites da sala de aula. Nesse ambiente escolar, o lugar da escrita parecia definido. Se alguém tivesse qualquer dificuldade para redigir, a responsabilidade seria da pessoa, pouco dotada para a expressão. Para desenvolver a interpretação e aperfeiçoar a escrita, superar qualquer cisma ao registrar as idéias no papel, bastava ter passado pela cartilha e pelas séries iniciais, ler muito os bons textos, escritos de acordo com os padrões cultos de correção. Os indivíduos, em geral afortunados e educados formalmente, acabavam respondendo bem àquele processo mecânico de escrituração.

Com a expansão do acesso à escola a partir da década de 70, indivíduos menos afortunados e com menos oportunidades de serem educados formalmente começaram a engrossar as estatísticas denunciadoras de um grande fracasso. Paralelamente, os chamados bons textos, de autores clássicos e de linguajar castiço, mostravam-se insuficientes para suprir as necessidades de uma outra escrita - a exemplo daquelas de caráter jornalístico e publicitário - que crescia e se impunha com a expansão da mídia. A língua se manifestava como é, viva e plural: uma língua de mil faces.

O resultado foi uma imensa desestruturação de tudo aquilo que se concebia a respeito da língua escolar e de sua escrita, novos cismas surgiram bem como a necessidade de buscar reformulações pertinentes às necessidades desse novo tempo. A escrita não-canônica entrou na escola, as diferentes normas passaram a ser objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa, polemizou-se o ensino da gramática. O foco, antes direcionado à gramática normativa, deslocou-se para o texto; as preocupações com as dificuldades, para algo mais amplo do que os limites da sala de aula. A partir da década de 80, foi lançado um olhar sobre as outras fontes de aprendizagem da palavra que não a sala de aula.

Apesar de toda a riqueza proveniente dessa nova prática, as dificuldades de leitura e de expressão permaneceram, assim como os cismas.

Infelizmente, apesar da presença do texto na escola e a despeito do desenvolvimento teórico direcionado às práticas, as ações para instrumentalizar, de fato, os profissionais e os alunos a operarem com a nova realidade, ainda são elementares. O anunciado vínculo entre os

procedimentos escolares e a realidade tem sido apenas isca, o que continua a comprometer o envolvimento do aluno em seu processo de aprendizagem. A articulação entre teoria pedagógica e prática em sala de aula parece não se realizar. Os avanços no tocante às formas inovadas de abordar o texto permanecem, ainda, distantes do cotidiano escolar, mesmo do cotidiano do professor de Língua Portuguesa. Mecanismos empíricos de construção e de uso, bem como os padrões de correção centrados em concepções parciais do funcionamento da língua ou do processamento cognitivo, além de influências do mercado cultural contaminam as práticas.

Não se pode negar a interferência perniciosa de determinados procedimentos escolares sobre o ato de redigir, entretanto, seria ingenuidade desconsiderar o viés positivo das aulas de Português na apropriação da palavra escrita e na construção de textos de qualidade.

A paixão do professor ao analisar Pessoa em sua aula pode ter despertado o poema na parte de trás do rascunho da dissertação. O riso desencadeado pela leitura, mesmo que obrigatória, das crônicas de coletâneas como Para Gostar de Ler[4] pode ter inspirado o texto premiado do aluno. O exercício de transformar um conto de fadas em notícia pode ter iniciado o jornalista. A Bolsa Amarela[5], tão execrada pela parcela masculina da classe, pode ter levado a garota da primeira carteira a desenvolver um estilo ao registrar os acontecimentos na agenda. A escrita paralela do poema, da crônica, da reportagem, do diário, da língua fácil, não ocorreu sem a escola no percurso desses, e de outros tantos, indivíduos. Unificou a Língua.

É preciso olhar com cautela o chamado “fracasso do ensino de Língua Portuguesa”.

Se a escola colaborou para o sucesso da escrita paralela ou mesmo para algumas de suas propostas, por que ela tem falhado em outras situações, não garantindo a escrita adequada, por exemplo, em respostas de prova, trabalhos, relatórios, provas do Vestibular? Por que, mesmo após completados os anos escolares, as dificuldades com a escrita permanecem tão marcantes? O que pode trazer ao aluno, e ao cidadão escolarizado, a garantia de um desempenho sem oscilações?

Este trabalho pretende ser mais uma contribuição, entre tantas outras já existentes ou em curso, às questões postas nesta introdução, propondo-se a investigar, em redações de vestibular, razões para o Português cindir-se.

---

[4] Leitura freqüente nas escolas, são coletâneas de textos de escritores renomados organizadas por gênero, por temática, por autor. São publicadas pela Editora Ática .

[5] Livro de Lygia Bojunga Nunes, adotado freqüentemente nas escolas e que tem enorme receptividade, principalmente das meninas.

2 A PALAVRA E O OUTRO

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

Carlos Drummond de Andrade[6]

Em um universo escolar tão amplo e heterogêneo como o verificado em nosso país, são inúmeros os fatores que podem gerar o Português cindido, entretanto, não é objetivo deste trabalho uma investigação exaustiva dos mesmos. O presente estudo concebe suas investigações no contexto daquela parcela do universo escolar que se volta para a conclusão do Ensino Médio e para o ingresso no Ensino Superior.

Inclui-se, nesse universo, tanto a escola e o aluno que, cotidianamente, procuram atender aos princípios atuais das práticas de ensino-aprendizagem da língua quanto a escola e o aluno que, mesmo em condições distantes do ideal, promovam, a partir de algum estímulo profundo criado - por exemplo, por um determinado professor em um certo momento do trajeto, em um trabalho específico realizado com muito empenho e envolvimento - o despertar da palavra nos percursos de escrituração. Estão incluídos, nesse universo, aqueles indivíduos que realizaram seus estudos de forma descompromissada, mas que, ao estarem próximos ao término do Ensino Médio, ou terem concluído a Educação Básica, decidem concorrer a uma vaga no Ensino Superior.

Nesse contexto, a escola, em parte, não tem desconsiderado que uma interação verbal bem sucedida pressupõe a constituição dos sujeitos envolvidos no ato comunicativo, o delineamento correto das condições de interlocução para a seleção dos elementos mais adequados à composição do texto; pressupõe, ainda, habilidades para articular e organizar os elementos selecionados.

Assim, o aluno, nessas condições, passa a perceber as relações entre as palavras, as intenções, as formas de construção e o "outro". Por exemplo: se a proposta de composição requisitar a escrita de uma peça publicitária, deve elaborar o perfil exato do interlocutor para levar ao texto as melhores estratégias de persuasão, expressar-se corretamente na variedade lingüística mais adequada. Esse aluno também sabe que uma peça publicitária tem uma forma composicional determinada que precisa ser respeitada. Sabe, ainda, o que **não** deve ser

[6] ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 115.

colocado no texto. E mais: tem consciência de que precisa demonstrar que sabe fazer, que sabe escrever.

Embora sinalize todos esses aspectos fundamentais, a escola tem se esquecido da dinamicidade da linguagem, tem feito o aluno acreditar que a interação verbal deve ser rigidamente concretizada em formatos definidos por imperiosas leis de formação dos diversos gêneros do discurso. Criam-se os moldes que devem formatar o que se quer expressar. Emerge o desejo de se demonstrar, de se demarcar o saber-fazer. Apaga-se o "eu" que deseja exteriorizar-se com identidade e atingir o "outro". Aparece, então, uma escrita sem voz própria, pouco fluente, desarticulada, truncada. Desaparece a criação. Amarra-se a palavra, como tão bem sinalizaram, entre outros, Colello (2007), Geraldi (1997) e Rocco (1981).

É necessário voltar-se para o "outro", sim, e planejar a interlocução para que ela atinja o "outro". Existem, sim, leis de formação para os diversos gêneros do discurso e moldes, que não podem ser desprezados devido à dimensão sociocultural do ato comunicativo. Entretanto, o indivíduo não pode declinar de suas convicções, de sua "versão pública de mundo" (MONDADA; DUBOIS, 2003), tampouco apagar sua voz, colocando de modo distorcido o foco no "outro", diluindo-se no como fazer e se engessando em regras. É essencial equilibrar a relação intersubjetiva sem privilegiar um ou outro pólo; ajustar regras e moldes a fim de que as condições para a negociação dos sentidos se estabeleçam.

A excessiva preocupação com o "outro", com o molde e com a demonstração do saber-fazer parece interferir no movimento de exteriorização do discurso.

Uma hipótese se desenha a partir desses princípios e torna-se objeto deste trabalho: ao redigir, mais especificamente, ao redigir a redação de Vestibular, o candidato estabelece um confronto entre um saber-dizer e um dever-dizer, em que prevalece o último e ocorre o cisma.

3 ENSINAR-APRENDER A LER E ESCREVER

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta;
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra
uma pedra de nascença, entranha a alma.

João Cabral de Melo Neto[7]

Em que contexto educacional tem ocorrido o cisma do Português?

São muitos os caminhos para o ensino, a aprendizagem, cada um tem seu tempo, seu espaço, sua adequação. Mizukami (1986) apresenta um perfil dos principais modelos de ensino que fundamentam a ação do professor, apontando, para cada um, as principais características; as concepções de homem, mundo, sociedade-cultura, conhecimento, educação, escola; as relações entre ensino e aprendizagem, entre professor e aluno; a metodologia; a avaliação. Com base em suas considerações, pretende-se, a seguir, traçar um panorama das abordagens mais comuns em nosso cotidiano, situar a concepção de linguagem e justificar a orientação sociocultural das discussões aqui presentes.

Em linhas gerais, a escola tradicional é focada na instrução proporcionada por um professor que detém o saber; o conteúdo é privilegiado e sobreposto ao que o aluno traz em seu lastro cognitivo; ao aluno cabe, como receptáculo, assimilar o que lhe é apresentado, em procedimentos de natureza predominantemente expositiva e passiva; a escola é o lugar do saber; a avaliação privilegia a reprodução de conteúdos. O meio externo é objeto a ser anexado ao mundo interior do indivíduo. A função da linguagem é apenas transmitir informações.

O modelo comportamentalista, fundamentado na concepção de que o homem é fruto do meio em que vive, vê a educação como transmissão cultural, determinada e condicionada pelo ambiente, programada e gerida pelo professor, o qual define objetivos que devem ser

[7] NETO, João Cabral de Mello. **Poesias Completas.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 338.

atingidos pelo aluno, a quem é dada a responsabilidade de chegar às metas estipuladas, alterando seu comportamento inicial com respostas satisfatórias, que devem ser reforçadas e cuja alteração é avaliada; escola é a agência para que essa mudança ocorra. A função da linguagem, nessa perspectiva, também é portar informações. Entre os representantes teóricos dessa linha encontram-se Burrhus Frederic Skinner e Robert Gagné.

Fundamentada nas idéias de que o conhecimento abstrato é construído pela experiência pessoal e subjetiva e de que a aprendizagem deve ser significativa, a corrente humanista centra-se no indivíduo, na autoconstrução, em uma relação não-diretiva do processo de ensino-aprendizagem. Enfatiza a interação entre as pessoas envolvidas no processo pedagógico. Cabe ao professor facilitar a aprendizagem, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento do aluno. O meio, nessa concepção, promove condições para o desenvolvimento do potencial inerente à pessoa. A linguagem promove a interação entre os sujeitos envolvidos no processo, permitindo que ele se realize. O objetivo maior nessa forma de conceber a educação é o desenvolvimento da pessoa. Carl Rogers e A.S. Neill representam essa corrente.

Do ponto de vista cognitivista, o ambiente e a cultura são "fonte de informações para a mente individual" (KOCH, 2004, p. 29), não são constitutivos, mas influenciam o processo, atuando de forma " 'facilitadora' ou 'obstaculizadora' " (CASTORINA, 1996, p. 12) sobre a capacidade do indivíduo de integrar e processar informações. O conhecimento é uma construção endógena contínua gerada pelo questionamento de uma situação de caráter desestabilizador da realidade do aprendiz, a partir da qual ele irá problematizar a nova realidade, criar hipóteses para solucionar a situação e testá-las até estabilizar-se novamente. O foco se direciona ao aluno; ao professor, cabe orientá-lo; os conteúdos passam a ser meios da construção cognitiva, não fins. A experiência passa a ser importante, a passividade ou o automatismo cedem lugar a uma conduta de maior ação do sujeito cognitivo sobre a aprendizagem. Educação é um processo. A linguagem passa a desempenhar outro papel que não o mero transmissor de informações; os eventos lingüísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes, são, ao contrário, "uma atividade que se faz *com* os outros, conjuntamente." (KOCH, 2004. p. 31). Ainda, a linguagem é indispensável para a elaboração do pensamento, devido a seu caráter simbólico e de "regularização social" (PIAGET, 1980, p. 92), e mantém, com este, "[...] um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apóia, necessariamente, sobre o outro, em formação solidária e em perpétua ação recíproca." (PIAGET, 1980, p. 92). Jean Piaget é a principal referência da perspectiva cognitivista. Outros teóricos associados a essa abordagem são Jerome Bruner e Emília Ferreiro.

Na perspectiva sociocultural, o indivíduo encontra-se situado no tempo e no espaço, em um contexto histórico, “A cultura e o meio refazem uma pessoa não apenas por lhe oferecer determinado conhecimento, mas pela transformação da própria estrutura de seus processos psicológicos, pelo desenvolvimento nela de determinadas técnicas para usar suas próprias capacidades” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 237). Assim, a interação com o ambiente ocorre a partir de um processo de reflexão e de conscientização sobre a realidade de que esse indivíduo participa, com a qual dialoga e à qual se ajusta. Não há determinismo nesse processo, pois o ambiente fornece parâmetros diversificados em conteúdo, tempo e intensidade, visão de mundo, permitindo combinações singulares. Os meios que fornecem instrumentos também são diversos: a família, a igreja, a militância, a arte, a mídia, não apenas a escola. A aprendizagem, focada no aluno, é fruto do diálogo, da negociação ativa e contínua, com a realidade; ao professor, cabe a orientação do processo em uma construção partilhada com o aluno. Fala-se em ensino-aprendizagem. No dizer de Vygotsky (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 194):

> É assim que atua a cultura, desenvolvendo em nós métodos cada vez mais novos, transformando assim a memória natural em memória “cultural”; o efeito da escola é semelhante: cria uma provisão de experiências, implanta um grande número de métodos auxiliares complexos e sofisticados e abre inúmeros novos potenciais para a função humana natural.

A linguagem, nessa acepção, é instrumento e função psicológica. Para Vygotsky (1989b, p. 104), “[...] do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito.” Pontua Oliveira (1997b, p. 48) a esse respeito:

> [...] no significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal.[...]
>
> É no significado que se encontra a unidade das duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se um ‘filtro’ através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele.

Para Vygostky (1989b, p. 132): “As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana”.

De acordo com essa perspectiva, a linguagem transporta o mundo, é interiorizada, reorganiza-se, constrói-se e promove a reconstrução. Lev Semyonovich Vygotsky e Paulo Freire são referências para essa corrente.

Na realidade de múltiplas faces em que estamos inseridos, de múltiplas informações e de múltiplas formas de conhecimento, a concepção sociocultural parece contemplar mais

adequadamente as demandas de ensino-aprendizagem, principalmente aquelas relacionadas com a inclusão e com o exercício da cidadania.

É o que se salienta nos PCNs[8] de Ensino Fundamental – Língua Portuguesa (BRASIL, 1996a, p. 9):

> **1.2. Linguagem e participação social**
>
> O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.
>
> Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento [...] das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

E nos PCNs de Ensino Médio – Língua Portuguesa (BRASIL, 1996b, p. 17):

> O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma visão sobre o que é linguagem verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema lingüístico e comunicativo em determinados contextos. Assim, na gênese da linguagem verbal estão presentes o homem, seus sistemas simbólicos e comunicativos, em um mundo sócio-cultural.
>
> As expressões humanas incorporam todas as linguagens, mas, para efeito didático, a linguagem verbal será o material de reflexão, já que, para o professor de língua materna, ela é prioritária como instrumento de trabalho.
>
> O caráter sócio-interacionista da linguagem verbal aponta para uma opção metodológica de verificação do saber lingüístico do aluno, como ponto de partida para a decisão daquilo que será desenvolvido, tendo como referência o valor da linguagem nas diferentes esferas sociais.

Os documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa pontuam a importância de desenvolver, no aluno, não apenas a visão de língua como instrumento de mobilidade social, mas de lhe fornecer condições de operar com essa língua nas mais diversas situações e contextos, de modo ajustado e pertinente. O estudo dos fatos da língua deve ser tomado de modo abrangente; deve partir do contexto lingüístico do sujeito e, ao mesmo tempo, ampliar o lastro desse sujeito com a finalidade de inclui-lo na realidade que o cerca.

Nessa realidade educacional, fala-se em Letramento.

Segundo Soares (2004), o termo letramento aparece no vocabulário da Educação e das Ciências Lingüísticas na segunda metade dos anos 80. Do inglês *literacy*, em que significa condição daquele que sabe ler e escrever, o termo deveria ter encontrado em "alfabetismo" a sua tradução, uma vez que, em Língua Portuguesa, a negativa para esse estado é

[8] PCN – Parâmetros Currilares Nacionais.

“analfabetismo”, formado com a presença do prefixo de negação “an-” e compreendido como negativa de seu correspondente em inglês. Para a autora, o termo “alfabetismo”, entretanto, não incorporava acepções mais amplas acerca da condição daquele que sabe ler e escrever, aquela que inclui os aspectos relacionados às demandas sociais dessas ações. Assim surgiu o termo “letramento”, ampliando o significado tradicional do acesso à leitura e à escrita: domínio de uma tecnologia associado às práticas sociais.

Esse viés relacionado às práticas sociais aparece com algumas diferenças em outras referências, dentre as quais se destaca aquela trazida por Kleiman (1995, p. 19), referindo-se a Scribner e Cole: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Como conseqüência importante desse trajeto terminológico, tem-se a dissociação dos termos “alfabetização” e “letramento”, com implicações teóricas e práticas, como salienta Mortatti (2004), entre outros; tensões – como a rejeição do termo por Emília Ferreiro, que não admite dissociação da função social do texto no processo de alfabetização (FERREIRO, 2001) - e uma variedade de caminhos interpretativos, as quais se estendem às relações entre letramento, alfabetização, escolarização, aprendizagem e acesso aos diferentes campos do conhecimento. Apesar da diversidade, essas concepções não abdicam da abordagem dos aspectos socioculturais para o ensino-aprendizagem da escrita (COLELLO, 2004).

Tais debates conceituais, em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, têm levado à compreensão de fatos como um indivíduo letrado e não alfabetizado – sem dominar propriamente a tecnologia da escrita - fazer uso simluado dela, ao ditar cartas para que uma pessoa alfabetizada a redija, ou identificar o ônibus em que deve entrar. Também conduz ao entendimento de fatos como um indivíduo alfabetizado, mas pouco letrado, não conseguir preencher corretamente um formulário. Têm levado, também, a admitir outras agências de inclusão no mundo das letras que não a escola: a família, a igreja, a militância, por exemplo. A escolarização, atualmente, no Brasil, não garante, só ela, o letramento nem aquilo que decorrente de suas implicações sociais, políticas, econômicas e sociais.

Imaginar o ler e o escrever como tecnologia, nos tempos atuais, é negligenciar o caráter político envolvido nessa concepção. É preciso evidenciar o fato de que a escrita não é “[...] um produto escolar, mas sim um objeto cultural [...]” (FERREIRO, 1988, p. 43)[9]. A escola nem sempre consegue lidar com as transformações aí implicadas, embora busque

[9] A indissociabilidade entre o aprender a escrever e a cultura escrita justifica Emilia Ferreiro não aceitar a distinção entre alfabetizar e letrar.

maneiras de ajustar-se à realidade. Esse ajuste, entretanto, tem sido tenso, a escola tem se ressentido dessas transformações, as práticas refletem esse panorama.

Mortatti (2000), ao resgatar historicamente a questão da alfabetização e dos métodos, sinaliza que nomear objetos, procedimentos e valores como “tradicionais” e vincular esse termo à idéia pejorativa de “ultrapassado” é usual em nossa sociedade. Entretanto, essa forma de interpretar as transformações – bastante característica em nossa sociedade, que há muito “descarta” aspectos da realidade posta em favor do novo – oculta o viés histórico destas. Segundo a autora, o “velho”, um dia, foi novo, o “novo”, um dia, será substituído por um “mais novo”. Ao atribuir ao velho o tom pejorativo, deixa-se de se ter em conta que este “velho” apresentou um valor positivo quando das condições em que apareceu e funcionou.

A conseqüência de se desconsiderar a transformação historicamente tem levado a escola a duas atitudes extremas diante da introdução das inovações e de seus ajustes: lamentar a situação atual, quando essa apresenta problemas, dizendo que “antigamente era melhor”, ou aderir às inovações, às vezes, de modo criterioso, apresentando bons resultados, às vezes, de modo irrefletido, gerando distorções conceituais e resultados desastrados, ou, messmo, desastrosos.

Não podemos imaginar que a volta ao silabário e a toda seqüência de ensino de Língua Portuguesa segundo esse paradigma propiciarão, atualmente, ao aprendiz, o desempenho adequado. O aprendiz de hoje tem outras necessidades que, infelizmente, ainda não foram supridas pelas inovações, mas que, também, não seriam satisfeitas com as concepções anteriores. Vivenciamos a transição, é preciso buscar caminhos e soluções. Como afirma Soares (2004, p. 18):

> [...]uma teoria coerente da alfabetização deverá basear-se em um conceito desse processo suficientemente abrangente para incluir a abordagem “mecânica” do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita.

Isso requer considerações a respeito dos modelos de letramento.

Kleiman (1995), recuperando a análise de Street, discute os modelos autônomo e ideológico para o letramento.

Segundo a autora, o modelo autônomo correlaciona aquisição da escrita e desenvolvimento cognitivo, pressupõe “que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que esta forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social.” (KLEIMAN, 1995, p. 21). Nessa perspectiva, cabe à escola iniciar, desenvolver e finalizar, no indivíduo, o ler e o escrever. Ainda a respeito do modelo

autônomo, a autora sinaliza a dicotomização entre oralidade e escrita, a possibilidade única de interpretação, a valorização das sociedades que têm escrita (em oposição às ágrafas). Afirma que esse é o modelo dominante.

Relacionando cultura e estruturas de poder, o modelo ideológico considera que as práticas do letramento vinculam-se ao contexto historicamente concebido e à trajetória cognitiva do indivíduo, incluindo a escolarização. As relações com a escrita, de acordo com esse modelo, são construídas; a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo apresentam relações entre si, não apenas correlação, como no outro modelo; a dicotomia entre oralidade e escrita cede lugar a outros tipos de relação, em vez de valorização da condição letrada, que traz um tom preconceituoso, as sociedades passam a ter valores. Conforme esse modelo, a aprendizagem da escrita no âmbito escolar, juntamente com as experiências vividas no contexto cultural, são responsáveis por fornecer condições para o indivíduo operar socialmente com o ler e o escrever.

Essas relações foram estudadas por vários pesquisadores no século passado. Luria (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 1988) constatou que as formas de organização do pensamento em indivíduos pouco letrados que viviam em comunidades pouco urbanizadas diferem daquelas de indivíduos letrados; mas não conseguiu desvincular o que era conseqüência da alfabetização e o que era conquista realizada com base na experiência social e escolar. Scribner e Cole (apud KLEIMAN, 1995), investigando a tribo Vai, que tem uma escrita não-escolar para fins religiosos, desvinculam uma relação determinante entre alfabetização, experiência social e escolarização; sinalizam que a aprendizagem da escrita figura como um dos fatores para a emancipação do pensamento, não o único.

O modelo autônomo, ao apontar a escrita como resultado da escolarização, desconsidera outros processos de desenvolvimento cognitivo. Com isso, fecha-se ao diálogo necessário entre as diversas formas de ensino-aprendizagem.

Já o modelo ideológico, ao situar escrita como produto não só da escolarização, acata outros processos de desenvolvimento cognitivo, leva a uma visão menos preconceituosa, diminui tensões e cria possibilidades de diálogo, primordiais para a realidade multifacetada de hoje. Parece ser, assim, o mais adequado às requisições de ensino-aprendizagem da escrita atualmente.

Apesar da diversidade de abordagens, das divergências e dos descaminhos conceituais ou práticos, a escola parece buscar formas de atender a essa demanda quanto à escrita. A importância que a aprendizagem por meio do texto adquiriu, não apenas em Língua Portuguesa, e a preocupação com o registro escrito pelo aluno como expressão de sua

aprendizagem mostram isso. O texto (a ser lido ou a ser redigido) parece fornecer condições para um processo interativo, historicamente considerado, trazendo o contexto para as abordagens utilizadas. O texto, em suas múltiplas configurações e utilizações, parece ser o lugar do letramento.

Tais considerações vêm apoiadas no que se tem vivenciado no cotidiano escolar, como salientam Rojo e Cordeiro (SCHNEUWLY; DOLZ , 2004, p. 7):

> Não é de hoje que circula e é aceita, no Brasil, a idéia de que o *texto* – seja como material concreto sobre o qual se exerce o conjunto dos domínios de aprendizagem, sobretudo leitura e produção de textos, seja como objeto de ensino propriamente dito - é a base do ensino-aprendizagem de língua portuguesa no ensino fundamental.

Independentemente da abordagem mais ou menos atualizada do trabalho com o texto na escola, a idéia de tê-lo como base para a compreensão do funcionamento da escrita e suas implicações é fato em todos os segmentos.

Como orientam os PCNs de Ensino Fundamental (BRASIL, 1996a, p. 14):

> Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.
>
> Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.

E de Ensino Médio (BRASIL, 1996b, p. 17):

> A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato lingüístico.
>
> O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem é visto como um texto que constrói textos.

As requisições relacionadas ao uso social da escrita são evidentes e não é possível pensar em ensino-aprendizagem sem que os textos que circulam, tanto dentro quanto fora da escola, passem a ser objeto de estudo.

Convém discutir, neste ponto, o conceito de texto.

Koch (2006) e Geraldi (1999) dizem que a língua pode ser concebida como representação do pensamento, como código ou como forma de interação.

De acordo com a primeira concepção, o sujeito da enunciação é a fonte do dizer, responsável pelo sentido da representação mental construída; ao interlocutor cabe "captar" essa representação do modo como foi mentalizada, aí reside a compreensão. Predomina, aqui, a "consciência individual no uso da linguagem" (KOCH, 2006, p. 14). O texto é representação mental. Vinculada à escola tradicional, a primeira concepção é revelada nas aulas de interpretação de texto nas quais o professor se dirige à classe e pergunta: "O que o texto quer dizer?", ou "O que o autor quis dizer"?; é, ainda, revelada quando se cobra do professor das classes de alfabetização ou de Língua Portuguesa a incompreensão do "enunciado" do exercício ou a falha ortográfica da resposta; ou quando se fornece um único gabarito para a interpretação de um poema.

Encarada como código, a língua passa a ser instrumento de comunicação, o sujeito da enunciação apaga a sua individualidade (elemento central da concepção anterior), *assujeitando-se* de acordo com o sistema lingüístico ou social, torna-se porta-voz. O texto é um produto a ser decodificado pelo interlocutor. Compreender é decodificar. Fundamentada na Teoria da Comunicação e veiculada, principalmente, nos anos 70, essa forma de conceber o texto remete à idéia de massificação e aos procedimentos de tipo estruturalista e transformacional, como aponta Geraldi (1999). Os modelos de construção de frase, de redação, estudados em si mesmos para serem reproduzidos, ilustram essa concepção no cotidiano escolar.

Relativamente ao terceiro enfoque, Koch (2006, p. 17) pontua:

> [...] na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.
>
> Adotando-se esta última concepção – de língua, de sujeito e de texto – a compreensão deixa de ser entendida como simples "captação" de uma representação mental ou como a decodificação de uma mensagem resultante de uma codificação de um emissor. Ela é, isto sim, uma *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior de um evento comunicativo.
>
> O *sentido* de um texto é, portanto, *construído* na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação.

Diz Geraldi (1994, p. 19):

> O texto (oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações. Construído materialmente com palavras (que portam significados), organiza essas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do texto. Este, por seu turno, dialoga

> com outros textos sem os quais não existiria. Este continuum de textos que se relacionam entre si, pelos mesmos temas que tratam, pelos diferentes pontos de vista que os orientam, constitui nossa herança cultural. Conceber o texto como unidade de ensino/aprendizagem é entendê-lo como um lugar de entrada para esse diálogo com outros textos, que remetem a outros textos passados e que farão surgir outros textos futuros. Conceber o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo desse diálogo contínuo: com textos e com leitores.

A concepção interativa nutre o texto com uma dinamicidade que não se verifica nas outras formas, fornece a possibilidade de despertar as palavras em suas "mil faces secretas". Ao assumir a interatividade da escrita, autor e leitor passam a atuar de modo diferenciado, os sentidos não são operados por este ou aquele, mas são resultado da negociação, da relação dialógica, que ambos realizam no ato comunicativo.

Como conseqüência, a produção e a compreensão tornam-se uma construção conjunta. O locutor não fica sozinho em seu trabalho com a expressão, divide com o interlocutor a responsabilidade do sentido. O locutor não espera uma "[...] compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc." (BAKHTIN, 2000, p. 291). Por seu turno, aquele "[...] que recebe e compreende a significação (lingüística) adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc [...]" (BAKHTIN, 2000, p. 290). Assim, o texto não apenas é escrito ou lido, mas partilhado. O texto como unidade fechada em si, isolado, não existe; a experiência dos interlocutores traz vozes, há precursores e sucessores, há polifonia. Com isso, a multiplicidade de relações estabelecidas a partir da expressão atinge maior amplitude, enriquecendo o ato comunicativo.

O texto passou a ser levado à aula como "unidade de aprendizagem", faz-se reconhecido, na escola, sob as mais diversas formas - livros didáticos e paradidáticos, clássicos, excertos, reportagens e artigos, textos técnicos, questionários, esquemas, exercícios, pesquisas, trabalhos escritos, provas - e tem sido cada vez mais utilizado como ponto de partida para discussão, produção, como ilustração ou como objeto de análise. Entretanto, os procedimentos mais ajustados que poderiam ser com eles realizados nem sempre seguem o mesmo rumo.

As falhas e limites verificados nas propostas de trabalho e nos seus resultados revelam que a concepção interacional do texto não se incorporou, de fato, às práticas do cotidiano, a despeito do uso extensivo do texto não apenas em Língua Portuguesa e de um discurso reproduzido de capacitações, congressos, seminários, leituras de referências disponíveis. O caráter efetivamente dialógico não se concretizou, como sinalizam, por exemplo, Colello

(2007) e Val e Rocha (2003). As idéias de “codificação” e de “captação” ainda permeiam os trabalhos, o sentido ainda é procurado no texto, não na interação ou no contexto dos discursos circulantes na sociedade. O trânsito da escrita, ou a ausência dele, emerge, a todo momento, em sua dimensão instrumental. Teoria e prática são apartadas, considera-se como resultado bem sucedido apenas o produto, não o processo, desconsidera-se o letramento e mantém-se a aprendizagem da escrita distanciada das concepções sociais e cognitivas.

A simples introdução do texto nas práticas escolares não tem sido suficiente para se atingirem os objetivos de inclusão e de acesso à cidadania em uma sociedade letrada como a nossa. Em outras palavras, o avanço no processo de letramento não se concretiza somente pela presença do texto na escola como objeto de trabalho. É necessário que, sobre ele, seja colocado um olhar voltado para o seu funcionamento.

Esse olhar pode ser concretizado nas práticas escolares por meio da abordagem do texto calcada no gênero; não apenas no estudo deste em seu âmbito de construção lingüística – como tem ocorrido no espaço escolar, atualmente – mas, também, por meio de uma abordagem do gênero e suas relações com o letramento.

Em Bakhtin (2000, p. 279), encontramos como concepção de gênero:

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas, também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

O conceito que Bakhtin apresenta funda-se nos processos produtivos da linguagem, nas relações interativas, dialógicas, configura-se no âmbito do uso da linguagem. São, como aponta Marcuschi, L (2005c, p. 19), “[...] entidades sócio-discursivas e formas de ação social [...]”. Apresentam, como sinaliza Bazerman (2005), caráter dinâmico, sendo marcados temporalmente e de acordo com o observador.

Como apontam Colello (2007), Zaccur (1999), entre tantos outros, a escola tem tratado a escrita de maneira estática e compartimentada. Ao aluno, é levado um modelo, objeto de

simples reprodução a ser avaliado para obtenção de nota e não para aferição de sua eficácia comunicativa.

Para promover a compreensão de como a escrita funciona e habilitar o indivíduo a utilizá-la com proficiência, é necessário ir além do estudo de uma forma composicional particular. É preciso considerar a que contextos as diversas formas composicionais se aplicam, quais conteúdos devem ser veiculados em cada uma delas e em que estilo devem ser construídos, se mais atrelados às formas padronizadas, se mais livres, dependendo da natureza do enunciado. É necessário esclarecer as relações com o interlocutor, discutir a presença da palavra do outro, atentar para a construção de uma interlocução, de fato, de um discurso.

Ao se levarem as concepções de gênero para a escola, devemos, ainda, considerar o alerta de Schneuwly (2004, p. 52) para o fato de que o gênero escolar é uma "variação do gênero de referência", um modelo didático; não é o gênero, propriamente dito.

Ao redigir, por exemplo, uma carta para o Procon[10], em uma aula de Língua Portuguesa, o aluno simula a situação de queixa e de reivindicação. Ele tentará reproduzir a situação comunicativa e poderá ser bem sucedido na aplicação da estrutura epistolar argumentativa (com cabeçalho composto por indicação da procedência/data e do destinatário; com palavras introdutórias apresentando o assunto; com desenvolvimento, contendo o relato dos fatos e os argumentos; e com a conclusão, apresentando as requisições, palavras de finalização e identificação/assinatura do remetente); redigida na variante padrão da língua e com marcas de impessoalidade. Poderá, inclusive, encenar sua interlocução apagando a relação aluno/corretor e abstraindo a situação simulada. Nesse caso, o modelo didático, porque bem construído, poderá figurar como conhecimento a partir do qual o indivíduo será capaz de dialogar com outros modelos, com os gêneros socioculturalmente estabelecidos e as situações comunicativas diversas, será capaz de operar com a palavra.

Na busca empreendida pela escola, observam-se, atualmente, dois eixos de desafio: a resolução das tensões conceituais e metodológicas em alfabetização, decorrentes da simultaneidade do tradicional e do inovador no cotidiano escolar, e a releitura das práticas envolvendo gêneros textuais, não mais abordados como mera construção lingüística, mas como construção sociointerativa. O olhar sobre esses focos pode levar às chaves para a solução dos problemas vivenciados, hoje, no cotidiano da escola e verificados no denominado fracasso escolar.

---

[10] A Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor, Procon, é uma instituição vinculada à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo; tem como meta elaborar e executar a política de proteção e defesa do consumidor. (PROCON, 2008).

A interação verbal concebida em sua dimensão sociocultural e histórica e em seu caráter dinâmico pode promover o letramento e, conseqüentemente, atenuar as inquietações relacionadas ao ler e escrever, não apenas na escola. Pode evitar o cisma da língua.

4 ENTRE A SOMBRA E A SENHA

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Carlos Drummond de Andrade[11]

Entre a palavra e a idéia: assim nos sentimos diante do ato de escrever. Dar transparência a cada detalhe do pensamento, buscar a palavra exata, o efeito justo, a adequação são tarefas distantes de qualquer estratégia simples. Não importa se poeta, estudante ou cientista: o caminho das letras é complexo.

Quais caminhos percorremos entre a sombra e a senha?

Encontramos a palavra que dorme na sombra no conceito de *discurso interior* de Vygostky (1989b, p. 16): "A fala interior do adulto representa o 'pensar para si próprio' [...]" . É essa fala uma "[...] forma interna de linguagem, dirigida ao próprio sujeito e não a um interlocutor externo [...]" e "Como não é feito para comunicação com outros, constitui uma espécie de 'dialeto pessoal'. É fragmentado, abreviado, contendo quase só núcleos de significado e não todas as palavras usadas num diálogo com os outros", explica Oliveira (1997b, p. 51). "Flutuando entre a palavra e o pensamento, ele assume, gradativamente, peculiaridades próprias daquele que fala consigo mesmo: predicação, abreviação, declínio da vocalização, predomínio do sentido sobre o significado e aglutinação" (COLELLO, 2004, p. 60)

Para ser exteriorizado, atingir o outro, fazer sentido, esse *discurso interior* precisa transformar-se. Como sinaliza Colello (2004, p. 60): "...na busca de compreensão, comunicação e expressão, o indivíduo acaba submetendo-se a um complicado processo no qual o 'eu se traduz para o outro', adaptando-se às formas socializadas de linguagem verbal (fala ou escrita)".

Ainda citando Colello (2004, p. 60-61):

[11] ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 854.

> No caso da redação de um texto, aquilo que aparece registrado no papel é a ponta de um longo processo de exteriorização que, tendo um início num contexto motivador, passa sucessivamente pelo pensamento, discurso interior, busca de significação das palavras e, finalmente, seu registro de modo convencional.

Essa trajetória não é trivial. É um processo, "um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa.", no dizer de Vygotsky (1989b, p. 108). Há um trânsito de elementos que permite a negociação, as construções e reorganizações necessárias para que os sentidos pretendidos se traduzam na interlocução.

Segundo Bakhtin/Voloshínov (2002, p. 111), "A expressão comporta [...] duas facetas: o *conteúdo* (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem (ou também para si mesmo) [...] todo ato expressivo move-se entre elas." e, no trajeto de exteriorização, "o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas regras[...]". Dois enunciados se confrontam e "entabulam uma relação específica de sentido a que chamamos dialógica." (BAKHTIN, 2000, p. 347).

O locutor dialoga com o outro para constituir-se. De acordo com essa perspectiva, a exteriorização de um conteúdo e de um saber-dizer organiza-se em função do interlocutor ao qual se destina, interlocutor este concebido como componente da situação interativa em que se estabelece um dever-dizer. Assim, a expressão se constrói a partir do locutor como resposta às expectativas do interlocutor.

O locutor também dialoga com as vozes historicamente constituídas no âmbito tanto do conteúdo a ser exteriorizado quanto da forma segundo a qual este tomará corpo. O saber-dizer é resultado da assimilação, reestruturação e modificação das palavras do outro, como pontua Bakhtin (2000, p. 313-314):

> "[...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de *assimilação*, mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não das *palavras da língua*). Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos *outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também, em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos."

Se houver predomínio do saber-dizer particular do locutor, o interlocutor poderá encontrar dificuldades de compreensão; se a ênfase recair sobre o dever-dizer, o locutor ficará sujeito a produzir um enunciado fragmentado em que se manifestarão marcas ora do saber-dizer particular, ora do dever-dizer. Não ocorrerá uniformidade da transfiguração do "dado" em "criado":

> "O *dado* e o *criado* no enunciado verbal. O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele nunca existira, algo novo e irreproduzível [...]. Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada [...]. O *dado* se transfigura no *criado"*. (Bakhtin, 2000. p. 348)

Para que a interação verbal se realize como tal, o saber-dizer e o dever-dizer devem equilibrar-se, promovendo, de fato, a assimilação, a reestruturação, a modificação - a que se refere Bakhtin - das vozes dos interlocutores.

A trajetória da palavra, de acordo com esses princípios, pode ser analisada na perspectiva da Lingüística Textual. Sinaliza Koch (2005a, p.31) a respeito do processo de materialização da palavra:

> Dentro da concepção de língua(gem) como atividade interindividual, o processamento textual, quer em termos de produção, quer de composição, deve ser visto também como uma **atividade** tanto de caráter lingüístico, como de caráter sócio-cognitivo.
>
> Ainda dentro dessa concepção, o texto é considerado como manifestação verbal, constituída de elementos lingüísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção dos sentidos, como a fundear a própria interação como prática sociocultural.
>
> Nessa atividade de produção textual, os parceiros mobilizam diversos sistemas de conhecimentos que têm representados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual.

Os sistemas de conhecimento são compostos por conceitos que formam complexos de informação e que são articulados em modelos de representação. Classificam-se em lingüístico, enciclopédico e sociointeracional. O primeiro abrange os aspectos gramaticais e lexicais; organiza o material lingüístico na superfície textual. O segundo engloba o conhecimento de mundo, modelos que fornecem elementos para as inferências que suprem as necessidades de complementação da superfície do texto. O terceiro refere-se às ações verbais, que permitem reconhecer os objetivos da interação verbal, o perfil do possível interlocutor, as normas comunicativas, os exemplares do gênero ou tipo de texto em questão; asseguram a compreensão e a aceitação, por parte do interlocutor, dos objetivos da ação comunicativa.

A autora prossegue assinalando que os sistemas de conhecimento são de duas naturezas: os declarativos e os procedurais. Os sistemas de conhecimento de tipo declarativo correspondem às representações - conhecimentos e suas interpretações - estabilizadas na memória, que pode ser semântica – que abrange o conhecimento geral do mundo – ou experiencial (episódica) – que abrange o conhecimento pessoal, sujeita às variações contextuais. Verifica-se, entre elas, constante interação. Os sistemas de conhecimento de tipo procedural correspondem às formas de atuação, têm caráter dinâmico e mais automatizado.

Na seqüência, Koch assinala que os conhecimentos de tipo procedural controlam os demais, adequando-os às necessidades da interação por meio de estratégias de processamento. São elas: cognitivas, textuais e sociointeracionais.

As estratégias cognitivas acionam o uso do conhecimento, que, em cada situação, sujeita-se aos objetivos, à quantidade de informação disponível a partir do texto ou do contexto e à visão de mundo de quem se comunica; como, por exemplo, a inferência. As estratégias interacionais promovem o sucesso da interação verbal; relacionam-se à seleção de elementos textuais que os interlocutores realizam. São estratégias textuais: de organização da informação, de formulação, de referenciação e de balanceamento entre implícito e explícito.

O processamento textual e as estratégias para que ele se realize são mobilizados pelo contexto.

Afirma Koch (2006, p. 24):

> "O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Lingüística Textual, abrange [...] todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal[...]: o conhecimento lingüístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativo, quer episódico [...], o conhecimento da situação comunicativa e de suas "regras" (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam a nossa cultura (intertextualidade)."

O contexto propicia condições para que o sujeito da ação verbal mobilize os elementos pertinentes aos modelos que ele precisa resgatar a fim de compor o texto; direciona-o para o foco necessário, orientando-o. Sem o contexto, o acesso aos aspectos que fundamentam a interação fica prejudicado e a comunicação pode não se concretizar.

Quando um indivíduo redige um texto, ele, a partir de seu objetivo de escrita e do contexto, aciona seus sistemas de conhecimento e constrói, por intermédio das estratégias de processamento anteriormente indicadas, uma representação textual paralelamente a um modelo episódico. Para isto, resgata, de sua memória, modelos socialmente estabelecidos. Há diversidade de modelos uma vez que, paralelamente às representações de caráter geral, há diversidade dos sistemas de conhecimento de cada indivíduo. Não se busca o modelo para que se estabeleça uma relação de identidade – isto significaria decodificação – busca-se o modelo de construção coerente, negociado. A comunicação se estabelece quando a coerência é atingida pela construção de um modelo adequado.

O texto, assim concebido, objeto a partir do qual se constrói o sentido, espaço de diálogo entre os interlocutores, é, ainda, dotado de movimento.

Que movimento é esse?

Afirma Koch (2006, p. 121): “[...] na construção de um texto, procede-se a dois grandes movimentos, um de retroação e outro de prospecção. Como imperativos de ordem discursivo-cognitiva que são, esses movimentos de avanço e recuo [...] presidem a criação da tessitura textual”.

O movimento de retroação diz respeito à referenciação e à progressão referencial. Entende-se, aqui, por referenciação a atividade discursiva de introdução de referentes no discurso; à retomada dos referentes ou ao uso deles para a introdução e novos referentes dá-se o nome de progressão referencial (KOCH; ELIAS, 2006, p. 124). É importante sinalizar, em relação ao referente, que não há uma relação entre as palavras e as coisas, uma realidade autônoma a ser codificada, existe uma construção intersubjetiva e social da realidade. Como pontuam Mondada e Dubois (2003, p. 17) “[...] os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”. Essa construção envolve “[...] um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos.” (MONDADA, 2005, p. 11). Na interação verbal, encontram-se versões de mundo que serão alvo de negociação para a construção do sentido.

Ainda em relação à referenciação, observam Mondada e Dubois (2003 p. 17): “[...] as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos.” As autoras sinalizam que há, nesse processo, simultaneamente, a instabilidade constitutiva gerada pelo processo de negociação dos sentidos e a estabilidade calcada em aspectos partilhados socialmente, intersecções das versões de mundo dos interlocutores.

Segundo Koch (2006) e Koch e Elias (2006), são estratégias de referenciação: a ativação, também denominada introdução ou construção, procedimento pelo qual um referente é introduzido e posto em foco; a reativação, retomada ou manutenção, procedimento de permanência do referente no foco; e a de-ativação ou desfocalização, procedimento de ativação de um novo referente com mudança de foco. A de-ativação não implica desativação, o referente pode ser recuperado quando necessário. Para construir o sentido, alguns referentes demandam movimentos no interior do próprio texto; outros requerem operações mais complexas, pois dependem, também, de conteúdos inferenciais, acionados a partir do texto, “graças aos conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais e aos lugares comuns de uma

dada sociedade" (KOCH; ELIAS, 2006, p. 125). Acrescente-se que os referentes colocados no texto podem ser modificados ou expandidos, originando representações bastante complexas.

De acordo com Koch e Elias (2006), a ativação de referentes pode ser não-ancorada – quando se introduz um objeto de discurso novo no texto – ou ancorada, se houver associação desse referente com elementos já presentes ou acionados pelo contexto sociocognitivo. Esses procedimentos se realizam por anáfora indireta, anáfora associativa ou nominalização, também denominada rotulação.

Ainda de acordo com Koch, para a manutenção de referentes utilizam-se pronomes ou formas de valor pronominal, expressões nominais definidas e expressões nominais indefinidas. As expressões nominais referenciais possibilitam a ativação/reativação de referentes na memória bem como a recategorização ou refocalização do referente. O encapsulamento ou sumarização e a rotulação permitem a síntese de informações anteriormente expressas. Os procedimentos citados são fundamentais para a organização do texto. Eles permitem a indicação de fechamento, desvio ou ligação entre os tópicos, bem como a demarcação de parágrafos. Também utilizam-se os hiperônimos, paráfrases e orientação argumentativa.

Prosseguindo com Koch, tem-se que o movimento de prospecção promove a progressão do texto e a manutenção do fio discursivo nele presente. A esse movimento se dá o nome de seqüenciação. Esta pode ser proporcionada pela recorrência de termos, estruturas, conteúdos semânticos, recursos fonológicos, tempo e aspecto verbal. Pode ser gerada, também, sem recorrência, por meio de procedimentos de manutenção temática, progressão temática (linear, com tema constante, com progressão de temas derivados ou variados, por desenvolvimento de um rema subdividido), encadeamento (por justaposição, por conexão), progressão tópica (que organiza o encadeamento em diversos níveis).

As informações transitam horizontal e verticalmente, no próprio texto e na interação dele com elementos evocados, e, muitas vezes, pressupostos, a partir do que se explicita e que oferecem ao interlocutor marcas de remissão a dados do universo do locutor.

É importante sinalizar que, ao mencionar, em seu texto, eventos, personagens, por exemplo, sem explicá-los ou detalhá-los, o locutor aciona significados que não se constroem com os elementos do próprio texto; o interlocutor que desconhecer o evento, os personagens, por exemplo, pode ter dificuldades para reconstruir o sentido.

As seqüências veiculadoras de sentidos são propiciadas pela articulação dos elementos da superfície textual, também denominada coesão, e dos "elementos subjacentes à superfície textual" (Koch, 2005a, p. 52) e estabelecida em vários níveis: "[...] sintático, semântico,

temático, estilístico, ilocucional [...]” (Koch, 2005, p. 53). Os limites entre coesão e coerência, muitas vezes, não são nítidos: no uso de anáfora semântica, mediata ou profunda (quando se acionam “frames”, “scripts”, “cenários”); na expressão de valores a partir do tom e do estilo utilizados para a remissão; em situações em que o procedimento de referenciação envolve expressões definidas; em casos de seleção dos campos lexicais relacionados a valores; quando ocorre ambigüidade referencial e no encadeamento por justaposição.

Assim se movem e se articulam as palavras e as idéias. Assim os sentidos se constroem. Assim se faz o caminho entre a sombra e a senha.

5 ESCREVER À MODA DA ESCOLA

Em literário certame
após rigoroso exame
escrito, oral e o que mais,
de resultados cabais,
o nosso caro estudante
discreto, pouco falante,
conquistou em Português,
sem mas, porém ou talvez,
o ápice colegial
dos galões de general.

Carlos Drummond de Andrade[12]

No complexo universo dos gêneros circulantes, seria a redação dissertativa de vestibular adequada à visualização do Português cindido?

O vestibular, enquanto processo seletivo, teve início com a aprovação da Lei Orgânica do Ensino Superior em 5 de abril de 1911. Com a lei, foi estabelecida a obrigatoriedade dos chamados "exames de admissão", que se constituíam de provas escritas e orais, para o ingresso no curso superior. Para realizá-las, bastava ter 16 anos sem que houvesse necessidade de informações sobre a escolaridade do candidato. Desde então, o processo seletivo vem passando por modificações para se ajustar às novas realidades.

Na Universidade de São Paulo, os primeiros vestibulares eram de responsabilidade de cada curso. As provas, orais e dissertativas, eram preparadas e avaliadas por bancas das próprias faculdades. Os conteúdos cobrados variavam de acordo com as especificidades de cada curso e da época. Havia uma nota mínima a ser atingida; se as vagas não fossem preenchidas, novo exame era realizado; nem sempre todas as vagas eram ocupadas.

Na década de 1960, diante da crescente demanda por vagas, desproporcional à expansão do sistema universitário, novas necessidades surgiram. Em 1971, com o Decreto 68.908/71 (SAMARA, 2006), o vestibular foi instituído em todo o país, passou a ser classificatório; com a mesma prova para a universidade ou instituições envolvidas. Na Universidade de São Paulo, foram formados grupos que, com experiência em suas unidades, cuidavam dos exames. A centralização do processo de seleção se desenhava. Cescem, Cescea e Mapofei surgiram nesse contexto.

Como relata Samara (2006, p. 37):

> "O Cescem – Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas, que partiu da iniciativa dos professores da Escola Paulista de Medicina (USP) em 1964, acabou por agregar todo o pessoal da área de Biológicas da USP, da Escola Paulista de Medicina, da Santa Casa e outras."

[12] ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 1123.

As provas do Cescem eram elaboradas com grande quantidade de questões de múltipla escolha. Os conteúdos se diversificaram.

O Cescea – Centro de Seleção de Candidatos às Escolas de Administração - originou-se em 1967 com professores da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo e a ele se vincularam outras escolas da área de humanidades. Os exames eram realizados em uma fase em forma de testes de múltipla escolha.

A Mapofei surgiu em 1969, agregando Ciências Exatas e Engenharia Mauá, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Engenharia Industrial, FEI. As matérias – Matemática, Física, Química e Português – eram cobradas em prova com questões analítico-expositivas, em uma fase.

O processo de unificação dos vestibulares culminou com o surgimento oficial da Fundação Universitária para o Vestibular, FUVEST, em 20 de abril de 1976. O primeiro vestibular organizou-se em duas etapas: a primeira, com questões de múltipla escolha, e a segunda, com provas analítico-expositivas ou discursivas e uma redação, formato que mantém até hoje.

Atualmente, a FUVEST é responsável pelo processo de seleção

> "mais competitivo do País, destinado a selecionar estudantes para as carreiras das três grandes áreas do conhecimento, oferecidas pela Universidade de São Paulo. Associam-se a essa Universidade, a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e a Academia da Polícia Militar do Estado de São Paulo (APMBB-curso de Formação de Oficiais)." (FUVEST, 2007, p. 1).

As provas são realizadas em duas fases. O exame de primeira fase apresenta 90 questões do tipo teste. As disciplinas exigidas fazem parte do núcleo comum de Ensino Médio: Português, Matemática, História, Física, Geografia, Química, Biologia e Inglês. Parte das questões -10% - tem caráter interdisciplinar. O exame de segunda fase[13] é constituído, conforme a área de seleção, "por um conjunto de até quatro provas analítico-expositivas das quais, a de Português, compreendendo a elaboração de uma Redação e 10 questões de interpretação de textos, gramática e literatura, é obrigatória [...]" (FUVEST, 2007, p. 30); são envolvidas as seguintes disciplinas: Matemática, História, Física, Geografia, Química, Biologia; requisitadas de acordo com a carreira pretendida. Na segunda fase, para algumas carreiras, há, ainda, uma prova de habilidades específicas.

O modelo de processo seletivo adotado pela FUVEST, desde a sua criação, tem servido de referência para todo o país, influenciando não apenas os vestibulares, mas, também, o ensino no país.

---

[13] As provas analítico-expositivas têm 10 questões cada.

Em particular, com prova de redação incluída no processo seletivo, a FUVEST conferiu, ao trabalho com a Língua Portuguesa, novo estatuto. A redação de vestibular tem, atualmente, importante função social: consiste em um dos critérios de avaliação das condições de um indivíduo ingressar no Ensino Superior. Além disso, desde sua introdução no processo seletivo, vem exercendo papel de extrema relevância no ensino de língua, como salienta Rocco (1995, p.24):

> "Constata-se que o vestibular, quer se queira, quer não, vem se transformando em um *imperativo categórico* a nortear o ensino – seja quanto à seleção dos conteúdos tratados, seja quanto ao próprio encaminhamento técnico-pedagógico do tratamento de tais conteúdos, seja, ainda, no tocante à feição e orientação do material didático que se utiliza nas escolas."

Em depoimento, Rocco afirma:

> "[...] ao reintroduzir a redação no vestibular, a Fuvest reintroduziu a redação em todo o país. Há exemplos nítidos dos que seguiram a proposta da Fuvest, como no Rio Grande do Sul, Bahia, Paraíba e outros estados da região Nordeste, além do Distrito Federal, onde se observa que a exigência dessa prova ajudou a melhorar a escrita dos alunos." (apud MOTOYAMA; NAGAMINE, 2006 p. 460)

E ressalta: "Diante dessa exigência, os próprios alunos passaram a pressionar as escolas e seus professores a ensinarem a redigir textos." (apud MOTOYAMA; NAGAMINE, 2006, p. 459).

Com base em comparação de dados de pesquisa[14] em redações dos períodos de 1978-1980 e 1989-1992, Rocco (1995, p. 31) demonstra a "[...] *evolução* e *crescimento do domínio verbal e escrito* dos vestibulandos da Fuvest, nesse espaço de 12 anos". Isso mostra o trabalho de escrita realizado pelas escolas com o objetivo de fazer os alunos redigirem bem.

Dentre as modalidades de texto requisitadas pelos vestibulares, a dissertação tem sido a mais freqüente. Devido a isso, consta nos programas de todas as escolas, as quais, em suas práticas, incluem o "treinamento" para esse tipo de redação que figura, na tradição escolar, como coroamento do percurso de escrita[15]. Mas sua importância não se limita a esses fatores. Serve de referência aos gêneros utilizados na universidade, como resenhas, artigos, ensaios, relatórios, monografias, e aos gêneros argumentativos[16] que circulam fora do meio acadêmico e que fazem parte do cotidiano de qualquer pessoa, como as cartas de solicitação ou de

---

[14] De acordo com Rocco (1995), nas duas pesquisas, foram analisadas: coesão e coerência textuais evidenciadas por marcas lexicais, correspondência entre o tema proposto e o texto produzido, presença de clichês/frases feitas, linguagem criativa. As ocorrências foram quantificadas oferecendo a possibilidade de cotejamento de dados.

[15] Há uma tradição escolar em se conceber que o indivíduo só será capaz de estruturar sua escrita no formato dissertativo ao final do percurso, pressupondo a argumentatividade como algo possível só para quem está no 9º ano do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Essa concepção é visível no predomínio dos gêneros narrativos nas práticas das séries iniciais e verificável nas escolas.

[16] Invocamos, aqui, o agrupamento de gêneros proposto por Schneuwly e Dolz (2004).

reclamação, ou do cotidiano dos profissionais que têm a escrita incluída em suas atividades, como professores, advogados, jornalistas.

Outros aspectos particularizam a redação dissertativa de vestibular. Na escola, o aluno exercita, na maior parte do tempo, versões escolarizadas, modelos didáticos dos diversos gêneros de referência (Schneuwly, 2004). Essa situação simulada dá origem a textos de características muito particulares, voltadas à avaliação do processo de ensino-aprendizagem e sujeitas a interferências diversas originadas pelo contexto escolar mais do que focadas na sua adequação ao que se solicita do gênero simulado no âmbito social. Os problemas encontrados nas produções realizadas na escola, com isso, não sinalizam, com segurança, se o aluno-escritor não aplica o que aprendeu porque há falhas em seu percurso de construção de conhecimento relativo ao gênero ou se algum fator diverso ao ensino-aprendizgem interferiu nos resultados.

A situação de produção em um vestibular elimina uma importante fonte de interferência na qualidade do texto: a falta de adesão à atividade. O descompromisso com a ação de redigir origina textos desarticulados, truncados, repletos de desvios, sem consistência; algumas vezes, reproduções do discurso dos modelos. Isso é muito freqüente na escola: o mesmo aluno pode realizar um excelente trabalho porque se identificou com a proposta e apresentar um resultado precário para uma requisição que não despertou seu interesse. Ao elaborar seu texto de vestibular, o candidato executa a atividade com todo o seu potencial. Esse tipo de interferência sofre um apagamento, permitindo visualizar, no texto produzido, as reais dificuldades com a escrita.

A redação de vestibular, além de tudo, não é um modelo didático, é o próprio gênero de referência (Schneuwly, 2004). Diferentemente, entretanto, de outros gêneros circulantes, a redação de vestibular tem, no meio escolar, um modelo didático extremamente próximo ao gênero de referência. As características formais são idênticas; os aspectos interlocutivos, muito semelhantes, principalmente porque o interlocutor não-escolar é um avaliador “à moda da escola”. A tênue diferença, entretanto, parece ser suficiente para deixar à mostra aspectos relativos à transposição de conhecimentos entre a simulação e a situação de fato; entre a língua escolar e a não-escolar.

Desse modo, optou-se pelo estudo desse gênero de texto.

Devido à importância da Fundação Universitária para o Vestibular, FUVEST, sinalizada na primeira parte deste capítulo e à relevância do perfil dos candidatos que fazem

as provas preparadas por essa instituição[17], solicitaram-se exemplares desse gênero oriundos dos exames por ela realizados.

A Fundação Universitária para o Vestibular, FUVEST, cedeu, para o estudo, o material necessário para a composição do *corpus* de análise, a saber: 374[18] redações do vestibular do ano de 2007, acompanhadas dos respectivos questionários de avaliação socioeconômica, cujo modelo encontra-se no Anexo 1.

Pressupondo-se, na perspectiva sociointerativa, o papel do contexto sociocultural no letramento do indivíduo, a seleção de textos para a composição do *corpus* buscou a representatividade a partir do equilíbrio de parâmetros, tais como, a origem do candidato, seu desempenho e sua escolarização. Foram, então, requisitadas redações de candidatos da capital e do interior, com desempenhos diversos e assim distribuídas: redações de candidatos que não freqüentaram curso preparatório para o vestibular (oriundos da rede privada e da rede pública); redações de candidatos que freqüentaram curso preparatório para o vestibular (da rede privada e da rede pública); redações de treinamento[19]. O Quadro 1 mostra a distribuição[20]:

QUADRO 1– *Corpus* - Distribuição das redações

		SEM CURSO PREPARATÓRIO 117				**COM CURSO PREPARATÓRIO** 220			
Candidato	337	**INSCRIÇÃO**				**INSCRIÇÃO**			
		CAPITAL		**INTERIOR**		**CAPITAL**		**INTERIOR**	
		64		53		129		91	
		Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
		22	42	9	44	46	83	27	64
		33				4			
Treinamento	37	**INSCRIÇÃO**				**INSCRIÇÃO**			
		CAPITAL		**INTERIOR**		**CAPITAL**		**INTERIOR**	
		18		15		2		2	
		Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
		1	17	1	14	1	1	1	1

Assim foi constituído o *corpus* para o desenvolvimento deste trabalho.

[17] Cf. Capítulo 2.

[18] O número de textos, 374, corresponde a aproximadamente 1% do total de redações elaboradas pelos candidatos que realizaram os exames da 2ª fase.

[19] Os inscritos que não concluíram o Ensino Médio e fazem o exame a título de experiência realizam o que se denomina "treinamento". São oferecidas 400 vagas fictícias para as carreiras, também fictícias, de Humanidades, Ciências Exatas ou Ciências Biológicas. São, usualmente, chamados de "treineiros".

[20] O perfil detalhado do candidato encontra-se no Anexo 2.

6 VOCIFERAÇÃO

Uma pedra no meio do caminho
ou apenas um rastro, não importa.
Estes poetas são meus. De todo o orgulho,
de toda a precisão se incorporaram
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinícius
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus Maiakovski.
São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias;
é toda a minha vida que joguei.

Carlos Drummond de Andrade[21]

Qual trajetória percorre o candidato de vestibular entre a sombra e a senha?

No caso da redação dissertativa de vestibular, o processamento de texto tem início na leitura da proposta, momento em que se buscam referências, os moldes. Como sinaliza Bakhtin (2000, p. 302):

> "Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos, de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume [...], a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim [...]"

De acordo com os preceitos da Língüística Textual, anteriormente expostos, o reconhecimento do molde ocorre graças aos três sistemas de conhecimento: "Sociointeracional", "Enciclopédico" e "Lingüístico".

Por meio do "Sistema de Conhecimento Enciclopédico", o candidato aciona e articula os outros dois sistemas para resgatar tanto os modelos de expressão e de texto já vivenciados, quanto sua versão de mundo, e aplica os conhecimentos para ter acesso às idéias contidas no texto e compreender o que se pede. Assume uma postura leitora especial para a situação do Vestibular.

O indivíduo também recorre ao "Sistema de Conhecimento Sociointeracional" a fim de determinar os parâmetros norteadores da segunda parte do processamento textual, a redação.

Geraldi (1997) aponta as condições de produção de um texto: é necessário que se tenha o que dizer, uma razão para dizer e para quem dizer, o locutor deve constituir-se como tal e deve haver estratégias para dizer.

Segundo esses princípios, a interação verbal que envolve o gênero "redação dissertativa de vestibular" organiza-se a partir de dois objetivos. O texto é elaborado em função do ato comunicativo em que um eu-escritor dirige-se a um outro-leitor com o objetivo de persuadi-lo quanto à temática proposta, bem como em função dos requisitos do exame, em

---

[21] ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 115.

que um eu-escritor-candidato dirige-se a um outro-leitor-banca. Os interlocutores têm identidades que combinam os papéis socioculturais e as individualidades de cada um. As relações entre os interlocutores assim constituídos atuam sobre o que se tem a dizer e sobre as estratégias para dizer compondo o referencial de produção.

Considerando tais princípios, no ano de 2007, o texto redigido deveria versar sobre a amizade de acordo com recortes baseados em textos de uma coletânea. Deveria, ainda, ser composto em forma de dissertação, como mostra o Quadro 2.

QUADRO 2 – Proposta de redação do vestibular da FUVEST – 2007

REDAÇÃO

Em primeiro lugar (...) pode-se realmente "viver a vida" sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que sofresse mais ainda.

(...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem mais agradável.

Cícero. Da amizade.

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: "Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo". E estava certo ao dizer se, pois se encontrarmos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

Montaigne, 'Da amizade' (adaptado)

Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...
Assim falava a canção
Que na América ouvi...
Mas quem cantava chorou,
Ao ver seu amigo partir...
Mas quem ficou,
No pensamnto voou,
Na lembrança que o outro deixou.

(...)

Fernando Brandt/Milton Nascimento.
"Canção da América"

(...)

E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?

(...)

Caetano Veloso, "Língua".

Considere os textos e as instruções abaixo:

INSTRUÇÃO: A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antigüidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as idéias neles expressas? Elas são atuais, isto é, elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto. (FUVEST, 2007)

Os critérios do vestibular, transcritos a seguir, somam-se às requisições da proposta, ampliando o referencial de produção do texto, uma vez que tornam acessível, ao eu-escritor-candidato, parte das expectativas do outro-leitor-banca.

> A redação deverá ser, obrigatoriamente, uma dissertação, na qual se espera que o candidato demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões, de argumentar coerentemente e de expressar-se com clareza e adequação gramatical.
>
> Na correção da redação, serão examinados três aspectos (Tipo de texto e abordagem do tema, Estrutura e Expressão), sendo que a cada um deles poderão ser atribuídos 0, 1, 2, 3 ou 4 pontos.
>
> **1- Tipo de texto e abordagem do tema**
>
> Considera-se aqui se o texto do candidato configura-se como uma dissertação e se atende ao tema proposto. É fundamental, na elaboração do texto dissertativo solicitado, que o candidato demonstre a habilidade de ler e articular adequadamente os textos da coletânea para abordar o tema. A elaboração de um texto que não seja dissertativo ou a fuga completa ao tema serão tomadas como pressupostos inquestionáveis para que a prova não seja objeto de correção em qualquer outro de seus aspectos, recebendo, portanto, nota zero.
>
> No que diz respeito ao desenvolvimento, verificar-se-á, além da pertinência na progressão do tema, também a capacidade crítico-argumentativa do candidato, bem como a maturidade e a informatividade que no texto se manifestam.
>
> **2- Estrutura**
>
> Consideram-se aqui, conjuntamente, os aspectos de coesão textual (nas frases, períodos e parágrafos) e de coerência das idéias. Maior ou menor coerência reflete a capacidade do candidato em relacionar os argumentos e organizá-los de forma a deles extrair conclusões apropriadas e, também, a habilidade para o planejamento e a construção significativa do texto. Serão considerados aspectos negativos a cópia de trechos da coletânea, ou a simples paráfrase, bem como a presença de contradições entre frases ou parágrafos, a falta de encadeamento das idéias, a circularidade ou quebra de progressão argumentativa, a falta de conclusão ou a presença de conclusões não decorrentes do que foi previamente exposto. Serão tidos também como fatos negativos referentes à coesão, entre outros, o estabelecimento de relações semânticas impróprias entre palavras e expressões, bem como o uso inadequado de conectivos.
>
> **3- Expressão**
>
> Consideram-se nesse item o domínio do padrão culto escrito da língua e a clareza na expressão das idéias. Serão examinados aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação. A presença de clichês ou frases feitas e, ainda, o uso inadequado de vocábulos são ocorrências, em princípio, negativas. Espera-se que o candidato revele competência em expor com precisão os argumentos selecionados para a defesa do ponto de vista adotado e demonstre capacidade de escolher e usar expressivamente o vocabulário. (FUVEST, 2007, p. 42)

Outra parte das expectativas não se torna acessível porque a forma escrita de comunicação envolve um “por vir” (BAKHTIN, 2000); o locutor - no caso, o eu-escritor-candidato - ao elaborar seu projeto de texto, presume o destinatário (outro-leitor-banca) e suas respostas. A interação verbal, desse modo, constrói-se sobre imagens da interlocução[22].

[22] O tema é abordado por Lemos (1988) e Corrêa (2004).

Diversas vozes participam, ainda, do conjunto de princípios norteadores da composição. Como aponta Bakhtin (2000, p. 313):

> A época, o meio social, o micromundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apóiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. [...] Há sempre certo número de idéias diretrizes que emanam dos "luminares" da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc.

Entre essas vozes, podem-se pontuar algumas.

Há aquelas vindas das orientações escolares, segundo as quais, o texto dissertativo deve ser uma composição escrita do tipo argumentativo[23], enfoque temático[24], elaborada em estilo impessoal, na variedade formal da língua e organizada em núcleos de conteúdo distribuídos em introdução, desenvolvimento e conclusão, ordenados em uma seqüência argumentativa que promova a persuasão do leitor. Fórmulas ou receitas para o bom desempenho também compõem o conjunto de diretrizes para a elaboração do texto e são apresentadas em aula. São as vozes presentes em materiais didáticos sobre a redação no vestibular.

Ilustrativo desses materiais é o livro *A dissertação. Teoria e prática***,** no qual Agnelo Pacheco conceitua a redação dissertativa e expõe, passo a passo, como elaborá-la. Apresenta as formas de organização do parágrafo (causa/conseqüência, tempo/espaço, comparação/contraste, enumeração, exemplificação), sugere formas de introdução (introdução-roteiro, introdução-tese, introdução com exemplos, introdução-interrogação) e de conclusão (conclusão-resumo, conclusão-proposta, conclusão-surpresa). E orienta:

> a. Procure ser conciso. [...]
> b. Elimine as frases feitas. [...]
> c. Evite períodos longos, mas também fuja das frases entrecortadas. [...]
> d. Evite a falta de paralelismo. [...]
> e. A tese deve ser clara. [...]
> f. Cada parágrafo com uma idéia. [...]
> g. Utilize sempre exemplos. [...]
> h. E o título? [...]
> i. O retoque final. (PACHECO, 1988, p. 66-74)

Também ilustrativas são as orientações de Borges (2006, p. 33) para a redação diferenciada:

> Em relação à **estrutura**: sendo uma dissertação, expor seu ponto de vista, ou sugeri-lo, com clareza na tese, mas só discuti-lo na parte referente à argumentação.

---

[23] Utilizamos, aqui o "tipos textuais" apontados por Marcuschi, L. (2005c, p. 22): "narração, argumentação, exposição, descrição e injunção".

[24] Na classificação sugerida por Fiorin e Platão (1996), texto temático é aquele que analisa, interpreta informações e ordena-se a partir de relações como causalidade, correspondência, implicação

> Na conclusão, enfatizar a sua postura adotada na tese. Lembre-se que essas três partes têm de se interligar, o que dará unidade ao texto dissertativo.
>
> Em relação à **linguagem**: substituindo termos repetitivos ou inadequados à idéia; alterando frases gastas pelo uso (clichês); modificando a ordem dos termos ou das frases, observando, principalmente, se não falta clareza ao que se deseja transmitir.
>
> Em relação à **dimensão dos parágrafos**: dividindo-os equilibradamente (nem curtos demais, nem longos demais), mas de acordo com os blocos de idéias, ou argumentos apresentados, para não confundir o leitor com aglomeração de informações desordenadas.
>
> Em relação à **abordagem do tema**: rejeitando a primeira idéia que vier à mente, na sua forma inicial, pois certamente será a mesma da grande maioria de candidatos e, por isso, não se apresentará como novidade para o corretor. Será mais uma redação, entre tantas outras similares.

É comum encontrarem-se, nas propostas de redação dos cursinhos preparatórios, orientações como a que segue, ilustrativa da apresentação de modelos:

> A ARTE RETÓRICA – ARISTÓLTELES
>
> - **Exórdio –** é o início do texto. Pode ser uma indicação do assunto, uma censura. Essa frase **deve assegurar a fidelidade do leitor;**
> - **Narração –** é o assunto propriamente dito, onde os fatos são arrolados. Aqui não deve existir rapidez, tampouco concisão, mas sim a justa medida. Este é o núcleo da argumentação;
> - **Provas** – se o discurso deseja convencer, é preciso mostrar as evidências, comprovar o que se diz. Para se obter esse efeito, é comum nos textos argumentativos usar-se (*sic*) números, depoimentos de especialistas no assunto, citações de pesquisas.
> - **Peroração** – é a conclusão, um lugar no texto que se revela extremamente importante por ser a última oportunidade para se convencer o leitor acerca da tese. (Anexo 3)

Muitas vezes, tais modelos não são apresentados como referenciais de formulação, são insistentemente recomendados, e o vestibulando passa a assumir o modelo proposto como única forma correta de construir seu texto. A idéia de modelo a que se deve obedecer pode estar vinculada aos formatos bastante rígidos referentes a gêneros do discurso os quais, como assinala Bakhtin (2000, p. 283), “[...] requerem uma forma padronizada, tais como formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço [...]”.

A preocupação com modelos, receitas, fórmulas para redigir bem a redação de vestibular é tão significativa, que ultrapassa o espaço escolar e gera publicações como o número especial do periódico *Língua portuguesa: especial redação.* A edição reúne artigos e reportagens diversos sobre o assunto. Há a palavra dos especialistas a respeito da boa redação de vestibular, como o artigo “O peso das dúvidas”, no qual se encontram declarações de acadêmicos, como Maria Thereza Fraga Rocco, Bernadete Abaurre e José Gastam, sobre as características de uma redação nota 10 e das redações anuladas, a importância dos erros de expressão, entre outros aspectos relacionados à prova. Inclui vozes bem conhecidas e

valorizadas nos meios escolares, como a de Francisco Platão Savioli, que opina sobre como atender aos requisitos da redação de vestibular, em “O que exigem de você”. Traz, ainda, em “O texto e a textualização”, análise de uma redação de vestibular realizada por um professor que atua junto a estudantes de Ensino Médio, José Roberto Cassiano. Há um cuidado, na maioria dos textos dessa publicação, em salientar o papel de referência dos modelos. Entretanto, de modo sintomático, a edição é concluída com “Resumo da Ópera”, em que uma espécie de receita para a boa redação de vestibular é apresentada.

Acrescentem-se a essas vozes, outras – às vezes pertinentes, às vezes não – como as reunidas em *Vestibular sem medo: passei quatro vezes na FUVEST*, de Renato Amaral. Orienta o autor a respeito da redação: “Uma redação nota dez é aquela agradável de ver e de ler, com clara transmissão de conceitos e idéias.” (AMARAL, 1998, p. 73). E acrescenta: “[...]pune-se a criatividade e valoriza-se a massificação do conhecimento. O aluno que quiser ser aprovado tem de fazer uma redação ‘bobinha’, ‘burocrática’, previsível [...]” (AMARAL, 1998, p.74). O autor fala, também, sobre a banca corretora:

> Considere, na sua resposta, que o examinador típico da FUVEST tem de ler várias dezenas de redações em apenas duas ou três horas [...]. Considere também, na sua resposta, além dessa evidente sobrecarga, a falta de motivação trazida por uma baixa remuneração.(AMARAL, 1998, p.70)

A partir do referencial de produção constituído por meio do “Sistema de Conhecimento Sociointeracional”, o eu-escritor-candidato aciona, de modo orientado, os outros sistemas de conhecimento.

No que concerne ao “Sistema de Conhecimento Enciclopédico”[25], em sua dimensão declarativa, a redação dissertativa de vestibular requisita conhecimentos gerais, ou mesmo especializados, sobre a temática proposta. Considerando-se o vestibular da FUVEST de 2007, o candidato deveria desenvolver conteúdos a respeito da idéia de amizade manifesta na proposta e articulada a outras idéias não inseridas nos textos fornecidos, mas a eles pertinentes. No tocante à dimensão procedural, um processo de referenciação bastante complexo se instaura para que tais conteúdos sejam tecidos no papel. O eu-escritor-candidato deve atentar para o mundo do outro-leitor-banca; deve saber resgatar a coletânea e as instruções da proposta para garantir a construção dos vínculos temáticos; ao mesmo tempo, necessita incluir novos dados resgatados de seu conhecimento de mundo e não se esquecer do seu próprio mundo. Exige-se habilidade para promover o encontro entre esses universos no texto.

---

[25] Cf. Capítulo 4.

No âmbito do “Sistema de Conhecimento Lingüístico”, são acionados os conhecimentos declarativos e procedurais relativos à expressão. Levando-se em conta a proposta de 2007, da FUVEST, solicitou-se a expressão dissertativa característica: norma culta, impessoal, articulada em estrutura argumentativa. O eu-escritor-candidato deveria, além de conhecer cada um desses elementos, saber operar com eles para compor sua redação.

Para a análise dos textos assim processados, recorreu-se à concepção de paradigma indiciário. Ginsburg (1989) e Eco (2004) sinalizam que um especialista, ao observar objetos ou situações de sua área de atuação, reconhece, neles, marcas, interpreta-as e as articula para chegar a determinadas conclusões. A exemplo do médico, que, a partir dos sintomas descritos pelo paciente e do exame clínico, chega ao diagnóstico; ou do detetive, que, analisando digitais, pegadas, objetos coletados no local do crime, depoimentos de testemunhas, é capaz de apontar o culpado pelo crime, um especialista da área da expressão pode buscar, no texto, marcas evidenciadoras de fenômenos relacionados ao seu processamento. É o que sugere Abaurre (1997, p. 14) como princípio metodológico “ [...] para a investigação dos fatos concernentes à relação sujeito/linguagem.”[26]

Considerando tal concepção, questiona-se: quais elementos dos textos de gênero redação dissertativa de vestibular podem expor o cisma da língua?

A resposta pode vir dos elementos composicionais particulares relacionados ao gênero aqui analisado.

Supondo-se os parâmetros de processamento de texto anteriormente arrolados, dois elementos composicionais básicos, norma culta e pessoalidade, destacam-se por contemplarem a forma dissertativa requisitada pelo gênero em questão.

Outros elementos composicionais a serem destacados são: os índices de vinculação entre parágrafos, entre as partes do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão), bem como entre os conteúdos evocados, tanto aqueles referentes ao assunto requisitado na proposta e levados à produção, especialmente os relativos à coletânea geradora do tema, e do universo do eu-escritor-candidato; quanto aqueles evidenciados pela erudição enciclopédica de conteúdo ali registrada. Tais elementos relacionam-se à tessitura do texto, à sua configuração organizacional, em seu âmbito macroarticulatório[27] e, por meio deles, é possível

[26] Cf. , também, Corrêa (2004).

[27] Pode-se conceber a articulação de um texto em dois níveis: microarticulatório e macroarticulatório. Ao primeiro, estariam relacionados os procedimentos de vinculação entre palavras, entre orações, entre períodos; ao segundo, a conexão entre parágrafos, entre as partes do texto e entre os conteúdos nele presentes.

analisar os movimentos de retroação e prospecção[28] na construção do eixo discursivo e visualizar marcas articulatórias significativas.

A análise do emprego desses componentes nas redações pode conduzir às marcas evidenciadoras do processamento do texto e, com isso, revelar o cisma.

Com o intuito de levantar as marcas em questão, uma grade para o mapeamento (Quadro 3), por redação, dos componentes anteriormente sinalizados, foi utilizada:

QUADRO 3 – Grade de Análise das Redações

AMOSTRAGEM	ELEMENTOS COMPOSICIONAIS				
	DISSERTATIVOS		MACROARTICULATÓRIOS		
	NORMA CULTA	PESSOALIDADE	Configuração organizacional	Remissão extra-textual	
				Pertinência Temática Assunto	Erudição Enciclopédica de Conteúdo

Na seqüência, cada um dos elementos será apresentado, analisado e discutido.

[28] Cf. Capítulo 4.

7 SABER-DIZER E DEVER-DIZER

Avec un brin d'amusement, nous avons compris "comment ça marche", compris l'art et la manière de "parler autour", de se faire valoir sur le marché des examens et des concours. Inutile de le cacher, c'est un des buts de l'opération. En matière d'examen et d'embauche, "comprendre", c'est comprendre ce qu'on attend de nous. Un texte "bien compris" est un texte intelligemment negocié. Ce sont les dividendes de ce marchandage que le jeune candidat quête sur le visage de l'examinateur quand il lui coule un regard en douce après lui avoir servi une interprétation astucieuse – mais point trop audacieuse – d'un alexandrin à réputation énigmatique.[29]

Daniel Pennac[30]

Nas linhas que seguem, expõem-se as marcas dos embates entre o saber-dizer e o dever-dizer empreendidos pelos eus-escritores-candidatos ao enfrentarem o desafio de redigir suas redações dissertativas de vestibular.

7.1 ELEMENTOS COMPOSICIONAIS DISSERTATIVOS

7.1.1 NORMA CULTA

A fim de contemplar um dos quesitos para se elaborar adequadamente a redação dissertativa de vestibular, o indivíduo deveria observar o emprego da norma culta da língua, como foi apontado anteriormente. Para isso, ele deveria considerar os conceitos expostos a seguir.

A situação em que um ato comunicativo se realiza define o registro ou nível de fala que o sujeito selecionará para construir seu texto. Na produção de textos de gêneros em que situação de informalidade, o grau de intimidade entre os interactantes é grande, poderá ser utilizado o registro informal. No caso de gêneros que requerem distanciamento entre os sujeitos, opta-se pela utilização do registro formal.

---

[29] Com um pouco de divertimento, entendemos "como a coisa funciona", entendemos a arte e a maneira de "enrolar", de se fazer valer no mercado dos exames e dos concursos. Inútil esconder, esse é um dos objetivos da operação. Em matéria de exames e de processos seletivos para contratação, "compreender" é entender o que se espera que nós entendamos. Um texto "bem compreendido" é um texto inteligentemente negociado. São os dividendos da negociação que o jovem candidato capta no rosto do examinador quando ele lança um olhar discreto depois de lhe ter servido uma interpretação astuciosa - mas não muito audaciosa – para um alexandrino de reputação enigmática.

[30] PENNAC, Daniel. **Comme un roman.** Gallimard,1992. p. 150-151.

Para Leite (2005, p. 187), o critério para classificar um registro consiste na maior ou menor distância em relação “a um padrão ideal de linguagem, a que todos almejam alcançar, que tem apenas como parâmetro uma norma tradicional [...]”.

Sobre a norma tradicional, afirma Leite (2005, p. 198):

> [...] em geral, nas sociedades letradas, o que se configura como a tradição é o que ficou registrado nos “instrumentos lingüísticos”, como práticas prestigiosas da língua, tomado assim como um parâmetro para o “julgamento” de todos os enunciados lingüísticos, falados e escritos. Desse modo, todos os enunciados que estiverem mais próximos da tradição são c1onsiderados “cultos”, e todos os que dela se distanciarem são considerados menos cultos ou “populares”.

Diz Preti (1987, p. 54-55) a esse respeito:

> Uma entidade culturalmente superior, que poderíamos chamar *norma culta*, representa o ideal lingüístico da comunidade [...]. É a *norma-padrão* que regula a linguagem falada das pessoas cultas, além de constituir um veículo de todo um complexo cultural, científico ou artístico que se realiza através de sua forma escrita. É a norma tradicionalmente ensinada pela escola, embora hoje se pense que a função do organismo escolar não seja substituir no aluno a *norma popular* que ele já traz com sua linguagem falada, pelos modelos da *norma culta*, mas sim de mostrar-lhe que ambas podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, conforme as circunstâncias.
>
> Seguem, em geral, as regras da *norma culta* os falantes de boa cultura, em suas conversas com ouvintes do mesmo nível, em especial, quando se trata de temas dissertativos, exposição de idéias ou conferências, aulas universitárias, discursos, reuniões formais, etc.”

As normas culta e popular não se dispõem em pólos, mas “em um *continuum*” (LEITE, 2005 p. 207). Intersecções entre as normas geram uma região nesse *continuum* que Preti (1987, p.29) chama de “linguagem comum”.

Preti (1987. p. 27) caracteriza a norma culta. Morfossintaticamente, observa-se:

- indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa;
- uso de todas as pessoas gramaticais do verbo, com exceção, talvez, da 2ª do plural, relegada, praticamente, à linguagem dos discursos e sermões;
- emprego de todos os modos e tempos verbais;
- correlação verbal entre tempos e modos;
- coordenação e subordinação; riqueza de construção sintática;
- maior utilização da voz passiva;
- largo emprego de preposições nas regências;
- organização gramatical cuidada da frase;
- variedade de construções da frase.

Em relação ao léxico, Preti (1987, p. 28) salienta a ocorrência de: maior variedade lexical, “maior precisão no emprego dos significados, maior incidência de vocábulos técnicos [...]”.

A forma de expressão assim caracterizada foi objeto de análise quanto à adequação de uso (norma culta). Destacou-se, desse uso, a análise do emprego de recursos expressivos mais complexos (erudição expressiva) dessa variedade.

O mapeamento do uso da norma culta nas redações estudadas neste trabalho embasou-se[31] na análise dos aspectos gramaticais (ortografia, acentuação, concordância, regência, tratamento do verbo, uso de pronomes), das propriedades de articulação entre palavras, frases e períodos (evidenciados pelo uso de pontuação, por mecanismos de microarticulação[32]) e da adequação/variedade de uso do vocabulário. As relações entre esses fatores também foram consideradas. Às inadequações de uso foram atribuídos valores (desvios leves ou desvios graves) relacionados ao domínio das regras específicas da norma e aos reflexos destas nos mecanismos de coesão e de coerência. Entende-se por domínio o conhecimento dos recursos e mecanismos de emprego da norma culta bem como a proficiência em aplicá-los, demonstrando articulação entre os conhecimentos lingüísticos declarativos e procedurais. Os aspectos descritos foram organizados em três categorias de desvio quanto ao uso dos recursos lingüísticos: **gramatical**, **articulatório** e **lexical**. Para cada categoria, observaram-se subcategorias: **desvio leve** ou **desvio grave**.

Exemplo de **desvio gramatical leve** é observável no trecho transcrito. A utilização de "ss", e não "sc", na palavra "*impressindível*" não interfere na construção do sentido:

> *É certo que a amizade é algo impressindível em nossa constituição como pessoas.* (Amostragem-133)

A utilização da palavra "*ser*", no trecho a seguir, é exemplo de **desvio gramatical grave**. Nota-se o desconhecimento da conjunção "*se*", substituída pelo verbo "ser"; a notação ortográfica do verbo exclui a letra "r" marcadora do infinitivo; tal apagamento pode ou não ser reflexo das construções da norma popular.

> *Ter um amigo fiel é bem maior que um irmão, ser tiver que chora, choramos juntos, ser tivermos que ri, rimos juntos.* (Amostragem-299)

A ausência da vírgula após a palavra "*porém*", no trecho subseqüente, não compromete a reconstrução do texto; mostra um **desvio articulatório leve**:

> *Porém o atual modo de viver das pessoas e o rítimo frenético e alucinante das cidades se tornaram obstáculos para que amizades sejam feitas.* (Amostragem-119)

Já no excerto que se segue, **desvios articulatórios graves** são verificáveis.

> *Com tantas tarefas para executar, dinheiro para perder, a humanidade se mecanizou e esqueceu de seus semelhantes. Com isso, a amizade vem sendo chamada por muitos de nada mais do que um interesse financeiro por acreditarem nesta ilusão,*

---

[31] Para definir os critérios de análise do uso da norma culta das redações no presente trabalho, reportei-me à minha dissertação de mestrado – "A prática da redação na escola: avaliação, um caminho?", na qual discuti, entre outros aspectos, critérios de avaliação de redações escolares, além de sugerir uma grade de avaliação para esse tipo de texto.

[32] Cf. Capítulo 6.

> *preferem que suas notas e moedas sejan suas principais, únicas e necessárias conpanhias.* (Amostragem-12)

A pontuação do segundo período confunde o leitor quanto à articulação do trecho "*por acreditarem nessa ilusão*".

Desvio lexical leve vem na expressão pleonástica "*Hoje em dia*" registrada na Amostragem-127:

> *Hoje em dia, vivemos numa sociedade em que inúmeras vezes as aparências enganam.* (Amostragem-127)

Impropriedades expostas a seguir revelam domínio precário do uso de vocabulário, **desvio lexical grave**. O vocábulo "*autismo*" (termo técnico da psicologia) não foi aplicado adequadamente. Além dessa impropriedade, "*onde*" é inadequado como pronome relativo. Observa-se, ainda, o **desvio gramatical grave:** o verbo "*divergir*" aparece acompanhado do pronome "*se*", em desacordo com a regência que ele deveria apresentar.

> *Em momentos árduos, pessoas se uniram, lutando lado-a-lado, na mais forte demonstração de amizade, aspirando a situações melhores. Todavia, passados as dificuldades, o autismo demonstrou-se superior, os pensamentos divergiram-se e a amizade passou a ser considerada uma invenção humana.* (Amostragem-196)

Convém destacar entre os prováveis desvios lexicais, aqueles relacionados aos registros formal e informal.

Na Amostragem-118, o termo "*coisas*", por não comprometer a pertinência dissertativa, mas mais adequado à expressão informal, ilustra **desvio lexical leve** referente ao registro:

> *Muitos defendem que as pessoas precisam ter coisas em comum – gostos, atitudes, história, a fim de tornarem-se amigos.* (Amostragem-118)

Já na Amostragem-177, ocorre inadequação de registro; a construção é pertinente ao registro informal. Consiste em **desvio lexical grave** no que concerne ao uso de vocabulário e estruturas:

> *Pois é, amizade é tão bom né?* (Amostragem-177)

Com base no balanceamento[33] das ocorrências descritas[34], as redações foram classificadas em quatro níveis de desempenho. No "Nível A", foram agrupados textos

---

[33] Entende-se por "balanceamento", a ponderação entre desvios leves e graves; gramaticais, articulatórios e lexicais.

[34] Convém destacar que os índices quantitativos foram determinados apenas para fins de classificação neste trabalho.

redigidos com correção[35] . O “Nível B” foi destinado a produções com domínio mediano da norma[36]. As redações com muitos desvios leves e vários desvios graves[37] foram foram reunidas em “Nível C”. “Nível D” agrupou textos que apresentaram norma precariamente utilizada, com ocorrência de muitos desvios, demonstrando, inclusive, falta de domínio da variedade escrita[38].

Na seqüência, há exemplares de cada categoria[39].

A Amostragem-256[40] é exemplar de textos que apresentaram, mesmo com 8 **desvios leves** e 3 **graves,** proficiência no uso da norma culta, classificados como “Nível A”.

AMOSTRAGEM – 256 - Norma culta – Exemplar de “Nível A”

AMOSTRAGEM-256
O velho mais novo do que nunca *Na Antigüidade Clássica, muitos pensadores já reconheciam a amizade como um fator essencial para a verdadeira felicidade do ser humano. Cícero, em um de seus textos, escreveu que um indivíduo sem amizade parecia “privar o mundo do sol”. Idéias como esta talvez nunca foram tão necessárias como hoje, pois o individualismo e as relações por conveniência estão acabando com uma das melhores vantagens da vida: amizade.* *O tema da amizade também foi muito retratado por pensadores da época de conquistas (e guerras) da Idade Moderna. Montaigne, por exemplo, ao escrever sobre a dignidade dos soldados daquele tempo, explicava que a amizade é a mais importante aquisição que um ser humano podia ter – melhor mesmo até que um reino inteiro entregue por um rei interesseiro.* *Com o passar do tempo, os poetas contemporâneos deram continuidade ao assunto da importância da amizade, e o lirismo predominou em tais poesias. Caetano Veloso, por exemplo, em sua canção “Língua”, destacou que o amor e a amizade são equiparáveis, que entre os dois, não há superior nem inferior – simplesmente são diferentes.* *Nesse cenário, nota-se que a necessidade do indivíduo por verdadeiros amigos não é exclusivo do mundo de hoje. Essa necessidade parece ser ainda mais evidente durante momentos em que o indivíduo sente-se fragilizado, seja frente a guerras e conflitos – como por toda a história – como por um contexto tão egoísta que é o mundo atual, onde o interesse e a possibilidade de ascensão social são considerados muito superiores do que uma amizade.* *A importância da amizade nesse contexto torna-se então fundamental criando assim um certo paradoxo com uma sociedade tão individualista. Assim, a idéia de amizade de poetas e filósofos que tanto a valorizam são extremamente*

[35] Para estar no “Nível A” a redação deveria apresentar até 10 desvios leves somente, ou 5 desvios graves somente, ou desvios leves e graves combinados sem exceder 15 desvios no total.
[36] No “Nível B” foram agrupados os textos que trouxeram entre 11 e 15 desvios leves somente, ou entre 6 e 10 desvios graves somente, ou até 25 desvios combinados.
[37] No “Nível C” estão as redações com índices de até 40 desvios leves somente, ou entre 11 e 15 desvios graves somente, ou com, no máximo, 55 desvios combinados.
[38] Para índices acima de 40 desvios leves somente, ou acima de 15 desvios graves somente, ou acima de 55 desvios combinados foi destinado o “Nível D”.
[39] Dos exemplos, serão destacados apenas os aspectos da discussão em pauta; não serão abordados, nos comentários, ocorrências de outra natureza.
[40] Todas as Amostragens foram transcritas. As imagens originais constam no Anexo 4.

relevantes hoje em dia, pois só através delas vamos conseguir "sobreviver" numa sociedade tão hostil como a nossa.

São desvios verificáveis: no segundo parágrafo, a palavra *"até"* deveria estar entre vírgulas; o mesmo ocorre com as expressões *"entre os dois"*, *"nesse contexto"*, *"então" e "assim"*, presentes no último parágrafo; regência incorreta aparece em *"superior do que"*; a palavra *"assim"* é recorrente; inadequados, embora bastante usuais, a expressão pleonástica *"hoje em dia"* e o termo *"através"* são utilizados no último parágrafo; vê-se a construção referencial gramaticalmente imprópria *"em tais poesias"*, no terceiro parágrafo.

O candidato atrapalha-se no último período do texto ao realizar a concordância semântica, mas não a gramatical: "[...] *a idéia de amizade de poetas e filósofos que tanto a valorizam são extremamente relevantes hoje em dia, pois só através delas* [...]". Registrou-se "a idéia de amizade", no singular gramatical, mas conjugou-se o verbo a esse sujeito relacionado no plural - "são extremamente relevantes", provavelmente considerando que cada poeta ou filósofo tem a sua idéia.

O eu-sescritor-candidato valoriza seu texto com a aplicação correta e complexa de alguns recursos lingüísticos é observada, por exemplo, em construções com intercalação de termos, como em "*Montaigne, por exemplo, ao escrever sobre a dignidade dos soldados daquele tempo, explicava que a amizade...*"; na adequação do pronome relativo "*onde*", no penúltimo parágrafo; no emprego da palavra "paradoxo".

O candidato que produziu a Amostragem-158 (incluída na categoria "Nível B") revela-se menos hábil na aplicação da norma culta do que o candidato responsável pela Amostragem-256. Apesar dos desvios (8 **graves** e 9 **leves**), as inadequações presentes no texto não comprometem o fluxo verbal, revelam dificuldades de aplicação das regras de elaboração da norma.

AMOSTRAGEM-158 - Norma Culta – Exemplar de "Nível B"

AMOSTRAGEM-158

A chave de uma civilização

Uma amizade é necessária na vida de um ser humano, nós procuramos e necessitamos de uma pessoa para dividirmos nossas vidas. Se não existisse a amizade entre os homens, talvez não existiria a civilização, na qual se realiza com a convivência social entre as pessoas.

Os homens precisam um dos outros para viver e sobreviver, isto acontece da pré-história até hoje. Na pré-história, para caçar um animal, um homem precisava da ajuda de outro para cercar a presa e atacar no momento certo, com esta nas

> *mãos era preciso dividir o alimento pois, afinal, foram os dois que mataram o animal. E assim começava uma convivência necessária que se estende até hoje em qualquer civilização do mundo.*
>
> *Uma amizade verdadeira não se encontra em qualquer pessoa, principalmente nos dias de hoje. Com o capitalismo e as disputas por dinheiro e riquezas materiais, o interesse e a falcidade aparecem e atropelam o próximo para conseguirem o que desejam. Felizmente, em muitos lugares do mundo pode-se achar um amigo verdadeiro, alguém para compartilhar sentimentos, ajudar nos momentos difíceis, amparar nos momentos tristes compartilhar a vida. Todos somos capazes de encontrar um amigo nessa multidão de pessoas.*
>
> *A chave principal de uma civilização é a amizade, sem esta não conseguimos ter um convívio social e, consequentemente, não existiria civilização. Uma amizade não é apenas, para criarmos um vínculo social mas, principalmente, para compartilharmos alegrias, tristezas e sentimentos impossíveis de descrever, é preciso viver uma grande amizade para entender a enorme felicidade que inunda nossos corações.*

Nos trechos "*necessitamos de pessoas para dividirmos*" e "*alguém para compartilhar sentimentos, ajudar nos momentos difíceis, amparar nos momentos tristes*", a articulação fica prejudicada devido à regência equivocada do verbo compartilhar. Em "*não existiria a civilização, na qual se realiza com a convivência social*", o emprego do pronome relativo é inadequado. Alguns termos não são aplicados corretamente, é o que ocorre em "*precisam um dos outros*", em vez de "precisam uns dos outros", e de "*isto acontece da pré-história até hoje*", que deveria ser "isto acontece desde a pré-história". A palavra "para" aparece repetidas vezes no segundo parágrafo. Ambigüidade ocorre em "*Uma amizade verdadeira não se encontra em qualquer pessoa*". Há desvios ortográficos em "*falcidade*" e "*consequentemente*". Em "*sem esta (a amizade) não conseguimos ter um convívio social e, consequentemente, não existiria civilização.*", a correspondência entre os tempos verbais de "conseguir" e "existir" exigidas pela norma culta não é respeitada. Não há antecedentes para "*os dois*" e para "*nessa multidão de pessoas*". Em *"o interesse e a falcidade aparecem e atropelam o próximo para conseguirem o que desejam"* não é pertinente o sujeito apresentado pela construção. Mais apropriadas ao registro informal, são as construções "*Uma amizade é necessária...*", "*ter um convívio social*" e em "*A amizade não é, apenas, para criarmos um vínculo social"* nas quais se faz uso do artigo e dos verbos "ser" e "ter. Há problemas de pontuação, como em "*...para cercar a presa e atacar no momento certo, com esta nas mãos era preciso dividir o alimento pois, afinal, foram os dois que mataram o animal.*"

Exemplo de redação da categoria "Norma culta - Nível C", a Amostragem-147 apresenta desvios que, embora **leves**, devido à quantidade excessiva, comprometem a adequação à norma exigida e demonstram pouco conhecimento do padrão culto da língua ou pouca prática em seu emprego. No primeiro parágrafo, por exemplo, destaca-se o trecho *"...algumas amizades são para serem esquecidas..."* em que a estrutura fica comprometida

pela repetição do verbo “ser”, amplamente utilizado na norma popular. No segundo, pode-se destacar os desvios de concordância, de emprego dos pronomes, como em “*...quem se preocupa com nós*” e em “*...com eles encontramos obstáculos pelos quais temos que escolher os caminhos.*”, desvio recorrente, além do uso, também recorrente, de expressões populares, como “*...tem chão pela frente...*”. A ausência de pontuação para indicar inversão sintática também é um desvio freqüente.

AMOSTRAGEM-147 – Norma culta – Exemplar de “Nível C”

AMOSTRAGEM-147
Fases da vida *A amizade é um “sentimento” importante na vida, a vida solitária não traz a felicidade. Por um lado algumas amizades são melhor serem esquecidas, por outro trazem conhecimentos de vida, e amigos que serão “carregados” pela vida toda.* *Quem é que não se lembra dos amigos de infância, das travessuras que passaram com seus amigos de escola, da rua, são tantas lembranças boas que só proporciona felicidade. Alguns desses amigos perpetuará por longos tempos, sendo grandes companheiros de estrada.* *Mas não é só para horas boas que seriam os amigos. Muitas vezes quando passamos por situações trágicas, como a perda de alguem, precisamos de nossos amigos ao nosso lado, para este poder nos botar para cima, mostrar que ainda tem chão pela frente e que precisamos seguir. Nas horas difíceis eles estarão aos nossos lados e será nessa hora que veremos quem se preocupa com nós e quem realmente é amigo.* *Amigos podem também levar pessoas para o caminho errado, no caminho das drogas. O filme “diário de adolescente” mostra essa relação entre amigos que acabam por cair no vício. Mas um dos personagens possui um amigo que no caso é bem mais velho que ele e tira ele desse caminho. Outro filme é o “Requiem para um sonho” na qual o namorado na hora do desespero auxilia a prostituição da namorada para conseguir se drogar.* *Outro tipo de amizade que encontramos, é a amizade que humanos encontram em animais domésticos. O livro “o galo marquês” mostra essa forte ligação de amizade do homem, no caso um menino, com um animal que no livro é o galo. A morte do galo leva o menino a adoecer e posteriormente à morte.* *Precisamos certamente de amigos, companheiros em nossa jornada pela vida. Com eles aprendemos a crescer, a amadurecer, com eles encontramos obstáculos pelos quais temos que escolher caminhos. Levamos na lembrança coisas boas passadas juntas e tristezas compartilhadas. Em toda fase da vida necessitamos de pessoas ao nosso lado.*

A Amostragem-48 é exemplar do uso precário da forma escrita da língua. Ilustra o conjunto de redações de “Norma Culta - Nível D”.

AMOSTRAGEM-48 – Norma culta – Exemplar de “Nível D”

AMOSTRAGEM-48
Amizade Perfeita *Realmente sera que podemos viver sen a compania de alguem, para conversarmos, brincarmos, passar por momentos de felicidade as vezes até de amor juntos? Encontrar pessoas que pensão e agem como nos, tendo quase os mesmos sentimentos que agente.* *Sabe tem aqueles momentos em que estamos so apenas so nada mais, as vezes isso é bom, mais é melhor quando temos um amigo por perto, com a gente as vezes o fato de estarmos em uma rodinha de amigos, ninguem precisa dizer nada o fato de estarmos, todos ali juntos ja esta valendo apena noque final de tarde que as vezes pode ser a ultima de todos istos juntos.* *E quando lembramos daquela amiga ou amigo que foi a primeira namoradinha a primeira paquerinha da mesma sala de aula os beijos e olhares trocado, as vezes a vergonha de com ela sobre aqueles sentimentos, o mais legal é que tudo isso não muda desde que o homem é considerado um cer racional é a mesma coisa passa anos, decadas, gerações mais esse conceito não muda.* *Isso é que é “viver a vida” com felicidade, pena que as vezes temos que passar por momentos de tristeza que são as despedidas, as vezes são para sempre mais tudo que juntos fizemos ficou marcado, tem quem diga que oque é bom dura pouco; acho que não dura o tempo nescesario para ser inesquecícel, e outra temos nossa memoria que tudo fica ali guardada de bom e ruim o que seria a felicidade sem tristesa, momentos bom sem o ruim.* *Amizade, felicidade, amor isso é viver a vida preservando isso viveremos a vida e o respo é consequencia, se fizer coisas boa tem consequencia boas e se fizer ruim tera consequencia ruim, pense bem antes de dizer algo ou agir.*

No primeiro parágrafo, são desvios ortográficos: *“sen”*, *“compania”*, *“pensão”*, *“agente”*; e de acentuação:*“sera”* e *“alguem”*. A regência do verbo “conversar” não é respeitada e compromete a estruturação do período.

No segundo parágrafo, a falta de pontuação adequada torna o trecho confuso, o leitor não localiza as pausas necessárias ao processamento das idéias e se perde. Observam-se, ainda, problemas ortográficos e de acentuação: *“mais”*, *“nos”*,*“so”* (que também traz desvio de concordância), *“ninguem”*, *“ja”*, *“esta”*, *“apena”*, *“noque”*, *“istos”*, além da falta de crase em *“as vezes”*. Ainda nesse parágrafo, não se consegue depreender o que o candidato quis expressar no trecho *“juntos ja esta valendo apena noque final de tarde que as vezes pode ser a ultima de todos istos junto.”*

Impropriedades gramaticais são visíveis no terceiro parágrafo: *“o beijo e os olhares trocado”*, *“as vezes”*, *“cer”* (em vez de “ser”), *“mais”* (no lugar de “mas”), “decadas”, bem como problemas de articulação provenientes da falta de pontuação adequada e/ou de construções: *“a vergonha de com ela sobre aqueles sentimentos”*.

Os problemas prosseguem nos dois parágrafos seguintes tornando a leitura difícil, não contemplando nem mesmo a forma escrita de expressão.

Em certas amostragens, observou-se uma forma peculiar de aplicação da norma culta, a **“erudição expressiva”**.

Pretendendo demonstrar domínio diferenciado da língua, erudição, muitas pessoas, ao redigirem, preocupam-se com o emprego de vocabulário e estruturas mais complexos do que aqueles que usualmente já contemplariam a norma culta, muitas vezes, incorrendo em preciosismo, em geral, impróprio, ou em problemas de hipercorreção. Vocabulário e estruturas complexas devem ser aplicados, mas com cuidado em relação à clareza e à correção, para que o texto demonstre o lastro do indivíduo sem se tornar espaço para exibicionismo.

Os registros para esse aspecto particular do uso da norma foram incluídos como item da categoria de uso do vocabulário, adequado ou não, computados como desvio leve ou grave, de acordo com os parâmetros estipulados para a classificação das ocorrências.

Cada amostragem foi classificada de acordo com os níveis descritos anteriormente: “A”, para textos com uso adequado da norma; “B”, redações com domínio razoável da norma; “C”, textos com excessiva quantidade de problemas relativos à norma; e “D”, produções com emprego precário da norma.

A Amostragem-152 é ilustrativa da preocupação de redigir com vocabulário e estruturas mais complexos.

AMOSTRAGEM-152 – Norma culta – Erudição expressiva – Exemplar com adequação de uso [41]

AMOSTRAGEM-152
Sentido da Vida *Viver em sociedade suscita o pré estabelecimento do rumo que nossa vida irá tomar. Desde o nascimento somos inceridos em uma determinda condição social, temporal e espacial e, assim, pouco podemos decidir sobre o caminho a traçar. Desta maneira, sentimentos como a amizade dinamizam as relações humanas e conferem maior autonomia sobre a sorte da própria história, fazendo com que nos tornemos donos de nós mesmos.* *Esse sentimento, que não deixa de ser uma forma de amor, gera cumplicidade, confiança, segurança, troca de experiências, autoconhecimento, preocupação com o espaço alheio e solidariedade. É o encontrar no outro o reflexo de si próprio e assim poder extravasar as emoções mais profundas e reprimidas. Cícero, durante a Antigüidade Clássica, já chegara a semelhante conclusões, e concebera a amizade como algo essencial e necessário, assim como o sol o é para o mundo.* *Em contrapartida, vivemos hoje a era das velocidades que traz implicações também para o âmbito das relações sociais. A competição exacerbada, a ambição, o querer levar vantagens conduzem ao hedonismo e resultam em relaçõe rasas e efêmeras. Sendo assim, há entraves em encontrar e manter uma amizade verdadeira*

[41] A Amostragem-152 encontra-se no conjunto de textos “Nível A” para “Norma Culta”.

– aquela que, segundo Aristóteles, supera barreras físicas e reisite ao tempo. Assim, as idéias de Montaigne, pensador do século XIV, que considera a amizade como algo difícil de se achar, se mantêm atuais e atentam para a preciosidade desse sentimento.

Ademais, como ela está intimamente relacionada com o outro, é essencial para enaltecer a coletividade em detrimento do individualismo. Contribui então, para minorizar o fardo de ter que enfrentar sozinho as iniqüidades constantes, tornando a partilha de problemas e alegrias algo frutífero e próspero.

Por conseguinte, a amizade é, talvez, o mais valioso escudo para suportar as adversidades da vida e traz consigo uma pitada de afeto para as relações humanas. É algo que se deve preservar "debaixo de sete chaves dentro do coração" – como diz a "Canção da América". Ela confere um sentido à vida e pode ser considerada um degrau para a felicidade.

Observam-se, nessa redação, expressões como "*suscita*", "*inceridos* (*sic*)", "*âmbito*", "*relações rasas e efêmeras*", "*hedonismo*", "*entraves*", "*enaltecer a coletividade em detrimento*", "*minorizar*", "*fardo*", "*partilha*", "*iniqüidade*", "*frutífero e próspero*", pouco freqüentes nas redações analisadas. Verificam-se, ainda, conectivos como "*ademais*", "*por conseguinte*"; verbos conjugados no pretérito mais-que-perfeito, "*chegara*", "*concebera*"; a construção com o pronome "*o*" em "*assim como o sol o é para o mundo*". Embora adequadamente empregados esses recursos, a excessiva preocupação com a forma confere ao texto certo empolamento, certa artificialidade.

Na Amostragem-10, são várias as marcas de erudição, mas, ao contrário do exemplo anterior, elas trazem problemas ao conjunto do trabalho.

AMOSTRAGEM-10 – Norma Culta - Erudição expressiva – Exemplar com inadequação de uso[42]

AMOSTRAGEM-10

A amizade é um alicerce universal para socorrer os momentos maquiavélicos da vida. O homem necessita de um verdadeiro amigo, para que este auxilie a encontrar o estopim da felicidade.

A amizade influência a efêmera passagem da vida do homem. A privação disto resulta padecimento intrínseco do ser humano. A axiologia da felicidade é encontrada além do amor. A amizade tem poder de apreciar momentos excelsos, que nem um outro relacionamento possa alcançar. Os segredos e confissões que são divididas pelo amigo é o que supre a dor humana.

A valoração do amigo é universal e imutável. Porém, atualmente, o verdadeiro amigo é uma das conquistas mais árduas do homem, às vezes, para muitos ela é inalcançável. O homem moderno tornou-se solitário devido as modificações de sua prioridade e escassez de tempo justificado pela demasia de trabalho. E assim, o ser humano tornou exíguo a confiança, moderação e a solidariedade. Não sendo capaz de cultuar o melhor presente dos deuses.

No entanto, o ser humano está sendo torturado devido a carência de amizade. O amigo mais procurado modernamente são os psicólogos e analistas. A procura por especialistas está em ascensão. O ser humano está sendo sociável apenas com desconhecidos. O amigo perdeu a competência de ouvir problemas alheios e, assim, resulta em buscas por terapeutas que estes são pagos, apenas, para ouvir.

[42] A Amostragem-10 é parte do conjunto de textos "Nível D" para "Norma Culta".

> *Por isso, o homem necessita de aproximação do próximo para que a sua essência não seja conturbada. A amizade límpida e confiante é tão única e poderosa quanto o amor. A dignidade do bom amigo é o que lhe irá supor os males da vida. Portanto, a verdadeira amizade é o que fará suportar as adversidades e mostrará o seu valor na vida.*

O candidato registra termos *"maquiavélicos", "efêmera", "padecimento", "intrínseco", "axiologia", "excelsos", "demasia", "exíguo"*, nem sempre corretamente empregados; seleciona o futuro do presente, tempo verbal mais formal *"fará", "mostrará"*.

Paralelamente, ocorrem desvios: a tentativa de estrutura diferenciada não respeita a regência do verbo "resultar" em *"A privação disto resulta padecimento intrínseco do ser humano";* falta complemento para o verbo "auxiliar", em *"para que este auxilie a encontrar o estopim da felicidade";* o candidato acentua indevidamente o verbo *"influência";* no trecho *"A amizade tem poder de apreciar momentos excelsos, que nem um outro relacionamento possa alcançar."* a conjugação inadequada do verbo "poder" reflete-se na articulação. O termo*"estopim"* parece pertencer a um registro mais informal. Em *"A amizade do bom amigo é o que lhe irá supor os males da vida."*, o leitor não identifica o significado da palavra "*supor*".

A coerência de uso do vocabulário e da sintaxe, mais ou menos formais, bem como a correção no emprego de termos e estruturas, garantia da efetiva erudição, não ocorre na redação comentada e o texto produzido apresenta qualidade discutível.

Ao emprego da **"erudição expressiva"** podem ser associadas as "tradições" assinaladas por Bakhtin (2000, p. 313):

> Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc.

O uso da **"erudição expressiva"** parece refletir uma voz social que valoriza o emprego desse recurso como forma de demonstrar o saber-dizer; parece, também, reforçar o dever-dizer[43].

Das 374 redações, 1 amostragem foi descondiderada por não conter o texto escrito (folha de redação em branco). Das 373[44] restantes, 70 (19%) corresponderam ao "Nível A"; 133 (36%), ao "Nível B"; 88 (23%) foram incluídas no grupo "Nível C"; e 82 (22%) , no "Nível D". Na Tabela 1 e no Gráfico 1, visualizam-se esses registros.

---

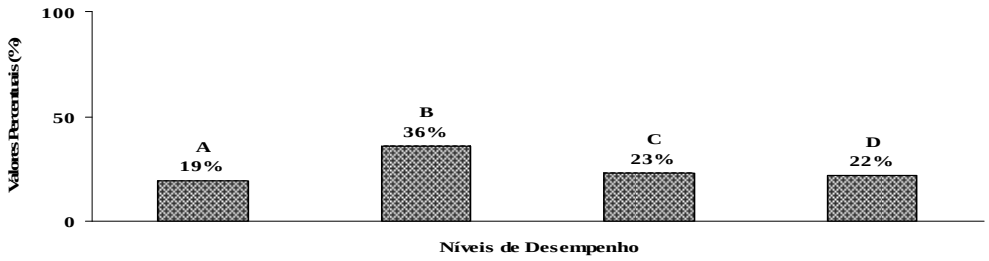
[43] Em 23 Amostragens foram encontradas ocorrências dessa natureza.

[44] Os dados numéricos presentes neste trabalho não objetivam a análise quantitativa, têm função de fornecer um panorama das ocorrências para a observação de tendências do comportamento geral e das singularidades da amostra.

Tabela 1 – Perfil de “Norma Culta”

	TOTAIS	
Níveis	**Absolutos**	**Percentuais(%)**
A	70	19
B	133	36
C	88	23
D	82	22

Gráfico 1 – Perfil de “Norma Culta”



O resultado observado demonstra maior porcentagem de textos, 36%, com emprego satisfatório da norma culta, “Nível B”. Os percentuais para os demais níveis, A, C e D são bem próximos: 19%, 22% e 23%, respectivamente, e revelam índices que mostram maior dificuldade com a norma (22%, para o “Nível C” e 23%, para “Nível D”) do que adequação (19%, “Nível A”).

O que manifestam as marcas de desempenho sinalizadas até este momento?

Observou-se o equilíbrio entre os pólos do dever-dizer/saber-dizer em 19% dos textos em que o eu-escritor-candidato soube-dizer de acordo com as prescrições (“Nível A”). Nos 81% restantes (Níveis “B”, “C” e “D”), em graus diferentes de proficiência, mais próximos ou mais distantes dos padrões exigidos, não se soube-dizer; havendo um descompasso entre as normas dos eus-escritores-candidatos e aquela própria do gênero. Nos textos com grau de proficiência próximo ao esperado, “Nível B”, 36% do total, o predomínio de adequação às regras e mecanismos em relação à ocorrência de impropriedades pode conduzir à idéia de que o eu-escritor-candidato conhece as regras, mas talvez encontre dificuldades em aplicá-las: os desvios podem ser de natureza procedural[45], não necessariamente de natureza declarativa.

[45] Cf. Capítulo 4.

Pode-se pensar em desvios de ambas as naturezas, declarativa e procedural, ocorrendo nos 45% (Níveis “C” e “D”) de textos em que não se soube-dizer; mais acentuadamente, nos 22% que revelam falta de apropriação não apenas da norma, mas da modalidade escrita de expressão.

O exercício de aproximar o saber-dizer do dever-dizer pode ser interpretado como árduo, como demonstram os 81% de textos em que, em diferentes graus, a língua tornou-se difícil, não apenas para o eu-escritor, mas, também, para o outro-leitor, que, ao não reconhecer a expressão esperada, pode encontrar dificuldades para compreender o texto. O domínio da norma, entretanto, não se revela tão distante do esperado se forem observados os índices dos níveis “A” e “B” somados. O total de 55% em que os candidatos lograram resultados bons e/ou satisfatórios, em contrate com os 45% em que o cisma foi mais marcante, demonstra que, em certa medida, não há tanto distanciamento entre o saber-dizer e o dever-dizer.

O cisma se revela na simultaneidade do uso impróprio de uma norma que não foi incorporada pelo eu-escritor e do emprego de uma norma que ele domina, seja ela a norma requisitada pela interlocução, seja ela norma outra.

O caráter fortemente prescritivo da norma culta salienta o dever-dizer. Para ajustar seu saber-dizer ao formato determinado pela norma culta, o eu-escritor-candidato deveria voltar-se para esse pólo, sem, entretanto, descaracterizar o seu saber-dizer, demonstrando o equilíbrio sinalizador da interação verbal adequada. Mas não ocorreu assim nos textos analisados. O dever-dizer prevaleceu inibindo o saber-dizer, tornando visíveis os embates decorrentes de um não saber-dizer de acordo com as prescrições do dever-dizer.

7.1.2 PESSOALIDADE

Na construção das interações verbais, o locutor manifesta uma voz singular. Essa voz resulta da assimilação e da reestruturação de outras, uma vez que “O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos [...] ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 319). Essa voz assume, ainda, “posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas interrelações responsivas” (FARACO, 2005, p. 38) e, de acordo com os parâmetros da interação verbal em pauta, dá forma ao conteúdo a ser expresso e o materializa.

No processo de materialização da palavra, essa voz imprime marcas na interlocução, entre elas, as comumente denominadas marcas de “Pessoalidade”, as quais revelam as posições socioavaliativas do locutor e seu estilo. Ao modelar sua interlocução, de modo mais livre ou mais regrado, mais objetivo ou mais subjetivo, mais íntimo ou mais formal, mais engajado ou mais imparcial, a voz interior do “eu” deve optar por aqueles que respeitem os graus de pessoalidade exigidos pela interação verbal em questão.

Relações distanciadas, impessoais, em que as marcas de intimidade e de emoção devem ser apagadas, regem a interlocução na redação dissertativa de vestibular.

Entre os recursos língüístico-discursivos indicados para esse tipo de construção com distanciamento entre os interlocutores, tradicionalmente, indica-se o uso de foco narrativo em 3ª pessoa para a construção da impessoalidade no texto. As demais pessoas, principalmente a 1ª do singular, de acordo com essa linha de pensamento, confeririam muita intimidade entre os interlocutores.

O foco narrativo gradua, em certa medida, a pessoalidade do texto. A construção em 3ª pessoa estabelece distanciamento entre os interlocutores, que é atenuado se a opção for o emprego da 1ª pessoa do plural. A opção pela 1ª pessoa do plural parece combinar a necessidade de escrever (dever-dizer) de modo distanciado e o desejo de expor perspectivas subjetivas. A utilização da 1ª pessoa do singular aproxima os sujeitos envolvidos no ato comunicativo. Dá-se preferência, na dissertação, aos focos em 3ª pessoa ou em 1ª do plural, já que a interlocução assim construída, com maior freqüência, atende a impessoalidade da relação.

Entretanto, é equívoco assumir que a opção por 3ª pessoa garante a impessoalidade ou que o emprego de 1ª pessoa do singular, por si só, compromete a adequação ao gênero; é necessário observar o conjunto dos recursos de pessoalidade empregados na composição dos textos.

Além do foco narrativo, outros elementos[46], como se observa a seguir, compõem a pessoalidade.

Do ponto de vista das classes gramaticais, os pronomes, especialmente o pronome de tratamento “você” e outros de 2ª pessoa, atribuem ao texto efeitos de aproximação entre os interlocutores.

---

[46] Não se pretende, neste trabalho, esgotar a relação de índices de pessoalidade; incluímos em nossa análise aqueles que foram verificados nas amostragens e que se mostraram relevantes do ponto de vista da análise.

No trecho transcrito da Amostragem-99, ocorrências de “você” e “te” são construções da norma popular e produzem, entre os sujeitos da interlocução, forte grau de intimidade, aspectos impróprios para dissertação.

> *Ter um amigo é uma sensação de estar completo, pois é ele que te escuta, te diz o que você quer e o que pecisa ouvir, te ampara, te acalenta, fica feliz com a sua felicidade, te acompanha pela vida. E não é preciso estar juntos o tempo todo, a amizade te dá a segurança de saber que mesmo longe, o amigo estará perto quando preciso for.*(Amostragem-99)

Já na Amostragem-309, pode-se dizer que “*você*” é aplicado como sinônimo de termos menos pessoais – “você/se” e “com você/entre si”, por exemplo - pelos quais pode ser facilmente substituído.

> *Mesmo hoje é difícil de se encontrar pessoas em que você possa confiar, pessoas que tenham afinidades com você.* (Amostragem-309)

Os pronomes citados apareceram em 81 redações[47], criando situações de desvio em relação à pertinência de gênero, às vezes, comprometendo parcialmente o texto, às vezes, integralmente.

Outros recursos gramaticais realizam o movimento de aproximação entre os interlocutores. Por meio do modo imperativo do verbo, há um chamado ao engajamento do leitor às palavras do locutor. Com recurso dessa natureza, o candidato da Amostragem-72 encerra o texto:

> *É por isso que aconselho: não gaste tanto tempo criando novas tecnologias, não construa novos prédios, apenas faça um amigo, faça a amizade ser novamente atual.*(Amostragem-72)

O modo imperativo apareceu em outras 15 redações, marcando os textos com certo tom pessoal.

O vocativo apareceu apenas na Amostragem-170 – *“prezado leitor”* – à moda de Machado de Assis:

> *[...] dificilmente temos alguém próximo a nós com tais qualidades, alguém que realmente possa ser chamado de amigo, não colega, mas amigo, alguém para quem você possa ligar de madrugada para discutir o sentido da vida, estes nos são raros, prezado leitor, por isso devemos tratá-los com carinho [...]*(Amostragem-170)

Além desses recursos, há outros, como a pontuação. Em 97 produções, foram utilizados sinais de pontuação que, em geral, revelam um locutor mais envolvido com as próprias idéias, com o texto, seu encadeamento e seus efeitos sobre o interlocutor. O emprego do ponto de interrogação (presente em 77 textos) predominou sobre a aplicação do ponto de

---

[47] Os valores quantitativos, neste trabalho,têm o objetivo de fornecer um panorama a respeito do aspecto em foco; não há intenções de se realizar uma estatística dos dados.

exclamação (empregado em 10 textos; em três deles, associado ao ponto de interrogação) e das reticências (utilizadas em seis redações).

Na Amostragem-50, ao utilizar a forma interrogativa retórica, o locutor conduz a reflexão do interlocutor, tecendo um diálogo sem, com isso, desviar-se das exigências dissertativas de distanciamento.

> *[...] como poderia uma criança viver, de fato, sem amigos para brincar? Um adolescente, sem o apoio quase simbiótico de sua turma contra os adultos que, imaginam, os odeiam? Um jovem, ao ser traído pela esposa ou um casal quando todos os filhos se casam, como ficam sem os amigos?* (Amostragem-50)

Na Amostragem-17, o gênero fica comprometido pelo excesso de interrogações, o texto pode ser entendido como crônica:

> *Amizade?!*
>
> *Que é a amizade? Uma relação em que duas pessoas compartilham suas vidas entre si como se fosse para com sua família, mas esta escolhida com ajuda desse sentimento mútuo? Algo do tipo: "Conte comigo para o que der e vier", "amigo é para essas coisas" ou ainda: "Saiba que aqui terá sempre um amigo para acompanhar-te". É isso? Ou já se chama uma pessoa, muito mal conhecida, de amigo apenas por apresentarem ambos um relacionamento cordial, gentil, mas com um toque a mais de empatia? Qual dessas é aceita como definição ou seriam as duas perfeitamente aceitáveis? Teriam vários graus de amizade? E o que é um amigo verdadeiro? Existe afinal ou é construída uma amizade verdadeira ao longo do tempo? Quantas dúvidas esperando esclarescimentos!* (Amostragem-17)

Em todos os textos, em maior ou menor freqüência, os candidatos utilizaram-se de marcas lingüísticas reveladoras de juízo de valor. No excerto da Amostragem-56, transcrito a seguir, os termos grifados revelam as impressões do locutor acerca do que ele diz. As marcas, equilibradamente colocadas, conferem identidade ao texto e não comprometem a pertinência ao gênero.

> *É um equívoco acreditar que se possa viver sem nunca ter conhecido a amizade. Para provar sua importância ela sobrevivera desde os mais remotos tempos da Antigüidade Clássica, passou pelas trevas da Idade Média, acompanhou a trajetória de diversos filósofos da Idade Moderna e insiste em estar presente, mesmo nos dias atuais.*
>
> *Esses últimos dias apresentam para muitos o individualismo como princípio único a nortear suas vidas. Grande engano, não percebem que a amizade se faz hoje, mais do que nunca, necessária.* (Amostragem-56; *os grifos são nossos*)

Convém destacar, a respeito da manifestação do eu-escritor-candidato, duas ocorrências particulares. Na Amostragem-319, o candidato coloca como título a expressão "*Amorzade*", acompanhada de um asterisco que remete a uma nota de rodapé "**Neologismo (amor+amizade).*"

A Amostragem-93 revela a voz de um narrador diverso que comenta o texto. No início, esse narrador-comentarista registra: *"[...]o fato de morarmos num país de 3º mundo e a experiência que a vida proporciona me tornam capaz de dissertar sobre esse assunto"*. Há nova intervenção desse narrador-comentarista ao final da redação: *"Por ser um trecho, sem poesia e sem palavras bonitas, tento mostrar sem o clichê de palavras conhecidas o quanto amizade é importante"*.

As intervenções dessa natureza criam um plano paralelo de diálogo com o leitor, conferindo um tom de pessoalidade.

As redações analisadas segundo os parâmetros indicados foram classificadas em níveis. No "Nível A", foram reunidas as redações que apresentaram impessoalidade, desenvolvidas em 3ª pessoa, com ocorrências discretas de qualquer outro índice de pessoalidade; ou em 1ª do plural sem outros índices de pessoalidade. No "Nível B", foram colocados textos redigidos em 1ª pessoa do plural e com ocorrências dos demais índices de pessoalidade que, no conjunto do texto, não comprometeram o caráter dissertativo da produção. As amostragens em que houve ocorrência excessiva de elementos de pessoalidade, incluindo o foco narrativo em 1ª pessoa (singular ou plural), que comprometeram parcialmente as exigências do gênero foram agrupadas no "Nível C". Os textos que, por sua excessiva pessoalidade, não puderam ser considerados dissertativos compuseram o "Nível D".

A seguir, há exemplos de cada categoria.

A Amostragem-58 é exemplar do "Nível A" de Pessoalidade. O texto é desenvolvido em 3ª pessoa e não apresenta índices de pessoalidade, como os pronomes de 2ª pessoa, verbos no modo imperativo, vocativo, pontuação emotiva ou expressões valorativas.

AMOSTRAGEM-58 – Pessoalidade – Exemplar de "Nível A"

AMOSTRAGEM-58
Importância da amizade *A importância da amizade, durante toda história da humanidade, foi ressaltada por muitos artistas – de filósofos a compositores. A infinidade de obras sobre o tema denuncia a atemporalidade, universalidade e valorização pelos seres humanos deste.* *Independente do contexto socio-econômico ou do momento histórico, devido a sua própria natureza, os homens procuram por pessoas em que possam confiar e com quem consigam dividir aflições e alegrias. Essa busca se dá porque um amigo, em qualquer tempo e lugar, é capaz de amenizar dores,ao sofrer com o companheiro, e potencializar felicidades, ao sentí-las simultaneamente, como já afirmava o filósofo Cícero na Antigüidade.* *Outro fator que explica a importância da amizade na vida de um homem é a dificuldade de se encontrar verdadeiros amigos. Como escreveu Montaigne, o*

mundo é muito mais rico em relacionamentos baseados em conveniências do que em relações íntimas. Sendo as segundas mais raras, elas tendem a ser valorizadas e, por isso, verdadeiras amizades devem ser cultivadas cuidadosamente. Vale, ainda, ressaltar que mais significativo do que ter demasiados relacionamentos superficiais é possuir alguns poucos mas leais amigos.

A amizade mostra-se um tema que não deixa de ser atual jamais, pois é essencial para a existência humana. O tema, por mesclar diversos sentimentos como amor, confiança e lealdade é sempre necessário na vida de um homem.

A Amostragem-258, também exemplar do "Nível A", destaca-se devido à utilização de 1ª pessoa do singular em "*parece-me*" e "*penso*", que não promove intimidade na interlocução. Pode-se dizer, inclusive, que, na medida exata, as duas inserções introduzem nuances de identidade ao texto, a voz do locutor habilmente demarcada.

AMOSTRAGEM-258 – Pessoalidade - Exemplar de "Nível A"

AMOSTRAGEM-258

"Das Amizades"

A amizade, assim como diversos outros valores e sentimentos humanos, sempre esteve presente, sobretudo nas artes, ao longo da história da humanidade. Trata-se de um valor extremamente instigante já que corresponde a uma das relações mais significativas que se estabelecem entre os seres humanos. Entretanto as reflexões atuais sobre a amizade podem diferir daquelas que foram feitas desde a antiguidade clássica.

Uma das idéias presentes no texto de Cícero "Da amizade" que elogia a absoluta semelhança entre os indivíduos que estabelecem entre si uma relação de amizade parece-me um pouco insuficiente se levarmos em conta as reflexões mais modernas sobre o tema. Dessa forma, atualmente, teríamos também um elogio à diferença entre os indivíduos como se as particularidades de cada um fossem igualmente um fator de conservação da amizade. Uma pessoa não precisa ser igual à outra para lhe proporcionar amizade.

Outra questão recorrente tanto nas artes como na filosofia é a comparação entre o amor e a amizade. Na canção de Caetano Veloso temos a bela comparação do amor com a poesia (ambos mais tensos e concisos) e da amizade com a prosa (mais distendidas e duradouras) e a "preferência" do compositor pela segunda ("quem há de negar que esta lhe é superior?"). Penso no entanto, que não devemos estabelecer valores de superioridade ou inferioridade entre os dois sentimentos. Se amor é poesia e amizade é prosa, ambos são literatura.

Dessa maneira, a questão fundamental que deve ser colocada é a grandiosidade do valor humano "amizade" não importando de que forma ela se manifesta mas sim o fato de ser um dos sentimentos mais significativos para as relações humanas.

São inúmeros os índices de pessoalidade presentes na Amostragem-320, exemplar do "Nível B".

AMOSTRAGEM-320 – Pessoalidade – Exemplar de “Nível B”

AMOSTRAGEM-320
Amizade: Uma lição para a sociedade *A amizade é, sem dúvida, indispensável ao ser humano, no entanto, é cada vez mais raro ter bons amigos atualmente. Isto ocorre porque contruir laços afetivos demanda tempo, mantê-los exige tolerância, e nem sempre temos disposição para recomeçar.* *“Você se sentará ali, todo dia, e com o tempo se aproximará um pouco”, escreveu Exupéry. Este é o início de todas as amizade. Conhecemos pessoas que, com o passar do tempo, se aproximam e tornam-se tão íntimas, e nos sentimos tão à vontade em falar com elas, como se falássemos a nós mesmos. Porém, isto exige que nos voltemos mais para as relações humanas, do que para questões, meramente, financeiras. E nem sempre conseguimos, devido a sociedade em que vivemos.* *Além disso, ao se relacionar com outras pessoas enfrentamos grandes desafios: como lidar com opiniões opostas a nossa, como vencer os nossos preconceitos. E, muitas vezes, acabamos por magoá-las. Então, vem o grande dilema humano: Como reconhecer o erro e pedir perdão? E mais isto a amizade nos ensina.* *Contudo, a perda da confiança, que duramente construímos, é inevitável. E, passamos por momentos em que cremos que o mundo é desconsertado, e nunca mudará, por mais que nos esforcemos. Mas, é necessário recomeçar, e um verdadeiro amigo merece mais uma chance.* *Sendo assim, a amizade demonstra ser um instrumento eficaz para a transformação humana. Pois, através dela, temos exemplos claros, que com paciência, tolerância e “recomeços” é possível a edificação de ações grandiosas. É disso que a nossa sociedade contemporânea precisa: Tolerância e recomeço!*

Concomitantemente ao uso de 1ª pessoa do plural, há termos – como, “*sem dúvida*”, “*indispensável*”, “*cada vez mais raro*”, “*tão*”, “*meramente*”, “*grandes*”, “*grande dilema humano*”, “*duramente*”, “*inevitável*”, “*desconcertado*”, “*nunca*”, “*por mais que*”, “*verdadeiro amigo*”, “*claros*”, “*grandiosas*” -, trechos – “[...] *construir laços afetivos demanda tempo, mantê-los exige tolerância* [...]”; o uso dos pontos de interrogação e de exclamação que expressam tanto juízo de valor quanto emoção, conferindo, com a referência de caráter poético - “O Pequeno Príncipe” -, um tom pessoal, mas que, no conjunto, não comprometem a pessoalidade exigida pela forma dissertativa.

A Amostragem-194 representa os textos de “Nível C” de pessoalidade.

AMOSTRAGEM-194 – Pessoalidade – Exemplar de “Nível C”

AMOSTRAGEM-194
Há uma diferença brusca entre amigo e colega, e poucas pessoas conseguem diferenciá-los, tratando todos que conhecem como seu amigo e dizendo depois que não conseguem ser feliz com a amizade que possui, ou que a amizade expressa em músicas, textos e filmes não existe. *Pelo contrário, a amizade pura que traz felicidade existe sim, o que primeiro deve-se saber é essa diferença de amigo e colega.*

Amigo é aquela pessoa que consegue lembrar do seu aniversário, que liga para acordar você e perguntar se está tudo bem; o amigo consegue fazer você sorrir quando está triste e rir com você quando está feliz, ele traz paz, felicidade e confiança. Já o colega, esse existe em qualquer lugar, você o encontra nos lugares mais inusitados possíveis, e pode ter certeza sempre no final fará alguma coisa para magoar você.

O que acontece no mundo atual, é que poucas pessoas, com todo esse pensamento individualista, não conseguem manter uma amizade com confiança – um amigo – e sim colegas; colegas do trabalho, colegas da facudade, colegas do bate-papo; pessoas que não precisam de um vínculo de sentimentos grande.E se hoje em dia são poucas as amizades verdadeiras, com o passar do tempo a tendência vai sr um aumento de colegas, com o respectivo aumento da individualidade.

Ao menos, é claro que o sentido verdadeiro de amizade seja divulgado ainda mais por músicas e textos que certamente nunca estarão desatualizados, mesmo que sejam de milhões de anos passados, porque a amizade verdadeira não muda e permanece até os finais dos tempos. Além da divulgação por pessoas que possui um amigo verdadeiro e já sofreu nas mãos de colegas, assim como eu.

A proximidade entre os interlocutores se constrói pela presença do termo "sim" (segundo e quarto parágrafos), do emprego recorrente do pronome "você", no terceiro parágrafo, que desvia o texto das características dissertativas. A expressão "*é claro*" confere expressividade opinativa ao texto. No último parágrafo, a experiência pessoal do locutor é explicitada: "*assim como eu*".

Observamos, na Amostragem-89, o emprego da 1ª pessoa do singular acompanhado de conteúdos da vivência pessoal do locutor, em uma perspectiva também pessoal. Embora seja do tipo argumentativo, o texto não atende aos quesitos de impessoalidade exigidos pela dissertação. É exemplar do "Nível D".

AMOSTRAGEM-89 – Pessoalidade – Exemplar de "Nível D"

AMOSTRAGEM-89

UM AMIGO PARA O FINAL

Quando olhar para trás em minha vida, verei que os mais doces momentos estarão associados a pessoas e não a coisas. E perceberei que, por mais coisas que tenha tido, os sentimentos contidos nos pequenos gestos sempre teria marcado mais.

E, dentro desse rol de sentimentos, perceberei que alguns serão mais marcantes que outros, em especial os conectados a grandes paixões e grandes amizades.

Aliás, pensando bem, as grandes paixões começam, incendeiam, esfumaçam e acabam, só valendo realmente a pena se virarem grandes amizades.

Eu, como todos que conheço, tenho poucas e boas amizades de uma vida de décadas e, por vezes, de algumas semanas.

Como cada um deles, criei laços de fraternidade real, que sobrevivem ao silêncio, à distância, ao tempo e ao caos que rege nossas vidas. Porém, de um minuto para outro, se retomam como se não tivesse passado mais que uma hora desabrochando como uma flor no cactus.

Por conta disso, não existem bons ou maus amigos. Não é possível classificar algo assim. O mau é incompatível, por não coexistir com a palavra amigo. O bom é

uma redundância per si.

Para encerrar, gosto de lembrar que o gesto maior de um amigo é dar a vida pelo outro.

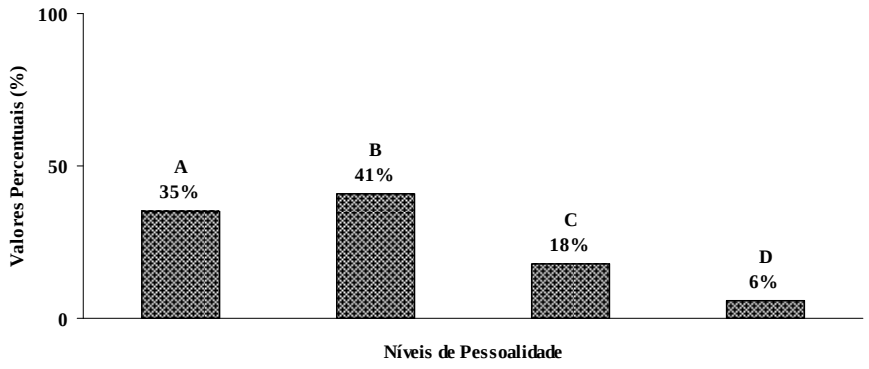
Espero que em minha última hora, eles apareçam para ir em meu lugar.

Os perfis quantitativos de pessoalidade podem ser visualizados na Tabela 2 e no Gráfico 2.

Tabela 2 - Perfil de "Pessoalidade"

	TOTAIS	
Níveis	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	131	35
B	152	41
C	68	18
D	22	6

Gráfico 2 – Perfil de "Pessoalidade"



Das 373 amostragens, 131 (35%) apresentaram impessoalidade em suas construções; em 152 (41%) dos textos, ocorreu o uso de 1ª pessoa do plural e de índices de pessoalidade que, no conjunto do texto, não comprometeram o caráter dissertativo da produção. Em 68 (18%) textos, o emprego de elementos de pessoalidade comprometeu parcialmente as exigências do gênero. O total de 22 (6%), devido à pessoalidade excessiva, não atenderam às exigências do gênero.

Os 24% de textos comprometidos (Níveis “C” e “D”) evidenciam - de maneira semelhante ao que se verifica com o emprego da Norma Culta - um descompasso entre o dever-dizer prescrito pelo gênero requisitado e o saber-dizer do eu-escritor-candidato. Nesse descompasso, a língua cinde. O índice de 76% de textos em que as marcas de pessoalidade não comprometeram a adequação ao gênero revela o predomínio eus-escritores-candidatos que têm consciência do dever-dizer e sabem-dizer, que harmonizam as relações entre os conhecimentos declarativos e procedurais.

Convém acrescentar a respeito deste elemento composicional: a aplicação equilibrada dos índices de pessoalidade mostra mais do que adequação entre o saber-dizer e o dever-dizer, revela os matizes, explicita a identidade[48] nos textos, pois, ao atribuir nuance diferenciada ao dito, confere voz ao texto, voz que, mesmo perpassada por várias outras vozes e respeitando a voz que vem das exigências da interação, tem seu caráter singular[49].

7.2 ELEMENTOS COMPOSICIONAIS MACROARTICULATÓRIOS

7.2.1 CONFIGURAÇÃO ORGANIZACIONAL

Existe, para cada gênero de texto, um formato característico de organização das informações, uma configuração organizacional. A redação dissertativa de vestibular demanda que se determine um eixo discursivo direcionado à persuasão e que se articulem, sem rupturas, três unidades básicas - introdução, desenvolvimento e conclusão – formadas por parágrafos, também articulados entre si, sem rupturas, nos quais se concentram núcleos de discussão.

Pressupondo a dinamicidade[50] do texto, os movimentos de retroação e de prospecção que promovem a tessitura do texto, foram consideradas as marcas relativas às estratégias de referenciação e de seqüenciação responsáveis por construir a coesão pretendida.

De acordo com esse aspecto, os textos foram divididos em produções com encadeamento total, “Nível A”; com encadeamento parcial de, pelo menos, dois parágrafos, “Nível B”; com fragmentação entre todos os parágrafos, “Nível C”; com construções

---

[48] Não necessariamente no texto inteiro, a identidade pode vir marcada em um trecho apenas.
[49] De maneira menos explícita, a seleção de conteúdos desenvolvidos no texto também confere voz ao texto, mas não foi objetivo deste trabalho analisar esse aspecto.
[50] Cf. Capítulo 4.

problemáticas especiais, “Nível D”. Textos que não satisfizeram a estrutura dissertativa foram separados em outro grupo, “Nível E”.

A Amostragem-347 é exemplo das redações pertencentes ao “Nível A”, redações sem fragmentação do eixo discursivo.

AMOSTRAGEM-347 – Configuração organizacional – Exemplar de “Nível A”

AMOSTRAGEM-347 **Treinamento**
Amizade: porque ninguém vive só *A amizade é uma forma de relação entre seres humanos que surgiu há muitos séculos atrás e persiste,até os dia de hoje, como uma das mais íntimas, concretas e valiosas relações já vivenciadas. Isso porque, certamente, cumpre a função de preencher vazios, satisfazendo necessidades de afeto e de companheirismo entre seres do mesmo sexo ou de sexos distintos. Não fosse por isso, a amizade já teria sido, partindo-se do princípio evolutivo, extinta, como tudo que não possui valor ou utilidade acaba sendo.* *Essa ‘não-extinção’ das relações de amizade remete uma antiga constatação de que nenhum ser humano vive só e de que ninguém é uma ilha, isolado em si. Os seres humanos foram programados para a interação, a comunicação e o apego; deixndo de lado o institnto completamtne selvagem e partindo para o campo da proteção, da confiança e da amizade, uma vez que possuem necessidades biológicas de partilhar sentimentos e experiências. Por esse mesmo fato tanto se vê em filmes, e mesmo na vida real, pessoas que, por alguma razão, foram isoladas do convívio social, apegarem-se a objetos, conversarem com eles ou então enlouquecerem por solidão.* *Partindo-se de tais princípios, torna-se incontestável o elogio à amizade e às constatações feitas desde a antiguidade por pensadores e na atualidade, por músicos e poetas, de que não se é feliz sem que se conheça a verdadeira amizade, especialmente nos dias de hoje, em que a constante pressa tornou as pessoas cada vez mais distantes, e o dinheiro, o poder e a inveja tornaram as relações cada vez mais superficiais, e as pessoas mais introspectivas.* *Não há dúvidas de que o homem precisa de outros seres para ser fisica e psicologicamente saudável, e é por tal rzão que a amizade figura entre as relações mais importantes e tradicionais, chegando a valer, para aqueles que a conhecem verdadeiramente, muito mais que dinheiro ou que reinos, como atestaria o pensador Montaigne. Não fosse por isso não haveria tantos adeptos aos sites de relacionamento, como o orkut e o MSN, que funcionam como uma extensão do convívio social, nem mesmo tantas pessoas chorariam abraçadas ao se separarem por qualquer motivo, ou mesmo em formaturas ao ouvirem os tradicionais versos “amigo é coisa pra se guardar, /Debaixo de sete chaves”...*

No texto, observamos o encadeamento adequadamente construído. Na introdução, o autor focaliza temporalmente a importância da amizade e sua função de *“preencher vazios, satisfazendo necessidades de afeto e companheirismo”*. Encerra o parágrafo introdutório com a afirmação de que, se não fosse por sua importância, a amizade já teria sido *“extinta”*. A idéia de extinção é retomada logo no início do segundo parágrafo, sob a forma de *“Essa ‘não-extinção’ ”*. Na seqüência, o autor discorre sobre as necessidades humanas de não viver

isolado. O terceiro parágrafo é vinculado aos anteriores por meio da expressão *"Partindo-se de tais princípios"*, que retoma as idéias de necessidade de *"afeto e companheirismo"*, de partilha de *"sentimentos e experiências"* e avança inserindo outro núcleo no qual afirma que *"torna-se incontestável o elogio à amizade e as constatações feitas desde a antiguidade por pensadores e na atualidade, por poetas e músicos"*, resgatando as citações da proposta. Ainda nesse terceiro parágrafo, são feitas considerações sobre as dificuldades da amizade no presente. Para finalizar, o autor reitera a necessidade do homem de viver com outros seres e sinaliza o valor da amizade, justifica-se com as idéias de Montaigne, com o fenômeno dos sites de relacionamento e com a idéia de tristeza frente à separação; conclui o parágrafo – e o texto - articulando os versos de Milton Nascimento.

A tessitura do texto se realiza a partir dos elementos de progressão referencial, marcados pelas expressões finalizadora do 1º parágrafo e introdutória do 2º (*"extinção"/ "essa não extinção"*) e pela expressão inicial do 3º parágrafo, que remete aos núcleos dos parágrafos anteriores (*"Partindo-se de tais princípios"*). A partir desse ponto, o vínculo se constrói por meio da inserção, adequadamente articulada, das referências da proposta.

A Amostragem-217 representa as redações incluídas no "Nível B" – redações com encadeamento parcial do eixo discursivo, com pelo menos dois parágrafos articulados.

AMOSTRAGEM-217 – Configuração organizacional – Exemplar de "Nível B"

AMOSTRAGEM-217
Na amizade, velhos clichês valem como verdade absoluta; "Ninguém vive sozinho" e, realmente, "o homem não é uma ilha". Não existe vida mais feliz do que aquela cercada por bons amigos.
A amizade talvez seja mais valiosa e altruísta que o amor: já nos dizia Vinícius de Morais que, enquanto o amor tem "intrínseco ciúme", a amizade se multiplica, se desdobra em várias outras amizades. Asssim, cria-se uma roda viva de amigos respirando uma esfera de bem estar comum.
Para a criança, a amizade desenvolve capacidades de sociabilização, de respeito, de doação. Na adolescência, define quem somos, do que gostamos, o que pensamos do mundo. Os amigos tornam-se referência e nos ajudam a construiur nosso caráter.
Mas até isso vem mudando com a modernidade. Sentimentos tão antigos quanto o próprio homem são abandonados. Na maturidade, o homem esquece ser e ter amigos. Tudo gira ao redor da eficiência, do empreendedorismo, da capacitação profissional. E quando envelhecemos, o que nos resta são diploma e dinheiro. Papel, apenas.
Entristece e preocupa saber que os que decidem e direcionam o mundo não têm a amizade em alta conta. Por isso, falta amizade entre os povos e surgem as guerras; falta amizade entre os indivíduos e aumentam casos de seqüestros, estupros e assassinatos; falta amizade pela natureza e se destrói, polui e contamina céu, terra e água.
A amizade tornou-se sentimento em extinção. Hoje em dia,até às crianças já se ensina a competição e a ambição desmedidas. As pessoas não são amigas, e sim

concorrentes. E ponto final. O mundo resumiu-se assim.

Não digo que amizade sincera é utopia: existem, sim, amigos incondicionais. Mas são poucos e cada vez mais raros. Talvez devêssemos torcer para que surjam por aí milhares de Pequenos Príncipes que, apesar de tudo, devotem sua mais profunda amizade e cuidado à mais egocêntrica das rosa. Aí, sim estaremos salvos.

Os parágrafos iniciais não apresentam vínculo entre si. No primeiro, a autora afirma que *"ninguém vive só"* e, no termo *"feliz"*, revela o que poderia ser interpretado como um valor da amizade. A palavra *"valiosa"*, que aparece no 2º parágrafo, entretanto, não constrói o vínculo porque o foco da discussão se desloca para a comparação entre amor e amizade. No terceiro parágrafo, inicia-se uma seqüência em que a amizade é enfocada na infância e na adolescência. A partir desse ponto, os parágrafos apresentam contigüidade. Opondo a amizade dos períodos de vida citados à maturidade, a autora introduz a mudança de valores para *"eficiência, empreendedorismo, capacitação, diplomas"*, que vai articular-se com o núcleo seguinte por meio da expressão *"os que decidem e direcionam o mundo"*, que menosprezam a amizade. No parágrafo seguinte, a autora discute a extinção da amizade devido a esse contexto. Inicia a conclusão dizendo que a amizade sincera não é *"utopia"* e remete-se à devoção do Pequeno Príncipe à sua rosa.

Entre as ocorrências de fragmentação parcial, "Nível B", destaca-se a conclusão não-decorrente, exemplificada pela Amostragem 191.

AMOSTRAGEM-191 – Configuração Organizacional – Exemplar de "Nível B" - Conclusão não-decorrente

AMOSTRAGEM-191

A primeira pedra

Em muitas relações existente no plano social da humanidade, uma se sobressai: a amizade. Mesmo na idade das pedras, a confiança entre humanos era essencial para a sobrevivência. Ao caminhar pelo tempo até o término da Idade Média, essa relação é cada vez mais intensa devido as batalhas. Desavenças a parte, atualmente a amizade é o alicerce de uma vida em comunhão com a sociedade em busca da felicidade.

As relações de confiança na pré-história fez perpetuar a espécie humana. A caçada a um mamute não poderia ser concluída com somente um homem, a tática e a amizade entre os habitantes da comunidade era essencial não só para sua própria existência mas também para a existência do bando.

Amizades que geram repercussões coletivas foram também praticadas por nobres no período do feudalismo. Naquele momento era praticado a vassalagem, que era o maior grau de confiança em que um nobre que possui terras abrigava outro nobre que lhe retornaria o favor com o auxílio na defesa do feudo. Esse pacto era indispensável para a sobrevivencia do feudo.

Como nessas épocas, a amizade continua sendo a peça chave que une povos e fortalece a existência de um ser, é uma exposição do amor e da preocupação para com a outra pessoa. Hoje a amizade, independente do nepotismo, é o que fortalece

uma indústria capitalista e gera oportunidades inéditas a algumas pessoas, pois ao contratar um amigo que seja responsável, além de trabalhar para garantir seu próprio sustento, ele se esforcará para não causar nenhum aborrecimento a quem lhe deu tal oportunidade. Essa confiança só traz benefícios para a produção e lucro da empresa.

O amor e a amizade sempre serão o alicerce da vida social indepedentemente do modelo econômico, pois como foi exemplificado, a amizade se adapta a todas as épocas que foram e que serão da humanidade.

O texto é desenvolvido em 5 parágrafos. No primeiro, o autor evidencia sua opção pela estratégia de organização temporal ao sinalizar a amizade *"na idade das pedras"*, *"até o término da Idade Média"* e *"atualmente"*. Anunciada a organização temporal, o texto mostra, na seqüência, um parágrafo dedicado à pré-história, outro à Idade Média e outro à atualidade. Embora rígida e previsível, a estruturação do texto apresenta contigüidade até esse ponto. Com o termo *"sempre"*, o eu-escritor-candidato procurou vincular sua conclusão ao que foi discutido, entretanto, fragmentou seu eixo discursivo ao inserir outros núcleos, "*amor"* e "*modelo econômico"*, não enfocados anteriormente; estabeleceu uma uma relação indevida de causalidade entre esses núcleos e a idéia de capacidade de adaptação da amizade às diversas épocas, o que torna a conclusão não-decorrente do exposto ao longo do texto.

Exemplar do "Nível C", a Amostragem-29 apresenta fragmentação entre todos os parágrafos.

AMOSTRAGEM-29 – Configuração Organizacional – Exemplar de "Nível C"

AMOSTRAGEM-29

VIDA PRA ALMA

Já dizia Cícero na Antigüidade Clássica: "Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do Sol", ou seja, assim como a Terra e os seres necessitam do Sol, da mesma importância o homem de amigos.

Todos querem estar em uma "rodinha" com muitas pessoas, nem que seja apenas para estar. Mas todos realmente procuram nesse "grupinho" a pessoa com quem se espera: contar os maiores segredos, cometer as maiores "gafes" e passar não só alguns dias juntos, mas também o resto da vida, para poder dizer seguramente: "não tenho um colega, tenho um amigo".

A amizade é uma honra, um presente de Deus, uma obra do tempo, aquecida e lapidada a cada discussão, a cada tristeza, a cada alegria, a cada telefonema e a cada dia. A cada dia como o Sol, brilhando e aquecendo a Terra, fazendo florescer nela, sua maior beleza: a vida.

O homem não possui apenas um corpo e um espírito, mas também uma alma, sentimentos e um coração. Este último relembra a famosa "Canção da América" quando diz: "amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração...". dentro do coração guarda-se o melhor da vida: o amor, Jesus, a família, a pessoa amada e o amigo.

Se não houvesse escuridão, o que a luz iluminaria? Se não houvesse verdadeiros inimigos, como a amizade formaria amigos?

Portanto, mesmo em meio ao mal das guerras de hoje, ainda há o bem da

amizade verdadeira, e quem encontra um amigo, encontra vida pra alma, alegria nos óssos e saúde pro corpo.

Na Amostragem-29, não há marcas de retroação, há a inclusão de novos núcleos de conteúdo sem que esses sejam vinculados a elementos anteriores. Há itenização. O conectivo *"portanto"* presente no último parágrafo não constrói o vínculo entre a conclusão e os aspectos desenvolvidos ao longo do texto; a relação entre a conclusão e aquilo que a precede não é de conseqüência.

Os textos desse grupo revelam a preocupação do eu-escritor-candidato em incluir dados no texto, no movimento de prospecção, sem atentar para a retroação necessária à construção do encadeamento.

A Amostragem-76 representa uma das impropriedades verificadas em redações do "Nível D". O texto não apresenta conclusão.

AMOSTRAGEM-76 – Configuração Organizacional – "Nível D" – Texto sem conclusão

AMOSTRAGEM-76

Longa Data

Amigo: alguém em que se possa confiar, alguém que está ao seu lado não somente em momentos de alegria, mas também nas horas de aperto. Aquela pessoa que conhece seus medos, suas angústias e suas emoções mais profundas.

A amizade não é algo atual, ela está presente entre nós desde o momento em que a confiança prevaleceu sobre uma relação, assim como se tornou tão importante quanto o amor.

Mas a verdadeira amizade, aquela que se constrói com o passar de longa data, não é fácil de se conseguir. Porém, aquela amizade superficial, (onde a internet, através do site de relacionamentos "Orkut", é um claro exemplo atualmente) é extremamente fácil de se alcançar.

A amizade não se compra como se fosse uma bala na padaria, se conquista através de pequenos atos. Atos esses que são feitos na correria do dia-a-dia, que muitas vezes´passam despercebidos por seus feitores, mas marcam a pessoa, a qual o recebeu. A amizade constrói relações que duram para sempre, muitas vezes, impossíveis de se esquecer.

Outra impropriedade incluída nesse grupo tem exemplar na Amostragem-219, a qual apresenta circularidade: a cada parágrafo, repete-se a definição de amigo/amizade.

AMOSTRAGEM-219 – Configuração Organizacional – "Nível D" – Circularidade

AMOSTRAGEM-219

Para sempre

Todos os seres humanos são cobrados constantemente, seja em questões

profissionais, familiares ou de lazer e muitas dessas cobranças fazem com que se de o máximo, e nem sempre é possivel ultrapassar todas as barreiras impostas, só, e aqueles que nos acompanham para nos dar força são os amigos ditos para sempre.

Mas ao se dizer a palavra amigo, surge a duvida de quem são seus amigos, ou o que é ser amigo.

Amigo nada mais é do que aquele seja qual o problema empresta o ouvido para as lamentações, busca o auxilio para as dificuldades de seu companheiro, é a família que esta la quando se precisa dela e como diriam os trovadores em suas canções de amigo em que citam o amor em sua forma simples e real, demonstrando que não se procura apenas um amante para se passar o resto da vida mas também um amigo.

Este companheiro que em muitas vezes sabe mais do amigo que de si proprio, e ao pensar no amigo sabe que com ele ocorre o mesmo, é a pessoa em algumas vezes tem-se a vontade de que haja pequenas discuções, para que ocorra o agradavel momento de uma reconsiliação e os amigos no final sempre se entendem apesar de não saberem nem mesmo o porque.

Tal amigo é o verdadeiro e apesar de sua busca poder ser longa, ela torna-se recompensadora, pois é aquele que em sua dificuldade, vale mais do que milhares de conhecidos e nunca desistiria de estar ao seu lado em auxílio, mostrando que a palavra amizade é infinita.

Na Amostragem-49, há dois planos de escrita. O primeiro corresponde aos padrões dissertativos de impessoalidade; o segundo apresenta tratamento diverso em que se estabelece, com o leitor, grau maior de intimidade. Essa alteração de enfoque ocorre no terceiro parágrafo, ocasionando ruptura no texto.

AMOSTRAGEM-49 – Configuração Organizacional – Exemplar de “Nível D” - Mudança de enfoque.

AMOSTRAGEM-49

Simplesmente ser amigo

Nos tempos atuais, bem como em todos os tempos, a amizade é um dos sentimentos mais valorizados pela maioria dos seres humanos, pois por muitos é considerada essencial para que se possa afirmar que a vida realmente vale a pena.

Devemos tomar muito cuidado ao chamar alguém de amigo, antes precisamos entender o real significado da palavra, para só assim poder afirmar com certeza se determinada pessoa pode ser assim considerada como amigo ou como simples colega.

Amigo é aquele que te entende, que te aconselha, que te ouve, que te elogia mas que também dá bronca quando necessário, aquele que está disposto a ficar em casa com você em pleno sábado a noite simplesmente porque você sofreu uma desilusão amorosa e está precisando de um ombro para chorar, é aquele que conhece sua família e já se sente parte dela, uma pessoa assim realmente merece ser chamado de amigo.

Muitas vezes brigas bobas separam essas pessoas, e talvez por insegurança ou orgulho acabam por não tomar a iniciativa de reatarem a convivência, mas, se a amizade for realmente verdadeira, podem se passar semanas, meses e até mesmo anos, ela volta com a mesma força e sentimento de antes.

Amigo irmão, amigos de escola, amigo de trabalho, seja lá qual for a denominação desejada, o que importa é ser amigo. Amar e respeitar a outra pessoa como a nós mesmos, pois só com amizade e união conseguiremos levar o mundo para frente.

Ilustrativa do “Nível E” - redações comprometidas em relação à forma dissertativa - a Amostragem-83 revela um texto em que os parágrafos de introdução e de conclusão têm caráter dissertativo; vinculados a ambos, dois parágrafos narrativos correspondem ao desenvolvimento. Embora apresente seqüenciação adequada no plano das idéias, a ruptura provocada pelo predominante trecho narrativo compromete a pertinência temática relativa à dissertação.

AMOSTRAGEM- 83 – Configuração Organizacional – Exemplar de “Nível E” – Inclusão de outro gênero de texto

AMOSTRAGEM-83

Amizade: A VERDADEIRA ARTE DO ENCONTRO

“A vida é arte do encontro embora hajam tantos desencontros pela vida”. Esse é um trecho de uma canção de Vinicius de Moraes, poeta brasileiro. Frase simples, direta mais muito profunda e verdadeira. Características que facilmente poderiam ser atribuidas a uma verdadeira amizade. Sentimento conjugado pelo verbo compartilhar. de uma maneira ampla. Compartilhar vitórias, derrotas, alegrias, tristezas e belezas. Conjugação tal, que se expressa por fazer da amizade algo sem prazo de validade e com extrema logevidade.

Nesse sentido, um conto chinês, dos inseparáveis amigos Chung-tsen e Lou-Li, simboliza a profundidade, atualidade e longevidade desse sentimento. Nos tempos do Império da Manchúria, na velha China, o Imperador Manchú chung-tsen, estava às vésperas de tomar o poder de seu grandioso império. O detalhe é que o mesmo tinha apenas quatorze anos. Nesse dia, o seu melhor amigo Lou-Li, jovem também, lhe presenteou com um livro de apenas três páginas. Ao entregar o presente, Lou-Li passou a seguinte instrução: “leia a primeira página no momento mais difícil do seu reinado, a segunda no dia mais feliz de sua vida e a terceira quando pensar na nossa amizade”.

Quase vinte anos depois, houve duas grandes pestes que devastaram grande parte da população da Manchúria, reino do Imperador chung-tsen. Nesse momento, o mesmo abriu a primeira página e estava escrito: “Isso passará”. Realmente a peste se exauriu e a Manchúria se fortaleceu ainda mais com o episódio.

No dia do casamento do filho de Chung-tsen com a herdeira do Império da Mongólia, vizinha da Manchúria, a felicidade era extrema. Além de estar feliz pelo matrimônio, essa união representaria uma grande ampliação de poder para a família. Sendo assim, decidiu ler a segunda página que dizia: “Isso também passará”.

Tempos mais tarde, quando Lou-Li faleceu, amigo que havia acompanhado o Imperador em todos os momentos, o já velho e triste Imperador abriu a terceira e última página do livro que continha o seguinte: “Isso nunca passará”.

Portanto, a verdadeira amizade está presente nos momentos mais duros para nos servir de anteparo, nos momentos de glória para nos lembrar do valor da humildade e em todos os momentos para dar à vida o sentido de compartilhar. A estória dos dois chineses nos ensina isso tudo e ainda nos mostra que podemos discordar do poeta Vinícius, porque a verdadeira amizade é um encontro que supera os desencontros.

A Amostragem-108 não atende à estrutura dissertativa por ser uma crônica. O texto é narrativo e voltado à reflexão.

AMOSTRAGEM-108 – Configuração Organizacional – Exemplar de "Nível E" – Crônica

AMOSTRAGEM-108
A piscada de Luísa *Eu tinha quatorze anos e era minha segunda semana no 1º colegial. Tinham sido as duas piores semanas da minha vida, pois estudara todo o primário e ginásio em outro bairro, em uma escola perto da casa de minha avó materna, onde eu ficava após as aulas, até que um de meus pais voltasse do trabalho para me buscar.* *Era o intervalo entre as aulas e eu estava num canto da escadaria da quadra de esportes, sentada nos degraus, mastigando sanduíche de presunto e solidão, quando Luisa se aproximou de mim e disse que precisava me contar que há pouco havia beijado Fernando e os dois estavam namorando. O sanduíche havia atravessado meu esôfago como um foguete sendo lançado. O que havia dado naquela guria para me dizer uma coisa dessas, assim, sem mais e nem menos? Nós nem nos falávamos na sala! Luisa simplesmente piscou um de seus olhos castanhos e disse "é que eu confio em você".* *Nunca entendi como Luísa, aos 14 anos, pôde decidir que eu seria sua amiga e confidente, com fui, durante toda a sua vida.* *Todas as formas de amor são, na verdade, formas de amizade.* *O que faz o amor entre os apaixonados ser duradouro, senão a amizade, que liberta o ciúme, alimenta a tolerância e transforma o maremoto de dúvidas em calmaria de sentimentos profundos? E o que dizer da entrega de uma mãe ao seu filho na árdua labuta de transformá-lo num verdadeiro homem. O que seria isso senão a amizade que, desprovida de vaidade, se deixa vestir por outro sentimento?* *Hoje vejo minhas duas filhas, que elegem uma "melhor amiga"a cada mês, e rezo para que um dia uma adolescente de 14 anos, sorridente, loura e de olhos castanhos pisque para elas.* *Luisa morreu. Morreu ontem.*

A Amostragem-112[51] distancia-se da característica dissertativa por estruturar-se como fluxo de consciência. As idéias são colocadas umas após as outras sem preocupação com a totalidade do texto, com o ponto de chegada. No exemplar, nem mesmo a paragrafação, importante elemento coesivo, aparece.

AMOSTRAGEM 112 – Configuração Organizacional – Exemplar de "Nível E" – Fluxo de consciência

AMOSTRAGEM-112
"Não me deixem só", clamou atônito o então presidente, ... que estava pelas pressões que partiam de todos os seguimentos sociais. Esquecidos do apoio que lhe

[51] A caligrafia quase ilegível e as rasuras interferem negativamente na leitura da Amostragem-112 dificultando a reconstrução dos sentidos (Cf. Anexo 4).

emprestaram no momento-anterior. Desbragadamente buscava os correligionários, os companheiros. Buscava os amigos. Mas, naquela hora, até os amigos lhe faltaram. Certo que infringira normas éticas, morais e legais. Poucos, porém os que incondicionalmente se mantiveram fieis ao pacto de amizade. Em situações limítrofes, como a reportada, os liâmes, se não reais, se fazem frageis, Os que lhes apresentaram foram só os interesseiros. Mas e o amigo, no comum das vezes, quem é ele? O homem posto nesta existência, por si, sucumbe. A par das relações filiais e fraternais, que são impostas pela vida (que por vezes se éxpressão de forma a vicejar a verdadeira amizade), existe, ou se busca a existência da amizade. Mas no que ela consiste? Aqui o homem busca a felicidade. E na ânsia da busca perde-se, pois os caminhos aparentes são tantos. E só, por si so, o homem não chega ao ponto que busca. Só, nem sai. Por intuição busca, primeiro, o seu semelhante. O circunstante, que por vezes é o único que divisa. Mas , aos poucos, poderá ser, o interlocutor ao qual relatará seus anseios, suas dúvidas, suas desventuras, seus planos, suas inseguranças, enfim, serão seu espêlho a propiciar o autoconhecimento pregado por Platão. Na conversa entre amigos, a introspecção precede a palavra. Havendo empatia, esse interlocutor, esse amigo sera instrumento de evolução, sendo a reciprocidade possibilidade que valorizará a relação. A amizade tem muito de companheirismo, mas é muito mais, na medida em que incorpora a doação desinteressada. De certo, a grande revolução que está ainda por vir terá seu mote na amizade, que deverá ser profunda, altruísta, geral, dando eco ao exemplo e ensinamentos de Cristo. Mas isso ainda está na esfera da utopia, embora os fundamentos estejam à disposição. Enquanto isso, os poetas e os trovadores tecem lovor à amizade. E a nos todos, o legado do egoísmo.

À parte das categorias e das classificações até aqui apresentadas e discutidas, duas ocorrências relativas à Configuração Organizacional merecem ser destacadas[52].

A Amostragem-42 diferencia-se entre os diversos textos por apresentar uma forma muito peculiar de construção do eixo discursivo. O autor utiliza-se da imagem de um iceberg, vinculada às idéias de Freud, para estruturar seus comentários.

AMOSTRAGEM-42 – Configuração Organizacional – Exemplar com construção diferenciada

AMOSTRAGEM-42

Amizade naufragada

Quem sou eu é a pergunta que perturba o homem ocidental desde que Freud nos transformou em um "icebrg", divididos em uma parte exposta e manipulável e outra submersa em águas turvadas por nossos reais desejos. Nosso conceito de amizade reconhece um amigo naqueles em que encontramos afinidades e possiblidades. Mas é improvável perceber verdadeiras semelhanças quando não estamos completamente visível.

A principal influência do pensamento ocidental é o cristianismo. Jesus nos ensinou a amar a todos sem distinções e independente de afinidades. Ele sabia de nossos problemas com as águas turvas. Jacinto e Zé Fernandes seguiram o conselho divino, mesmo superficialmente distintos em seus ideais, mantiveram um relacionamento verdadeiro em essência, que possibilitou a ambos conhecer melhor seus desejos profundos.

Porém o que mais encontramos são amizades entre Bentinhos e Escobares.

[52] A classificação para textos com essas ocorrências seguiu os padrões definidos para a análise, de acordo com a adequação do modelo aos quesitos de encadeamento do eixo discursivo.

Aproximações baseadas no encaixe das partes expostas. Contudo o tempo mostra a rachadura provcada pelo choque embaixo d'água, possivelmente evitado com um olhar para o submerso. Relacionamentos assim são propagados pelo mundo digital, pertencemos a redes de amigos virtuais, dos quais não conhecemos nem o que existe fora das turvalidades.

Encontrar um amigo, desses que se guarda a sete chaves, é raro. Por isso estamos nos enterrando em nossas "casmurices". Não temos com quem dividir nossas angústias e alegrias de forma verdadeira a indústria farmacêutica agradece, nunca tantas síndromes foram tratadas.

A amizade é esse "titanic", tem todo potencial para reinar sobre os mares da humanidade. Todavia naufraga, erra ao focar os holofotes superfície acima e é danificado de forma irreversível pela ação de nossos verdadeiros desejos em ato de revolta contra a repressão a qual impomos a eles.

Os vínculos se fazem por expressões que são retomadas a cada parágrafo: o cojunto de expressões *iceberg--submersa-águas turvadas-visível*, no primeiro parágrafo, são retomadas por outro conjuto, *as águas turvas - partes expostas - embaixo d'água – submersa – turvalidades – titanic - naufraga – superfície acima*. Os termos *"desejo"*, *"turvadas"*, *"turvalidades"*, *"submersa"* vinculam a imagem do iceberg às idéias de Freud. Os termos *"o homem ocidental"* e *"pensamento ocidental"* não garantem o vínculo do primeiro para o segundo parágrafo, as idéias desenvolvidas só se relacionam no meio do segundo parágrafo, quando aparece *"Ele sabia de nossos problemas com as águas turvas"*, ponto em que Freud e Jesus são vinculados. O conectivo *"porém"* expressa a contraposição entre tipos de amizade: aquela entre Jacinto e Zé Fernandes e aquela entre Bentinho e Escobar. As relações iceberg-Freud aparecem no terceiro parágrafo, garantindo a continuidade. O quarto parágrafo retoma o terceiro por meio do termo *"casmurrices"*. Na conclusão, *"titanic"*, *"náufrago"*, *"superfície acima" e "desejos"* retomam a totalidade da discussão. Apesar de um pouco fragilizado, o encadeamento das idéias ocorre em uma construção diferenciada da maioria dos textos analisados.

Duas outras redações apresentaram estruturas que, de modo semelhante ao da Amostragem-42, optaram por criar uma forma figurada de encadear o eixo discursivo.

Outra ocorrência a ser destacada é a utilização de modelos de estruturação de texto. Muitas redações parecem ter sido construídas com um molde de conectivos, pressupondo-se que a simples presença desses termos pode garantir o encadeamento. A Amostragem-175 é exemplo desse tipo de texto pré-moldado.

AMOSTRAGEM-175 – Configuração Organizacional – Estrutura pré-moldada

AMOSTRAGEM-175
Vivemos em uma sociedade regida pela ordem neoliberal, que possui como característica o patrimonialismo, o consumismo, o individualismo, entre outras características. Estas definições refletem em todos os patamares de nossa vida, desde a economia até as relações pessoais e é nesta última que o individualismo e o patrimonialismo mais se afloram, corrompendo a noção de amizade. *Desde a Antigüidade Clássica até os dias atuais, com compositores como Caetano Veloso e Milton Nascimento, a amizade é retratada como algo importante, de suma felicidade, porque não há nada mais agradável que poder dividir as angústias e os momentos felizes com um parceiro, pois ao dividir sentimentos com um amigo, há uma ajuda mútua e ambos crescem juntos, ensinando e aprendendo, o que confere em uma melhoria no bem-estar e na sociedade, pois a sociedade cresce com as pessoas que se ajudam.* *Mas tanto os gregos, como os filósofos do século XVI, como Montaigne, já diziam que os homens que se privam de uma amizade são infelizes e o próprio Montaigne dizia que é muito fácil achar homens que querem possuir amizades superficiais, de interesse e é extremamente difícil achar homens que sejam honestos e que consigam possuir uma amizade sem interesses.* *Deste modo, Montaigne é tão contemporâneo ao dissertar sobre amizade do que qualquer outro compositor ou pensador dos dias atuais. Ao falar que é muito fácil achar homens que querem possuir relações de amizade por interesse, ele nos remete aos dias de hoje, pois nessa sociedade neoliberal, as pessoas só mantém amizade por interesse; as pessoas são individualistas e querer manter uma relação com outra pessoa é totalmente irreal nessa lógica neoliberal.* *Assim, no mundo de hoje, no qual ser melhor a qualquer custo é o que importa, não há uma relação verdadeira de amizade, e sim, uma relação superficial. As pessoas não pensam mais nas outras, não querem dividir experiências, pois é muito sacrificante ter que ouvir o que a outra pessoa tem a dizer, já que o individualismo é muito forte na nossa sociedade e, portanto, ter um amigo é considerado retrógrado na nossa sociedade atual e o que importa é consumir bens materiais, o que resulta em uma estagnação social, já que se as pessoas não querem progredir juntas, a sociedade também não progride.* *Portanto, as relações de amizade, nos dias de hoje, estão muito deturpadas do seu real sentido, que é a de uma ajuda mútua, com crescimento de ambos. Atualmente, a amizade é apenas vista como mais uma questão de conveniência do que uma questão de progresso social, já que o individualismo rege as nossas relações, o que resulta em uma sociedade estagnada, já que as pessoas não querem crescer, mantendo relações reais de amizade.*

A seqüência verificada nos textos modelares: conectivo temporal, como *"Desde a Antigüidade Clássica"*, seguido de um conectivo de contraste, a exemplo de *"mas"*; na conclusão, um conectivo de conseqüência, *"portanto"*. Em algumas redações, os conectivos foram aplicados inadequadamente, uma vez que a relação entre as partes vinculadas eram diferentes daquelas expressas pelos elementos de coesão.

Outra forma modelar vem ilustrada a seguir, na Amostragem-38. A conclusão retoma a introdução além de apresentar uma espécie de coleta do que foi desenvolvido.

AMOSTRAGEM-38 – Configuração Organizacional – Estrutura pré-moldada

AMOSTRAGEM-38
Eternamente válida *Reflexões sobre sentimentos tão íntimos nunca perdem seu valor, não importa de que época, autor ou origem, todos valem como fonte de estudos e incentivo para refletir.* *Sempre que lemos, qualquer que seja o argumento relacionado com amizade, sempre nos identificamos com algo presente no texto, e quando achamos essa identidade, confirmamos a validade das mesmas e as consideramos adequadas para os dias atuais.* *A amizade vem sendo divulgada sempre pelos meios mais procurados, hoje em dia você encontra na mídia diversas formas desse exemplo de abordagem, em bancas de jornais você encontra diversas revistas, em programas televisionados em rede aberta temos abordagem de problemas familiares e individuais cuja amizade é foco de tudo, temos ainda a Internet cuja a mesma apresenta facilidades para se encontrar tópicos de reflexões abordando amizade.* *Como telespectador, leitor, usuário da rede cybernética e amigo de muitas pessoas, concluo que a amizade é fundamental para se criar grupos, comunidades e até mesmo nações. O mundo de hoje não existiria se a amizade também não existisse, se houvessem apenas inimigos teriamos apenas destruições.* *Portanto, a amizade como objeto de reflexões e elogios, sempre será válida não importando autor, época ou origem.*

Os termos *"autor"*, *"época"* e *"origem"* regem a introdução de núcleos no desenvolvimento, os quais são retomados no 4º parágrafo, quando se inicia a conclusão, por meio das expressões *"telespectador"*, *"leitor"* e *"usuário"*. No último parágrafo, aparecem, encerrando o texto, os mesmos termos da introdução "autor", "época" e "origem".

Ocorrências como as exemplificadas anteriormente podem ser associadas à concepção de que os padrões relativos às formas composicionais são rígidos. São ecos de vozes da tradição e da escola. Como já foi discutido[53], no meio escolar, são apresentados modelos aos alunos e recomenda-se que se obedeça a tais modelos quando da composição dos textos. Algumas vezes, e não poucas, os padrões não são sugeridos, mas impostos, pela instituição que ensina o padrão ou pelo próprio aluno que escreve.

Parece que, em certa medida, há uma distorção a respeito do uso de modelos na redação dissertativa de vestibular. Esse gênero de texto permite a expressão mais livre e pode, por isso, evocando as palavras de Bakhtin (2000, p.283), "[...] refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)". Assim, os modelos deveriam ser apresentados como referência, com a qual o eu-escritor-candidato poderia dialogar e elaborar um formato próprio, em que o Português não cindisse, como ocorre com aqueles eus-escritores-candidatos que se utilizaram

[53] Cf. Capítulo 5.

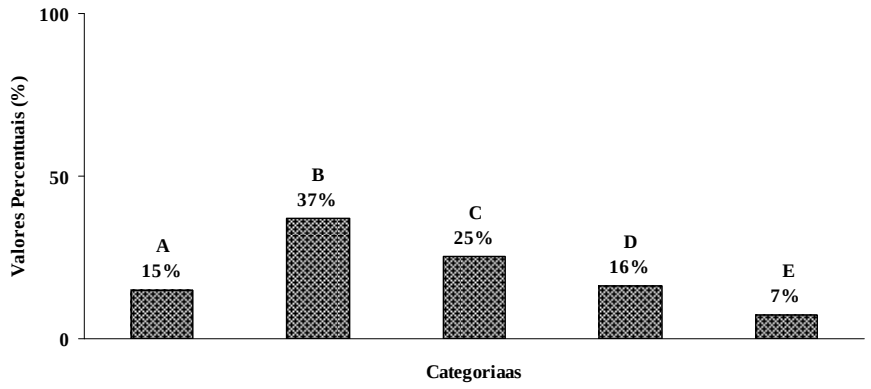
do “modelo-lei” e impediram, com isso, a articulação adequada de sua forma de construir o eixo discursivo.

A Tabela 3 e o Gráfico 3 informam sobre os índices quantitativos de cada categoria de análise para a Configuração Organizacional:

Tabela 3 – Perfil dos Elementos Composicionais Organizacionais

	TOTAIS	
Categorias	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	58	15
B	136	37
C	92	25
D	60	16
E	27	7

Gráfico 3 – Perfil dos Elementos Composicionais Organizacionais



Considerando-se o total de textos, predominam redações com fragmentação parcial do eixo discursivo, “Nível B”, num total de 136 (37%); seguidas por textos com fragmentação total, “Nível C”, 92 redações (25%). Foram 58 (15%) os textos que apresentaram encadeamento total, “Nível A”, e 60 (16%) correspondem às redações com “construções problemáticas diversas”, Nível “D”; percentuais bem próximos. Em 7% das amostragens, 27 produções, a forma dissertativa não foi respeitada, “Nível E”.

Dificuldades são perceptíveis no âmbito da construção do eixo discursivo. Em 288 textos (78%), somatória dos níveis “B”, “C”, “D”, os conteúdos não se apresentaram organizados, encadeados em um eixo contínuo, articulados. Limitados pelos moldes estruturais ou moldes de conectivos, pouco hábeis em aplicar os mecanismos de retroação ou prospecção, os eus-escritores-candidatos não tiveram êxito na construção da tessitura de suas expressões. Mesmo nas 58 redações (15%) que apresentaram encadeamento total, a dificuldade se revela: estruturas rígidas, muitas vezes pré-modeladas, pré-formuladas e não adaptadas, negociadas. Emerge o descompasso completo entre as formas do saber-dizer e do dever-dizer nos 27 (7%) em que não se soube-dizer no formato requisitado. É a segmentação dos textos expondo o cisma da língua do eu-escritor-candidato diante da língua do outro-leitor-banca.

7.2.2 REMISSÃO EXTRA-TEXTUAL

Fiorin (2006) define três conceitos de dialogismo em Bakhtin. Há o dialogismo denominado constitutivo, que corresponde à idéia de todo enunciado se constituir a partir de outros. Há, também, o dialogismo relacionado à responsividade, à constituição do sujeito por este estar sempre em relação com o “outro”. Em mais uma acepção, o dialogismo trata da incorporação das vozes alheias como forma composicional, feita por meio de citações diretas, bem demarcadas, nomeadas, por Bakhtin, *discurso objetivado;* ou por meio da internalização dialogizada da palavra do outro, em que os limites entre os enunciados do “citante” e do “citado” não são nítidos (chamado, por Bakhtin, *discurso bivocal*).

Sem se desconsiderar que as três dimensões dialógicas se articulam simultaneamente quando da composição das redações, a terceira toma corpo quando o eu-escritor-candidato, por meio da remissão à Coletânea da Proposta Temática ou a referentes de seu universo de conhecimento, realiza a construção da Pertinência Temática – Assunto ou desenvolve suas digressões demonstrando Erudição Enciclopédica de Conteúdo.

7. 2.2.1. PERTINÊNCIA TEMÁTICA - ASSUNTO

A pertinência temática é aspecto fundamental em gêneros relacionados a processos seletivos por figurar como um dos critérios de avaliação do texto. Verifica-se, por meio da

construção da pertinência temática, entre outros aspectos, a proficiência do candidato em interpretação, em construção de vínculos coerentes entre os conteúdos da proposta e as idéias que ele quer levar ao papel, além de seus conhecimentos sobre o assunto.

Para garantir o desenvolvimento do texto de acordo com o assunto evocado na proposta, parte dos candidatos, 196 (52%), optou por enfocar o tema de modo generalizado, utilizando-se do *discurso bivocal*, como ilustra a Amostragem-228.

AMOSTRAGEM -228 – Pertinência temática - Assunto – Enfoque generalizado - Exemplar de categoria "A"

AMOSTRAGEM-228

Amizade: substantivo tratado como verbo

Algumas ações são inerentes ao ser humano, como a necessidade de se expressar e de compartilhar. Por isso vivemos em sociedade. No entanto, só a sociedade não supre completamente esse desejo de compartilhação. É necessário algo mais restrito: a amizade. Pois são nas amizades onde podemos expressar o que mais aflinge nossa existência.

Como amizade é expressão, se ela fosse um verbo seria transitivo direto, cujo objeto direto seria o amigo e a transitividade se dá pela cumplicidade. Portanto, amizade é uma relação de correspondência entre duas pessoas. Quando isso acaba, cessa a relação. Por isso acumulamos tantas amizades finitas – se não há mais o interesse comum do início ou outro não fora desenvolvido o elo se rompe. E nem sempre esse rompimento dá-se propositalmente. Apenas acontece, pois mudamos constantemente de interesses. Quem não se lembra de uma antiga amizade da infância e que hoje não faz parte de nossa realidade? Isso é um exemplo de correspondência finita.

Além de correspondência, a cumplicidade entre duas pessoas se realiza quando há segurança em relação ao sentimentos compartilhados. Estar seguro numa relação é garantir sua existência. Eis porque relações superficiais são mais rotineiras e abundantes. Nelas não há necessidade de lealdade, de transitividade de sentimentos e emoções. Apenas a existência de interesses em comum e que podem ser supridos momentaneamente. Como quando certa indignação é compartilhada com um estranho na fila do banco ou um trabalho acadêmico é realizado por colegas.

Atualmente essas relações superficiais se realizam em maior número do que as longas amizades. Não que estas perderam sua importância, mas com o fenômeno do crescente individualismo a inter-relação humana é menos cotidiana.Logo, o círculo de amizades diminui e aumentam tais relações em que não é preciso tanta entrega pessoal.

Entrega pessoal que, por sinal, é imprescindível nas amizades. Precisamos desabafar, rir e contar nossas histórias não para nosso espelho ou travesseiro, mas para alguém que também quer desabafar, rir e contar suas histórias. Quer transitar na cumplicidade e se dirigir ao objeto que, por escolha, chama de amigo. Mais que tudo isso, o ser humano transforma, assim, um substantivo abstrato, a amizade, em algo tão concreto que o vivencia como se fosse um verbo, em todas as conjugações, em sua plena ação.

A Amostragem-228 revela o desenvolvimento do assunto requisitado, "amizade", enfocado de modo a abstrair possíveis interpretações dos textos da Coletânea, como importância da amizade e do amigo, relação de lealdade, amizade nos dias de hoje, ali

enfocadas. Redações assim constituídas foram agrupadas na categoria "A", textos com enfoque temático genérico, como se verá mais adiante.

Outra parte dos vestibulandos, para construírem, em seus textos, a pertinência temática, optaram por introduzir, em suas produções, referências mais específicas à Coletânea, empregando o *discurso objetivado*. As formas de inserção[54] das referências vêm expostas a seguir.

Há textos em que o eu-escritor-candidato remete o outro-leitor-banca à Coletânea mencionando os autores com seus nomes ou suas atribuições ou mencionando idéias dos textos. Exemplo dessa forma de registro ocorre no excerto da Amostragem-270:

> *A amizade, assim como a felicidade ou o amor, é fonte inspiradora de inúmeras reflexões desde tempos muito antigos, provavelmente pela complexidade de tal relacionamento, se este for de fato sincero.*
>
> *Vários pensadores e filósofos, ao longo da história, opinaram sobre os amigos e como suas vidas seriam " mais amargas" sem eles.*

O leitor associa *"vários pensadores e filósofos"* a Montaigne. A construção empregada no exemplo não compromete a apreensão do sentido, mesmo que o leitor desconheça a proposta.

Em outros textos, como ilustrado na Amostragem-80, os vestibulandos recorreram à transcrição de trechos. Na redação da Amostragem-80, observa-se o encaixe adequado do excerto na seqüência: *"Respondendo Cícero em Da Amizade, não há nada de 'mais doce do que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo.' "*

AMOSTRAGEM-80 – Pertinência Temática – Assunto - Exemplar de transcrição

AMOSTRAGEM-80
É para se guardar *O conceito de amizade as vezes é muito restrito e as vezes idealizado. Espera-se que o amigo seja aquela pessoa que sempre sabe o que o outro está pensando e sentindo, que o defenda, não o julgue e ainda sofra junto. Infelizmente não é sempre assim e as vezes não é só isso.* *As vezes o amigo é aquele que magoa, justamente por ser amigo. Ele é o que precisa colocar no outro a noção de realidade, que julga e se omite para que o amigo encare seus problemas e defeitos de frente, crescendo e aprendendo algo. Uma boa amizade nem sempre é aquela que se mantém próxima, mas às vezes é aquela que mesmo distântes as pessoas fazem pequenas coisas uma pela outra.* *Respondendo Cícero em Da amizade, não há nada de "mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo". E mesmo não sendo recíproco você ama e gosta daquela pessoa porque ela te faz bem. E como um poema de Carlos Drummond de Andrade, "Eu te amo porque te amo, não precisas ser um bom amante pois nem sabes sempre sê-lo (...)".* *Por isso a amizade é um tipo de amor que vale a pena sentir e um bom*

[54] Fiorin (2006) e Bazerman (2006) propõem uma tipologia para essas ocorrências semelhante à aqui sugerida.

trabalho para exercer. E quando se é abençoado pela reciprocidade. você guarda "debaixo de sete chaves; dentro do coração".

Outros optaram pela paráfrase, como ilustra a Amostragem-210. No segundo parágrafo, o candidato registra:

> *"Como podemos ver, no texto de 'Cícero', ele nos conta que nossa vida seria escura e triste sem amigos, e que a amizade foi dada pelos deuses imortais exemplificando que sem amizade não vivemos; Já a canção de Milton Nascimento e Caetano Veloso nos mostra a amizade verdadeira [...]"* (Amostragem-210)

AMOSTRAGEM-210 – Pertinência temática – Assunto - Exemplar de paráfrase

AMOSTRAGEM-210

A Amizade

Há diversos tipos de amizade e de amigos; os "amigos do peito", a "amizade fraternal" e amigos que sempre estiveram conosco desde o ventre de nossas mães. Falaremos como vários tipos de amigos podem nos ajudar muitas vezes, ao enfrentarmos caminhos ruins em nossas vidas.

A amizade é um sentimento de ternura, amor fraterno e de muita confiança, que pode muitas vezes nos ajudar. Amigos são pessoas em que depositamos muito companheirismo e confiança. Existem os "amigos do peito", que são aqueles com quem podemos sempre contar, que nunca nos abandonará quando estivermos com algum problema, ou até, nos encobrirem muitas vezes de coisas erradas que estamos fazendo, como podemos ver, no texto de "Cícero", ele nos conta que nossa vida seria escura e triste sem amigos, e que a amizade foi dada pelos deuses imortais, exemplificando que sem amizade não vivemos; Já a canção de Milton Nascimento e de Caetano Veloso nos mostra a amizade verdadeira, os "amigos do peito" que estarão sempre em nossos corações ajudando-nos também. Todos os textos nos mostram idéias que podemos ver ainda nos dias de hoje, como por exemplo o caso das irmãs Mary Kate e Ashley Olsen, gêmeas que sempre estão juntas em tudo, até que um certo mês do ano de 2006, Mary Kate teve anorexia, então Ashley estacionou todo o seu trabalho e foi apoiar a irmã em seu tratamento, mostrando-nos uma cumplicidade, amor e apoio que está perdurando até hoje entre elas e muitas outras pessoas.

Por conseguinte sabemos os vários tipos de amigos, podendo ser um amigo irmão, ou até um amigo cachorro. Esses são exemplos de pessoas que nunca te abandonarão, mesmo nos momentos mais difíceis, tendo sempre em quem apoiar e confiar.

Outra forma de remeter o leitor à Coletânea vem ilustrada nos trechos das Amostragens-262 e 125, em que o eu-escritor-candidato rearticula o texto-fonte.

> *De qualquer forma, como Montaigne exemplifica em seu excerto, é fácil encontrar pessoas aptas a travar relações superficiais. Talvez ainda mais fácil nos dias de hoje, mas quem sabe uma intimidade sem reservas continue igualmente difícil.*(Amostragem-262)

> *Desde a Antiguidade, passando por todas as épocas, a amizade foi tema de reflexão para muitos pensadores e artistas. Cícero, Montaigne e Milton Nascimento deram a ela grande importância, [...]* (Amostragem-125)

Os termos *"relações superficiais"* e *"intimidade sem reservas"*, trazidos do excerto de Montaigne, aparecem articulados diversamente do original; há um novo arranjo de expressão. As idéias de Cícero, Montaigne e Milton Nascimento apresentam-se encapsuladas em *"deram a ela grande importância"*.

Analisadas as formas de remissão à proposta, empregadas nos textos, as amostragens foram reunidas em três categorias. Na categoria "A", constaram os textos que se referiram ao assunto de modo genérico, como a Amostragem-228[55]; em "B", as redações que registraram, de modo explícito, adequado e fluente, a Coletânea (por menção, transcrição, paráfrase ou comentário). Na categoria "C", foram reunidas as produções em que o eu-escritor candidato realizou,, inadequadamente, a remissão à Coletânea.

Na Amostragem-225, exemplar da categoria "B", os textos da proposta são habilmente articulados. No primeiro parágrafo, o locutor se apropria das palavras de Cícero para iniciar suas reflexões. No início do segundo parágrafo, por meio da expressão *"A frase citada"*, realiza um procedimento anafórico e resgata a idéia de Cícero, articulando-a, em seguida, às reflexões de Montaigne acerca da amizade.

AMOSTRAGEM-225 – Pertinência Temática - Assunto – Exemplar de categoria "B"– Remissão adequada

AMOSTRAGEM-225
FUNDAMENTAL FELICIDADE: PRESENÇA ETERNA DE GRANDES AMIGOS *Não há como ser feliz de forma completa sem que haja em nossas bases vitais grandes exemplos de fidelidade e apoio, presentes em uma boa estrutura familiar e em íntimas relações de amizade. Concordo com Cícero em "Da Amizade e utilizo a mesma indagação: "Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo?"* *A frase citada é a caracterização da vida entre amigos. Montaigne, no século XVI, conseguiu ser atemporal; são importantes as amizades "substituíveis" que não são levadas por toda nossa existência, mas que dão complexidade a períodos de nossa história; porém infinitamente mais importantes são as amizades de quem se contentaria ou se entristeceria com nossas vidas tanto quanto nós mesmos. Essas valeriam mais do que um "reino".* *Nas relações sociais de hoje há um grande problema: não se trocaria um reino por uma amizade. No auge do capitalismo em que vivemos, as relações humanas são subvalorizadas e facilmente permutadas por uma proposta materialista.* *É extremamente coerente que tenhamos amigos "por interesse". Quando nos aproximamos das pessoas porque elas possuem bom-humor, assuntos agradáveis, ou gostos parecidos com os nossos, estamos fazendo isso por qual motivo? Garantidamente o que unirá pessoas em uma verdadeira e profunda amizade serão as trocas de momentos interessantes. Entretanto, nos dias atuais, é comum pensar que uma íntima relação de amizade surgirá de transações econômicas.*

[55] Cf., neste trabalho, p. 83.

O erro das amizades modernas está na incapacidade de colocarmos os seres humanos à frente da ambição monetária. Alcançaremos sempre o máximo da felicidade possível se tivermos ao nosso lado grandes amigos durante os principais momentos das nossas vidas. Não estraguemos as amizades focando-as para a péssima disputa pelo dinheiro, precisamos da segurança dos amigos para crescermos.

Os exemplares a seguir pertencem à categoria "C", em que foram reunidos textos com problemas de remissão à Coletânea.

Na Amostragem-247, os excertos rompem, em certa medida, o fluxo verbal, como recortes justapostos.

AMOSTRAGEM-247 – Pertinência Temática – Exemplar de categoria "C" - Remissão com problemas de articulação

AMOSTRAGEM-247

Um certo amor

Há um amor que não é aquele amor de filme, o atual "romântico", no qual duas pessoas se encontram e são felizes para sempre.É um amor que ás vezes começa aos dois anos de idade e dura toda uma vida. E pode-se ter certeza que aquela pessoa estará sempre lá por você, sem a possibilidade de um divórcio. É esse o amor de amigo.

"Pode-se realmente "viver a vida" sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos?" Disse Cícero, na Antigüidade.

A norte americana Doris Allen criou, no século XX, uma espécie de ONG que relaciona o poder da amizade com a paz mundial. nessa organização, crianças do mundo inteiro reúnem-se em certo país para discutir problemas mundiais e conhecer novas culturas. neste um mês de convivência, os jovens criam laços incrivelmente fortes, que muitas vezes são levados pelo resto da vida. Assim, quando forem adultos e responsáveis por su-as ações, eles se lembrarão do valor dessas amizades antes de começar uma guerra.

O problema é que as populações vêm crescendo, e as relações tornando-se cada vez mais efêmeras. Disse Montaigne no século XVI: "pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas".

Conquistas, férias, viagens, perdas, experiências. Nada disso pode ser vivido sem alguém para compartilhar. São essas pequenas coisas que fazem a vida, portanto não pode-se deixar mais comum essas relações superficiais, descrita por Montaigne.

Há pessoas que esquecem o valor das relações que se tem na vida. o sucesso profissional e pessoal nunca trará o gosto compartilhar essa felicidade com alguém. E essas pessoas...não, elas não serão felizes.

Há rigidez na inserção da Coletânea na Amostragem-74. No primeiro parágrafo, os textos são anunciados; nos parágrafos seguintes, em seqüência nitidamente enumerativa, cada texto é parafraseado e comentado. O conjunto é levado à conclusão; ali, um comentário comparativo finaliza a redação.

AMOSTRAGEM-74 – Pertinência Temática – Assunto - Exemplar de categoria “C” – Remissão com problemas de articulação

AMOSTRAGEM-74
O valor da Amizade *Dentre as diversas relações que pode-se estabelecer entre os homens, a amizade é a mais nobre. De épocas distintas, os textos do tema trazem idéias de igual relevância, falando sobretudo sobre o valor da amizade.* *Cícero fala sobre a vida privada da experiência da amizade, comparando-a ao mundo sem sol. A metáfora não é especialmente original, mas a comparação é válida pela força com que explicita a importância da relação. Nesse texto, um aspecto peculiar é a espectativa de se encontrar um amigo com as mesmas idéias e sentimentos. Me parece melhor um amigo com idéias distintas e boa convicção, alguém com quem se possa discutir, aprimorando o pensamento de ambos.* *O texto de Montaigne ressalta a dificuldade de se estabelecer verdadeiras amizades. É fato: uma relação digna de tal classificação leva anos para ser construída. Das milhares de pessoas que conhecemos ao longo da vida das centenas com que convivemos diariamente, dificilmente dez seriam merecedores do cavalo do soldado citado na passagem.* *Das canções, a que traz a melhor questão é a de Caetano, que compara a amizade ao amor. Qual é superior? É uma pergunta complicada, até desagradável, porém, falsa. Proponho o seguinte exercício ao leitor: troque, nos outros textos, a palavra ‘amizade’ por ‘amor’. Verá que ainda fazem pleno sentido, e a razão é: uma relação de amizade é sobretudo uma relação de amor. Ambos são regidos pelas mesmas qualidades: admiração, apreço, sinceridade e respeito.* *Em suma, cada autor traz sua visão. Vão em direções distintas, cada qual com suas peculiaridades, mas uma idéia é central a todos: o grande valor que tem a amizade. Comparada ao amor, maior que um reino, melhor que o sol, “coisa para se guardar”.*

O texto da Amostragem-306, ao remeter o leitor à Coletânea da proposta, pressupõe a leitura prévia dos excertos. Esse procedimento, se não realizado adequadamente, como ocorreu no exemplar, confere, ao texto, imprecisão, uma vez que a apreensão das idéias passa a depender, em certa medida, de elementos localizados fora do texto. Dificuldades de compreensão podem ser encontradas quando da leitura da redação se o leitor não tiver conhecimento dos textos da proposta.

AMOSTRAGEM-306 – Pertinência Temática – Assunto - Exemplar de categoria “C” – Pressuposição

AMOSTRAGEM-306
Experiências virtuais *Em todos os autores o valor da amizade é muito estimado. Sobrevalorizam a amizade enquanto felicidade; prêmio maior; coisa valiosa guardada a sete chaves e, até, superior ao amor.* *Certamente em todas as épocas, a amizade tem estado acima das condições de classes sociais. Um escravo pode ser amigo de seu senhor na Antigüidade*

> *Clássica. Ou um negro africano ser amigo de um branco português no século XVI. E, mesmo na atualidade, constatarmos o fato de uma pessoa de posses ser amiga de outra desprovida de seus meios de sobrevivência.*
>
> *Entretanto, estamos assistindo a uma tecnicização sem precedentes nas relações humanas. Tal fato, que, em principio, dinamiza e amplia círculos de amizade vem se transformando em única ferramenta de contato com o mundo para alguns "internautas"(por exemplo: correios eletrônicos, comunidades como ORKUT etc).*
>
> *Assim, ao reletirmos sobre a amizade, verificamos que estão se tornando experiências virtuais. Mesmo ultrapassando barreiras de classe social existe, hoje, um complicador: a virtualidade. E isso coloca sérias questões sobre o que tem sido elogios da verdadeira amizade: suportar adversidades, limpidez, segurança, sentimento e superioridade.*

O leitor, logo ao iniciar o texto, depara-se com a expressão *"Em todos os autores"*, não encontra, no título nem na seqüência, nada que elucide sobre quem são esses autores e sobre o que eles disseram. O referente é externo ao texto; ao desconhecê-lo, o leitor pode não perceber certas nuances da discussão registrada.

Convém, ainda, a título de observação, registrar que, ao inserir as informações da proposta, o candidato pode se atrapalhar e realizar desvios, como o fez o vestibulando responsável pela Amostragem-213:

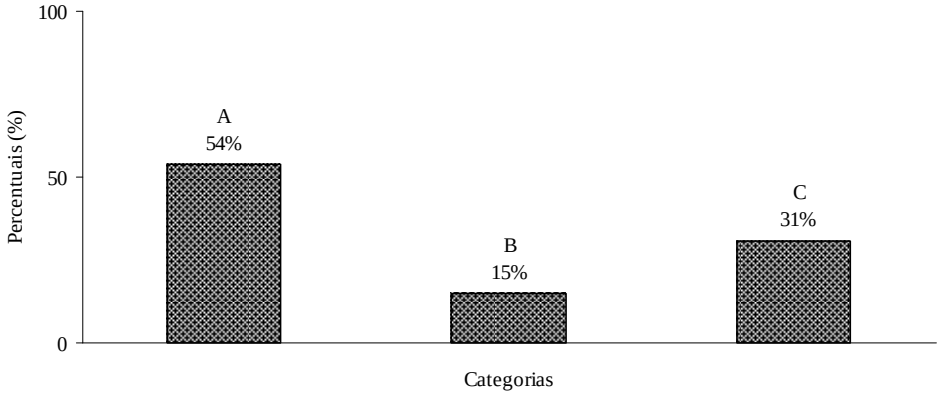
> *Numa história contada por La Montaigne, pensador do milênio passado, estaria Ciro a perguntar a um jovem soldado quanto precisaria ser pago em troca de seu cavalo ganhador de uma corrida, e o sábio dono teria respondido que daria o animal de bom grado se isto lhe rendesse uma boa amizade. Também lembrou La Montaigne da dificuldade que existe para que essas boas amizades apareçam.* (amostragem-213)

Na Tabela 4 e no Gráfico 4, apresentam-se os índices para a construção da pertinência temática:

Tabela 4 – Perfil de "Pertinência Temática –Assunto"

	TOTAIS	
Categorias	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	199	54
B	57	15
C	117	31

Gráfico 4 – Perfil de “Pertinência Temática – Assunto”



Os índices demonstram que a maioria dos candidatos optou por construir a Pertinência Temática de modo genérico (199, 54%). Dos 174 restantes (46%), que decidiram pela inclusão dos textos da Coletânea, 57 (33%) inseriram a Coletânea de modo adequado; em 31% dos textos, a articulação apresentou problemas.

A garantia da *Pertinência Temática – Assunto* não se limita ao desenvolvimento da idéia principal de uma proposta, nem da transposição ou da justaposição de fragmentos dos elementos que a compõem. Para assegurar o vínculo entre aquilo que se pede e o que se pretende expor, é necessário ir além.

A inclusão e a tessitura das idéias do outro no texto deveriam contemplar o trajeto de assimilação, reestruturação e modificação apontados por Bakhtin, para “o *dado* e o *criado*”[56], respeitando uma construção em que se verificasse o equilíbrio entre o saber-dizer e o dever-dizer, demonstrado pela articulação bem realizada. Em vez disso, revela-se a dificuldade de construir a referenciação de modo coeso, articulado, ajustado ao texto. Expõe-se o cisma da língua.

7.2.2.1 ERUDIÇÃO ENCICLOPÉDICA DE CONTEÚDO

Salienta o Manual do Candidato (FUVEST, 2007, p. 42):

> No que diz respeito ao desenvolvimento, verificar-se-á, além da pertinência na progressão do tema, também a capacidade crítico-argumentativa do candidato, bem como a maturidade e a informatividade que no texto se manifestam.

Com a intenção de atender ao requisito, os candidatos buscaram, em seu universo enciclopédico, o conteúdo a ser colocado no texto e desenvolvido.

---

[56] Cf. Capítulo 4.

Uma das opções dos eus-escritores-candidatos para revelarem seus lastros foi trazer os conteúdos em uma abordagem genérica, por meio do *discurso bivocal*, de modo semelhante ao que se fez para construção da pertinência temática. A Amostragem-91 é exemplar dessa opção.

AMOSTRAGEM-91 – Erudição enciclopédica de conteúdo – Abordagem genérica

AMOSTRAGEM-91
Do lado esquerdo do peito *Desde a antiguidade, diversos autores e pensadores têm falado e escrito muito sobre a amizade entre duas pessoas. Ainda hoje vemos, na música, em textos na televisão, a importância que damos a isso. Vivendo em sociedade, tornamos, cada dia mais, esse tema em tema de discussão. Porém, será possível manter uma amizade sólida no mundo cada vez mais corrido e concorrido em que vivemos? Há mesmo espaço e tempo na vida das pessoas para alguém tão especial quanto um amigo?* *A resposta a essas perguntas é algo que devemos buscar dentro de nós mesmos. Muitos dirão que têm, sim, espaço e tempo. Mas, pensando um pouco, verão, realmente, o quão pouco têm verdadeiramente se dedicado a essas pessoas tão especiais que entram em nossas vidas e compartilham dos mais diversos momentos, sejam bons ou ruins.* *E, apesar da amizade ser tão relevante para todos, nosso modo de vida acaba fazendo com que nossas prioridades mudem. Estudo, trabalho, família. Por melhor que tudo isso seja, acabamos creditando cada vez menos atenção aos nossos amigos. Às vezes até perdendo-os por falta de comunicação e contato. Outro fator relevante que faz da amizade uma relação cada vez mais fraca e rara é a concorrência encontrada nos diversos ambientes que frequentamos, principalmente no trabalho. Como todos querem promoções e melhores salários, e poucos conseguem, a dificuldade de se relacionar aumenta.* *A discussão sobre a importância que tem um amigo verdadeiro sempre foi e sempre será atual. O homem, como ser social e que possui sentimentos, precisa de pessoas com quem converse francamente e com quem possa compartilhar seus mais profundos sentimentos. A questão atual seria: Não está na hora de darmos uma pausa para que possamos, finalmente, desfrutar da companhia de alguém tão maravilhoso como um amigo ou uma amiga fiel? A resposta é simples: Sim, está na hora. E como diria o poeta: Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito.*

O *discurso objetivado*, como na construção da Pertinência Temática - Assunto, foi outra opção para levar ao texto os conteúdos.

Alguns eus-escritores-candidatos preferiram expor sua erudição enciclopédica, trazendo autores, obras e personagens da literatura.

“Dom Casmurro”, de Machado de Assis, e os personagens Bentinho e Escobar, registrados no trecho da Amostragem-138 é ilustrativo para essa ocorrência:

> *Na obra literária “Dom Casmurro” de Machado de Assis, a personagem Bentinho ao fazer seu discurso no enterro de Escobar, enaltece as qualidades de seu melhor amigo, diz sentir-se como Príamo por ter beijado a mão de Aquiles. Na sociedade atual também há muitos bentinhos, a amizade e a desconfiança não se complementam e destroem muitos relacionamentos.*

> *A Fênix da amizade só poderá renascer das cinzas, se houver o resgate dos verdadeiros sentimentos escondidos na índole humana, assim ela poderá alçar vôos ilimitados no céu dos relacionamentos afetivos.* (Amostragem-138)

As grandes amizades entre personagens em obras da literatura de Língua Portuguesa se fazem presentes nos textos: Fabiano e Baleia, de Graciliano Ramos; Poti e Martim, de José de Alencar; Zé Fernandes e Jacinto, de Eça de Queiroz.

Aparecem, além dos autores já mencionados, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Morais, Padre Vieira, Fernado Pessoa e Clarice Lispector.

O universo literário ao qual os vestibulandos recorrem apresenta-se bastante vinculado às leituras integrais exigidas para a prova de Língua Portuguesa, remetendo o leitor a personagens da obra ou a seus autores, como se vê na relação entre os exemplos e os títulos exigidos pelo Programa de Língua Portuguesa para o Vestibular:

> *Auto da barca do inferno* - Gil Vicente;
> *Memórias de um sargento de Milícias* - Manuel Antônio de Almeida;
> *Iracema* - José de Alencar;
> *Dom Casmurro* - Machado de Assis;
> *A cidade e as serras* - Eça de Queirós;
> *Vidas secas* - Graciliano Ramos;
> *A rosa do povo* - Carlos Drummond de Andrade;
> *Poemas completos de Alberto Caeiro* - (heterônimo de Fernando Pessoa);
> *Sagarana* - João Guimarães Rosa; (FUVEST, 2007, p. 42)

Outros candidatos recorreram a outros elementos da literatura: os emblemáticos Dom Quixote e Sancho Pança, de Miguel de Cervantes, como exemplos de amizade. Citam, ainda, Shakespeare, Proust, Homero e Paul Valery. Saint-Exupèry e seu “Pequeno Príncipe” também foram incluídos no desenvolvimento das redações. Há excertos, como as palavras de John Donne, revisitados:

> *Ninguém é uma ilha?* (Amostragem-28)

Mais uma forma de demonstrar erudição foi incluir filósofos e intelectuais na elaboração dos textos. Foram citados Platão, Sócrates, Aristóteles, Rousseau, Descartes, Maquiavel, Marx, Engels, Nietzsche, Schopenhauer, Freud.

As inclusões, às vezes, mostraram-se adequadas, como no excerto da Amostragem-362:

> *Houve, no entanto, ilustres como o filósofo alemão Schopenhauer que possuíam raros ou nenhum amigo. Pessimista e anti-social, Schopenhauer recheou seus livros de críticas aos humanos (ou bípedes, com os chamava). Apesar de ser genial, o pensador teve uma vida solitária e amarga, modelo de uma existência sem amizade [...] (Amostragem-362)*

Em outras situações, a introdução das informações apresentou-se inadequada, como no trecho da Amostragem-224: o eu-escritor-candidato sabe das relações entre Sócrates e Platão, mas parece não ter refletido sobre o pensamento dos filósofos.

> *Um exemplo muito antigo é a amizade entre Sócrates e Platão, não eram apenas professor e aluno, respectivamente, eram acima de tudo, amigos. Graças a essa amizade é que hoje conhecemos os pensamentos de Sócrates, pois foi Platão que, através da escrita, transmitiu as ideias daquele. (Amostragem-224)*

Compositores, músicos, cantores, entre eles, Chico Buarque, Roberto Carlos, Cazuza, Bono Vox, Elis Regina e Gilberto Gil, Tom Jobim e bandas atuais aparecem nas produções. É exemplo desse tipo de inclusão o excerto a seguir, em que o eu-escritor-candidato incluiu o trecho de uma canção popular:

> *"E no microfone não, não tem competição/Ainda mais quando me junto com meus irmãos (...)/Mas se eu estou com os camaradas então está tudo tranqüilo". Os versos anteriores pertencem a Marcelo D2 (em "Eu tiro é onda") e expressão a grande importância dos amigos chamados de " irmãos" e "camaradas".* (Amostragem-288)

Áreas diversas do conhecimento, como História, Biologia, Cultura Grega, Religião, também são levadas aos textos. O excerto a seguir, com referenciação histórica e religiosa, é representativo dessa situação:

> *Na Roma antiga após a morte de "Caio Júlio César", o então seu amigo "Marco Antônio" comanda juntamente com outros generais um levante de tropas que ajuda a restabelecer a ordem da "República Romana. A própria bíblia nos dá um exemplo claro da importância da amizade, ao narrar em que nos momentos de dificuldade o "Cristo" recorreu ao seu amigo "Pedro" [...] Entrando em nossa história, podemos citar o exemplo da "Coluna Prestes", movimento este que levou o nome de seu comandante [...] perseguido [...] sendo salvo inúmeras vezes por seus grupos amigos [...]* (Amostragem-184)

Alguns candidatos tentam demonstrar seus lastros em relação à área a que concorrem. No trecho da Amostragem-356, o candidato à Área de Biológicas se manifesta com conteúdos desse campo de conhecimento:

> *Além de marcar na memória, uma amizade verdadeira pode melhorar a qualidade de vida das pessoas, já que o riso estimula a liberação de algumas substâncias no organismo (serotonina) que ajudam na circulação do sangue, no funcionamento dos rim e sobretudo tem o poder de prevenir depressões.* (Amostragem-356)

A alusão a filmes também é recurso, como na Amostragem-118.

> *[...] más amizades podem se tornar más influências, fazendo com que se leve uma vida indesejada apenas para manter uma amizade – como no filme "Cidade de Deus", onde os garotos entram no mundo das drogas.*(Amostragem-118)

A autoridade da mídia também se faz presente nos textos.

A Amostragem-20 recupera o anúncio do cartão de crédito:

> *Carro novo: R$40.000 com cartão. Casa nova: R$80.000 com o cartão. Aquele seu amigo de verdade: não tem preço.* (Amostragem-20)

No excerto da Amostragem-370, há a credibilidade da Revista Veja:

> *Amigos são primordiais para o homem, isto é um fato já sabido a muito tempo, como pode ser percebido pelos escritos de Cícero, porém, recentimente isso foi comprovado, a revista Veja, a algumas semanas atrás, publicou uma reportagem sobre esse assunto demonstrando o efeito benéfico de um amigo na vida das pessoas.* (Amostragem-370)

A autoridade das celebridades aparece na Amostragem-222:

> *Assim como diz Pedro Bial: "amigos vão e vêm mas nunca abra mão de uns poucos e bons"* (Amostragem-222)

Os modos de inserção dos elementos anteriormente descritos assemelharam-se aos procedimentos utilizados na construção da Pertinência Temática - Assunto: menção de nomes (de autores, obras, personagens), transcrição de excertos ou paráfrases, comentários.

De modo análogo ao que se verificou nos processos de referenciação relativos à construção da Pertinência Temática - Assunto, foram consideradas três situações de elaboração: inclusão do universo enciclopédico de conteúdo de modo genérico, categoria "A", e inclusão do universo enciclopédico com citação, menção ou comentários de informações específicas, de modo adequado, categoria "B". Na categoria "C", verificam-se os exemplares em que o eu-escritor-candidato não conseguiu incluir adequadamente os dados, por falta de articulação ou por desvio conceitual e/ou de pertinência à realidade.

A Amostragem-282 é exemplo do "A", em que foram agrupados os textos com inclusão genérica do universo enciclopédico de conteúdo do eu-escritor-candidato.

AMOSTRAGEM-282 - Erudição Enciclopédica de Conteúdo – Exemplar de categoria "A"

AMOSTRAGEM-282
Uma necessidade básica *O sentido de amizade pouco mudou com o tempo, é um conceito inerente ao homem e a seus instintos. O tempo pode mudar seu grau de necessidade, mas nunca anula-lo.* *Na antiguidade clássica era dada grande importância ao debate e ao discurso de idéias, portanto amizade não implicava apenas no alívio proporcionado por uma boa companhia, mas também a certeza de que o debate seria com alguém cujas idéias e conceitos são comuns ou ao menos congruentes.* *Semelhante importância teve não exatamente a amizade, mas o companheirismo nos séculos posteriores ao fim da Idade Média. Em tempos de formação de novas ideologias e revoluções, o compartilhamento e cruzamento de*

realidades e conceitos não poderia ser possível sem alguém com uma opnião confiável e sentimento de sacrifício ou disposto a mostrar os erros de seus companheiros sem sentir satisfação ao faze-lo a ponto de compromete-los ou a suas idéias.

Olhando para o passado não é difícil percebermos a influência que as amizades podem ter tido nos grandes acontecimentos e realizações que formaram nossa sociedade, mas não seria de se estranhar caso maior importância fosse atribuída à amizade que nos afeta diretamente, mesmo que dela não viesse nenhuma grande repercussão que afete outras pessoas. É óbvio que nossa personalidade e preferências são moldadas pelo ambiente onde crescemos e por aqueles que o integram, mas indiferente a isso pouquíssimas pessoas conseguem demonstrar uma verdadeira amizade que nos incita essa necessidade de acharmos outras pessoas com quem compartilhar nossas experiências e pensamentos, além de esperar que outras nos procurem para o mesmo.

Não importando quantos, mas sim quais amigos, o ser humano garante uma certa qualidade de vida. Não sabemos por quanto mais tempo, mas sabemos que não teríamos chegado aque sem a amizade.

A Amostragem-103 ilustra o conjunto de textos que realizaram adequadamente o processo de inclusão das informações de natureza erudita, categoria “B”. O eu-escritor-candidato leva, harmonicamente, ao texto, as amizades dos personagens de José de Alencar e de Machado de Assis para sustentar sua afirmação a respeito da importância da amizade.

AMOSTRAGEM-103 - Erudição Enciclopédica de Conteúdo – Exemplar de categoria “B”

AMOSTRAGEM-103

A importância de uma amizade

Desde os tempos mais remotos os homens se prestam a discutir o valor de um amigo. Grandes filósofos e pensadores sempre julgaram que não há valor que pague uma amizade, e eles têm razão, mesmo que na prática não seja tão simples e bonito assim.

No mundo de hoje, globalizado, os pensamentos antigos enfrentam ainda mais dificuldades para serem aplicados. Uma amizade nasce numa sala de bate-papo online, é cultivada por emails, e muitas vezes, se os amigos virtuais chegam a se conhecer pessoalmente, a amizade acaba, pois não estão mais “teclando” suas conversas. A internet e os outros meios de comunicação influenciam as pessoas a saírem de casa o mínimo possível, resultando assim, no pouco convívio, tornando as pessoas arredias, anti-sociais e com poucos amigos.

Mesmo assim, não podemos generalizar tanto pessimismo, pois existem belas amizades, que resistiram à falsidade, às intrigas e à modernidade. Os casais que vivem juntos sabem que um relacionamento duradouro vai muito além do que só amor, tem que haver uma ligação de amizade, de confiança, só assim há harmonia entre o casal.

A amizade é algo tão importante para nós humanos, que vários artistas tratam desse tema em suas músicas e livros, como por exemplo, nas obras “Iracema” na qual há os amigos Martim e Poti e em “Dom Casmurro” a amizade conturbada entre Bentinho e Escobar.

Um amigo de verdade é realmente muito importante para nós. Freqüentemente nos queixamos que os outros foram falsos conosco, porém, às vezes somos tão prepotentes, que acabamos sendo falsos com os outros também. É verdade que o mundo globalizado prejudica nossas relações afetivas, mas devemos tomar como exemplo, pessoas que conseguiram ter algum relacionamento pela internet, como os que até casaram! Por isso, não devemos ignorar os pensamentos

do passado, afinal mesmo sendo antigos, podem e deveriam ser utilizados atualmente, assim teríamos uma sociedade mais humana e unida.

A categoria "C" vem ilustrada pela Amostragem-127: não há fluência na inclusão das palavras de Drummond e de Bono Vox.

AMOSTRAGEM-127 – Erudição Enciclopédica de Conteúdo – Exemplar de categoria "C"

AMOSTRAGEM-127

Hoje em dia, vivemos numa sociedade em que inúmeras vezes as aparências enganam. Pessoas nos cercam fingindo amizade, quando apenas estão atentas ao que temos como bem material. De fato, é complicado achar pessoas nas quais possamos confiar e dizer nossos mais íntimos segredos, mas possivel. Não importa a quantidade de amigos, que pelo menos nos dizem sê-lo, mas sim a qualidade destes escolhidos por nós.

Posso afirmar categoricamente que, dos meus primeiros doze anos de vida que morei em Brasília, restaram-me até hoje duas grandes amizades desta cidade. Mais outros sete anos em São Carlos, cidade para a qual me mudei e resido até os dias atuais e ainda assim, conto nas mãos o número de pessoas cujas amizades são realmente leais e mútuas. Considero-me sim, um sortudo.

Carlos Drummond de Andrade já dizia num de seus poemas: "Sob a pele das palavras há cifras e códigos". Mostra com isso que, a mania de grandeza do ser humano é imensurável, a ponto do dinheiro poder qualificar uma amizade como real ou não.

Bono Vox, líder da banda U2, cita também em uma de suas canções: "Sometimes you can't make it on your own". Que traduzido seria: As vezes você não é capaz de tudo sozinho. E é uma verdade nua e crua. Não podemos deixar de procurar até achar amizades que façam nosso esforço por elas valer a pena.

Idéias defendidas por músicos popular brasileiros, tão como de pensadores da Antiguidade Clássica são plenamente honrosas e dignas de respeito. Não importa o quão velhas sejam estas idéias, elas continuarão sempre sendo atuais e verdadeiras.

O eu-escritor-candidato não teceu os fios de ligação entre as citações e os dois primeiros parágrafos. Não há marcas de vínculo entre o que se expõe no segundo parágrafo e o verso do poeta; tampouco é possível reconstruir o sentido da citação e o que se explica a seguir. Na seqüência, outra impropriedade se verifica: a ausência de vírgula separando o segmento *"em uma de suas canções"* de *"cita também"* leva o leitor à possibilidade de relacionar aditivamente *"poema"* e *"canção"* e não *"Drummond"* e *"Bono Vox"*. Como, no texto analisado, *"poema"* e *"canção"* participam de agrupamentos conceituais diferentes, a relação aditiva não procede, originando um desvio de articulação.

Convém destacar o excerto da Amostragem-32. Observa-se, ali, um desvio conceitual introduzido pela inadequação do termo, gerador de incoerência em relação aos fatos. Causa estranhamento a caracterização que eu-escritor-candidato atribui a Saddam Houssein: suicida.

> *Na atualidade, como em todos os tempos, muitos conflitos, mortes, extorções ocorrem e pessoas perguntam o porquê. Se algum dia os causadores de conflito foram bebês incapazes até de se alimentarem sozinhos, certamente algo*

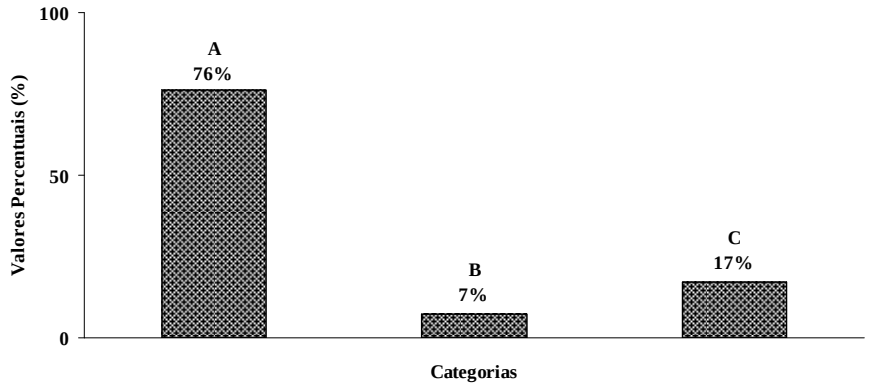
> *aconteceu em suas vidas que os deixaram violento. Recentemente, a humanidade assistiu ao enforcamento de Saddam Houssein, pelas vítimas que causou e pelas atrocidades que cometeu, porém o que o transformou em um suicida ninguém sabe, e se talvez ele tivesse um amigo que o aconselhasse para o bem, isso não seria diferente?* (Amostragem-32)

Na Tabela 5 e no Gráfico 5, é possível visualizar os índices relativos aos procedimentos associados à inclusão de conteúdos do universo enciclopédico do eu-escritor-candidato.

Tabela 5 – Perfil de "Erudição Enciclopédica de Conteúdo"

	TOTAIS	
Categorias	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	284	76
B	25	7
C	64	17

Gráfico 5 – Perfil de "Erudição Enciclopédica de Conteúdo"



É perceptível o emprego preferencial do modo genérico de desenvolvimento de conteúdos nos textos analisados (284, 76%).

Dificuldades são observáveis a partir da forma de inclusão de conhecimentos oriundos do lastro do eu-escritor-candidato: transcrições, paráfrases, encaixes de citações aglutinadas ao texto e não reformuladas e reestruturadas após suposto processo de assimilação das essências desses conteúdos. Os índices de 64 textos (17%) para a categoria "C", comparados a

25 (7%) para a categoria “B”, mostram a dificuldade de inserir adequadamente os itens de erudição de conteúdo.

Todo esse esforço em demonstrar conhecimento e atualização pode não resultar em bom desempenho. Como salienta Rocco, em entrevista (apud GURGEL, 2007, p. 7):

> Outra coisa que não se deve fazer: tentar mostrar erudição a qualquer custo. É comum vermos coisas do tipo: “como diz o grande poeta latino” ou “como escreveu Sócrates”...são chiques! Mas, ora, Sócrates não escreveu nada! O pior é que todo ano encontramos as mesmas citações. Sinal de que os alunos foram treinados para citar. O candidato deve citar, sim, mas com competência, sabendo o que está fazendo.

Em alguns casos, revela-se o texto apenas como pretexto para o eu-escritor-candidato exibir ao outro-leitor-banca o seu saber, provar que leu, que se informou, atualizou-se ao se preparar para o exame; exibir sua erudição (tanto expressiva quanto enciclopédica) e impressioná-lo.

O cisma está em um confronto não resolvido com o outro, na dificuldade em dialogar com as vozes alheias: dos conteúdos introduzidos e do interlocutor.

Os descompassos observados nos elementos composicionais até aqui analisados e discutidos expõem a tensão entre o saber-dizer e o dever-dizer derivada das tarefas do locutor de buscar a harmonia entre os pólos da interlocução e de acionar seus conhecimentos declarativos de modo articulado aos conhecimentos procedurais sabendo-dizer.

Na língua cindida, há um locutor que transita desajeitadamente na linha entre o saber-dizer e o dever-dizer, que se volta para o dever-dizer e oprime a voz de um saber-dizer, manifesto, aqui e ali, ora pelo saber-dizer, ora pelo não saber-dizer.

8 QUEM É QUEM?

Afinal, quem é quem, na maranha
de fingimento que mal finge
e vai tecendo com fios de astúcia
personas mil na vaga estrutura

Carlos Drummond de Andrade[57]

O perfil[58] característico dos indivíduos que produziram os textos discutidos neste trabalho foi obtido a partir de registros constantes nos questionários socioeconômicos e de dados complementares que acompanhavam cada Amostragem[59].

As informações[60] foram distribuídas em quatro categorias principais: **Dados Pessoais**, **Dados Econômicos**, **Formação Acadêmica do Candidato** e **Dados do Vestibular**[61].

Na categoria **Dados Pessoais**, foram reunidas informações do contexto de vida e da história do candidato: *Idade*, *Sexo*, *Cor*, *Estado Civil*, *Grau de Instrução do Pai e da Mãe*, *Origem do Candidato* e *Local de Inscrição*. Em **Dados Econômicos** incluíram-se a *Renda Familiar* e a *Ocupação do Candidato/Carga Horária*. Para o perfil de **Formação Acadêmica** foram considerados os seguintes aspectos: tipo de ensino que o vestibulando cursou no *Ensino Fundamental* e no *Ensino Médio*; se ele realizou *Curso preparatório para vestibular* e por quanto tempo; se já ingressou ou não em algum curso de *Ensino Superior* e se o completou. Os **Dados do Vestibular** agregaram as seguintes informações: *Condição de Ingresso na Universidade*, *Área de Conhecimento* e *Pontuação*.

Depreenderam-se, para a definição do perfil do candidato, as características predominantes. (Quadro 4)

---

[57] ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 1405.

[58] Não é objetivo deste trabalho analisar e discutir aspectos quantitativos do perfil dos candidatos, pretende-se, com os índices assinalados, apenas a caracterização dos indivíduos que produziram os textos analisados e discutidos.

[59] Selecionaram-se, entre os dados disponíveis no questionário socioeconomico, aqueles significativos para as análises deste trabalho.

[60] A descrição pormenorizada do perfil do candidato, incluindo subcategorias, tabelas e gráficos encontra-se no Anexo 2.

[61] As opções de resposta foram baseadas naquelas apresentadas no questionário da FUVEST e, às vezes, adaptadas às características deste trabalho.

QUADRO 4 – Perfil do Candidato – Traços distintivos predominantes

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	CARACTERÍSTICAS
DADOS PESSOAIS	**Idade**	18 anos
	Sexo	Masculino
	Cor	Branca
	Estado civil	Solteiro
	Grau de instrução do pai	Superior Completo
	Grau de instrução do pai	Superior Completo
	Origem	Capital
	Local de Inscrição	Capital
DADOS ECONÔMICOS	**Renda Familiar**	R$1500,00 a R$3000,00
	Ocupação/carga horária	Não exerce atividade remunerada
FORMAÇÃO ACADÊMICA	**Ensino Fundamental**	Escola particular
	Ensino Médio	Escola Particular
	Curso Preparatório	Freqüentou no período de 1 semestre a 1 ano
	Ensino Superior	Não freqüenta
DADOS DO VESTIBULAR	**Condição de Ingresso**	Não convocado
	Área do Conhecimento	Humanidades
	Pontuação	Até 500 pontos

Os traços distintivos preponderantes apontam um eu-escritor-candidato jovem (entre 16 e 19 anos), solteiro, branco, formado na rede particular de ensino, vindo de um contexto formativo propiciador de condições acadêmicas pressupostas favoráveis (ser originário e se inscrever na Capital – onde provavelmente reside e onde fica imerso na cultura letrada – ter pais com, no mínimo, formação universitária). No quesito **Dados do Vestibular**, a maioria não foi convocada, concorreu a vagas em Humanidades e obteve Pontuação abaixo de 500.

Os elementos predominantes arrolados no parágrafo anterior coincidem, exceto para *Sexo* (feminino), *Renda Familiar* (R$3000,00-R$5000,00), *Curso Preparatório* (não freqüentou[62]), *Área de Conhecimento* (Ciências Biológicas), com os perfis dos vestibulandos que elaboraram os seis[63] textos que apresentam adequação em todos os elementos

[62] Para as 6 redações adequadas em todos os elementos composicionais, os índices para *Curso Preparatório* são: 50% "não freqüentaram" e, em percentuais idênticos, os demais freqüentaram esse tipo de curso pelos períodos de "menos de 1 semestre", "1 semestre" e "mais de 2 anos".

[63] Não se pretende, neste trabalho, o enfoque exaustivo das relações entre o perfil do candidato em todas as categorias e o texto produzido. Objetiva-se um panorama a partir de alguns elementos destacados porque significativos para reflexões sobre o letramento.

composicionais - “Nível A”, para *Norma* e para *Configuração Organizacional*, e níveis “A” ou “B”, para *Pessoalidade, Pertinência Temática - Assunto* e *Erudição Enciclopédica de Conteúdo.*

Tal configuração parece confirmar as preconcepções usuais a respeito das condições ideais para um bom trajeto acadêmico, coroado com o acesso à 2ª fase do Vestibular da Fuvest e para um bom desempenho nas avaliações: ser jovem, branco, ser favorecido economicamente, ter freqüentado escola particular, ter nascido e vivido em um ambiente de cultura letrada.

Alguns, aspectos, entretanto, talvez soem surpreendentes à voz corrente.

Para os perfis dos eu-escritores-candidatos dos dez textos inadequados em relação a todos os elementos composicionais - “Nível E”, para *Norma* e para *Configuração Organizacional*; “E” ou “D”, para *Pessoalidade*; *Pertinência Temática - Assunto* e *Erudição Enciclopédica de Conteúdo* - preponderam as características a seguir enumeradas. Em relação aos dados pessoais: ter 18 anos; ser do sexo masculino, branco e solteiro; ter pai e mãe com Ensino Médio Completo ou Superior Completo[64]; ser originário do interior e ter feito a inscrição também no interior. Economicamente: classificar-se na subcategoria de *Renda Familiar* entre “R$3.000,00 e R$5.000,00”; não trabalhar. No âmbito da **Formação Acadêmica**: ter freqüentado ensinos Fundamental e Médio na rede particular; não ter feito curso preparatório nem Ensino Superior. No que concerne aos **Dados do Vestibular**: não ter sido convocado; concorrer a carreiras em Ciências Biológicas; e ter atingido *Pontuação* até 500[65].

Como se observa, o perfil para os candidatos que não lograram bom desempenho não é consoante, em todos os aspectos, às preconcepções usuais. Não são os eus-escritores-candidatos menos favorecidos economicamente, formados pela rede pública de ensino, nascidos e criados em ambiente menos letrado que produziram os 10 textos mais distantes dos requisitos do gênero proposto. A parcela assim caracterizada distribui-se por todos os níveis de desempenho analisados, mostrando que tais fatores podem não ser determinantes para o resultado bem sucedido.

Outro aspecto que talvez se distancie das expectativas do senso comum é a *Renda Familiar* no âmbito geral. A subcategoria predominante de “R$1500,00 a R$3000,00” mostra que a maioria dos candidatos não vivencia uma grandes dificuldades financeiras, entretanto,

---

[64] Foram observados valores idênticos para as duas subcategorias.

[65] No Anexo 8, encontram-se as informações sobre os candidatos que produziram os 6 textos com adequação em todos os elementos composicionais bem como os dados sobre aqueles que redigiram as 10 redações com inadequação em todos os quesitos.

não compõe as classes de maior poder aquisitivo, pressupostas mais prováveis de serem bem sucedidas academicamente.

Encontram-se, ainda, algumas redações singulares – evocando Lahire (1997) e Rego (2003). São produções de autores com perfis que, em algum aspecto, rompem com certas preconcepções a respeito da relação entre texto e contexto sócio-histórico.

Entre os dez textos inadequados em relação a todos os elementos composicionais, destacam-se seis candidatos cuja *Renda Familiar* é superior a R$3.000,00. "Mestrado/doutorado" corresponde ao *Grau de Instrução da Mãe* do candidato da Amostragem-10. Apenas três candidatos freqüentaram a rede pública; sendo que dois deles completaram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio nessa categoria de escola e um deles cursou metade do Ensino Fundamental na escola pública.

A candidata que produziu a Amostragem-121, ofereceu ao outro-leitor-banca uma redação adequada à norma, sem fragmentação no eixo discursivo e de pessoalidade ajustada à forma dissertativa de vestibular, é negra[66] e o grau de instrução de sua mãe é Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries incompleto. A Amostragem-321 exibe "Nível A" para norma, configuração organizacional e pessoalidade; e seu autor realizou a formação acadêmica básica em escola pública; seu pai tem o Ensino Fundamental incompleto de 1ª a 4ª séries .

Cor branca, pais com Ensino Superior Completo, Renda Familiar superior a R$10.000,00, educação básica realizada na rede privada de ensino parecem não ter garantido aos candidatos autores das Amostragens 83, 131, 354 e 355 textos pertinentes ao gênero.

Não se pode negar que certas condições favorecem a formação acadêmica adequada, entretanto, fatores como os apresentados anteriormente indicam que tais condições não foram determinantes para os sujeitos da amostra estudada.

É a realidade apontada por Lahire (1997, p. 32-33):

> Dado que lidamos com seres sociais e não com coisas, é somente por metáfora que podemos estabelecer um elo entre capitais (econômicos, culturais...) ou recursos de qualquer outra natureza e os desempenhos ou situações escolares. Não se trata de capitais que circulam, mas de seres sociais que, nas relações de interdependência e em situações singulares, fazem circular ou não, podem "transmitir" ou não, as suas propriedades sociais.

O meio pode fornecer experiências e os instrumentos, mas estes precisam ser internalizados, negociados, construídos e reconstruídos; e quem compõe o mosaico dos saberes e competências e constrói sua história é o indivíduo, como ser singular que é.

---

[66] Para efeitos de classificação, na categoria "Cor", foram utilizadas as subcategorias "branca", "preta", "amarela", "parda", "indígena", conforme o questionário da FUVEST. Para se fazer referência a essa subcategoria, preferiu-se, neste trecho, o termo "negra" a "preta".

De acordo com esses preceitos e com padrões e singularidades disponíveis, elementos das relações entre o contexto sócio-histórico e os textos redigidos são passíveis de análise.

Sem se perder de vista o fato de que "os efeitos psicossociais da escolarização não resultam apenas da experiência vivida na escola, mas de uma série de outros fatores indissociáveis, relacionados ao contexto social em que o indivíduo se insere [...]" (REGO, 2003, p.410), pode-se destacar, entre as diversas informações disponíveis[67], três particularmente significativas quanto à escolarização dos vestibulandos da amostra e às suas relações com os textos analisados: freqüência a cursos preparatórios, pontuação atingida e a situação dos candidatos de treinamento.

A maior parte dos indivíduos da Amostra analisada fez *Curso Preparatório para o Vestibular*. Observa-se que metade das redações adequadas foi elaborada por sujeitos que freqüentaram esse tipo de instituição; já a distribuição para as redações inadequadas apresenta 40% de indivíduos que não passaram por essa formação. Tais índices talvez sinalizem falhas na educação básica, as quais necessitam desse tipo de curso para serem superadas.

Ao realizar os exames das diversas disciplinas, o candidato aciona todo o seu Sistema de Conhecimento, formado em seu contexto social, e, sem desvencilhar-se de seu lastro global, concentra-se naqueles elementos de natureza acadêmica, oferecendo à luz marcas que podem revelar relações entre letramento e escolarização.

O desempenho global do candidato expresso pela *Pontuação* inferior a 500 pontos domina o perfil geral. Observa-se, ainda, que, mesmo entre os indivíduos que produziram os textos com adequação ao que se requisitava, a tendência, embora acima de 500 pontos, seja inferior a 600[68]. Tais fatos fazem emergir preocupações relativas à qualidade e eficácia da escolarização dos vestibulandos autores das Amostragens analisadas.

Que escola é essa que, após percurso tão longo, possibilita índices próximos a apenas 50% do resultado máximo?

Por que apenas 6 candidatos obtiveram *Pontuação* acima de 800, deixando, na penumbra, a maioria de 185 candidatos pontuada entre 500 e 800, além dos 182 com notas abaixo de 500?

---

[67] Os **Dados Pessoais** e **Econômicos**, **Formação Acadêmica**, bem como algumas das subcategorias dos **Dados do Vestibular** (Área de Conhecimento e Condições de Ingresso na Universidade) não foram incluídas na análise por opção de recorte da pesquisa.

[68] Entre os 6 textos com adequação em todos os elementos composicionais, 4 apresentam **Pontuação** inferior a 600: 525,6 (Amostragem-91); 523,4 (Amostragem-125); 556,6 (Amostragem-347); 585,6 (Amostragem 366).

Por que se verifica um desempenho tão problemático, mesmo entre os egressos da rede particular de ensino, preconcebida, usualmente, como boa, em contraste com a também preconcebida péssima educação oferecida pela rede pública?

Outros dados reforçam os questionamentos quanto à escolarização dos autores dos textos aqui analisados e discutidos.

A comparação[69] dos perfis dos candidatos efetivos e de treinamento[70] não exibe diferenças significativas, nem quanto à caracterização, nem quanto ao desempenho de cada grupo dos indivíduos.

Repete-se, para os candidatos de treinamento, a maior parte das tendências observadas entre os candidatos efetivos: jovem (entre 16 e 19 anos), solteiro, branco, formado na rede particular de ensino, originário da Capital e ali inscrito, filho de pais com formação universitária completa. Ainda em relação às semelhanças entre os perfis predominantes, a *Renda Familiar* dos candidatos de treinamento também encontra-se entre "R$1.500,00 a R$3.000,00"; os indivíduos não exercem atividade remunerada; quanto à **Formação Acadêmica**, observam-se, igualmente, estudantes da rede particular. A maioria dos vestibulandos de treinamento não atingiu *Pontuação* acima de 500 e não seria convocada para a matrícula. Apenas 2 indivíduos desse grupo (5%) freqüentaram *Curso Preparatório*, diferentemente dos 218 candidatos efetivos (65%) que o fizeram.

No que concerne ao desempenho na redação, as tendências verificadas para os candidatos efetivos se repetem para os candidatos de treinamento[71] em: *Norma culta*, "Nível B"; *Pessoalidade*, "Nivel B"; *Pertinência Temática*, "Nível A" e "Nível B" e *Erudição de Conteúdo*, "Nível A" e "Nível B. Para *Configuração Organizacional* dos candidatos de treinamento, coincidem os índices para textos classificados nos níveis "B" e "C", diferentemente dos valores para os candidatos efetivos, em que prepondera o "Nível B".

Entre os 6 textos com adequação, dois[72] foram elaborados por candidatos de treinamento.

O que indicia esse panorama a respeito da escolarização?

Talvez a escolarização não tenha sido, para os indivíduos da Amostra, tão eficaz quanto deveria, mas não se pode negligenciar outro viés dessa mesma escolarização: a construção adequada da *Pessoalidade* nos textos, os percentuais majoritários de construção

---

[69] As tabelas comparativas dos perfis encontram-se no Anexo 5

[70] Indivíduos que ainda não concluíram o Ensino Médio. Em geral, terminaram a 2ª série do Ensino Médio, são alunos aplicados e preocupados com o Vestibular, são compromissados.

[71] Gráficos e tabelas concernentes às análises dos elementos composicionais das redações dos candidatos de treinamento encontram-se no Anexo 6.

[72] Cf., no Capítulo 6, a Amostragem-347.

ajustada tanto da *Pertinência temática-assunto* quanto da *Erudição enciclopédica de conteúdo* além de preponderância da *Configuração organizacional* com fragmentação parcial do eixo discursivo revelam algum trabalho desenvolvido, uma língua não totalmente cindida.

As tendências postas e as discussões realizadas podem servir não para, mais uma vez reforçar a idéia de má qualidade do ensino formal em nosso país, mas para indicar o que ainda precisa ser feito para evitar que os indivíduos, ao concluírem a educação básica, ainda redijam com desvios de interlocução, ainda tenham a língua cindida.

9 A PALAVRA MÁGICA

RIOS SEM DISCURSO

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloqüência de uma cheia
lhe impondo interina a outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

João Cabral de Melo Neto[73]

Preocupa pensar que anos de escolarização não propiciaram o letramento adequado dos eus-escritores-candidatos da Amostra aqui estudada, os quais, como tantos outros, não conseguem redigir quando requisitados socialmente, mesmo quando as condições, como é o caso das redações dissertativas de vestibular, muito se aproximam das práticas vivenciadas no meio escolar.

De forma compartimentada, estanque, em poços, a escola tem apresentado formas e praticado técnicas, tem feito o aluno escrever ou sobre si mesmo e suas experiências ou sobre o universo alheio, como sinaliza Bazerman (2006). Os variados gêneros são estudados e reproduzidos. Há lições de gramática e de análise de texto, exercícios de aplicação dessas lições, propostas de uso dos elementos exercitados. Há atividades para desenvolver os conhecimentos declarativos e procedurais. Ocorre a constante preocupação de respeitar o mundo do aluno e, também, de levar o mundo exterior para dentro do mundo da escola a fim de que os indivíduos se desenvolvam, ampliem e formalizem o conhecimento; e que, uma vez assim habilitados, atuem nesse mundo exterior.

[73] NETO, João Cabral de Mello. **Poesias Completas.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 350-351.

Entretanto, o conhecimento formal, muitas vezes, é sobreposto à vivência dos alunos - aos moldes da escola tradicional - sem que sejam estabelecidas relações entre ambos. Outras vezes, pressupõe-se a denominada transferência de aprendizagem (ou invasão?) dos conhecimentos declarativos e procedurais ensinados pela instituição. Desatada é a forma de tratar da experiência do aluno, aproveitar seus saberes e de abordar conteúdos visíveis no "mundo lá fora".

Há uma partição que produz o constante embate entre o "eu" e o "outro", entre os conhecimentos pessoais e os conhecimentos da sociedade.

A polarização entre aquilo que é do mundo exterior e aquilo que é do mundo da escola é desdobramento da concepção de escola não como **parte** do contexto sociocultural, mas como espaço **à parte**, tratado como um microcosmo anexado à realidade. Está nisso a origem do cisma da língua.

Que sombras precisam ser iluminadas para a senha ser revelada, desencantar a palavra, conciliar a língua e enfrasar os poços?

Deve haver um esforço para se unirem as pontas, para se articularem os fragmentos e se harmonizarem as relações de interlocução do conhecimento, fazendo com que o papel do "outro", nesse processo, seja constitutivo e não impositivo, como ocorreu nas redações analisadas neste trabalho.

Uma escola de qualidade, como pontua Colello (2007, p.275), "será uma possibilidade de fato quando os professores se dispuserem a rever suas práticas de intervenção, dialogando com o aluno e assumindo no ensino da escrita a dialogia própria da língua."

A concepção de uma escola integrada à realidade e não a ela anexada proporcionaria melhores condições para o efetivo diálogo entre os conhecimentos formais e vivenciais; entre prática e teoria.

Os gêneros, como "interconexão da linguagem com a vida" (FIORIN, p. 61), precisam ser levados à sala de aula de maneira que se entenda o porquê de sua constituição. Não basta fazer os alunos reproduzi-los, a esses alunos deve ser esclarecido o modo como as formas estudadas se adaptam a novas cirunstâncias; só assim, o indivíduo estaria apto a arquitetar, com facilidade e prontidão, suas idéias e determinadas formas estilísticas e composicionais em novas organizações. O professor precisa ser leitor e saber negociar com o aprendiz a construção do texto. Para que o aluno assuma seu papel ativo na construção de seus saberes, é necessário romper com a passividade resultante de uma escolarização que vai abafando, por falta de diálogo, a ação, o envolvimento com o próprio processo.

A partir do conhecimento e da compreensão das relações e do diálogo entre o *dado* e *criado*, de Bakhtin, os poços se enfrasariam.

Nenhum *dado* pode se transformar em *criado* a partir de qualquer tipo de transferência ou justaposição de fragmentos. Qualquer criação decorre da ação dialógica. É necessário assimilar, negociar, reestruturar e modificar as vozes diversas, harmonicamente, sem privilegiar esta ou aquela, para que elas se enfrasem, para que elas se consubstanciem em uma língua sem cismas, em palavras mágicas.

REFERÊNCIAS[74]

[74] De acordo com a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Em busca de pistas. In: _____; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. **Cenas de aquisição da escrita:** o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1997. p. 13-36. (Coleção leituras no Brasil).

AMARAL, Renato. **Vestibular sem medo:** passei quatro vezes na FUVEST. São Paulo: FTD, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84. (Coleção clássicos da lingüística).

ARDICHVILI, Alexander. Lev Semyonovich Vygotsky 1896-1934. In: PALMER, Joy A. Tradução Mirna Pinsky. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2006. p. 50-55.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**.Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; rev.da trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção ensino superior).

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética.** Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 3. ed. São Paulo: Unesp, 1993. p. 13-70.

_____; VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitc/Annablume, 2002.

BARTHES, Roland. Ecrivains et écrivants. In: _____. **Essais critiques.** Paris: Seuil, (s/d). p.152-159. (Essais, 127).

BARROS, Diana Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz Fiorin (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade.** São Paulo: Edusp, 1994. p. 1-9. (Ensaios de cultura, 7).

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel; revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 6. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série princípios, 26).

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

BORGES, Marize Medeiros. **Redação para os vestibulares atuais.** São Paulo: LCTE,

2006.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: _____ (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine (Coord). **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção aprender e ensinar com textos, 5).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais** (ensino fundamental). Brasília, DF. 1996a. Disponível em: <http://portal.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais** (ensino médio). Brasília, DF. 1996b. Disponível em: <http://portal.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2005.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). **Letramento no Brasil:** reflexões a partir do INAF 2001. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CASTALDO, Márcia Martins. **A prática da redação na escola:** avaliação, um caminho? 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CASTORINA, José Antonio. O debate Piaget-Vygotsky: a busca de um critério para sua avaliação. In: CASTORINA, José Antonio et al. **Piaget-Vygotsky:** novas contribuições para o debate. Tradução Cláudia Schilling. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. p.7-50. (Série fundamentos, 122).

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHIAPPINI, Lígia. A circulação dos textos na escola: um projeto de formação-pesquisa. In: GERALDI, João Wanderlei (Coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos.** São Paulo; Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – FFLCH USP, 1994. p. 7-13. (Coleção aprender e ensinar com textos, 1).

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. **Alfabetização em questão**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **A escola que (não) ensina a escrever.** São Paulo, Paz e Terra, 2007.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo de constituição da escrita.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, Inês (Org). **Investigando a relação oral/escrito.** Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.

135-166. (Coleção idéias sobre a linguagem, 7).

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Expressões referenciais, norma lingüística e julgamento de (in)adequação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al (Orgs). **Texto e discurso sob múltiplos olhares:** referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.144-173.

DABENE, Michel (coord). Des écrits (extra)ordinaires**. Revue de Linguistique et de didactique des langues** Grenoble: n.3, set. 1990.

DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. Tradução Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza, rev. Plínio Martins Filho. São Paulo: Perspectiva, 1988. (Coleção estudos, 85).

_____. **Conceito de Texto**. Tradução Carla de Queiroz. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1984. (Biblioteca universitária de língua e lingüística, 3).

_____. *Invectio lectoris:* apontamentos sobre a semiótica da recepção. In:_____. **Os limites da interpretação.** Tradução Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 1- 19. (Estudos, 135).

_____. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**.Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____ ; SEBEOK, Thomas A. **O Signo de Três**. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Estudos, 121).

FABRE-COLS, Claudine (coord). **Les nouveaux écrits à l'école:** nouveaux programmes, nouvelles practiques, nouveuax savoirs. **Revue de Linguistique et de didactique dês langues.** Grenoble**,** n. 23, jul 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991. (Série princípios, 206).

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRIAT, Beth (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.

FEINBERG, Eleanor; FEINBERG, Walter. Carl Rogers 1902-1987. In: PALMER, Joy A. Tradução Mirna Pinsky. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006. p. 69-74.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa.** 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1968.

_____. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa.** 43. ed. rev. e ampl.

por Celso Pedro Luft. São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 1. ed. 15. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação:** conversas de Emília Ferreiro com José Antônio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. Ler e escrever em um mundo em transformação. In: _____. **Passado e presente dos verbos ler e escrever.** Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Cortez, 2002. p.11-39. (Coleção questões da nossa época, 95).

_____. Literacy development: a psychogenetic perspective. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy; HILDYARD, Angela. **Literacy, language and learning:** the nature and the consequences of readind and wrinting. Cambrigde: Ontario Institute for Studies in Education/Cambridge University Press, 1988. p. 217-228.

_____. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales et al. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1988. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 17).

_____; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à lingüística**: objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Intertextualidade e interdiscursividade. In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo, Contexto, 2006. p. 161-193.

_____. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

_____. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz Fiorin (Orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade.** São Paulo: Edusp, 1994. p.29-36. (Ensaios de cultura, 7).

_____ ; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 24. ed. São Paulo: Cortez /Autores Associados,1990. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 4).

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin**. Psicologia e educação: um intertexto. 4. ed. São Paulo: Ática/EDUFJF, 2002. (Série fundamentos, 107).

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FDE). **A educação básica no Brasil e na América Latina:** repensando sua história a partir de 1930. São Paulo, 1992. (Série idéias, 1)

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). **Manual do candidato 2007.** Disponível em:

<http://www.fuvest.com.br/vest2007/manual/manual.stm>. Acesso em: 26 mar. 2008.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). **Redação.** Disponível em: <http://www.fuvest.com.br/vest2007/provas/2fase/por/poro6.stm>. Acesso em: 22 jan. 2007.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna:** aprendendo a escrever, aprendendo a pensar. 14. ed.. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1988.

GARDNER, Howard. Jerome S. Bruner 1915- . In: PALMER, Joy A. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006. p.118-125.

GERALDI, João Wanderlei. **Linguagem e ensino:** exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1996. (Coleção leituras no Brasil).

_____. (Org). **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção na sala de aula).

_____. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem).

_____. Da redação à produção de textos. In._____ (coord.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**.. São Paulo. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – FFLCH-USP, 1994. p.15-20 (Coleção aprender e ensinar com textos, 1).

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. p.143-179.

GÓES, Maria Cecília. A natureza social do desenvolvimento psicológico. In: **Cadernos Cedes.** São Paulo, n. 24, p. 17-24, 1990.

GÓES, Maria Cecília Rafael; SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. In: ALENCAR, Eunice Soriano de. **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 51-70.

GOODMAN, Kenneth. Behind the eye: what happens in reading. In: SINGER, Harry; RUDDELL, Robert B. (Ed.) **Theoretical models and processes of reading**. 2nd ed. Newark, International Reading Association, 1982. p.470-496.

_____. Reading, a psycholinguistic guessing game. In: SINGER, Harry; RUDDELL, Robert B. (Ed.) **Theoretical models and processes of reading**. 2nd ed. Newark, International Reading Association, 1982. p. 497-508.

GOODY, J.; WATT, I. The consequences of literacy. In: _____ (Org) **Literacy in traditional societies.** New York: Cambridge University Press, 1968. p. 27-68.

GROSSMAN, Francis; BOCH, Françoise. As representações sociais das práticas de linguagem: como dar conta da complexidade do discurso. In: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise. **Ensino de língua: representação e letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 11-36. (Coleção idéias sobre linguagem).

GURGEL, Thaís. O poder do verbo. In: **Redação vestibular**, São Paulo: Abril, p 6-7, 2007,

HOBSON, Peter. A.S. Neill 1883-1948. In: PALMER, Joy A. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-17.

HÚSEN, Torsten. Burrhus Frederic Skinner 1904-1990. In: PALMER, Joy A. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006. p.80-86.

KIDDER, Louise (Org). **Métodos de pesquisa nas relações sociais/Sellitz,Wrightman e Cook.** Delineamentos de pesquisa**.** Tradução Maria Martha Hubner d'Oliveira, Miriam Marinotti Del Rey. 2. ed., São Paulo: EPU, 2004.

_____. **Métodos de pesquisa nas relações sociais/Sellitz,Wrightman e Cook.** Medidas na pesquisa social**.** Tradução Maria Martha Hubner d'Oliveira, Miriam Marinotti Del Rey. 2. ed.., São Paulo: EPU, 2004.

_____. **Métodos de pesquisa nas relações sociais/Sellitz,Wrightman e Cook.** Análise de resultados. Tradução Maria Martha Hubner d'Oliveira, Miriam Marinotti Del Rey. 2. ed. São Paulo: EPU, 2004.

KITTAY, Jeffrey. Thinking through literacies. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy. **Literacy and orality.** Cambrigde: Cambridge University Press, 1991. p.165-173.

KLEIMAN, Ângela B. (org). **Os Significados do Letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. (Coleção letramento, educação e sociedade).

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990. (Coleção repensando a língua portuguesa).

_____. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Introdução à lingüística textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção texto e linguagem).

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos de discurso. In: **Veredas:** Revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 29-42. Disponível em: <http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/v6n1/cap02.pdf>. Acesso em: 18 mai 2007.

_____. Lingüística textual: quo vadis? In: DELTA: Documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada. São Paulo, v.17, n. especial, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300002&script=sci_arttext&tlng=>. Acesso em: 31 mar 2008.

_____. A possibilidade de intercâmbio entre lingüística textual e o ensino de língua materna. In: **Veredas**, Revista de estudos lingüísticos**.** Juiz de Fora, v.5, n.2, p. 85-94. Disponível em: <http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/v5n2/cap07.pdf >. Acesso em: 18 mai 2007.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 33-52.

_____; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

_____ ; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A acessibildade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al (Orgs). **Texto e discurso sob múltiplos olhares:** referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 9-39.

_____ ; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender** os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____ ; FÁVERO, Leonor Lopes. **Lingüística Textual:** uma introdução. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 9).

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na progressão discursiva. In: **Delta:** Documentação de estudos em lingüística aplicada. São Paulo, v.14, n. especial, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 mar. 2008.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990. (Coleção repensando a língua portuguesa).

_____. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1990. (Biblioteca da educação. Série 5. Estudos de linguagem, 4).

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares:** as razões do improvável. Tradução Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997. (Série fundamentos, 136).

LEITE, Marli Quadros. Variação lingüística: dialetos, registros e norma lingüística. In: SILVA, Luiz Antônio (org). **A língua que falamos:** português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005. p.183-210.

LEMOS, Cláudia T.G. de. A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin. In: BARROS, Diana Pessoa; FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade.** São Paulo: Edusp, 1994. P.37-43. (Ensaios de cultura, 7).

_____. Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar:

algumas reflexões. In: VOGT, Carlos et al. **Subsídios à proposta curricular de Língua**

Portuguesa para o 1º e 2º graus – Coletânea de Textos – volume I. São Paulo: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUAÇÃO/Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas, 1988. p. 71-77.

LIMBERTI, Rita de Cássia A. Pacheco. "Herrar" é "humano: alguns aspectos da produção textual de vestibulandos. In: LARA, Gláucia Muniz Proença. **Lingua(gem), texto, discurso:** entre a reflexão e a prática. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lucerna/Fale/UFMG, 2006. p.181-195.

LÍNGUA PORTUGUESA: especial redação. São Paulo: Segmento, set. 2007.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal.** São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Língua e liberdade:** por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. 11. ed. Porto Alegre: LP&M, 1985. (Coleção Universidade Livre).

MACHADO, Irene. "Gêneros Discursivos". In BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p 151-166.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola:** sobre a formação do gosto. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto e linguagem).

MARCUSCHI, Beth. Redação escolar: características de um objeto de ensino. **Revista da Faced,** n. 9, p. 139-154, 2005. Disponível em: <www.revistafaced.ufba.br>. Acesso em: 29 ago. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005a. p.53-101.

_____. **Da fala para a escrita:** atividades para retextualização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005b. 133 p.

_____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: **Veredas:** revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 43-62. Disponível em: <http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/v6n1/cap03.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2007.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MARTINS, Maria Helena (org). **Questões de linguagem.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando o ensino).

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola:** reflexões sobre o processo de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1994. (Coleção letramento, educação e sociedade).

MELO NETO, João Cabral de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MIZUKAMI, Maria da Graça Mizukami. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo:

EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MONDADA, Lorenza. Cognition et parole- en-interaction. In: **Veredas,** revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 9-27. Disponível em: <http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/v6n1/cap01.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2007.

_____. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

_____; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; Ciulla, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Coleção clássicos da lingüística).

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova:** um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento.** São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção paradidáticos, Série educação).

_____. **Os Sentidos da Alfabetização** (São Paulo/1876-1994). São Paulo: UNESP, 2000.

MOTOYAMA, Shozo; NAGAMINI, Marilda. Parte I. In: _____. **Fuvest 30 Anos da Fundação Universitária para o Vestibular.** São Paulo: Edusp, 2007. p. 9-206.

_____. Maria Thereza Rocco. In: _____. **Fuvest 30 Anos da Fundação Universitária para o Vestibular.** São Paulo: Edusp, 2007. p. 455-479.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

NUNES, Terezinha. Leitura e escrita. In: ALENCAR, Eunice Soriano de. **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p 15-50.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. "Homogeneidade e heterogeneidade nas configurações do analfabetismo". In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. RIBEIRO. 2. ed. São Paulo, Global, 2004. p. 155-175.

_____. Organização conceitual e escolarização. In: _____; OLIVEIRA, Marcos Barbosa de (Orgs). **Investigações cognitivas:** conceitos, linguagem e cultura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p.81-99.

_____. Sobre as diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem

histórico-cultural. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Erro e fracasso na escola*:*** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997a. p. 45-61.

_____. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, José Antonio et

al. **Piaget-Vygotsky:** novas contribuições para o debate. Tradução Cláudia Schilling. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 51-83. (Série fundamentos, 122).

_____. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997b. (Pensamento e ação no magistério).

_____; VÓVIO, Cláudia Lemos. Homogeneidade e heterogeneidade nas configurações do analfabetismo. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). **Letramento no Brasil:** reflexões a partir do INAF 2001. 2. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 155-175.

OLSON, David R. A escrita sem mitos. In: _____. **O mundo no papel:** as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997. P.17-36. (Coleção escritas múltiplas).

_____. Literacy as metalinguistic activity. In: _____; TORRANCE, Nancy. **Literacy and orality.** Cambrigde: Cambridge University Press, 1991. p.251-270.

PACHECO, Agnelo de Carvalho. **A dissertação** Teoria e prática**.** 6. ed. São Paulo: Atual, 1988. (Tópicos de linguagem).

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PENNAC, Daniel. **Comme un roman.** Paris: Gallimard, 1992. (Collection folio, 2724).

PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Psicologia e ensino.** São Paulo: Papelivros, 1980.

PERRET, Michele. **L'énontiation en grammaire du texte.** Paris: Nathan, 1994.

PIAGET, Jean. Comentarios sobre las observaciones criticas de Vygotsky. In: VYGOTSKY, L.S. **Pensamiento y lenguage.** Buenos Aires: La Pleyade, 1981. p. 199-215.

_____ . Esquemas de Ação e Aprendizagem da Linguagem. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo (Org e Compilador) **Teorias da linguagem/teorias da aprendizagem:** o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky**.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix/Edusp. 1983. p. 212-215.

_____. **Seis estudos de psicologia.** Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorin e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1980.

PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. Lecture et construction du sens en français langue etrangère. 2001 (apostila entregue em curso da SME-PMSP).

_____. **Percursos de leitura**: léxico e construção do sentido na leitura em língua estrangeira. São Paulo: Annablume, 1997.

PILAR, Jandira. A redação de vestibular: como os alunos podem marcar sua "presença" nos textos. Disponível em: <http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania/01_02/JandiraL.htm>. Acesso em: 18 fev. 2008.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES,** São Paulo, n. 24, p. 32-43, 1990.

PRETI, Dino. **Sociolingüística:** os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira. 6. ed. rev. e mod. São Paulo: 1987. (Série 5, Letras e lingüística, 6).

PROCON. FUNDAÇÃO DE PROTEÇÃO E DEFESA DO CONSUMIDOR. **Objetivos/histórico.** Disponíel em: <http://www.procon.sp.gov.br/texto.asp?id=1337>. Acesso em jul. 2008.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Tradução de Carlos Vogt. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola:** cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROBERT, Paul. **Dictionnaire alphabetique et analogique de la Langue Française. Le Petit Robert 1**. Paris: Le Robert, 1986.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Acesso ao mundo da escrita: os caminhos paralelos de Luria e Ferreiro. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n.75, p.25-34, nov. 1990.

_____. **Crise na linguagem:** a redação no vestibular. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

_____. Redação no vestibular: telhado para muitas pedras. **O Estado de São Paulo,** São Paulo , 17 jun. 1993. Editorial, p. 2.

_____ . O Vestibular e a Redação: mais concordâncias, menos controvérsias. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, n. 11 p. 23-39, 1995. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/actions.actionsEdicoes.BuscaDetalhada.do?tp-_caderno=1&order=0&tp_busca=1&detalhe=rocco>. Acesso em: 25 jul.2008.

ROCKWELL, Elsie. Usos escolares da língua escrita. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n.52, p. 85-95, fev. 1985.

ROJO, Roxane. Revisitando a produção de textos na escola. In: ROCHA, Gladys;VAL, Maria da Graça Costa (Orgs). **Reflexões sobre as práticas escolares de produção de texto:** o sujeito- autor. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003. p.185-205. (Coleção linguagem e educação, 10).

SAMARA, Eni de Mesquita. **30 Anos de Fuvest:** a história do vestibular da Universidade de São Paulo, 1976-2006. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).

SERPA, Oswaldo. **Dicionário escolar inglês-português português-inglês.** 7. ed. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1973.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 14. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1986.

SELLITZ, C et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** 9. reimp. Edição revista e

nova tradução Dante Moreira Leite. São Paulo, EPU. (s/d).

SMOLKA, A.L. ; NOGUEIRA, A.L.H. O desenvolvimento cultural da criança: mediação, dialogia e (inter)regulação. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; SOUZA, Denise T.R.; REGO Teresa C. (Orgs). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p.77-94.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Tradução Daise Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 2003.

SMITH, Leslie. Jean Piaget 1986-1980. In: PALMER, Joy A. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006. p.55-63.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges. **A magia da linguagem.** Rio de Janeiro: DP&A:SEPE, 1999. p. 49-73. (O sentido da escola).

_____. **Alfabetização e letramento.** 2. ed., São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A redação no vestibular. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo: n. 24 p. 53-56, fev. 1978. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/actions.actionsEdicoes.BuscaUnica.do?codigo=399&tp_caderno=0>. Acesso em: 25 jul. 2008.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Linguagem & educação)

_____. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. 4. ed, São Paulo: Ática.1987. (Série fundamentos, 10).

_____ ; CAMPOS, Edson Nascimento. **Técnica de redação:** as articulações lingüísticas como técnica de pensamento. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

TEZZA, Cristovão. Mikhail Bakhtin e a autoridade poética. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1900,1.shl>. Acesso em: 14 nov. 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS (SIBi). **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso. São Paulo, 2004.

VAL, Maria da Graça Costa; ROCHA, Gladys. **Reflexões sobre práticas de produção de texto:** o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003. (Coleção linguagem e educação, 10).

VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipola Neto et al. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

_____. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jéferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

_____; LURIA, A.R.. **Estudos sobre a história do comportamento:** símios, homem primitivo e criança. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. "Tool and symbol in child development". In: VAN DER VEER, René; VALSINER, Jean (orgs). **The Vygotsky Reader.** Cambridge: Blackwell, 1994. p. 106-146 (trechos selecionados) .

WEBSTER'S NEW COLLEGIATE DICTIONARY. Springfield: Merriam-Webster, 1977.

ZACCUR, Edwiges (Org). **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro, DP&A, SEPE. 1999.

ANEXOS

Anexo 1

MODELO DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

1- No ano passado, você se inscreveu como treineiro na FUVEST?
1) Sim
2) Não

2- Além do vestibular da FUVEST, você pretende se inscrever também no vestibular
1) Da UNICAMP
2) Da UNESP
3) Da UNICAMP e da UNESP
4) De outras universidades, mas não no da UNICAMP e nem no da UNESP
5) Não pretende inscrever-se em nenhum outro vestibular

3- Quantos vestibulares você já prestou na FUVEST? (como treineiro não conta)
1) Nenhum
2) Um
3) Dois
4) Três
5) Quatro ou mais

A pergunta 4 deve ser respondida apenas pelos candidatos que já prestaram algum vestibular na FUVEST.
4- Em algum dos vestibulares que você já prestou na FUVEST, chegou a ser convocado para matrícula?
1) Não
2) Sim, mas não efetuei a matrícula
3) Efetuei a matrícula, mas abandonei o curso
4) Ainda estou fazendo o curso no qual me matriculei
5) Já concluí o curso no qual me matriculei

5- Onde fez seus estudos de Ensino Fundamental?
1) Só em escola pública (Estadual ou Municipal)
2) Só em escola particular
3) Maior parte em escola pública
4) Maior parte em escola particular
5) Metade em cada tipo de escola
6) Em supletivo ou madureza público
7) Em supletivo ou madureza particular
8) No exterior (qualquer tipo de escola)

6- Que tipo de estudos de Ensino Médio você realizou?
1) Ensino médio comum
2) Curso técnico (Industrial, Eletrônica, Química, Contabilidade, Agrícola, etc)
3) Curso para magistério (antigo normal)
4) Outro

7- Onde você realizou seus estudos de Ensino Médio?
1) Só em escola pública (Estadual ou Municipal)

2) Só em escola pública Federal
3) Só em escola particular
4) Maior parte em escola pública
5) Maior parte em escola particular
6) Metade em escola pública, metade em escola particular
7) Em supletivo ou madureza público
8) Em supletivo ou madureza particular
9) No exterior (qualquer tipo de escola)

8- Em que período você realizou seus estudos de Ensino Médio?
1) Diurno (só manhã ou só tarde)
2) Diurno integral (manhã e tarde)
3) Noturno
4) Maior parte diurno
5) Maior parte noturno
6) Metade no diurno, metade no noturno

9- Você se preparou, por quanto tempo, ou está se preparando, em algum cursinho pré-vestibular, além de fazer seus estudos regulares de ensino médio?
1) Não
2) Sim, menos de um semestre
3) Sim, um semestre completo
4) Sim, de um semestre a um ano
5) Sim, de um ano a um ano e meio
6) Sim, de um ano e meio a dois anos
7) Sim, mais de dois anos

10- Você já começou algum outro curso superior?
1) Não
2) Sim, mas abandonei
3) Sim, mas se passar na FUVEST vou desistir do atual
4) Sim, e se passar vou fazer os dois
5) Sim, mas ainda não resolvi o que fazer
6) Sim, e já concluí

11- Qual o grau de instrução mais alto que seu pai obteve?
1) Não freqüentou a escola
2) Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 1ª e a 4ª série
3) Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 5ª e a 8ª série
4) Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª séries)
5) Ensino Médio incompleto
6) Ensino Médio completo
7) Universitário incompleto
8) Universitário completo
9) Mestrado ou Doutorado

12- Qual o grau de instrução mais alto que sua mãe obteve?
1) Não freqüentou a escola
2) Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 1ª e a 4ª série
3) Iniciou o Ensino Fundamental, mas abandonou entre a 5ª e a 8ª série

4) Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª séries)
5) Ensino Médio incompleto
6) Ensino Médio completo
7) Universitário incompleto
8) Universitário completo
9) Mestrado ou Doutorado

13- Qual é a situação profissional atual de seu pai?
1) Proprietário de empresa grande ou média
2) Proprietário de pequena ou microempresa
3) Funcionário público da administração direta ou de autarquia
4) Profissional liberal, trabalhando por conta própria
5) Funcionário de empresa privada ou estatal
6) Capitalista (vive de rendimentos de aluguéis ou de investimentos financeiros)
7) Aposentado ou pensionista
8) No momento, não exerce atividade remunerada e nem recebe pensão ou aposentadoria
9) Outra

14- Qual é a situação profissional atual de sua mãe?
1) Proprietária de empresa grande ou média
2) Proprietária de pequena ou microempresa
3) Funcionária pública da administração direta ou de autarquia
4) Profissional liberal, trabalhando por conta própria
5) Funcionária de empresa privada ou estatal
6) Capitalista (vive de rendimentos de aluguéis ou de investimentos financeiros)
7) Aposentada ou pensionista
8) No momento, não exerce atividade remunerada e nem recebe pensão ou aposentadoria
9) Outra

15- Estado Civil
1) Solteiro
2) Casado
3) Desquitado, divorciado, separado judicialmente
4) Viúvo
5) Outro

16- Entre as alternativas abaixo, qual é a sua cor?
1) Branca
2) Preta
3) Amarela
4) Parda
5) Indígena

17- Qual é a renda familiar mensal (em reais) de sua casa?
1) Inferior a 500
2) Entre 500 e 1.500
3) Entre 1.500 e 3.000
4) Entre 3.000 e 5.000
5) Entre 5.000 e 7.000

6) Entre 7.000 e 10.000
7) Superior a 10.000

18- Quantas pessoas contribuem para a obtenção dessa renda familiar?
1) Uma
2) Duas
3) Três
4) Quatro
5) Cinco ou mais

19- Quantas pessoas são sustentadas com a renda familiar?
1) Uma
2) Duas
3) Três
4) Quatro
5) Cinco
6) Seis
7) Sete
8) Oito ou mais

20- Você exerce atualmente atividade remunerada?
1) Não
2) Eventualmente
3) Em meio período (até 20 horas semanais)
4) Em tempo semi-integral (de 21 a 32 horas semanais)
5) Em tempo integral (mais de 32 horas semanais)

21- Como pretende se manter durante seus estudos universitários?
1) Somente com recursos dos pais
2) Trabalhando, mas contando, para o essencial, com os recursos da família
3) Trabalhando para participar do rateio das despesas da família
4) Por conta própria, com recursos oriundos de trabalho remunerado
5) Com bolsa de estudos ou crédito educativo
6) Com bolsa ou crédito educativo, trabalhando e contando ainda com o apoio da família
7) Outros

22- Quantos carros existem em sua casa?
1) Nenhum
2) Um
3) Dois
4) Três
5) Quatro
6) Cinco ou mais

23- Quantos microcomputadores existem em sua casa?
1) Nenhum
2) Um
3) Dois
4) Três

5) Quatro ou mais

24- Você acessa a Internet?
1) Não
2) De vez em quando
3) Freqüentemente

25- Neste exame, você está inscrito nas carreiras de Música ou Artes Plásticas?
1) Não
2) Sim, em Artes Plásticas
3) Sim, em Música São Paulo
4) Sim, em Música Ribeirão Preto

A pergunta 26 refere-se apenas aos candidatos às carreiras da Polícia Militar. É obrigatório responder essa pergunta na ficha de inscrição.
26- Quanto à sua origem profissional, você é oriundo[75]:
1) do meio civil
2) das Forças Armadas - Exército
3) das Forças Armadas - Marinha
4) das Forças Armadas - Aeronáutica
5) da PMESP, na graduação de Soldado
6) da PMESP, na graduação de Cabo
7) da PMESP, na graduação de Sargento
8) da PMESP, na graduação de Subtenente
9) de outras Polícias Estaduais

[75] Esta informação não estava visível nas Amostragens.

AMOSTRAGEM-10- Exemplar de questionário socioeconômico respondido e de outras informações sobre o candidato.

Amostragem_000001
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 438-ODONTOLOGIA - BAURU

1. No ano passado você se inscreveu como treineiro na FUVEST ?
Não

2. Além do vestibular da FUVEST, você pretende se inscrever também no vestibular
da UNICAMP e da UNESP

3. Quantos vestibulares você já prestou na FUVEST? (Como treineiro não conta)
Um

4. Em algum dos vestibulares que já prestou na FUVEST, chegou a ser convocado para matrícula?
Não

5. Onde fez seus estudos de ensino fundamental?
Só em escola particular

6. Que tipo de ensino médio você realizou?
Ensino médio comum

7. Onde você realizou seus estudos de ensino médio?
Só em escola particular

8. Em que período você realizou seus estudos de ensino médio ?
Diurno (só manhã ou só tarde)

9. Você se preparou, por quanto tempo, ou está se preparando em algum cursinho pré-vestibular ?
Não

10. Você já começou algum outro curso superior ?
Não

11. Qual o grau de instrução mais alto que seu pai obteve ?
Ensino Médio completo

12. Qual o grau de instrução mais alto que sua mãe obteve ?
Ensino Médio completo

13. Qual a situação profissional atual de seu pai ?
Profissional liberal, trabalhando por conta própria

14. Qual a situação profissional atual de sua mãe ?
Outra

15. Estado Civil
Solteiro

16. Entre as alternativas abaixo, qual é a sua cor?
Amarela

17. Qual é a renda familiar mensal (em reais) de sua casa ?
Entre 1500 e 3000

18. Quantas pessoas contribuem para a obtenção dessa renda familiar ?
Uma

19. Quantas pessoas são sustentadas com a renda familiar ?
Seis

20. Você exerce atualmente atividade remunerada ?
Não

21. Como pretende se manter durante seus estudos universitários ?
Trabalhando, mas contando, para o essencial, com os recursos da família

22. Quantos carros existem em sua casa ?
Dois

23. Quantos microcomputadores existem em sua casa ?
Dois

24. Você acessa a Internet?
De vez em quando

25. Neste exame, você está inscrito nas carreiras de Música ou Artes Plásticas?
Não

26. Quanto a sua origem profissional, você é oriundo:

Sexo
FEMININO

Idade
18 anos

Cidade/Estado
ITATIBA/SP

Pontos Finais (em 1000)
381.6

Região de Inscrição
12-JUNDIAI/JUNDIAI (Interior)

Anexo 2

1 PERFIL DO CANDIDATO

1.1 DADOS PESSOAIS

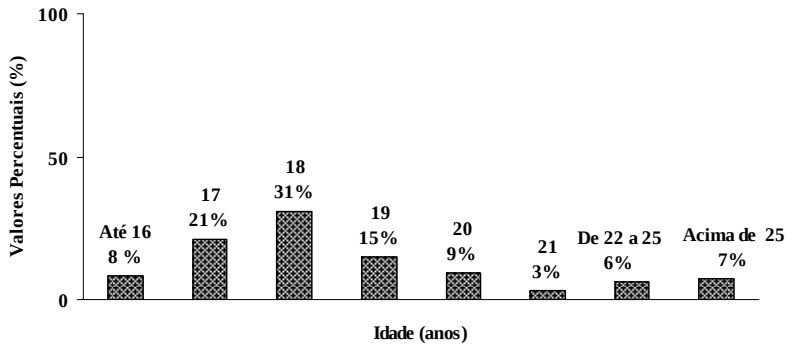
Nesta categoria, foram reunidas informações do contexto de vida e da história do candidato: **Idade**, **Sexo**, **Cor**, **Estado civil**, **Grau de instrução do pai e da mãe**, **Origem do candidato**.

A **Idade** dos candidatos foi considerada de acordo com as faixas a saber: *até 16 anos, 17, 18, 19, 20, 21 anos, de 22 a 25 anos, acima de 25 anos*. Observou-se o predomínio de candidatos com *18 anos* (117 indivíduos, 31%). Na seqüência decrescente de índices, tem-se: 74 indivíduos (21%) com *17* anos; 54 (15%) com *19*; 34 (9%) com *20*; 31 (8%), com *até 16 anos;* 27 (7%) *acima de 25 anos*; 24 (6%) com idade *de 22 a 25 anos*; 12(3%) com *21 anos.* Os índices podem ser verificados na Tabela 1.1 e no Gráfico 1.1.

Tabela 1.1 – Perfil do candidato – Dados Pessoais – Idade

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais (%)**
Até 16	31	8
17	74	21
18	117	31
19	54	15
20	34	9
21	12	3
De 22 a 25	24	6
Acima de 25	27	7

Gráfico 1.1 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Idade

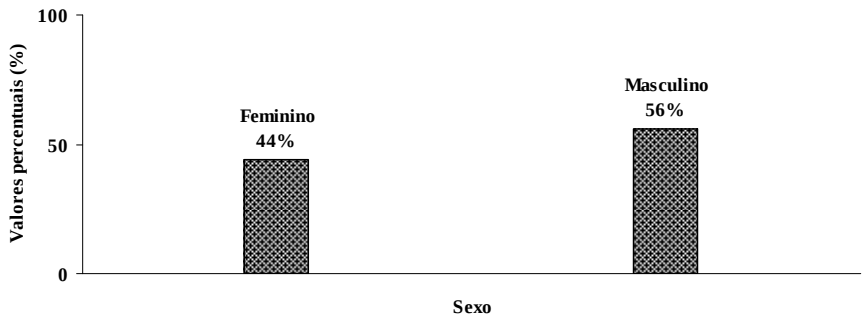


Percebem-se percentuais bastante próximos para candidatos do **Sexo** *masculino* e para candidatos do **Sexo** *feminino*, havendo predomínio do **Sexo** *masculino* (209, 56%) (Tabela 1.2 e Gráfico 1.2).

Tabela 1.2 – Perfil do candidato – Dados Pessoais – Sexo

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Feminino	164	44
Masculino	209	56

Gráfico 1.2 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Sexo

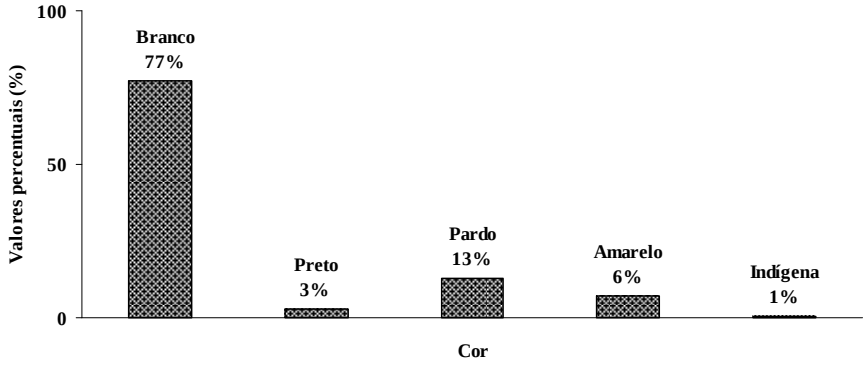


Para **Cor** do candidato, consideraram-se as categorias: *branco, preto, amarelo, pardo e indígena.* O total de candidatos *brancos* predominou: (287, 77%). A categoria *pardos* tem segundo maior índice: 48 indivíduos (13%); os *amarelos* somam 26 (6%). Há 10 (3%) indivíduos *pretos* e 2 (1%) *indígenas* (Tabela 1.3 e Gráfico 1.3).

Tabela 1.3 – Perfil do candidato – Dados Pessoais – Cor

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Branco	287	77
Preto	10	3
Pardo	48	13
Amarelo	26	6
Indígena	2	1

Gráfico 1.3 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Cor

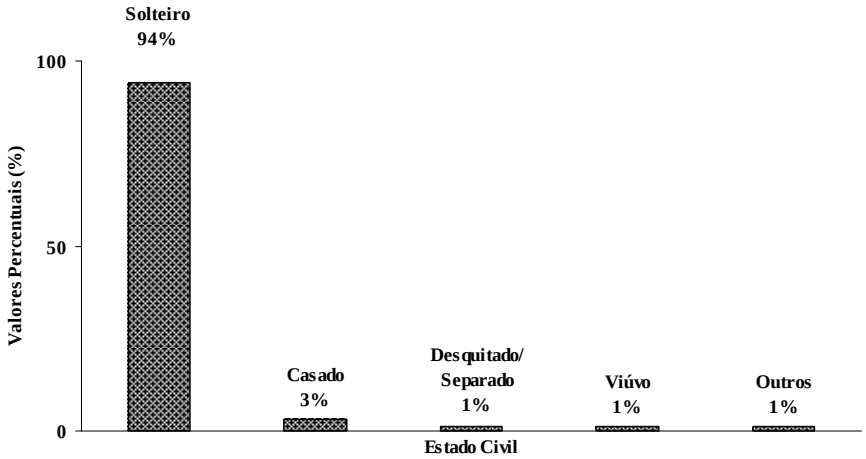


As subcategorias para descrição do **Estado Civil** do candidato foram: *solteiro, casado, desquitado/separado, viúvo, outros*. São predominantemente *solteiros* os candidatos: 355 indivíduos (94%). *Casados* somam 12 (3%). São 2 *Desquitados/separados,* 2 *viúvos* e *2 outros* correspondendo cada um a 1% (Tabela 1.4 e Gráfico 1.4).

Tabela 1.4 – Perfil do candidato – Dados Pessoais – Estado Civil

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Solteiro	355	94
Casado	12	3
Desquitado/Separado	2	1
Viúvo	2	1
Outros	2	1

Gráfico 1.4 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Estado Civil



No que concerne ao **Grau de instrução do pai e da mãe**, foram consideradas as seguintes categorias: *não informaram, não freqüentaram, Ensino Fundamental Incompleto*

entre 1ª e 4ª séries, Ensino Fundamntal Incompleto entre 5ª e 8ª, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Incompleto, Ensino Médio Completo, Ensino Superior Incompleto, Ensino Superior Completo e *Mestrado/Doutorado*.

Os valores registrados indicam o predomínio de pais e mães com grau de instrução *Ensino Superior Completo*: 165 indivíduos (44%), no caso dos pais, e 133 (35%), no caso das mães. Na seqüência aparecem, para *Ensino Médio Completo*: 62 (17%), pais, e 81 (22%), mães.

Em relação à escolarização dos pais dos candidatos, foram, ainda, registrados: 28 (8%) com *Ensino Fundamental Incompleto de 1ª a 4ª séries*; 27 (7%), com *Ensino Fundamental Incompleto de 5ª a 8ª séries*; 13 (3%), com *Ensino Fundamental Completo*; 14 (4%), com *Ensino Médio Incompleto*; 36 (9%), com *Ensino Superior Incompleto* e 22 (6%) com *Mestrado/Doutorado*. Três candidatos (1%) *não informaram* o grau de instrução de seus pais. Pais de 3 candidatos (1%) *não freqüentaram escola.*

Para as mães, os índices verificados são: 23 (6%) com *Ensino Fundamental Incompleto de 1ª a 4ª séries*; 20 (5%), com *Ensino Fundamental Incompleto de 5ª a 8ª séries*; 20 (5%), com *Ensino Fundamental Completo*; 25 (7%), com *Ensino Médio Incompleto*; 55 (15%), com *Ensino Superior Incompleto* e 12 (3%) com *Mestrado/Doutorado*. Mães de 2 candidatos (1%) *não freqüentaram escola* e 2 candidatos (1%) *não informaram* o grau de instrução de suas mães.

A Tabela 1.5 e os Gráficos 1.5.1 e 1.5.2 apresentam as informações para **Grau de Instrução do Pai e da Mãe.**

Tabela 1.5 – Perfil do candidato – Dados Pessoais – Grau de Instrução do pai e da mãe

	PAI		**MÃE**	
	Valores			
	Absolutos	**Percentuais(%)**	**Absolutos**	**Percentuais(%)**
Sem informação	3	1	2	1
Não freqüentou	3	1	2	1
Ensino Fundamental -1ª a 4ª séries Incompleto	28	8	23	6
Ensino Fundamental 5ª a 8ª séries incompleto	27	7	20	5
Ensino Fundamental Completo	13	3	20	5
Ensino Médio Incompleto	14	4	25	7
Ensino Médio Completo	62	17	81	22
Ensino Superior Incompleto	36	9	55	15
Ensino Superior Completo	165	44	133	35
Mestrado/Doutorado	22	6	12	3

Gráfico 1.5.1 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Grau de Instrução Pai – Valores Percentuais

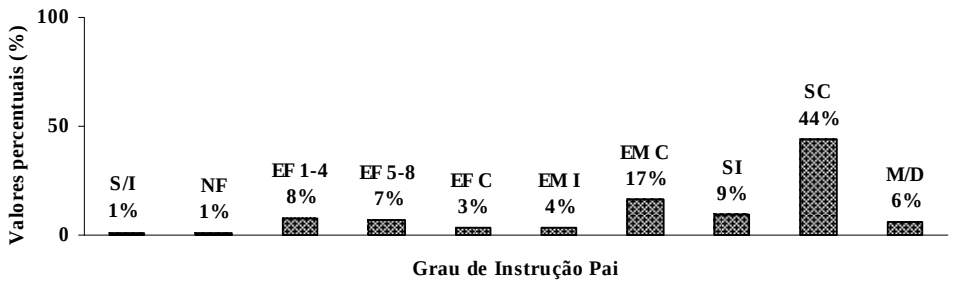
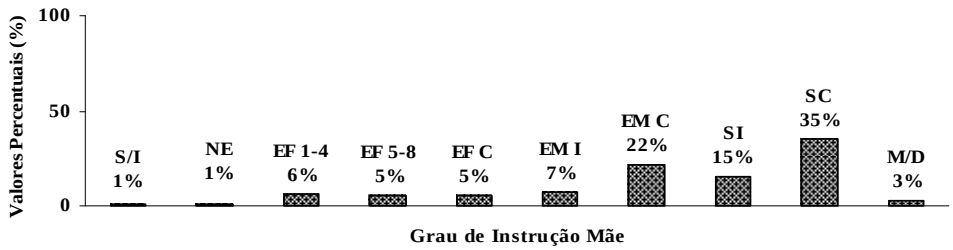


Gráfico 1.5.2 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Grau de Instrução Mãe – Valores Percentuais



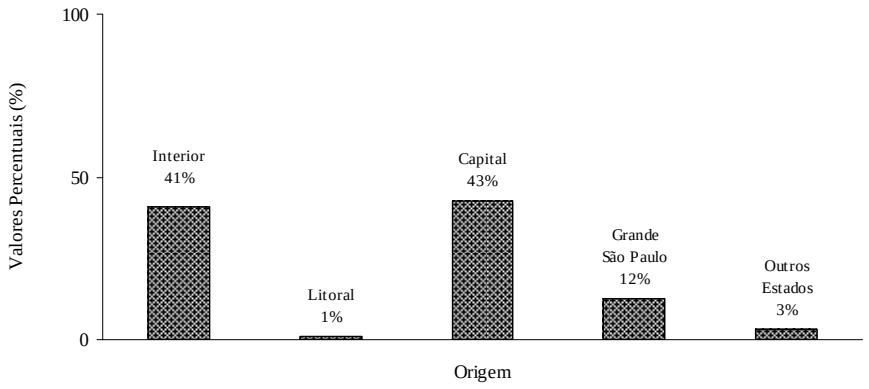
São subcategorias relativas à **Origem** do candidato: *Interior, Litoral, Capital, Grande São Paulo*[76], *Outros estados.* A maior parte dos candidatos é originária da Capital: 159 indivíduos (43%). 153 (41%) vestibulandos são do interior; 47 (12%), da Grande São Paulo. 11 candidatos (3%) vieram de outros estados e 3 (1%), do litoral. A Tabela 1.6 e o Gráfico 1.6 mostram os dados descritos.

Tabela 1.6 – Perfil do candidato – Dados Pessoais – Origem do Candidato

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Interior	153	41
Litoral	3	1
Capital	159	43
Grande São Paulo	47	12
Outros Estados	11	3

[76] Região metropolitana que reúne 39 municípios do estado de São Paulo, vizinhos à capital.

Gráfico 1.6 - Perfil do candidato – Dados Pessoais – Origem do Candidato

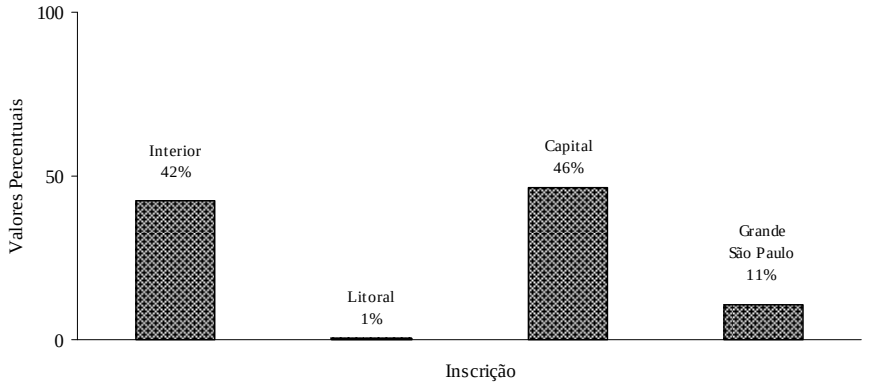


As subcategorias indicadoras do **Local de Inscrição** são: *Interior, Litoral, Capital, Grande São Paulo.* O maior número de inscritos é da *Capital*: 173 (46%); seguido de indivíduos do interior (158 – 42%), da Grande São Paulo (40 - 11%) e do litoral (2 – 1%). (Tabela 1.7 e Gráfico 1.7)

Tabela 1.7 – Perfil do Candidato – Dados Pessoais – Local de Inscrição

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Interior	158	42
Litoral	2	1
Capital	173	46
Grande São Paulo	40	11

Gráfico 1.7 – Perfil do Candidato – Dados Pessoais – Local de Inscrição



1.2 DADOS ECONÔMICOS

Os dados econômicos para obtenção do perfil dos candidatos reuniram informações sobre a **Renda Familiar** e sobre a **Ocupação/Carga horária**.

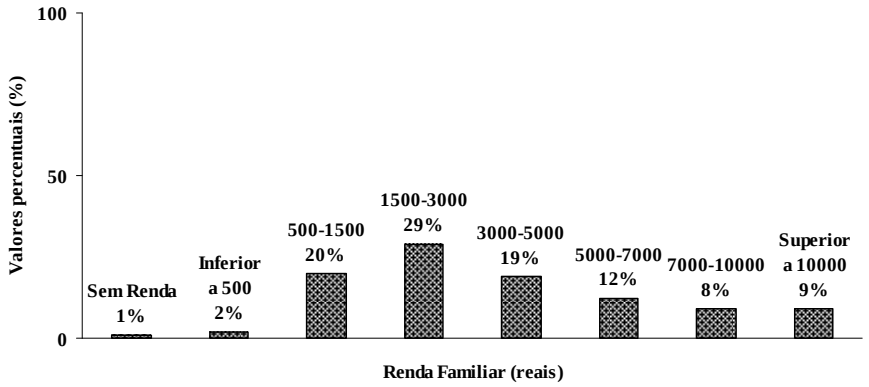
As subcategorias para **Renda Familiar** consistiram em: sem renda, inferior a *R$500,00*, de *R$500,00 a R$1500,00*, de *R$1500,00 a R$3000,00*, de *R$3000,00 a R$5000,00*, de *R$5000,00 a R$7000,00*, de *R$7000,00 a R$10000,00*, *superior a R$10000,00*.

Os registros apontam **Renda Familiar** predominante entre *R$1500,00 a R$3000,00*, correspondendo a 29% dos candidatos (107 indivíduos). Em ordem decrescente de faixas econômicas, observou-se: *R$500,00 a R$1500,00*, correspondendo a 76 indivíduos (20%); *R$3000,00 a R$5000,00*, 70 (19%); *R$5000,00 a R$7000,00*, 44 (12%); *superior a R$10000,00*, *33* (9%); *R$7000,00 a R$10000,00*, 32 (8%); *inferior a R$500,00*, 6 (2%); *sem renda*, 5 (1%). (Tabela 2.1 e Gráfico 2.1)

Tabela 2.1 – Perfil do candidato – Dados Econômicos – Renda Familiar

	Valores	
Faixas de Renda (R$)	**Absolutos**	**Percentuais(%)**
Inferior a 500	6	2
500-1500	76	20
1500-3000	107	29
3000-5000	70	19
5000-7000	44	12
7000-10000	32	8
Maior que 10000	33	9
Sem renda	5	1

Gráfico 2.1 - Perfil do candidato – Dados Econômicos – Renda Familiar – Valores Percentuais



Outro aspecto referente à condição econômica do candidato foi a **Ocupação/Carga horária**. As subcategorias para essa informação foram: *não trabalha*, exerce *atividade remunerada eventual*, trabalha por *até 20 horas semanais*, por um período *entre 21 e 32 horas semanais* ou por um período de *mais de 32 horas semanais*.

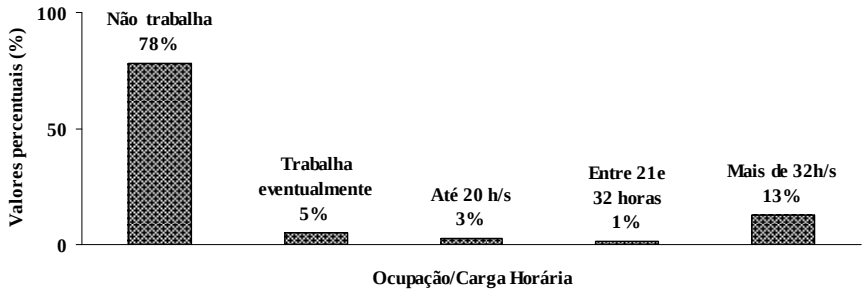
Os índices verificados indicam que a maioria dos candidatos *não exerce atividade remunerada*: 78% (292). O segundo maior índice corresponde a indivíduos que exercem atividade remunerada por um período *superior a 32 horas semanais* 13% (48 sujeitos). O terceiro maior índice ocorre em *atividade remunerada eventual* 5% (19 indivíduos). Em seguida, vem o conjunto das Amostragens em que o vestibulando trabalha por um período de *até 20 horas*, 3% (10 candidatos). 1% (4 candidatos) trabalha *entre 21 e 32 horas semanais* (Tabela 2.2 e Gráfico 2.2)

Tabela 2.2– Perfil do Candidato – Dados Econômicos – Ocupação/Carga horária

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais (%)**
Não trabalha	292	78
Eventual	19	5
Até 20 h/s	10	3
Entre 21 e 32 h/s	4	1
Mais de 32 h/s	48	13

.

Gráfico 2.2 – Perfil do Candidato – Dados Econômicos – Ocupação/carga horária – Valores Percentuais



1.3 FORMAÇÃO ACADÊMICA

O perfil de **Formação Acadêmica** considerou o tipo de ensino cursado pelo vestibulando no *Ensino Fundamental* e no *Ensino Médio*; se ele realizou *Curso preparatório para vestibular* e por quanto tempo; se já ingressou ou não em algum curso de *Ensino Superior* e se o completou.

ENSINO FUNDAMENTAL

As informações sobre o *Ensino Fundamental* do candidato foram organizadas segundo as subcategorias: *só em escola particular, só em escola pública (Estadual ou Municipal), maior parte em escola particular, maior parte em escola pública, metade em cada tipo de escola, em Supletivo* e *no exterior*.

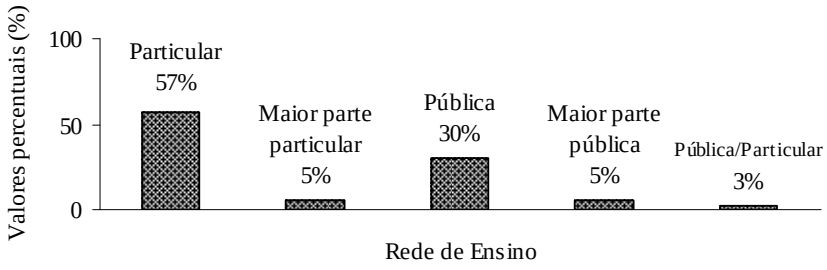
A maioria dos candidatos cursou o Ensino Fundamental em escolas da rede privada: 212 do total de candidatos (57%). O segundo maior índice foi verificado entre os candidatos que freqüentaram a rede pública: 113 (30%). Candidatos que freqüentaram parte do Ensino Fundamental na rede pública, parte na privada perfazem os mesmos índices de 5% ou 19 indivíduos nas subcategorias *maior parte em escola particular* e *maior parte em escola pública*. Para *metade em cada tipo de escola* o índice foi de 10 indivíduos (3%). Não ocorreram casos de formação em Supletivo nem no exterior. Na Tabela 3.1 e no Gráfico 3.1 podem ser observados os valores indicados.

Tabela 3.1 – Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Ensino Fundamental

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
PT	212	57
PT/PB - PT	19	5
PB	113	30
PT/PB - PB	19	5
PT/PB	10	3
S	0	0
E	0	0

LEGENDA: PT - só em escola particular; PB, só em escola pública (Estadual ou Municipal); PT/PB-PT- maior parte em escola particular; PT/PB-PB - maior parte em escola pública; PT/PB - metade em cada tipo de escola; S - em Supletivo; E - no exterior.

Gráfico 3.1 - Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Ensino Fundamental



ENSINO MÉDIO

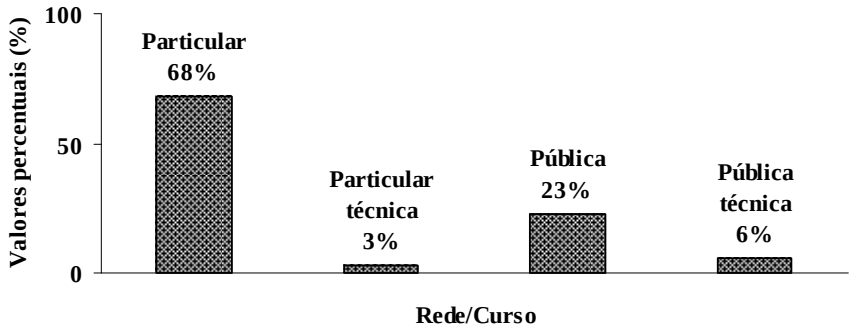
Os dados relativos ao Ensino Médio foram classificados em: *só em escola pública, só em escola paticular, em escola técnica pública* e *em escola técnica particular*. A maioria das amostragens foi redigida por vestibulandos que cursaram o Ensino Médio *só em escola da rede particular* 255 (68%). Candidatos que cursaram o Ensino Médio *só em escola pública* foram 85 (23%). 10 (3%) candidatos cursaram *escola técnica particular.* 23 indivíduos (6%) freqüentaram *escola técnica pública.* Os indices expostos podem ser observados naTabela 3.2 e no Gráfico 3.2.

Tabela 3.2 – Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Ensino Médio

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais (%)**
Particular	255	68
PT Técnica	10	3
Pública	85	23
PB Técnica	23	6

LEGENDA: Pública- só em escola pública; Particular - só em escola paticular; PB Técnica - em escola técnica pública; PT Técnica - em escola técnica particular.

Gráfico 3.2 – Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Ensino Médio



CURSO PREPARATÓRIO

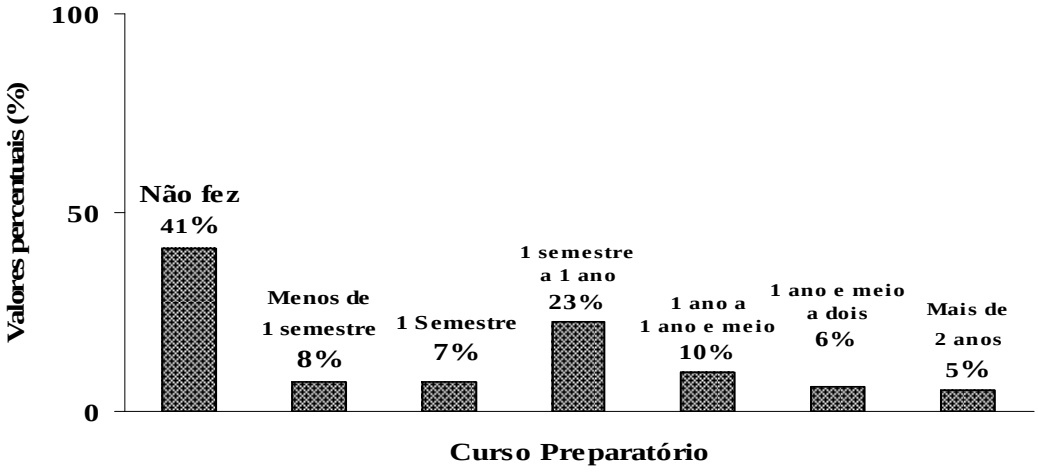
Verificou-se se o candidato freqüentou ou não algum **Curso Preparatório;** em caso positivo, por quanto tempo: *menos de 1 semestre, 1 semestre, de 1 semestre a 1 ano, de 1 ano a 1 ano e meio, de um ano e meio a 2 anos, mais de 2 anos.*

A maior parte das Amostragens foram compostas por candidatos que realizaram Curso Preparatório 220 (59%). Do total de candidatos que freqüentaram instituições dessa natureza, 84 (22%) fizeram-no por um período de *1 semestre a 1 ano*; 36 (10%), por *1 ano a 1 ano e meio*; 28 (8%), por *menos de 1 semestre*; 27 (7%), por *1 semestre*; 25 (6%), por 1 ano e meio a 2; 20 (5%) por mais de 2 anos. Não estudaram em Cursos Preparatórios 153 candidatos (41%). (Tabela 3.3 e Gráfico 3.3)

Tabela 3.3 - Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Curso Preparatório

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais (%)**
Não fez cursinho	153	41
< 1 semestre	28	8
1 semestre	27	7
1 semestre a 1 ano	84	22
1 ano a 1 ano e meio	36	10
1 ano e meio a dois	25	7
Mais de 2 anos	20	5

Gráfico 3.3 - Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Curso Preparatório



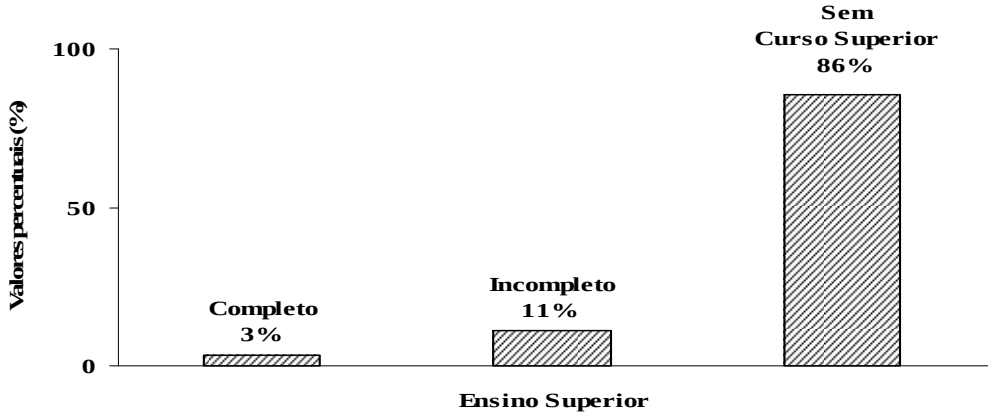
ENSINO SUPERIOR

Registrou-se se o vestibulando cursou *Ensino Superior Completo* ou não – *Ensino Superior Incompleto* - e se *não* apresenta formação superior. A maioria, 319 (86%) *não* freqüentou o Ensino Superior. 13 candidatos (3%) têm *Ensino Superior Completo*; 41 (11%), *Ensino Superior Incompleto.* (Tabela 3.4 e Gráfico 3.4)

Tabela 3.4 – Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Ensino Superior

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Sim Completo	13	3
Sim Incompleto	41	11
Não	319	86

Gráfico 3.4 – Perfil do Candidato – Formação Acadêmica – Ensino Superior



1.4 DADOS DO VESTIBULAR

Com o intuito de se traçar o perfil de vestibular dos candidatos da Amostra, foram consideradas as seguintes informações: **Condição de Ingresso na Universidade, Área de Conhecimento e Pontuação.**

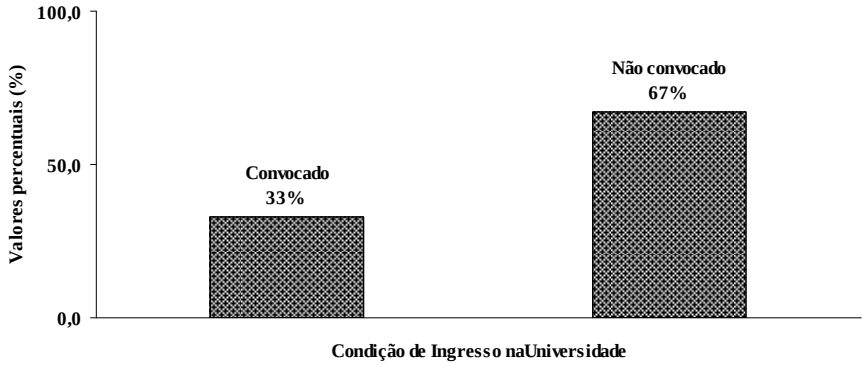
No que concerne à **Condição de Ingresso na Universidade**, registrou-se *Convocado*, para aquele que se apresentou apto a cursar a Universidade; e *Não Convocado*, para o que não pôde matricular-se.

Na Tabela 4.1 e no Gráfico 4.1, é possível a visualização dos índices para **Condição de Ingresso na Universidade:** 123 candidatos (33%) foram *Convocados* para a matrícula; 250 (67%) estão entre os *Não Convocados.*

Tabela 4.1 – Perfil do Candidato – Dados do Vestibular - Condição de Ingresso na Universidade

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais (%)**
Convocado	123	33
Não convocado	250	67

Gráfico 4.1 – Perfil do Candidato – Dados do Vestibular - Condição de Ingresso na Universidade



ÁREA DE CONHECIMENTO

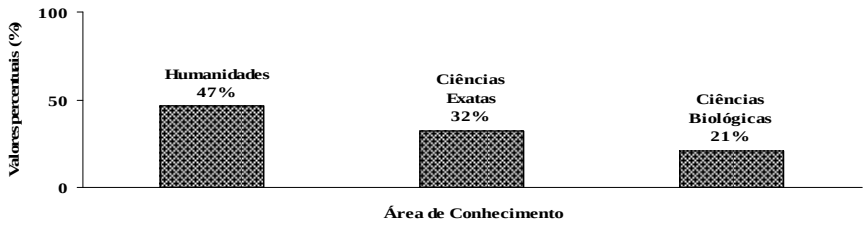
As carreiras almejadas pelos vestibulandos foram agrupadas[77] de acordo com as categorias de opção de carreira para os candidatos de treinamento, a saber: **Humanidades, Ciências Exatas e Ciências Biológicas.**

Os índices verificados correspondem a 174 candidatos (47%) a vagas em **Humanidades,** 120 (32%) para **Ciências Exatas** e 79 (21%) para **Ciências Biológicas.** (Tabela 4.2 e Gráfico 4.2).

Tabela 4.2 – Perfil do Candidato – Dados do Vestibular – Área do Conhecimento

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais (%)**
Humanidades	174	47
Ciências Exatas	120	32
Ciências Biológicas	79	21

Gráfico 4.2 - Perfil do Candidato – Dados do Vestibular – Área do Conhecimento



PONTUAÇÃO

A **Pontuação** recebida pelo candidato, ao ser avaliado nas provas de 1ª e 2ª fases do Vestibular[78], foi subdividida em faixas de valores: até 500 pontos, de 501 a 600, de 601 a 700, de 701 a 800, acima de 800, e pode ser observada na Tabela 4.3 e no Gráfico 4.3. A maioria, 182 indivíduos (49%), atingiu até 500 pontos; 100 candidatos (27%) obtiveram notas entre 501 e 600 pontos; 56 (15%) alcançaram valores entre 601 e 700 pontos; 29 (7%)

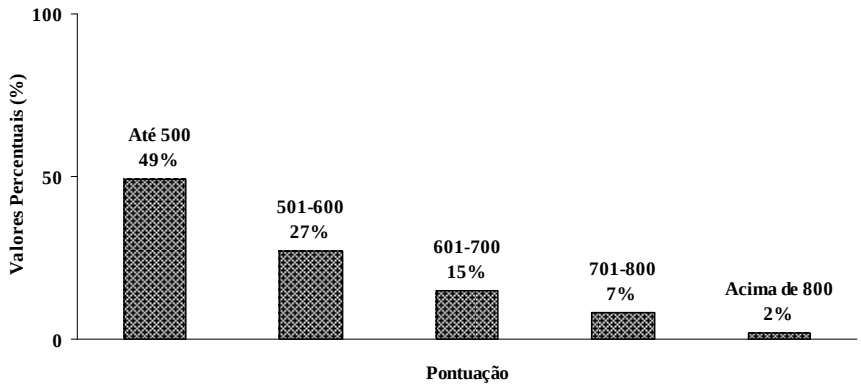
[77] No Anexo 4, pode ser verificado o agrupamento das carreiras agrupadas segundo as Áreas do Conhecimento.
[78] A média é calculada considerando-se as notas da 1ª e 2ª fases bem como a média normatizada do ENEM. O valor máximo de pontos é 1000.

receberam pontuação entre 701 e 800; apenas 6 vestibulandos (2%) apresentaram resultados acima de 800 pontos.

Tabela 4.3 – Perfil do Candidato – Dados do Vestibular – Pontuação

	Valores	
Faixas de Renda (R$)	**Absolutos**	**Percentuais(%)**
até 500	182	49
501-600	100	27
601-700	56	15
701-800	29	7
acima de 800	6	2

Gráfico 4.3 - Perfil do Candidato – Dados do Vestibular – Pontuação



2 CANDIDATO DE TREINAMENTO[79]

Convém destacar, entre entre os vestibulandos, aqueles denominados candidatos de treinamento, em número de 37.

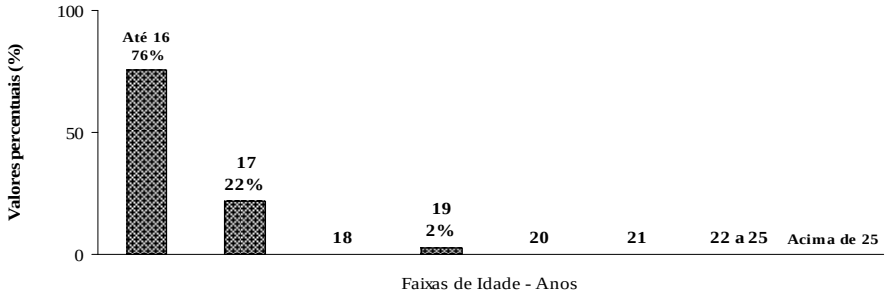
2.1 DADOS PESSOAIS

Em relação aos Dados Pessoais, observa-se o seguinte perfil para os candidatos de treinamento: a **Idade** predominante é *até 16 anos* (28 candidatos – 76%); 22% (8 indivíduos) têm *17 anos*; 1 candidato (2%) tem *19 anos*, como mostram a Tabela 5.1.1 e o Gráfico 5.1.1

Tabela 5.1.1 – Perfil dos Candidatos de Treinamento – Dados Pessoais –Idade

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Até 16	28	76
17	8	22
18	0	0
19	1	2
20	0	0
21	0	0
De 22 a 25	0	0
Acima de 25	0	0

Gráfico 5.1.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Idade



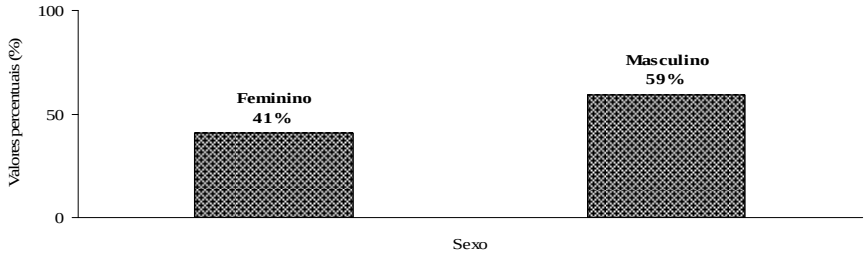
Verifica-se, entre os candidatos de treinamento, um índice maior para o *sexo masculino*. (Tabela 5.1.2 e Gràfico 5.1.2)

[79] Cf. Capítulo 5 para definição de “candidato de treinamento”.

Tabela 5.1.2 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Sexo

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Feminino	15	41
Masculino	22	59

Gráfico 5.1.2 - Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Sexo

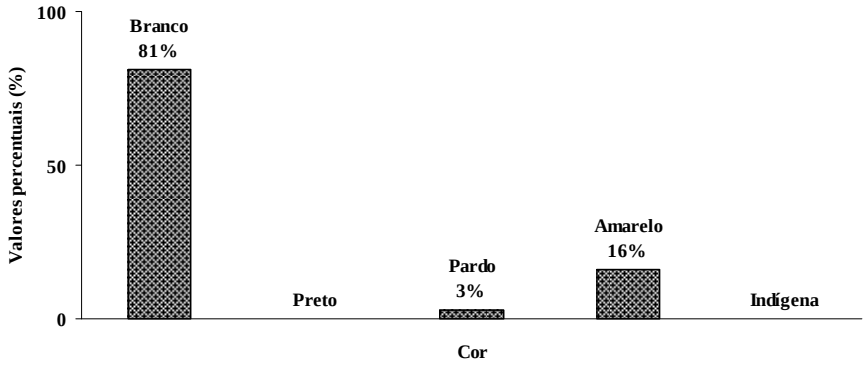


Os indivíduos *brancos* são maioria (81%, 30 candidatos), seguidos dos *amarelos* (16%, 6) e de *pardos* (3%, 1). Não houve candidatos pretos, nem indígenas, entre os treineiros. (Tabela 5.1.3 e Gráfico 5.1.3)

Tabela 5.1.3- Perfil do Candidato deTreinamento – Dados Pessoais – Cor

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Branco	30	81
Preto	0	0
Pardo	1	3
Amarelo	6	16
Indígena	0	0

Gráfico 5.1.3 - Perfil do Candidato deTreinamento – Dados Pessoais – Cor



Todos são *solteiros*. (Tabela 5.1.4 e Gráfico 5.1.4)

Tabela 5.1.4 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Estado Civil

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Solteiro	37	100
Casado	0	0
Desquitado/Separado	0	0
Viúvo	0	0
Outros	0	0

Gráfico 5.1.4 - Perfil do Candidato de Trinamento – Dados Pessoais – Estado Civil

Pais e mães dos candidatos de treinamento são escolarizados. Os valores registrados para **Grau de Instrução do Pai e da Mãe** indicam o predomínio de pais e mães com grau de instrução *Ensino Superior Completo*: 19 (51%), pais; 22 (59%), mães. Registraram-se, ainda, para os pais: 2 (5%), com *Ensino Fundamental Incompleto de 5ª a 8ª séries*; 2 (5%), com *Ensino Médio Incompleto*; 4 (11%), com *Ensino Médio Completo*; 4 (11%) com *Ensino Superior Incompleto* e 5 (14%) com *Mestrado/Doutorado*. Não ocorreram casos de pais com *Ensino Fundamental Incompleto de 1ª a 4ª séries, Ensino Fundamental Completo*. Para as mães, os índices observados foram: 1 (3%) com *Ensino Fundamental Incompleto de 1ª a 4ª séries*; 1 (3%), com *Ensino Fundamental Incompleto de 5ª a 8ª séries*; 2 (5%), com *Ensino Médio Incompleto*; 5 (14%) com *Ensino Médio Completo*; 2 (5%), com *Ensino Superior Incompleto* e 4 (11%) com *Mestrado/Doutorado*. Não ocorreram casos de mães com *Ensino Fundamental Completo*. (Tabela 5.5 e Gráficos 5.1.5.1 e 5.1.5.2)

Tabela 5.1.5 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Grau de Instrução do Pai e da Mãe

	PAI		MÃE	
	Valores			
	VA	P(%)	VA	P(%)
Sem informação	1	3	0	0
Não freqüentou	0	0	0	0
Ensino Fundamental -1ª a 4ª séries Incompleto	0	0	1	3
Ensino Fundamental 5ª a 8ª séries incompleto	2	5	1	3
Ensino Fundamental Completo	0	0	0	0
Ensino Médio Incompleto	2	5	2	5
Ensino Médio Completo	4	11	5	14
Ensino Superior Incompleto	4	11	2	5
Ensino Superior Completo	19	51	22	59
Mestrado/Doutorado	5	14	4	11

Gráfico 5.1.5.1– Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Grau de Instrução do Pai

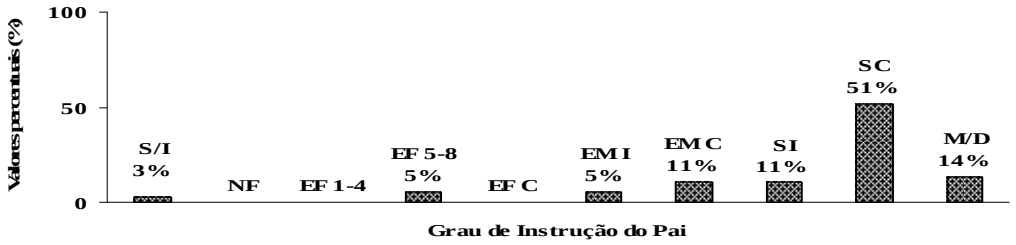
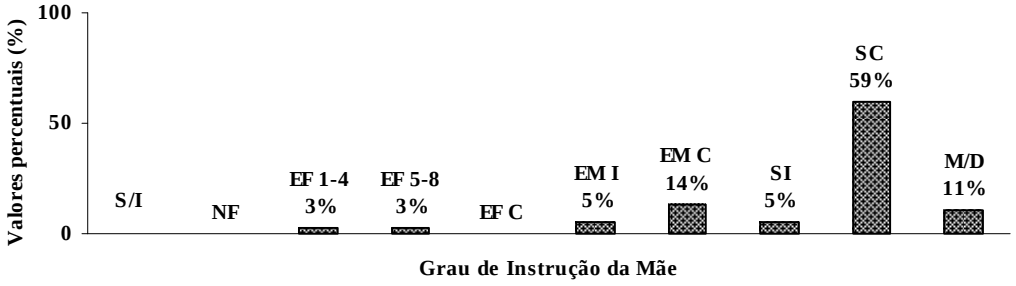


Gráfico 5.1.5.2 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Grau de Instrução da Mãe



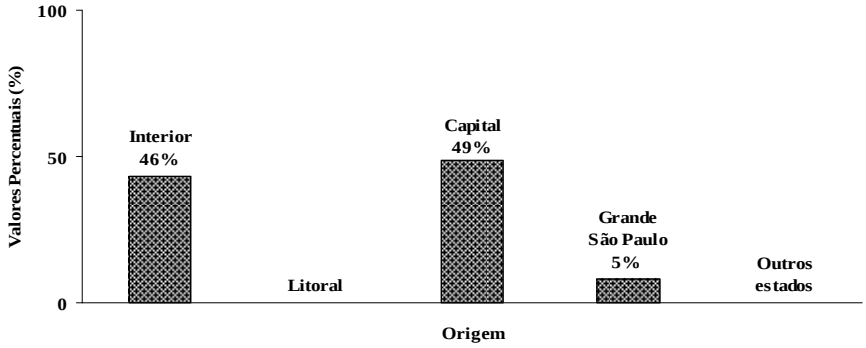
ORIGEM

Em relação à **Origem**, foram registrados: 18 (49%) candidatos da Capital; 17 (46%), do interior; 2 (5%) da Grande São Paulo. (Tabela 5.1.6 e Gráfico 5.1.6)

Tabela 5.1.6 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais - Origem

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Interior	17	46
Litoral	0	0
Capital	18	49
Grande São Paulo	2	5
Outros estados	0	0

Gráfico 5.1.6 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Origem



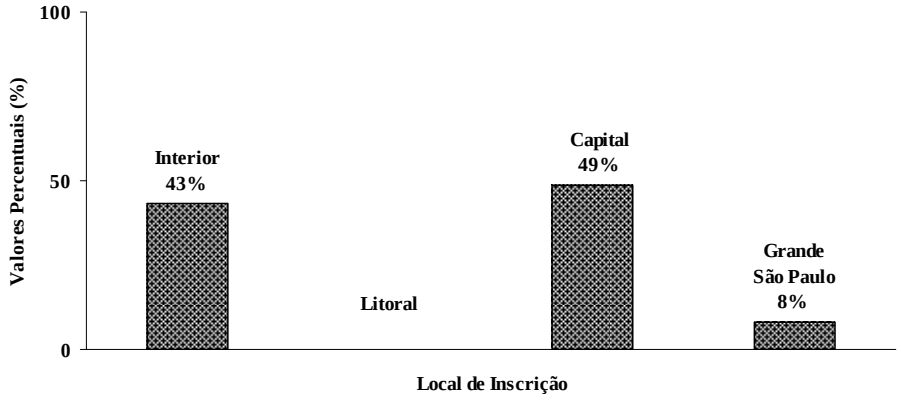
LOCAL DE INSCRIÇÃO

A tendência verificada para **Local de Inscrição** coincide com a tendência para **Origem:** a maioria fez sua inscrição na *Capital* (49%, 18 indivíduos), seguida por candidatos do *Interior* (43%, 16), da *Grande São Paulo* (8%, 3). (Tabela 5.1.7 e Gráfico 5.1.7).

Tabela 5.1.7 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Local de Inscrição

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Interior	16	43
Litoral	0	0
Capital	18	49
Grande São Paulo	3	8

Gráfico 5.1.7 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Pessoais – Local de Inscrição



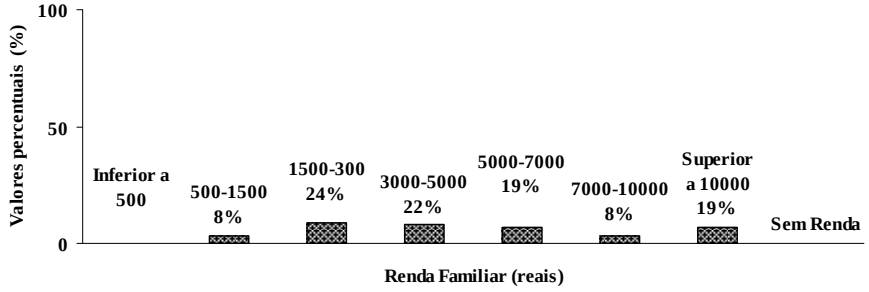
2.2 DADOS ECONÔMICOS

Os registros mostram que a maioria dos candidato de treinamento tem **Renda Familiar** entre *R$1500,00 a R$3000,00* (9 indivíduos, 24%) . Em seguida, em ordem decrescente, tem-se: *R$3000,00 a R$5000,00* (8, 22%); *R$5000,00 a R$7000,00* e *superior a R$10000,00*, com mesmos índices (7, 19%); *R$500,00 a R$1500,00* e *R$7000,00 a R$10000,00*, também com valores idênticos (3, 8%). Não foram registrados candidatos de treinamento com famílias *sem renda* nem com renda *inferior a R$500,00* (Tabela 5.2.1 e Gráfico 5.2.1).

Tabela 5.2.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Econômicos – Renda Familiar

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Inferior a 500	0	0
500-1500	3	8
1500-3000	9	24
3000-5000	8	22
5000-7000	7	19
7000-10000	3	8
Maior que 10000	7	19
Sem Renda	0	0

Gráfico 5.2.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Econômicos – Renda Familiar



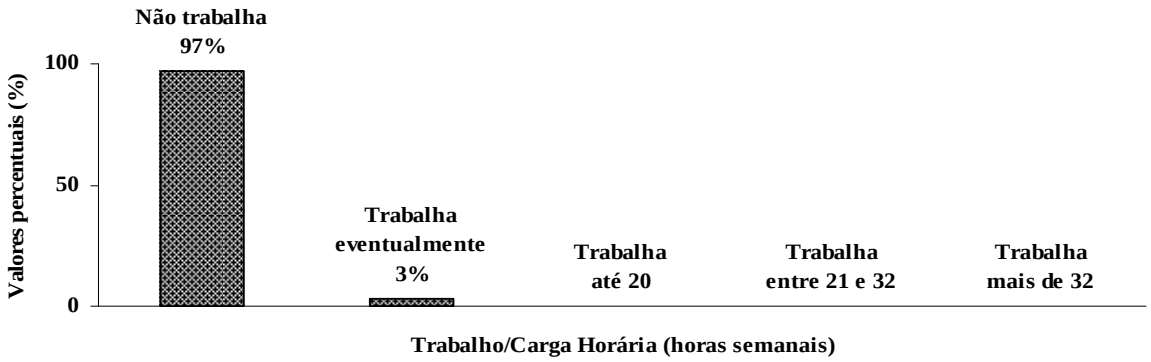
OCUPAÇÃO/CARGA HORÁRIA

Os índices verificados para **Ocupação/Carga horária** indicam que 36 indivíduos (97%) *não exercem atividade remunerada* e 1 (3%), *atividade remunerada eventual.* Entre candidatos de treinamento, não há registros para os períodos: *até 20 horas*, *entre 21 e 32 horas* e *mais de 32 horas semanais*. (Tabela 5.2.2 e Gráfico 5.2.2)

Tabela 5.2.2 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Econômicos – Ocupação/Carga horária

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Não trabalha	36	97
Eventualmente	1	3
Até 20 h/s	0	0
Entre 21 e 32 h/s	0	0
Mais de 32 h/s	0	0

Gráfico 5.2.2 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados Econômicos – Ocupação/Carga horária



1.3 FORMAÇÃO ACADÊMICA

ENSINO FUNDAMENTAL

A maioria dos candidatos de treinamento cursou o Ensino Fundamental em escolas da rede privada: 31 (84%). O segundo maior índice, 5 sujeitos (5%), foi verificado para as subcategorias *escola pública* e *metade em cada tipo de escola*. Os valores para aqueles que freqüentaram parte do Ensino Fundamental na rede pública foram de 1 indivíduo (3%) em cada subcategoria *maior parte em escola particular* e *maior parte em escola pública*. Não ocorreram casos de formação em *Supletivo*[80] nem no *Exterior*. (Tabela 5.3.1 e Gráfico 5.3.1)

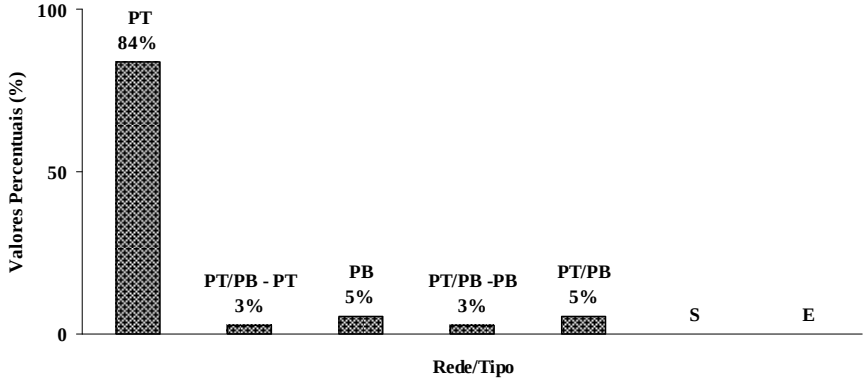
Tabela 5.3.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Formação Acadêmica – Ensino Fundamental

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
PT	31	84
PT/PB - PT	1	3
PB	2	5
PT/PB - PB	1	3
PT/PB	2	5
S	0	0
E	0	0

LEGENDA: PT - só em escola particular; PB, só em escola pública (Estadual ou Municipal); PT/PB-PT- maior parte em escola particular; PT/PB-PB - maior parte em escola pública; PT/PB - metade em cada tipo de escola; S - em Supletivo; E - no exterior.

[80] Foi mantida a nomenclatura do questionário socioconômico. Atualmente, o termo utiilizado é Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Gráfico 5.3.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Formação Acadêmica – Ensino Fundamental



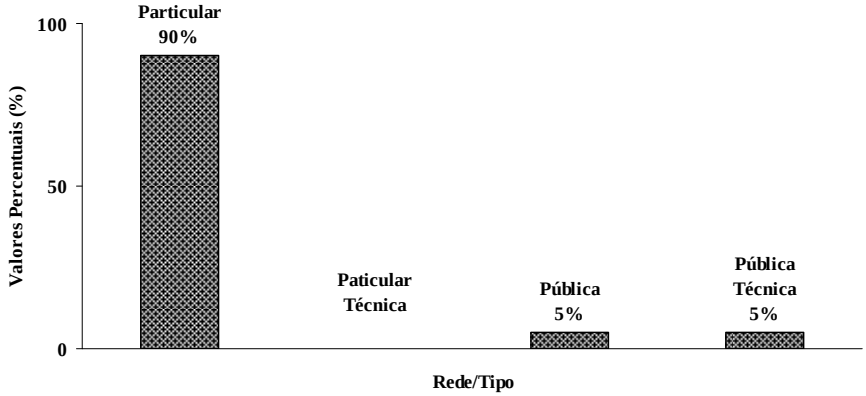
ENSINO MÉDIO

A maioria das amostragens foi redigida por vestibulandos que cursaram o Ensino Médio *só em escola da rede particular* 33 sujeitos (90%). Dois candidatos (5%) cursaram o Ensino Médio *só em escola pública* e 2 (5%) freqüentaram *escola técnica pública*. (Tabela 5.3.2 e Gráfico 5.3.2)

Tabela 5.3.2 –Perfil do Candidato de Treinamento – Formação Acadêmica – Ensino Médio

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Particular	33	90
Particular Técnica	0	0
Pública	2	5
Pública Técnica	2	5

Gráfico 5.3.2 –Perfil do Candidato de Treinamento – Formação Acadêmica – Ensino Médio



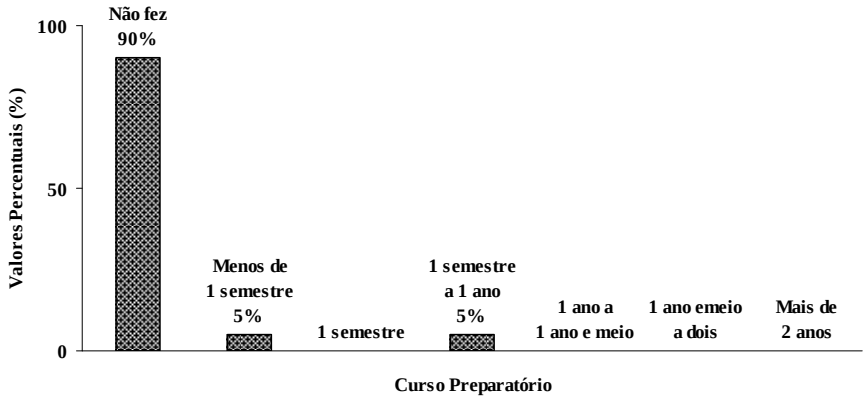
CURSO PREPARATÓRIO

Quatro candidatos de treinamento freqüentaram Curso Preparatório; dois, por *menos de um semestre*; dois, por *1 semestre a 1 ano.* A maioria, 33 (90%), não estudou nesse tipo de instituição. (Tabela 5.3.4 e Gráfico 5.3.4)

Tabela 5.3.3 – Perfil do Candidato de Treinamento – Formação Acadêmica – Curso Preparatório

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Não fez cursinho	33	90
< 1 semestre	2	5
1 semestre	0	0
1 semestre a 1 ano	2	5
1 ano a 1 ano e meio	0	0
1 ano e meio a dois	0	0
Mais de 2 anos	0	0

Gráfico 5.3.3 – Perfil do Candidato de Treinamento – Formação Acadêmica – Curso Preparatório



ENSINO SUPERIOR

Nenhum candidato de treinamento realizou Ensino Superior.

2.4 DADOS DO VESTIBULAR

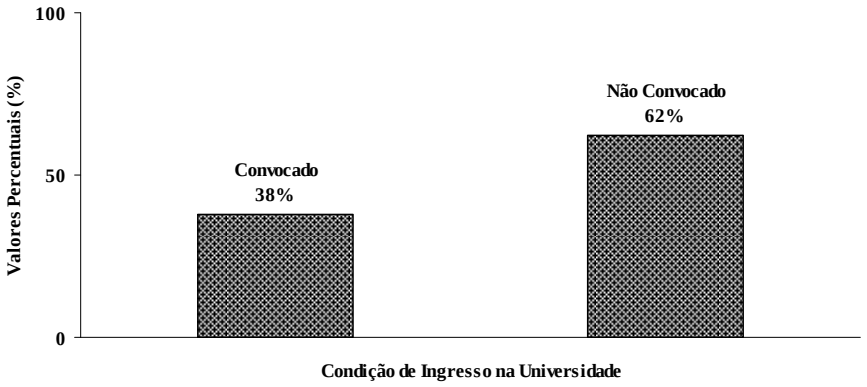
SITUAÇÃO DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE

São 14 (38%), os candidatos de treinamento apresentaram-se aptos a serem *convocados* para a matrícula. O restante, 23 (62%), não seria convocado. (Tabela 5.4.1 e Gráfico 5.4.1)

Tabela 5.4.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados do Vestibular – Condição de Ingresso na Universidade

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Convocado	14	38
Não convocado	23	62

Gráfico 5.4.1 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados do Vestibular – Condição de Ingresso na Universidade



ÁREA DE CONHECIMENTO

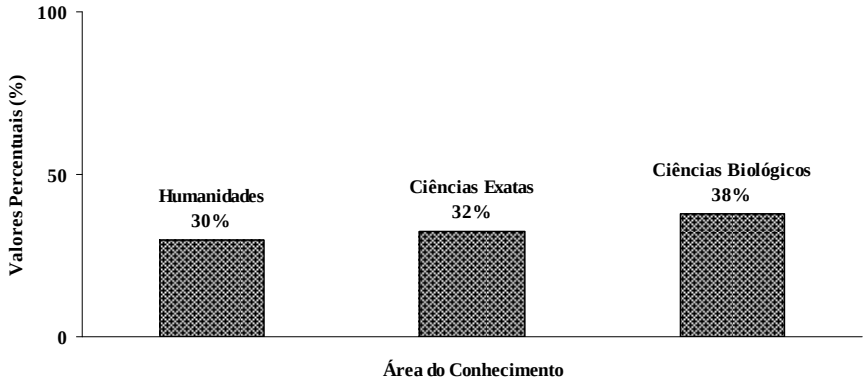
Entre os candidatos de treinamento, as tendências para opção de Área do conhecimento são, em ordem decrescente de índices: 14 indivíduos (38%) para Ciências

Biológicas; 12 (32%), para Ciências Exatas; 11 (30%), para Humanidades (Tabela 5.4.2 e Gráfico 5.4.2).

Tabela 5.4.2 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados do Vestibular – Área do Conhecimento

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
Humanidades	11	30
Ciências Exatas	12	32
Ciências Biológicas	14	38

Gráfico 5.4.2 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados do Vestibular – Área do Conhecimento



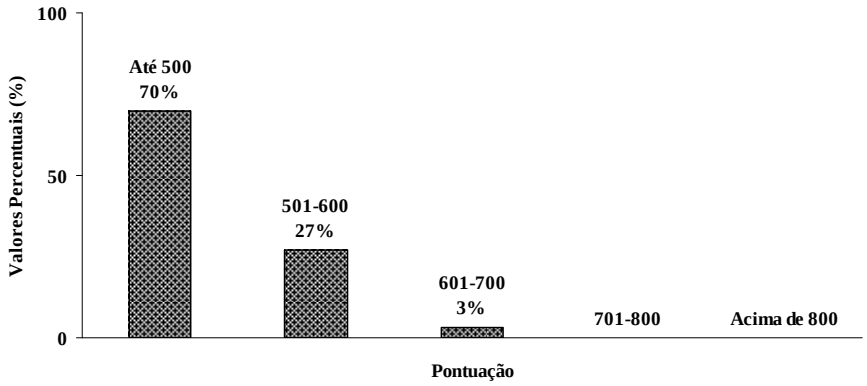
PONTUAÇÃO

São maioria (26 cndidatos, 70%), entre os treineiros, aqueles que atingiram Pontuação abaixo de 500. São seguidos por 10 indivíduos (27%), que somaram entre 501 e 600 pontos, e 1 (3%), que obteve pontuação entre 601 e 700 (Tabela 5.4.3 e Gráfico 5.4.3).

Tabela 5.4.3 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados do Vestibular – Pontuação

	Valores	
	Absolutos	**Percentuais(%)**
até 500	26	70
501-600	10	27
601-700	1	3
701-800	0	0
acima de 800	0	0

Gráfico 5.4.3 – Perfil do Candidato de Treinamento – Dados do Vestibular – Pontuação



Anexo 3

INSTRUÇÃO DE CURSO PREPARATÓRIO

REDAÇÃO

1

AULA 10 — CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

Aspectos Analisados na Redação:

- Coerência local e textual. Serão considerados aspectos negativos; por exemplo, a presença de contradições entre frases ou entre parágrafos, a falta de encadeamento argumentativo, a circularidade ou a quebra de progressão discursiva, a presença de conclusão não decorrente do que foi exposto.

A COERÊNCIA TEXTUAL

Quando falamos ou escrevemos estamos querendo comunicar intenções, buscamos ser entendidos, desejamos estabelecer contratos verbais com nossos ouvintes ou leitores.

As palavras ou frases articuladas produzindo significações, dotadas de intencionalidade, e ganhando sentidos pela interferência dos destinatários, criam as unidades textuais.

É comum ouvir-se dizer que há textos bons por serem coerentes e outros ruins pela incoerência. A rigor existem vários níveis e planos de coerência ou incoerência.

Muita atenção para evitar:

- Incoerência contextual;
- Incoerência argumentativa;
- Incoerência do uso da imagem.

O problema básico na produção da coerência é o do acerto das partes com relação ao todo textual, isto é:

- do ajuste seqüencial das idéias;
- da progressão dos argumentos;
- das afirmativas que são explicadas;
- das justificativas vinculadas a teses;
- das demonstrações acompanhadas de provas; das proposições que se concluem;
- da adequação do texto ao leitor.

A ARTE DA RETÓRICA - ARISTÓTELES

- **Exórdio** — é o início do texto. Pode ser uma indicação do assunto, uma censura. Essa fase **deve assegurar a fidelidade do leitor**;
- **Narração** — é o assunto propriamente dito, onde os fatos são arrolados. Aqui não deve existir rapidez, tampouco concisão, mas sim a justa medida. Este é o núcleo da argumentação;
- **Provas** — se o discurso deseja convencer, é preciso mostrar as evidências, comprovar o que se diz. Para se obter esse efeito, é comum nos textos argumentativos usar-se números, depoimentos de especialistas no assunto, citações de pesquisas.
- **Peroração** — é a conclusão, um lugar no texto que se revela extremamente importante por ser a última oportunidade para se convencer o leitor acerca da tese.

A integração procedente e equilibrada desses núcleos asseguraria o mecanismo macroestrutural da coerência.

Anexo 4

AMOSTRAGENS ORIGINAIS - IMAGENS DE EXEMPLARES - NORMA CULTA

Amostragem_000256
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 432-MEDICINA E CIENCIAS MEDICAS

O velho mais novo do que nunca

Na Antigüidade Clássica, muitos pensadores já reconheciam a Amizade como um fator essencial para a verdadeira felicidade do ser humano. Cícero, em um de seus textos, escreveu que um indivíduo sem Amizade parecia "privar o mundo do sol". Idéias como esta talvez nunca foram tão necessárias como hoje, pois o individualismo e as relações por conveniência estão acabando com uma das melhores ~~coisas~~ vantagens da vida: Amizade.

O tema da Amizade também foi muito retratado por pensadores da época de conquistas (e guerras) da Idade Moderna. Montaigne, por exemplo, ao escrever sobre a dignidade dos soldados daquele tempo, explicava que a Amizade é a mais importante aquisição que um ser humano podia ter — melhor mesmo até que um reino ~~de que~~ inteiro ~~em suas mãos~~ entregue por um rei interesseiro.

Com o passar do tempo, os poetas contemporâneos deram continuidade ao assunto da importância da Amizade, e o lirismo predominou em tais poesias. Caetano Veloso, por exemplo, em sua canção "Língua", destacou que o Amor e a Amizade são equiparáveis, que ~~não~~ entre os dois, não há superior nem inferior — simplesmente são diferentes.

Nesse cenário, nota-se que a necessidade do indivíduo por verdadeiros Amigos não é exclusivo do mundo de hoje. Essa necessidade parece ser ainda mais evidente durante momentos em que o indivíduo sente-se fragilizado, seja frente a guerras e conflitos — como por toda a história — como por um contexto tão egoísta que é o mundo atual, onde o interesse e a possibilidade de ascensão social são considerados muito superiores do que uma Amizade.

A ~~importância~~ importância da Amizade ~~num~~ nesse contexto ~~(de um mundo tão individualista como o de hoje)~~ torna-se então fundamental, criando assim um certo paradoxo com uma sociedade tão individualista. Assim, a idéia de Amizade de poetas e filósofos ~~são extremamente~~ que tanto a valorizam são extremamente relevantes hoje em dia, pois só através delas vamos conseguir "sobreviver" numa ~~mundo~~ sociedade tão hostil como a nossa.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000158
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 224-CIENCIA DA INFORMACAO E DA DOCUMENTACAO - RIBEIRAO PRETO

A chave de uma civilização

Uma amizade é necessária na vida de um ser humano, nós procuramos e necessitamos de uma pessoa para dividirmos nossas vidas. Se não existisse a amizade entre os homens, talvez não existiria a civilização, na qual se realiza com a convivência social entre as pessoas.

Os homens precisam um dos outros para viver e sobreviver, isto acontece da pré-história até hoje. Na pré-história, para caçar um animal, um homem precisava da ajuda de outro para cercar a presa e atacar no momento certo, com esta nas mãos era preciso dividir o alimento pois, afinal, foram os dois que mataram o animal. E assim começava uma convivência necessária que se estende até hoje em qualquer civilização do mundo.

Uma amizade verdadeira não se encontra em qualquer pessoa, principalmente nos dias de hoje. Com o capitalismo e as disputas por dinheiro e riquezas materiais, o interesse e a falsidade aparecem e atropelam o próximo para conseguirem o que desejam. Felizmente, em muitos lugares do mundo pode-se achar um amigo verdadeiro, alguém para compartilhar sentimentos, ajudar nos momentos difíceis, amparar nos momentos tristes, compartilhar a vida. Todos somos capazes de encontrar um amigo nessa multidão de pessoas.

A chave principal de uma civilização é a amizade, sem esta não conseguimos ter um convívio social e, consequentemente, não existiria civilização. Uma amizade não é, apenas, para criarmos um vínculo social mas, principalmente, para compartilharmos alegrias, tristezas e sentimentos impossíveis de descrever, é preciso viver uma grande amizade para entender a enorme felicidade que inunda nossos corações.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000147
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 430-LICENCIADO EM ENFERMAGEM - RIBEIRAO PRETO

Fases da vida

A amizade é um "sentimento" importante na vida, a vida solitária não traz a felicidade. Por um lado algumas amizades são melhor se-rem esquecidas, por outro trazem conhecimentos da vida, e amigos que serão "carregados" pela vida toda.

Quem é que não se lembra dos amigos da infância, dos travessuras que passavam com seus amigos da escola, da rua, são tantas lembranças boas que só proporciona felicidade. Alguns desses amigos perpetuará por longos tempos, sendo grandes companheiros de estrada.

Mas não é só para horas boas que servem os amigos. Muitas vezes quando passamos por situações trágicos, como a perda de alguem, precisamos de nossos amigos ao nosso lado, para este poder nos botar para cima, mostrar que ainda tem chão pela frente e que precisamos seguir. Nas horas difíceis eles estarão ao nosso lado e será nessa hora que veremos quem se preocupa com nós e quem realmente é amigo.

Amigos podem também levar pessoas para o caminho errado, no caminho das drogas. ~~por exemplo~~ O filme "diario de adolescente" mostra essa relação entre amigos que acabam por cair no vício. Mas um dos personagem possui um amigo que no caso é bem mais velho que ele e tira ele desse caminho. Outro filme é o "Requiem para um sonho" na qual o namorado na hora do desespero auxilia a prostituição da namorada para conseguir se drogar.

Outro tipo de amizade que encontramos, é a amizade que humanos encontram em animais domésticos. O livro "O galo Marquês" mostra essa forte ligação de amizade do homem, ~~nos~~ caso um menino, com um animal que no livro é o galo. A morte do galo leva o menino a adoecer e posteriormente à morte.

Precisamos certamente de amigos, companheiros, em nossa jornada pela vida. Com eles aprendemos a crescer, a amadurecer, com eles encontramos obstáculos pelos quais temos que escolher caminhos. Levamos na lembrança coisas boas passadas juntos e tristezas compartilhadas. Em toda fase da vida necessitamos de pessoas ao nosso lado.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000048
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 626-FISICA/METEOROLOGIA/GEOFISICA/ESTATISTICA/MATEMATICA

Amizade Perfeita.

Realmente seria que podemos viver sem a companhia de alguem, para conversarmos, buscarmos, passar por momentos de felicidade as vezes até ele amor juntos? Encontrar pessoas que pensão e agem como nos, tendo quase os mesmos sentimentos que a gente.

Sabe tem aquelles momentos em que estamos so apenas so nada mais, as vezes isso é bom, mais é melhor quando temos um amigo por perto, com a gente as vezes o fato de estarmos em uma rodinha de amigos, ninguem precisa dizer nada o fato de estarmos, todos ali juntos ja esta valendo apena no que final de tarde que as vezes pode ser a ultima de todos istos juntos.

E quando lembramos daquela amiga ou amigo que foi a primeira namoradinha a primeira paquerinha da mesma sala de aula os beijos e olhares trocados, as vezes a vergonha de com ela sobre aquelles sentimentos, o mais legal é que tudo isso não muda desde que o homem é considerado um ser racional é a mesma coisa para anos, decadas, gerações mais esse conceito não muda.

Isso é que é "viver a vida" com felicidade, para que as vezes temos que passar por momentos de tristeza que são as despedidas, as vezes não para sempre mais tudo que juntos fizemos ficou marcado, tem quem diga que o que é bom dura pouco; acho que não dura o tempo necessario para ser inesquecivel, e outra temos nossa memoria que tudo fica ali guardado de bom e ruim o que seria a felicidade sem tristeza, momentos bom sem o ruim.

Amizade, felicidade, amor isso é viver a vida preservando isso viveremos a vida e o resto é consequencia, se fizer coisa boa tera consequencia boas e se fizer ruim tera consequencia ruim, pense bem antes de dizer algo ou agir.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000152
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 229-DIREITO

Sentido da Vida

Viver em sociedade suscita o pré estabelecimento do rumo que nossa vida irá tomar. Desde o nascimento somos inseridos em uma determinada condição social, temporal e espacial e, assim, pouco podemos decidir sobre o caminho a traçar. Desta maneira, sentimentos como a amizade dinamizam as relações humanas e conferem maior autonomia sobre a sorte da própria história, fazendo com que nos tornemos donos de nós mesmos.

Este sentimento, que não deixa de ser uma forma de amor, gera cumplicidade, confiança, segurança, troca de experiências, autoconhecimento, preocupação com o espaço alheio e solidariedade. É o encontrar no outro o reflexo de si ~~mesmo~~ próprio e assim poder extravasar as emoções mais profundas e reprimidas. Cícero, durante a Antigüidade Clássica, já chegara a semelhante conclusão, e concebera a amizade como algo essencial e necessário, assim como o Sol o é para o mundo.

Em contrapartida, vivemos hoje a era da velocidade que traz implicações também para o âmbito das relações sociais. A competição exacerbada, a ambição, o querer levar vantagens conduzem ao hedonismo e resultam em relações rasas e efêmeras. Sendo assim, há entraves em encontrar e manter uma amizade verdadeira - aquela que, segundo Aristóteles, supera barreiras físicas e resiste ao tempo. Assim, as idéias de Montaigne, pensador do século XIV, que considera a amizade como algo difícil de se achar, se mantêm atuais e atentam para a preciosidade desse sentimento.

Ademais, como ela está intimamente relacionada com o outro, é essencial para enaltecer a coletividade em detrimento do individualismo. Contribui então, para minorizar o fardo de ter que enfrentar sozinho as inigüidades constantes, tornando a partilha de problemas e alegrias algo frutífero e próspero.

Por conseguinte, a amizade é, talvez, o mais valioso escudo para suportar as adversidades da vida e traz consigo uma pitada de afeto para as relações humanas. É algo que se deve preservar "debaixo de sete chaves dentro do coração" - como diz a "Canção da América". Ela confere um sentido à vida e pode ser considerada um degrau para a felicidade.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000010
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 202-ADMINISTRACAO - RIBEIRAO PRETO

A amizade é um alicerce universal para socorrer os momentos maquiavélicos da vida. O homem necessita de um verdadeiro amigo, para que este auxilie a encontrar o estopim da felicidade.

A amizade influência a efêmera passagem da vida do homem. A privação disto resulta padecimento intrínseco do ser humano. A axiologia da felicidade é encontrada além do amor. A amizade tem poder de apreciar momentos excelsos, que nem um outro relacionamento possa alcançar. Os segredos e confissões que são divididas pelo amigo é o que supre a dor humana.

A valoração do amigo é universal e imutável. Porém, atualmente, o verdadeiro amigo é uma das conquistas mais árduas do homem, às vezes, para muitos ela é inalcançável. O homem moderno tornou-se solitário devido as modificações de sua prioridade e escassez de tempo ~~pelo~~ justificado pela demasia de trabalho. E assim, o ser humano tornou exígüo a confiança, moderação e a solidariedade. Não sendo capaz de cultuar o melhor presente dos deuses.

No entanto, o ser humano está sendo torturado devido a carência de amizade. O amigo mais procurado modernamente são os psicólogos e analistas. A procura por especialistas está em ascensão. O ser humano está sendo sociável apenas com desconhecidos. O amigo perdeu a competência de ouvir problemas alheios e, assim, resulta em buscas por terapeutas, que estes são pagos, apenas, para ouvir.

Por isso, o homem necessita de aproximação do próximo para que a sua essência não seja conturbada. A amizade límpida e confiante é tão única e poderosa quanto o amor. A dignidade do bom amigo é o que lhe irá supor os males da vida. Portanto, a verdadeira amizade é o que irá suportar as adversidades e mostrará o seu valor na vida.

Redação – FUVEST 2007

AMOSTRAGENS ORIGINAIS - IMAGENS DE EXEMPLARES - PESSOALIDADE

Amostragem_000058
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 200-ADMINISTRACAO

Importância da amizade

A importância da amizade, durante toda história da humanidade, foi ressaltada por muitos artistas - de filósofos a compositores. A infinidade de obras sobre o tema denuncia a atemporalidade, universalidade e valorização pelos seres humanos deste.

Independente do contexto socio-econômico ou do momento histórico, devido a sua própria natureza, os homens procuram por pessoas em que possam confiar e com quem consigam dividir aflições e alegrias. Essa busca se dá porque um amigo, em qualquer tempo e lugar, é capaz de amenizar dores, ao sofrer com o companheiro, e potencializar felicidades, ao sentí-las simultaneamente, como já afirmava o filósofo Cícero na Antigüidade.

Outro fator que explica a importância da amizade na vida de um homem é a dificuldade de se encontrar verdadeiros amigos. Como escreveu Montaigne, o mundo é muito mais rico em relacionamentos baseados em conveniências do que em ruações íntimas. Sendo as segundas mais raras, elas tendem a ser valorizadas e, por isso, verdadeiras amizades devem ser cultivadas cuidadosamente. Vale, ainda, ressaltar que mais significativo do que ter demasiados relacionamentos superficiais é possuir alguns poucos mas reais amigos.

A amizade mostra-se um tema que não deixa de ser atual jamais, pois é essencial para a existência humana. O tema, por mesclar diversos sentimentos como amor, confiança e lealdade é sempre necessário na vida de um homem

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000258
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 246-MUSICA

"Das Amizades"

A amizade, assim como diversos outros valores e sentimentos humanos, sempre esteve presente, sobretudo nas artes, ao longo da história da humanidade. Trata-se de um valor extremamente instigante já que corresponde a uma das relações mais significativas que se estabelecem entre os seres humanos. Entretanto as reflexões atuais sobre a amizade podem diferir daquelas que foram feitas desde a antiguidade clássica.

Uma das idéias presentes no texto de Cícero "Da amizade" que elogia a absoluta semelhança entre os indivíduos que estabelecem entre si uma relação de amizade parece-me um pouco insuficiente se levarmos em conta as reflexões mais modernas sobre o tema. Dessa forma, atualmente, teríamos também um elogio à diferença entre os indivíduos como se as particularidades de cada um fossem igualmente um fator de conservação da amizade. Uma pessoa não precisa ser igual à outra para lhe proporcionar amizade.

Outra questão recorrente tanto nas artes como na filosofia é a comparação entre o amor e a amizade. Na canção de Caetano Veloso temos a bela comparação do amor com a poesia (ambos mais tensos e concisos) e da amizade com a prosa (mais distendidas e duradouras) e a "preferência" do compositor pela segunda ("quem há de negar que esta lhe é superior?"). Penso no entanto, que não devemos estabelecer valores de superioridade ou inferioridade entre os dois sentimentos. Se amor é poesia e amizade é prosa, ambos são literatura.

Dessa maneira, a questão fundamental que deve ser colocada é a grandiosidade do valor humano "amizade" não importando de que forma ela se manifesta mas sim o fato de ser um dos sentimentos mais significativos para as relações humanas.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000320
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 243-LAZER E TURISMO - USP LESTE, SP

Amizade: Uma lição para a sociedade.

A amizade é, sem dúvida, indispensável ao ser humano, no entanto, é cada vez mais raro ter bons amigos atualmente. Isto ocorre porque construir laços afetivos demanda tempo, mantê-los exige tolerância, e nem sempre temos disposição para recomeçar.

"Você se sentará ali, todo dia, e com o tempo se aproximará um pouco", escreveu Exupéry. Este é o início de todas as amizades. Conhecemos pessoas que, com o passar do tempo, se aproximam e tornam-se tão íntimas, e nos sentimos tão à vontade em falar com elas, como se falássemos a nós mesmos. Porém, isto exige que nos voltemos mais para as relações humanas, do que para questões, meramente, financeiras. E nem sempre conseguimos, devido a sociedade em que vivemos.

Além disso, ao se relacionar com outras pessoas enfrentamos grandes desafios: como lidar com opiniões opostas a nossa, como vencer os nossos preconceitos. E, muitas vezes, acabamos por magoá-las. Então, vem o grande dilema humano: Como reconhecer o erro e pedir perdão? E mais isto a amizade nos ensina.

Contudo, a perda da confiança, que duramente construímos, é inevitável. E, passamos por momentos em que cremos que o mundo é desconsertado, e nunca mudará, por mais que nos esforcemos. Mas, é necessário recomeçar, e um verdadeiro amigo merece mais uma chance.

Sendo assim, a amizade demonstra ser um instrumento ~~eficz~~ eficaz para a transformação humana. Pois através dela, temos exemplos claros, que com paciência, tolerância e "recomeços" é possível a edificação de ações grandiosas. É disso que a nossa sociedade contemporânea precisa: tolerância e recomeço!

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000194
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 627-GEOLOGIA

Há uma diferença brusca entre amigo e colega, e poucas pessoas conseguem diferenciá-los, tratando todos que conhecem como seu amigo e dizendo depois que não conseguem ser feliz com a amizade que possui, ou que a amizade expressa em músicas, textos e filmes não existe.

Pelo contrário, a amizade pura que traz felicidade existe sim, o que primeiro deve-se saber é essa diferença de amigo e colega.

Amigo é aquela pessoa que consegue lembrar do seu aniversário, que liga para acordar você e perguntar se está tudo bem; o amigo consegue fazer você sorrir quando está triste e rir com você quando está feliz, ele traz paz, felicidade e confiança. Já o colega, esse existe em qualquer lugar, você o encontra nos lugares mais inusitados possíveis, e pode ter certeza sempre no final fará alguma coisa para magoar você.

O que acontece no mundo atual, é que poucas pessoas, com todo esse pensamento individualista, não conseguem manter uma amizade com confiança — um amigo — e sim colegas; colegas do trabalho, colegas da faculdade, colegas do bate-papo; pessoas que não precisam de um vínculo de sentimentos grande. E se hoje em dia são poucas as amizades verdadeiras, com o passar do tempo a tendência vai ser um aumento de colegas, com o respectivo aumento da individualidade.

Ao menos, é claro que o sentido verdadeiro de amizade seja divulgado ainda mais por músicas e textos que certamente nunca estarão desatualizados, mesmo que sejam de milhões de anos passados, porque a amizade verdadeira não muda e permanece até os finais dos tempos. Além da divulgação por pessoas que possui um amigo verdadeiro e já sofreu nas mãos de colegas, assim como eu.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000089
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 240-HISTORIA

Um amigo para o final

Quando olho para trás em minha vida, vejo que os mais doces momentos estarão associados a pessoas e não a coisas. E percebi que, por mais coisas que tenha tido, os sentimentos contidos nos pequenos gestos sempre terão marcado mais.

E, dentro desse rol de sentimentos, percebi que alguns serão mais marcantes que outros, em especial os conectados a grandes paixões e grandes amizades.

Aliás, pensando bem, as grandes paixões começam, incendeiam, espumam e acabam, só valendo realmente a pena se virarem grandes amizades.

Eu, como todos que conheço, tenho poucas e boas amizades. Amizades de uma vida, de décadas e, por vezes, de algumas semanas.

Com cada um deles, criei laços de fraternidade real, que sobrevivem ao silêncio, à distância, ao tempo e ao caos que rege nossas vidas. Porém, de um minuto para outro, se retomam como se não tivesse passado mais que uma hora desabrochando como uma flor no cactus.

Por conta disso, não existem bons ou maus amigos. Não é possível classificar algo assim. O mau é incompatível, por não coexistir com a palavra amigo. O bom é uma redundância por si.

Para encerrar, gosto de lembrar que o gesto maior de um amigo é dar a vida pelo outro.

Espero que em minha última hora, eles apareçam para ir em meu lugar.

Redação – FUVEST 2007

AMOSTRAGENS ORIGINAIS - IMAGENS DE EXEMPLARES - CONFIGURAÇÃO ORGANIZACIONAL

Amostragem_000347
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 499-TREINAMENTO B (CIENCIAS BIOLOGICAS)

Amizade; porque ninguém vive só

A amizade é uma forma de relação entre seres humanos que surgiu há muitos séculos atrás e persiste, até os dias de hoje, como uma das mais íntimas, concretas e valiosas relações já vivenciadas. Isso porque, certamente, cumpre a função de preencher vazios, satisfazendo necessidades de afeto e de companheirismo entre seres do mesmo sexo ou de sexos distintos. Não fosse por isso, a amizade já teria sido, partindo-se do princípio evolutivo, extinta; como tudo que não possui valor ou utilidade acaba sendo.

Essa 'não-extinção' das relações de amizade remete a uma antiga constatação de que nenhum ser humano vive só e de que ninguém é uma ilha, isolado em si. Os seres humanos foram programados para a interação, a comunicação e o apego; deixando de lado o instinto completamente selvagem e partindo para o campo da proteção, da confiança e da amizade, uma vez que possuem necessidades biológicas de partilhar sentimentos e experiências. Por esse mesmo fato tanto se vê em filmes, e mesmo na vida real, pessoas que, por alguma razão, foram isoladas do convívio social, apegarem-se a objetos, conversarem com eles ou então enlouquecerem por solidão.

Partindo-se de tais princípios, torna-se incontestável o elogio à amizade e às constatações feitas desde a antiguidade por pensadores e na atualidade, por músicos e poetas, de que não se é feliz sem que se conheça a verdadeira amizade; especialmente nos dias de hoje, em que a constante pressa tornou as pessoas cada vez mais distantes, e o dinheiro, o poder e a inveja tornaram as relações cada vez mais superficiais, e as pessoas mais introspectivas.

Não há dúvidas de que o homem precisa de outros seres para ser física e psicologicamente saudável, e é por tal razão que a amizade figura entre as relações mais importantes e tradicionais, chegando a valer, para aqueles que a conhecem verdadeiramente, muito mais que dinheiro ou que reinos, como atestava o pensador Montaigne. Não fosse por isso não haveria tantos adeptos aos sites de relacionamento, como o orkut e o MSN, que funcionam como uma extensão do convívio social; nem mesmo tantas pessoas chorariam abraçadas ao se separarem por qualquer motivo, ou mesmo em formaturas ao ouvirem os tradicionais versos "amigo é coisa pra se guardar, / Debaixo de sete chaves..."

© Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000217
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 229-DIREITO

Na amizade, velhos clichês valem como verdade absoluta: "ninguém vive sozinho" e, realmente, "o homem não é uma ilha". Não existe vida mais feliz do que aquela cercada por bons amigos.

A amizade talvez seja mais valiosa e altruísta que o amor: já nos dizia Vinícius de Morais que, enquanto o amor tem "intrínseco ciúme", a amizade se multiplica, se desdobra em várias outras amizades. Assim, cria-se uma roda viva de amigos respirando uma esfera de bem estar comum.

Para a criança, a amizade desenvolve capacidades de sociabilização, de respeito, de doação. Na adolescência, define quem somos, do que gostamos, o que pensamos do mundo. Os amigos tornam-se referência e nos ajudam a construir nosso caráter.

Mas até isso vem mudando com a modernidade. Sentimentos tão antigos ~~como o~~ quanto o próprio homem são abandonados. Na maturidade, o homem esquece ser e ter amigos. Tudo gira ao redor da eficiência, do empreendedorismo, da capacitação profissional. E quando envelhecemos, o que nos resta são diplomas e dinheiro. Papel, apenas.

Entristece e preocupa saber que os que decidem e direcionam o mundo não têm a amizade em alta conta. Por isso, falta amizade entre os povos e surgem as guerras; falta amizade entre os indivíduos e aumentam casos de seqüestros, estupros e assassinatos; falta amizade pela natureza e se destrói, polui e contamina céu, terra e água.

A amizade tornou-se sentimento em extinção. Hoje em dia, até às crianças já se ensina a competição e a ambição desmedidas. As pessoas não são amigas, e sim concorrentes. E ponto final. O mundo resumiu-se assim.

Não digo que amizade sincera é utopia: existem, sim, amigos incondicionais. Mas são poucos e cada vez mais raros. Talvez devêssemos torcer para que surjam por aí milhares de Pequenos Príncipes que, apesar de tudo, devotem sua mais profunda amizade e cuidado à mais egocêntrica das rosas. Aí sim, estaremos salvos.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000191
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 624-ENGENHARIA - SAO CARLOS

A primeira pedra

Em muitas relações existentes no plano social da humanidade, uma se destacaria: a amizade. Assim na idade das ~~pedras~~ pedras, a confiança entre homens era essencial para a sobrevivência. Ao caminhar pelo tempo até o término da Idade Média, essa relação é cada vez mais intensa devido as batalhas. Passando-os a parte, atualmente a amizade é o alicerce de uma vida com comunhão com a sociedade em busca da felicidade.

A relação de confiança na pré-história fez perpetuar a espécie humana. A caçada a um mamute não poderia ser concluída com somente um homem, a tática e a amizade entre os habitantes da comunidade era essencial não só para sua própria existência mas também para a existência do bando.

Amizades que geram repercussões coletivas foram também praticadas por nobres no período do feudalismo. Naquele momento era praticado a vassalagem, que era o maior grau de confiança em que um nobre que possuía terras abrigava outro nobre que lhe retornaria o favor com o auxílio na defesa do feudo. Esse pacto era indispensável para a sobrevivência do feudo.

Como nessas épocas, a amizade continua sendo a peça chave que une pessoas e fortalece a existência de um ser, é uma expressão do amor e da preocupação para com a outra pessoa. Hoje a amizade, independente do nepotismo, é o que fortalece uma indústria capitalista e gera oportunidades inéditas a algumas pessoas, pois ao contratar um amigo que seja responsável, além de trabalhar para garantir seu próprio sustento, ele se esforçará para não causar nenhum aborrecimento a quem lhe deu tal oportunidade. Essa confiança só traz benefícios para a produção e lucro da empresa.

O amor e a amizade sempre ~~[illegible]~~ serão o alicerce da vida social independentemente do modelo econômico, pois como foi exemplificado, a amizade se adapta a todas as épocas que foram e que virão da humanidade.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000029
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 626-FISICA/METEOROLOGIA/GEOFISICA/ESTATISTICA/MATEMATICA

VIDA PRA ALMA

Já dizia Cícero na Antigüidade Clássica: "Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do Sol", ou seja, assim como a Terra e os seres necessitam do Sol, da mesma importância o homem de amigos.

Todos querem estar em uma "rodinha" com muitas pessoas, nem que seja apenas para estar. Mas todos realmente procuram nesse "grupinho" a pessoa com quem se espera: contar os maiores segredos, cometer as maiores "gafes" e passar não só alguns dias juntos, mas também o resto da vida, para poder dizer seguramente: "não tenho um colega, tenho um amigo".

A amizade é uma honra, um presente de Deus, uma obra do tempo, aquecida e lapidada a cada discussão, a cada tristeza, a cada alegria, a cada telefonema e a cada dia. A cada dia como o Sol, brilhando e aquecendo a Terra, fazendo florescer nela, sua maior beleza: a vida.

O homem não possui apenas um corpo e um espírito, mas também uma alma, sentimentos e um coração. Este último relembra a famosa "Canção da América" quando diz: "Amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração...". Dentro do coração guarda-se o melhor da vida: o amor, Jesus, a família, a pessoa amada e o amigo.

Se não houvesse ~~verdadeiros~~ ~~inimigos~~ sanidão, o que a luz iluminaria? Se não houvesse verdadeiros inimigos, como a amizade formaria amigos?

Portanto, mesmo em meio ao mal das guerras de hoje, ainda há o bem da amizade verdadeira, e quem encontra um amigo, encontra vida pra alma, alegria nos ossos e saúde pro corpo.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000076
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 433-MEDICINA VETERINARIA

Longa Data

Amigo: alguém em que se possa confiar, alguém que está ao seu lado não somente em momentos de alegria, mas também nas horas de aperto. Aquela pessoa que conhece seus medos, suas angústias e suas emoções mais profundas.

A amizade não é algo atual, ela está presente entre nós desde o momento em que a confiança prevaleceu sobre uma relação, assim como ~~ela~~ se tornou tão importante quanto o amor.

Mas, a verdadeira amizade, aquela que se constrói com a passar de longa ~~com~~ data, não é fácil de se conseguir. Porém, aquela amizade superficial, (onde a internet, através do site de relacionamentos "Orkut", é um claro exemplo atualmente) é extremamente fácil de se ~~conseguir~~ alcançar.

A amizade não se compra como se fosse uma bala na padaria, se conquista através de pequenos atos. Atos esses, que são feitos ~~no~~ na correria do dia-a-dia, que muitas vezes passam despercebidos por seus feitores, mas marcam a pessoa, a qual o recebeu. A amizade constrói relações que duram para sempre, muitas ~~vs~~ vezes, impossíveis de se esquecer.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000219
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 622-ENGENHARIA NA ESCOLA POLITECNICA, COMPUTACAO E MATEMATICA APLICADA

Para sempre

Todos os seres humanos são cobrados constantemente, seja em questões profissionais, familiares ou de lazer e muitas dessas cobranças fazem com que se dê o máximo, e nem sempre é possível ultrapassar todos os barreiras impostas, só, e aqueles que nos acompanham para nos dar força são os amigos ditos para sempre.

Mas ao se dizer a palavra amigo, surge a dúvida de quem são seus amigos, ou o que é ser amigo.

Amigo nada mais é do que aquele seja qual o problema empresta o ouvido para as lamentações, busca o auxílio para as dificuldades de seu companheiro, é a família que está lá quando se precisa dela e como diriam os trovadores em suas canções de amigo em que eram o amor em sua forma simples e real, demonstrando que não se procura apenas um amante para se passar o resto da vida mas também um amigo.

Este companheiro que em muitas vezes sabe mais do amigo que de si próprio, e ao pensar no amigo sabe que com ele ~~ao~~ acaba o mesmo, é a pessoa que em algumas vezes tem-se a vontade de que haja pequenas discussões, para que ocorra a agradável momento de uma reconciliação e os amigos no final sempre se entendem apesar de não saberem nem mesmo o porque.

Tal amigo é o verdadeiro e apesar de sua busca poder ser longa, ela torna-se recompensadora, pois é aquele que em sua dificuldade, vale mais do que milhares de conhecidos e nunca desistiria de estar ao seu lado em ~~tal~~ auxílio, mostrando que a palavra amizade é infinita.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000049
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 250-PEDAGOGIA - RIBEIRAO PRETO

Simplesmente ser amigo

Nos tempos atuais, bem como em todos os tempos, a amizade é um dos sentimentos mais valorizados pela maioria dos seres humanos, pois ~~pois~~ por muitos é considerada essencial para que se possa afirmar que a vida realmente vale a pena.

Devemos tomar ~~muito~~ muito cuidado ao chamar alguém de amigo, antes precisamos entender o real significado da palavra, para só assim poder afirmar com certeza se determinada pessoa pode ser considerada como amiga ou como simples colega.

Amigo é aquele que te entende, que te aconselha, que te ouve, que te elogia mas que também dá bronca quando necessário, ~~o~~ aquele que está disposto a ficar em casa com você em pleno sábado a noite simplesmente porque você sofreu uma desilusão amorosa e está precisando de um ombro para chorar, é aquele que conheci sua família e já se sente parte dela, uma pessoa assim realmente merece ser chamado de amigo.

Muitas vezes brigas bobas ~~acabam~~ separam essas pessoas, e talvez por insegurança ou orgulho acabam por não tomar a iniciativa de retomarem a convivência, mas, se a amizade for realmente verdadeira, podem se passar semanas, meses e até mesmo anos, ~~acaba~~ ela volta com a mesma força e sentimento de antes.

Amigo irmão, amigo de escola, amigo de trabalho, seja lá qual for a ~~fo~~ denominação desejada, o que importa é ser amigo. Amar e respeitar a outra pessoa como a nós mesmos, pois só com amizade e união conseguiremos levar o mundo para frente.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000083
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 239-GESTAO DE POLITICAS PUBLICAS - USP LESTE, SP

Amizade: A VERDADEIRA ARTE DO ENCONTRO

"A vida é arte do encontro embora hajam tantos desencontros pela vida". Esse é um trecho de uma canção de Vinicius de Moraes, poeta brasileiro. Frase simples, direta mais muito profunda e verdadeira. Características que facilmente poderiam ser atribuídas a uma verdadeira amizade. Sentimento conjugado pelo verbo compartilhar de uma maneira ampla. Compartilhar vitórias, derrotas, alegrias, tristezas e belezas. Conjugação tal, que se expressa por fazer da amizade algo sem prazo de validade e com extrema longevidade.

Nesse sentido, um conto chinês, dos inseparáveis amigos Chung-tsen e Lou-Li, simboliza a profundidade, atualidade e longevidade desse sentimento. Nos tempos do Império da Manchúria, na velha China, o Imperador Manchú Chung-tsen, estava às vésperas de tomar o poder de seu grandioso império. O detalhe é que o mesmo tinha apenas quatorze anos. Nesse dia, o seu melhor amigo Lou-Li, jovem também, lhe presenteou com um livro de apenas três páginas. Ao entregar o presente, Lou-Li passou a seguinte instrução: "leia a primeira página no momento mais difícil do seu reinado, a segunda no dia mais feliz de sua vida e a terceira quando pensar na nossa amizade".

Quase vinte anos depois, houve duas grandes pestes que devastaram grande parte da população da Manchúria, reino do Imperador Chung-tsen. Nesse momento, o mesmo abriu a primeira página e estava escrito: "Isso passará". Realmente, a peste se exauriu e a Manchúria se fortaleceu ainda mais com o episódio.

No dia do casamento do filho de Chung-tsen com a herdeira do Império da Mongólia, vizinha da Manchúria, a felicidade era extrema. Além de estar feliz pelo matrimônio, essa união representaria uma grande ampliação de poder para a família. Sendo assim, decidiu ler a segunda página que dizia: "Isso também passará".

Tempos mais tarde, quando Lou-Li faleceu, amigo que havia acompanhado o Imperador em todos os momentos, o já velho e triste Imperador abriu a terceira e última página do livro que continha o seguinte: "Isso nunca passará".

Portanto, a verdadeira amizade está presente nos momentos mais duros para nos servir de anteparo, nos momentos de glória para nos lembrar do valor da humildade e em todos os momentos para dar à vida o sentido de compartilhar. A estória dos dois chineses nos ensina isso tudo e ainda nos mostra que podemos discordar do poeta Vinicius, porque o verdadeira amizade é um encontro que supera os desencontros.

© Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000108
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 222-CIENCIAS CONTABEIS

A piscada de Luísa.

Eu tinha quatorze anos e era minha segunda semana no 1º colegial. Tinham sido as duas piores semanas da minha vida, pois estudara todo o primário e ginásio em outro bairro, ~~perto da~~ em uma escola perto da casa de ~~mo~~ minha avó ~~mater~~ materna, ~~ao~~ onde eu ficava após as aulas, até que um de meus pais voltasse do trabalho para me buscar.

Era o intervalo entre as aulas e eu estava num canto da escadaria da quadra de esportes, sentada nos degraus, mastigando sanduíche de presunto e solidão, quando Luísa se aproximou de mim e disse que precisava me contar que há pouco havia beijado Fernando e os dois estavam namorando. O sanduíche havia atravessado meu esôfago como um foguete sendo lançado. O que havia da do naquela guria para me dizer uma coisa dessas, assim, sem mais e nem menos? Nós nem nos falávamos na sala! Luísa simplesmente piscou um de seus olhos castanhos e disse "é que eu confio em você".

Nunca entendi como Luísa, aos 14, pôde decidir que eu seria sua amiga e confidente, com fui, durante toda a sua vida.

Todas as formas de amor são, na verdade, formas de amizade.

O que faz o amor entre os apaixonados ser duradouro, senão a amizade, que liberta o ciúme, alimenta a tolerância e transforma o maremoto de dúvidas em calmaria de sentimentos profundos? E o que dizer da entrega de uma mãe ao seu filho na árdua labuta de transformá-lo num verdadeiro homem. O que seria isso, senão a amizade que, desprovida de vaidade, se ~~ta~~ deixa vestir por outro sentimento?

Hoje vejo minhas duas filhas, que elegem uma "melhor amiga" a cada mês, e peço para que um dia uma adolescente de 14 anos, sorridente, loura e de olhos ~~castan~~ castanhos pisque para elas.

Luísa morreu. Morreu ontem.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000112
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 240-HISTORIA

"Não me deixem só", clamou atônito o então presidente, premido que estava pelas pressões que partiram de todos os ~~segmentos sociais~~ segmentos sociais. Esquecidos do apoio que lhe emprestaram no momento anterior. Desbraçadamente buscava os correligionários, os companheiros. Buscava os amigos. Mas, naquela hora, até os amigos lhe faltaram. Certo que infringira normas éticas, morais e legais. Poucos, porém os que incondicionalmente se mantiveram fieis ao pacto de ~~amizade~~ amizade. Em situações limítrofes, como a reportada, os liâmes, se não reais, se fazem ~~frágeis~~ frageis. Os que lhe se apresentaram foram só os interesseiros. Mas se o amigo, no comum dos dizer, quem é ele? O homem posto nesta experiência, ~~sente~~ por si, sucumbe. A par dos relatos filiais e fraternais, que são importes pela vida (que, por vezes se esquivam de forma a vicejar a verdadeira amizade), existe, ou se busca a existência da amizade. Mas no que ela consiste? Aqui, o homem busca a felicidade. E na ânsia da busca ~~se~~ perde; pois os caminhos aparentes são tantos. E só, por isso, o homem não chega ao ponto que busca. Só, nem sai. Por intuição busca, primeiro, o seu semelhante. O circunstante, que por vezes é o ~~único único~~ único que ~~divisa~~ ~~divisa~~ divisa. Mas, aos poucos, poderá ser, o interlocutor ~~que~~ ao qual relatará seus anseios, suas dúvidas, suas decepções, seus gelos, suas inseguranças, enfim, ~~Seu "eu" se fará aflorar no interlocutor, e nem de modo não consciente, vai~~ → ~~ao~~ seu espelho ~~da~~ a propiciar o autoconhecimento pregado por Platão. Na conversa entre amigos, a introspecção precede a palavra. Havendo empatia, esse interlocutor, esse amigo será instrumento de ~~educação~~, sendo a reciprocidade ~~recíproca~~ recíprocidade que valorizará a relação. A amizade tem muito de companheirismo, mas é muito mais, na medida em que incorpora a doação desinteressada. De certo, a grande revolução que está ainda por vir terá seu norte na amizade, que deverá ser profunda, altruísta. Geral, dando ~~eco~~ eco ao exemplo e ensinamento de Cristo. Mas isso ainda está na esfera da utopia, embora os fundamentos ~~estejam à disposição~~ estejam à disposição. Enquanto isso, os poetas e os trovadores fazem bons à amizade. ~~Eram todos sofremos o legado do~~ E a nos todos, o legado do egoísmo.

© Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000042
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 229-DIREITO

Amizade naufragada.

Quem sou eu é a pergunta que ~~perturba~~ perturba o homem ocidental desde que Freud nos transformou em um "iceberg", divididos em uma parte exposta e manipulável e outra submersa em águas turvadas por nossos reais desejos. Nosso conceito de amizade reconhece um amigo naqueles em que encontramos afinidades e possibilidades. Mas é impossível perceber verdadeiras semelhanças quando não estamos completamente visível.

A principal influência do pensamento ocidental é o cristianismo. Jesus nos ensinou a amar a todos sem distinções e independente de afinidades. Ele sabia de nossos ~~prob~~ problemas com as águas turvas. Jacinto e Zé Fernandes seguiram o conselho divino, mesmo superficialmente distintos em seus ideais, motivaram um relacionamento verdadeiro em essência, que possibilitou a ambos conhecer melhor seus desejos profundos.

Porém o que mais encontramos são amizades entre Bentinhos e Escobares, aproximações baseadas no encaixe das partes expostas. Contudo o tempo mostra a rachadura provocada pelo choque embaixo d'água, possivelmente evitado com um olhar para o submerso. Relacionamentos assim são propagados pelo mundo digital, pertencemos a redes de amigos virtuais, dos quais não conhecemos nem o que existe fora das turvolidades.

Encontrar um amigo, desses que se guarda a sete chaves, é raro. Por isso estamos nos enterrando em nossos "casmurices". Não temos com quem dividir nossos angústias e alegrias ~~fc~~ de forma verdadeira a indústria farmacêutica agradece, nunca tantas síndromes foram tratadas.

A amizade é esse "titanic", tem todo o potencial para reinar sobre os mares da humanidade. Todavia naufraga, era ao focar os holofotes superfície acima e é danificado de forma irreversível pela ação de nossos verdadeiros ~~que~~ desejos em ato de revolta contra a repressão a qual ~~imoporemos~~ impomos a eles.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000175
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 432-MEDICINA E CIENCIAS MEDICAS

Vivemos em uma sociedade regida pela ordem neoliberal, que possue como características o patrimonialismo, o consumismo, o individualismo, entre outras características. Estas definições refletem em todos os patamares de nossa vida, desde a economia até as relações pessoais e é nesta última que o individualismo e o patrimonialismo mais se afloram, corrompendo a noção de amizade.

Desde a Antigüidade Clássica até os dias atuais, com compositores como Caetano Veloso e Milton Nascimento, a amizade é retratada como algo importante, de uma felicidade, porque não há nada mais agradável que poder dividir as angústias e os momentos felizes com um parceiro, pois ao dividir sentimentos com um amigo, há uma ajuda mútua e ambos crescem juntos, ensinando e aprendendo, o que confere em uma melhoria ~~do~~ no bem-estar e na sociedade, pois a sociedade cresce com pessoas que se ajudam.

Mas, tanto os gregos, como os filósofos do século XVI, como Montaigne, já diziam que os homens que se privam de uma amizade são infelizes e o próprio Montaigne dizia que é muito fácil achar homens que querem possuir amizades superficiais, de interesse e é extremamente difícil achar homens que sejam honestos e que consigam possuir uma amizade sem interesses.

Dentro do, Montaigne é tão contemporâneo ao discutir sobre amizade do que qualquer outro compositor ou pensador dos dias atuais. Ao falar que é muito fácil achar homens que querem possuir relações de amizade por interesse, ele nos remete aos dias de hoje, pois nessa sociedade neoliberal, as pessoas só mantêm amizade por interesse; as pessoas são individualistas e querer manter uma relação com outra pessoa é totalmente irreal nessa lógica neoliberal.

Assim, no mundo de hoje, no qual ser melhor a qualquer custo é o que importa, não há uma relação verdadeira de amizade, e sim, uma relação superficial. As pessoas não pensam mais nas outras, não querem dividir experiências, pois é muito sacrificante ter que ouvir o que o outro pessoa tem a dizer, já que o individualismo é muito forte na nossa sociedade e, portanto, ter um amigo é considerado retrógrado na nossa sociedade atual e o que importa é consumir bens materiais, o que resulta em uma estagnação social, já que se as pessoas não querem progredir juntas, a sociedade também não progride.

Portanto, as relações de amizade, nos dias de hoje, estão muito deturpadas do seu real sentido, que é a de uma ajuda mútua, com crescimento de ambos. Atualmente, a amizade é apenas vista como mais uma questão de conveniência do que uma questão de progresso social, já que o individualismo rege as nossas relações, o que resulta em uma sociedade estagnada, já que as pessoas não querem crescer, mantendo relações reais de amizade.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000038
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 232-ECONOMIA EMPRESARIAL E CONTROLADORIA - RIBEIRAO PRETO

Eternamente Válida

Reflexões sobre sentimentos tão íntimos nunca perdem seu valor, não importa de que época, autor ou origem, todos valem como fonte de estudos e incentivo para refletir.

Sempre que lemos, qualquer que seja o argumento relacionado com amizade, sempre nos identificamos com algo presente no texto, e quando achamos essa identidade, confirmamos a validade das mesmas e as ~~conside~~ consideramos adequadas para os dias atuais.

A amizade vem sendo divulgada sempre pelos meios mais procurados, hoje em dia você encontra na mídia diversas formas desse exemplo de abordagem, em bancas de jornais você encontra diversas revistas, em programas televisionados em rede aberta temos abordagem de problemas familiares e individuais cuja amizade é foco de tudo, temos ainda a Internet cuja a mesma apresenta facilidades para se encontrar tópicos de reflexões abordando amizade.

Como telespectador, leitor, usuário da rede cibernética e amigo de muitas pessoas, concluo que a amizade é fundamental para se criar grupos, comunidades e até mesmo nações. O mundo de hoje não existiria se a amizade também não existisse, se houvessem apenas inimigos teriamos ~~apenas~~ apenas destruições.

Portanto, a amizade como objeto de reflexões e elogios, sempre será válida não importando autor, época ou origem.

Redação – FUVEST 2007

AMOSTRAGENS ORIGINAIS - IMAGENS DE EXEMPLARES - PERTINÊNCIA TEMÁTICA - ASSUNTO

Amostragem_000228
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 432-MEDICINA E CIENCIAS MEDICAS

Amizade: substantivo tratado como verbo

Algumas ações são inerentes ao ser humano, como a necessidade de se expressar e de compartilhar. Por isso vivemos em sociedade. No entanto, só a sociedade não supre completamente esse desejo de compartilhação. É necessário algo mais restrito: a amizade. Pois são nas amizades ~~que~~ onde podemos expressar o que mais afinge nossa existência.

Como amizade é expressão, se ela fosse um verbo seria transitivo direto, cujo objeto direto seria o amigo e a transitividade ~~se~~ se dá pela cumplicidade. Portanto, amizade é uma relação de correspondência entre duas pessoas. Quando isso acaba, cessa a relação. Por isso acumulamos tantas amizades finitas: se não há mais o interesse comum do início ou outro não fora desenvolvido o elo se rompe. E nem sempre esse rompimento dá-se propositalmente. Apenas acontece, pois mudamos constantemente de interesses. Quem não se lembra de uma antiga amizade da infância e que ~~hoje~~ hoje não faz parte de nossa realidade? Isso é um exemplo de correspondência finita.

Além de correspondência, a cumplicidade entre duas pessoas se realiza quando há segurança em relação ao sentimentos compartilhados. Estar seguro numa relação é garantir sua existência. Eis porque relações superficiais são mais rotineiras e abundantes. Nelas não há necessidade de lealdade, de transitividade de sentimentos e emoções. Apenas a existência de interesses em comum e que podem ser supridos momentaneamente. Como quando certa indignação é compartilhada com um estranho na fila do banco ou um trabalho acadêmico é realizado por colegas.

Atualmente essas relações superficiais se realizam em maior número do que as longas amizades. Não que estas perderam sua importância, mas com o fenômeno do crescente individualismo a inter-relação humana é menos cotidiana. Logo, o círculo de amizades diminui e aumentam tais relações em que não é preciso tanta entrega pessoal.

Entrega pessoal que, por sinal, é imprescindível nas amizades. Precisamos desabafar, rir e contar nossas histórias não para nosso espelho ou travesseiro, mas para alguém que também quer desabafar, rir e contar suas histórias. Querer transitar na ~~co~~ cumplicidade e se dirigir ao objeto que, por escolha, chama de amigo. Mais que tudo isso, o ser humano transforma, assim, um substantivo abstrato, a amizade, em algo tão concreto que o vivencia como se fosse um verbo, em todas as conjugações, em sua plena ação.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000080
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 225-CIENCIAS SOCIAIS

É para se guardar

O conceito de amizade às vezes é muito restrito ~~Espera-se que o amigo~~ e as vezes idealizado. Espera-se que o amigo seja aquela pessoa que sempre sabe o que o outro está pensando e sentindo, que o defenda, ~~ou~~ não o julgue e ainda sofra junto. Infelizmente não é sempre assim e as vezes não é só isso.

As vezes o amigo é aquele que chagga, justamente por ser amigo. Ele é o que precisa colocar no outro a noção de realidade, que julga se omite para que o amigo encare seus problemas e defeitos de frente, crescendo e aprendendo algo. Uma boa amizade nem sempre é aquela que se mantém próxima, mas as vezes é aquela que mesmo distantes as pessoas fazem pequenas coisas uma pela outra.

Respondendo Cícero em Da amizade, não há nada de "mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo". E ~~as vezes~~ mesmo não sendo recíproco você ama e gosta daquela pessoa porque ela te faz bem. E como um poema de Carlos Drummond de Andrade, "Eu te amo porque te amo, não precisas ser um bom amante pois nem sempre sabes sê-lo (...)".

Por isso a amizade é um tipo de amor que vale a pena sentir e um bom trabalho para exercer. E quando se é abençoado pela reciprocidade, você guarda "debaixo de sete chaves, dentro do coração".

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000210
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 426-FONOAUDIOLOGIA

A Amizade

Há diversos tipos de amizade e de amigos, os "amigos do peito", a "amizade fraternal" e amigos que sempre estiveram comigo desde o ventre de nossas mãis. Falaremos como vários tipos de amigos podem nos ajudar muitas vezes, ao enfrentarmos caminhos ruins em nossas vidas.

A amizade é um sentimento de ternura, amor fraterno e de muita confiança, que pode muitas vezes nos ajudar. Amigos são pessoas em que depositamos muito companheirismo e confiança. Existem os "amigos do peito", que são aqueles com quem podemos sempre contar, que nunca nos abandonará quando estivermos com algum problema, ou até, nos encobrirem muitas vezes de coisas erradas que estamos fazendo, como podemos ver, no texto de "Cícero", ele nos conta que nossa vida seria escura e triste sem amigos, e que a amizade foi dada pelos deuses imortais, exemplificando que sem amizade não viveríamos; já a canção de Milton Nascimento e de Caetano Veloso nos mostra a amizade verdadeira, os "amigos do peito" que estarão sempre em nossos corações ajudando-nos também. Todos os textos nos mostram exemplos que podemos ver ainda nos dias de hoje, como por exemplo o caso das irmãs Mary Kate e Ashley Olsen, gêmeas que sempre estão juntas em tudo, até que em um certo mês do ano de 2006, Mary Kate teve anorexia, então Ashley estacionou todo o seu trabalho e foi apoiar a irmã em seu tratamento, mostrando-nos uma cumplicidade, amor e apoio que está perdurando até hoje entre elas e muitas outras pessoas.

Por conseguinte sabemos os vários tipos de amigos, podendo ser um amigo irmão, ou até um amigo cachorro. Esses são exemplos de pessoas que nunca te abandonarão, mesmo nos momentos mais difíceis, tendo sempre em quem apoiar e confiar.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000225
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 230-ECONOMIA

FUNDAMENTAL FELICIDADE: PRESENÇA ETERNA DE GRANDES AMIGOS

Não há como ser feliz de forma completa sem que haja em nossas bases vitais grandes exemplos de fidelidade e apoio, presentes em uma boa estrutura familiar e em íntimas relações de amizade. Concordo com Cícero em "Da Amizade" e utilizo a mesma ~~indagação~~ indagação: "Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo?".

A frase citada é a caracterização da vida entre amigos. Montaigne, no século XVI, conseguiu ser atemporal; são importantes as amizades "substituíveis" que não são levadas por toda nossa existência, mas que dão complexidade a períodos de nossa história; porém infinitamente mais importantes são as amizades de quem se contentaria ou se entristeceria com nossas vidas tanto quanto nós mesmos. Essas valeriam mais do que um "reino".

Nas relações sociais de hoje há um grande problema: não se trocaria um reino por uma amizade. No auge do capitalismo em que vivemos, as relações humanas são subvalorizadas e facilmente permutadas por uma proposta naturalista.

É extremamente corrente que tenhamos amigos "por interesse". Quando nos aproximamos das pessoas porque elas possuem bom-humor, assuntos agradáveis, ou gostos parecidos com os nossos, estamos fazendo isso por qual motivo? Garantidamente o que unirá pessoas em uma verdadeira e profunda amizade serão as trocas de momentos interessantes. Entretanto, nos dias atuais, é comum pensar que uma íntima relação de ~~ami~~ amizade surgirá de transações econômicas.

O erro das amizades modernas está na incapacidade de colocarmos os seres humanos ~~sempre~~ à frente da ambição monetária. Alcançaremos sempre o máximo da felicidade possível se tivermos ao nosso lado grandes amigos durante os principais momentos das nossas vidas. Não estraguemos as amizades pecando-as para a péssima disputa pelo dinheiro, precisamos da segurança dos amigos para crescermos.

© Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000247
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 203-ARQUITETURA - FAU

Um curto-amor

Há um amor que não é aquele amor de filme, o atual "romântico", no qual duas pessoas se encontram e são felizes para sempre. É um amor que às vezes começa aos dois anos de idade e dura toda uma vida. E pode-se ter certeza que aquela pessoa estará sempre lá por você, sem a possibilidade de um divórcio. É esse o amor de amigo.

"Pode-se realmente "viver a vida" sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos?" Disse Cícero, na Antiguidade.

A norte americana Doris Allen criou, no século XX, uma espécie de ONG que relaciona o poder da amizade com a paz mundial. Nessa organização, crianças do mundo inteiro reúnem-se em certo país para discutir problemas mundiais e conhecer novas culturas. Nesta um mês de convivência, os jovens criam laços incrivelmente fortes, que muitas vezes são levados pelo resto da vida. Assim, quando forem adultos e responsáveis por suas ações, eles se lembrarão do valor dessas amizades antes de começar uma guerra.

O problema é que as populações vêm crescendo, e as relações tornando-se cada vez mais efêmeras. Disse Montaigne no século XVI: "pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas".

Conquistas, férias, viagens, perdas, experiências. Nada disso pode ser vivido sem alguém para compartilhar. São essas pequenas coisas que fazem a vida, portanto não pode-se deixar mais comum essas relações superficiais, descrita por Montaigne.

Há pessoas que esquecem o valor das relações que se tem na vida. O sucesso profissional e pessoal nunca trará o gosto compartilhar essa felicidade com alguém. E essas pessoas... Não, elas não serão felizes.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000074
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 622-ENGENHARIA NA ESCOLA POLITECNICA, COMPUTACAO E MATEMATICA APLICADA

O valor da Amizade

Dentre as diversas relações que podem estabelecer entre os homens, a amizade é a mais nobre. De épocas distintas, os textos do tema trazem idéias de igual relevância, falando sobretudo sobre o valor da amizade.

Cícero fala sobre a vida privada de experiência da amizade, comparando-a ao mundo sem sol. A metáfora não é especialmente original, mas a comparação é válida pela força com que explicita a importância da relação. Nesse texto, um aspecto peculiar é a espectativa de se encontrar um amigo com as mesmas idéias e sentimentos. Me parece melhor um amigo com idéias distintas e boa convicção, alguém com quem se possa discutir, aprimorando o pensamento de ambos.

O texto de Montaigne ressalta a dificuldade de se estabelecer verdadeiras amizades. É fato: uma relação digna de tal classificação leva anos para ser construída. Das milhares de pessoas que conhecemos ao longo da vida, das centenas com que convivemos diariamente, dificilmente dez seriam merecedoras do cavalo do soldado citado na passagem.

Das canções, a que traz a melhor questão é a de Caetano, que compara a amizade ao amor. Qual é superior? É uma pergunta complicada, até desagradável, porém, falsa.

Proponho o seguinte exercício ao leitor: troque, nos outros textos, a palavra 'amizade' por 'amor'. Verá que ainda fazem pleno sentido, e a razão é: uma relação de amizade é sobretudo uma relação de amor. Ambas são regidas pelas mesmas qualidades: admiração, apreço, sinceridade e respeito.

Em suma, cada autor traz sua visão. Vão em direções distintas, cada qual com suas peculiaridades, mas uma idéia é central a todos: o grande valor que tem a amizade. Comparada ao amor, maior que um reino, melhor que o sol, "coisa para se guardar".

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000306
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 249-PEDAGOGIA

EXPERIÊNCIAS VIRTUAIS

Em todos os autores o valor da amizade é muito estimado. Sobrevalorizam a amizade enquanto felicidade; prêmio maior, coisa valiosa guardada a sete chaves e, até, superior ao amor.

Certamente em todas as épocas, a amizade tem estado acima das condições de classes sociais. Um escravo pode ser amigo de seu senhor na Antigüidade Clássica. Ou um negro africano ser amigo de um branco português no século XVI. E, mesmo na atualidade, constatarmos o fato de uma pessoa de posses ser amiga de outra desprovida de seus meios de sobrevivência.

Entretanto, estamos assistindo a uma tecnicização sem precedentes nas relações humanas. Tal fato, que, em princípio, dinamiza e amplia círculos de amizade vem se transformando em única ferramenta de contato com o mundo para alguns "internautas" (por exemplo: correios eletrônicos, comunidades como ORKUT etc).

Assim, ao refletirmos sobre a amizade verificamos que estão se tornando experiências virtuais. Mesmo ultrapassando barreiras de classe social existe, hoje, um complicador: a virtualidade. E isto coloca sérias questões sobre o que tem sido elogios da verdadeira amizade: suportar adversidades, limpidez, segurança, sentimento e superioridade.

© Redação – FUVEST 2007

AMOSTRAGENS ORIGINAIS - IMAGENS DE EXEMPLARES - ERUDIÇÃO ENCICLOPÉDICA DE CONTEÚDO

Amostragem_000091
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 622-ENGENHARIA NA ESCOLA POLITECNICA, COMPUTACAO E MATEMATICA APLICADA

Do lado esquerdo do peito

Desde a antiguidade, diversos autores e pensadores têm falado e escrito muito sobre a amizade entre duas pessoas. Ainda hoje vemos, na música, em textos, na televisão, a importância que damos a isso. Vivendo em sociedade, tornamos, cada dia mais, esse tema em tema de discussão. Porém, será possível manter uma amizade sólida no mundo cada vez mais corrido e concorrido em que vivemos? Há mesmo espaço e tempo na vida das pessoas para alguém tão especial quanto um amigo?

A resposta a essas perguntas é algo que devemos buscar dentro de nós mesmos. Muitos dirão que têm, sim, espaço e tempo. Mas, pensando um pouco, verão, realmente, o quão pouco têm verdadeiramente se dedicado a essas pessoas tão especiais que entram em nossas vidas e compartilham dos mais diversos momentos, sejam bons ou ruins.

E, apesar da amizade ser tão relevante para todos, nosso modo de vida acaba fazendo com que nossas prioridades mudem. Estudo, trabalho, família. Por (~~mais~~) melhor que isso tudo seja, (~~os~~) acabamos creditando cada vez menos atenção aos nossos amigos. Às vezes até perdendo-os por falta de comunicação e contato. Outro fator relevante que faz da amizade uma relação cada vez mais fraca e rara é a concorrência encontrada nos diversos ambientes que frequentamos, principalmente no trabalho. Como todos querem promoções e melhores (~~salários~~) (~~salários~~) salários, e poucos conseguem, a dificuldade de se relacionar aumenta.

A discussão sobre a importância que tem um amigo verdadeiro sempre foi e sempre será atual. O homem, como ser social e que possui sentimentos, precisa de pessoas com quem converse francamente e com quem possa compartilhar seus mais profundos sentimentos. A questão atual seria: Não está na hora de darmos uma pausa para que possamos, finalmente, desfrutar da companhia de alguém tão maravilhoso como um amigo ou uma amiga fiel? A resposta é simples: Sim, está na hora. E como diria o poeta: Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito.

© Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000282
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 622-ENGENHARIA NA ESCOLA POLITECNICA, COMPUTACAO E MATEMATICA APLICADA

Uma necessidade básica

O sentido de amizade pouco mudou com o tempo, é um conceito inerente ao homem e a seus instintos. O tempo pode mudar seu grau de necessidade, mas nunca anulá-lo.

Na antiguidade clássica era dada grande importância ao debate e ao discurso de idéias, portanto amizade não implicava apenas no alívio proporcionado por uma boa companhia, mas também a certeza de que o debate seria com alguém cujas idéias e conceitos são comuns ou ao menos congruentes.

Semelhante importância teve não exatamente a amizade, mas o companheirismo nos séculos posteriores ao fim da Idade Média. Em tempos de formação de novas ideologias e revoluções, o compartilhamento e cruzamento de realidades e conceitos não poderia ser possível sem alguém com uma opnião confável e sentimento de sacrifício ou disposto a mostrar os erros de seus companheiros sem sentir satisfação ao fazê-lo a ponto de comprometê-los ou a suas idéias.

Olhando para o passado não é difícil percebermos a influência que as amizades podem ter tido nos grandes acontecimentos e realizações que formaram nossa sociedade, mas não seria de se estranhar caso maior importância fosse atribuída à amizade que nos afeta diretamente, mesmo que dela não viesse nenhuma grande repercussão que afete outras pessoas. É óbvio que nossa personalidade e preferências são moldadas pelo ambiente onde crescemos e por aqueles que o integram, mas indiferente a isso pouquíssimas pessoas conseguem demonstrar uma verdadeira amizade que nos incita essa necessidade de acharmos outras pessoas com quem compartilhar nossas experiências e pensamentos, além de esperar que outras nos procurem para o mesmo.

Não importando quantos, mas sim quais amigos, o ser humano garante uma certa qualidade de vida. Não sabemos por quanto mais tempo, mas sabemos que não teríamos chegado aque sem a amizade.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000103
CHAMADO PARA A PRIMEIRA MATRÍCULA
CARREIRA 220-BIBLIOTECONOMIA

A importância de uma amizade

Desde os tempos mais remotos os homens se prestam a discutir o valor de um amigo. Grandes filósofos e pensadores sempre julgaram que não há valor que pague uma amizade, e eles têm razão, mesmo que na prática não seja tão simples e bonito assim.

No mundo de hoje, globalizado, os pensamentos antigos enfrentam ainda mais dificuldades para serem aplicados. Uma amizade nasce numa sala de bate papo online, é cultivada por emails, e muitas vezes, se os amigos virtuais chegam a se conhecer pessoalmente, a amizade acaba, pois não estão mais "teclando" suas conversas. A internet e os outros meios de comunicação influenciam as pessoas a saírem de casa o mínimo possível, resultando assim, no pouco convívio, tornando as pessoas arredias, anti-sociais e com poucos amigos.

Mesmo assim, não podemos generalizar tanto pessimismo, pois existem belas amizades, que resistiram à falsidade, às intrigas e à modernidade. Os casais que vivem juntos sabem que um relacionamento duradouro vai muito além do que só amor, tem que haver uma ligação de amizade, de confiança, só assim há harmonia entre o casal.

A amizade é algo tão importante para nós humanos, que vários artistas tratam desse tema em suas músicas e livros, como por exemplo, nas obras "Iracema" na qual há os amigos Martim e Poti e em "Dom Casmurro" a amizade conturbada entre Bentinho e Escobar.

Um amigo de verdade é realmente muito importante para nós. Freqüentemente nos queixamos que os outros foram falsos conosco, porém, às vezes somos tão prepotentes, que acabamos sendo falsos com os outros também. É verdade que o mundo globalizado prejudica nossas relações afetivas, mas devemos tomar como exemplo, pessoas que conseguiram ter algum relacionamento pela internet, como os que até casaram! Por isso, não devemos ignorar os pensamentos do passado, afinal mesmo sendo antigos, podem e deveriam ser utilizados atualmente, assim teríamos uma sociedade mais humana e unida.

Redação – FUVEST 2007

Amostragem_000127
NÃO CONVOCADO PARA A MATRÍCULA
CARREIRA 629-INFORMATICA - SAO CARLOS

Hoje em dia, vivemos numa sociedade em que inúmeras vezes as aparências enganam. Pessoas nos cercam fingindo amizade, quando apenas estão atentas ao que temos como bem material. De fato, é complicado achar pessoas nas quais possamos confiar e dizer nossos mais íntimos segredos, mas possível. Não importa a quantidade de amigos, que pelo menos nos dizem sê-lo, mas sim a qualidade destes escolhidos por nós.

Posso afirmar categoricamente que, dos meus primeiros doze anos de vida que morei em Brasília, restaram-me até hoje duas grandes amizades desta cidade. Mais outros sete anos em São Carlos, cidade para a qual me mudei e resido até os dias atuais, e ainda assim, conto nas mãos o número de pessoas cujas amizades são realmente leais e mútuas. Considero-me sim, um sortudo.

Carlos Drummond de Andrade já dizia num de seus poemas: "Sob a pele das palavras há letras e códigos". Mostra com isso que, a mania de grandeza do ser humano é imensurável, a ponto do dinheiro poder qualificar uma amizade como real ou não.

Bono Vox, líder da banda U2, cita também em uma de suas canções: "Sometimes you can't make it on your own". Que traduzido seria: As ~~vez~~ vezes você não é capaz de tudo sozinho. E é uma verdade nua e crua. ~~Acho que não~~ Não podemos deixar de procurar até achar amizades que façam nosso esforço por elas valer a pena.

Idéias defendidas por músicos popular brasileiros, tão como de pensadores da Antigüidade Clássica são plenamente honrosas e dignas de respeito. Não importa o quão velhas sejam estas idéias, elas continuarão sempre sendo atuais e verdadeiras.

Redação – FUVEST 2007

Anexo 5

QUADRO – Candidato Efetivo e Candidato de Treinamento – Quadro comparativo de características predominantes.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	CARACTERÍSTICAS	
		Treinamento	**Efetivo**
DADOS PESSOAIS	**Idade**	Até 16 anos	18 anos
	Sexo	Masculino	Masculino
	Cor	Branca	Branca
	Estado civil	Solteiro	Solteiro
	Grau de instrução do pai	Superior Completo	Superior Completo
	Grau de instrução do pai	Superior Completo	Superior Completo
	Origem	Capital	Capital
	Local de Inscrição	Capital	Capital
DADOS ECONÔMICOS	**Renda Familiar**	R$1500,00 a R$3000,00	R$1500,00 a R$3000,00
	Ocupação /carga horária	Não exerce atividade remunerada	Não exerce atividade remunerada
FORMAÇÃO ACADÊMICA	**Ensino Fundamental**	Escola particular	Escola particular
	Ensino Médio	Escola Particular	Escola Particular
	Curso Preparatório	Não freqüentou	Freqüentou no período de 1 semestre a 1 ano
	Ensino Superior	Não freqüentou	Não freqüenta
DADOS DO VESTIBULAR	**Condição de Ingresso**	Não convocado	Não convocado
	Área do Conhecimento	Biológicas	Humanidades
	Pontuação	Até 500 pontos	Até 500 pontos

Anexo 6

ELEMENTOS COMPOSICIONAIS – CANDIDATOS DE TREINAMENTO - TABELAS E GRÁFICOS

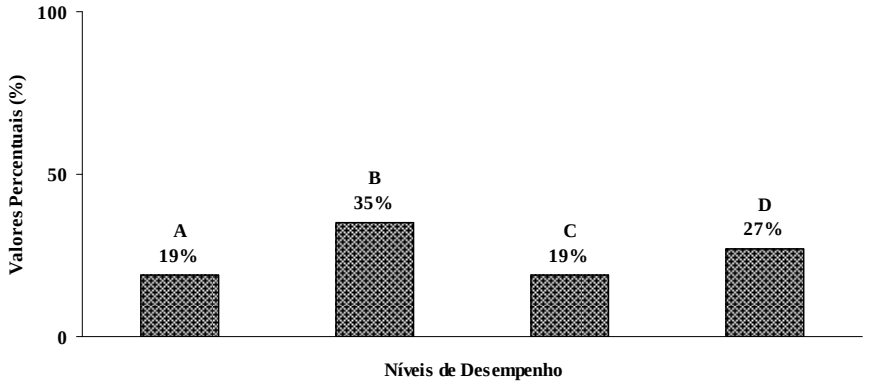
1. ELEMENTOS COMPOSICIONAIS DISSERTATIVOS

NORMA CULTA

Tabela 7.1 – Perfil de “Norma Culta” – Candidatos de Treinamento

	TOTAIS	
Níveis	**Absolutos**	**Percentuais(%)**
A	7	19
B	13	35
C	7	19
D	10	27

Gráfico 7.1 - Perfil de “Norma Culta” – Candidatos de Treinamento

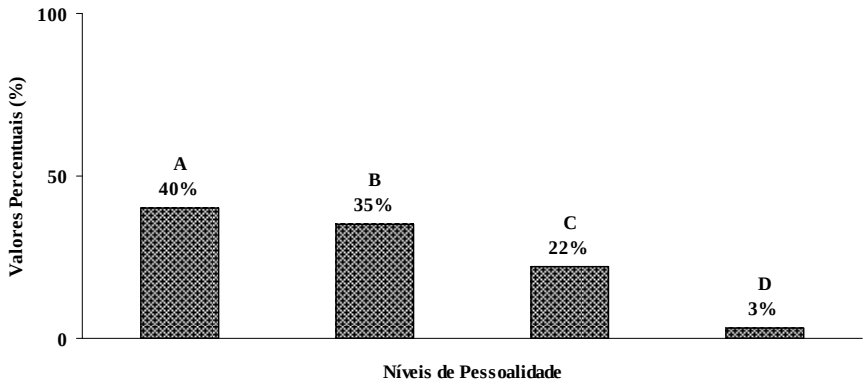


PESSOALIDADE

Tabela 7.2 – Perfil de “Pessoalidade” – Candidatos de Treinamento

	TOTAIS	
Níveis	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	15	40
B	13	35
C	8	22
D	1	3

Gráfico 7.2 – Perfil de “Pessoalidade” – Candidatos de Treinamento



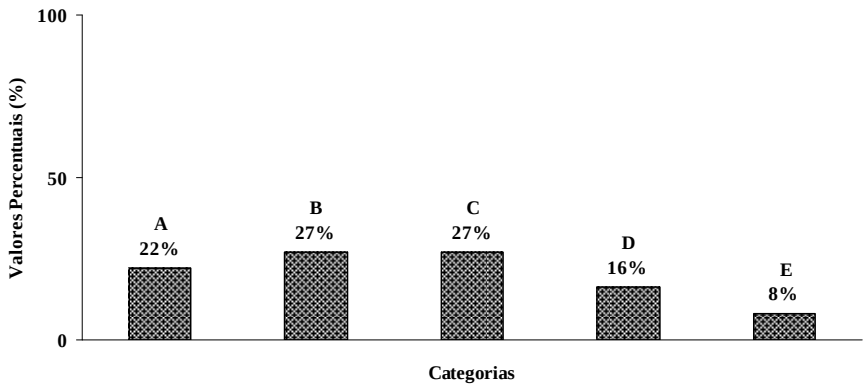
2. ELEMENTOS COMPOSICIONAIS MACRO-ESTRUTURAIS

2.1. CONFIGURAÇÃO ORGANIZACIONAL

Tabela 7.3 – Perfil de “Configuração Organizacional” – Candidatos de Treinamento

	TOTAIS	
Categorias	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	8	22
B	10	27
C	10	27
D	6	16
E	3	8

Gráfico 7.3 – Perfil de “Configuração Organizacional” – Candidatos de Treinamento



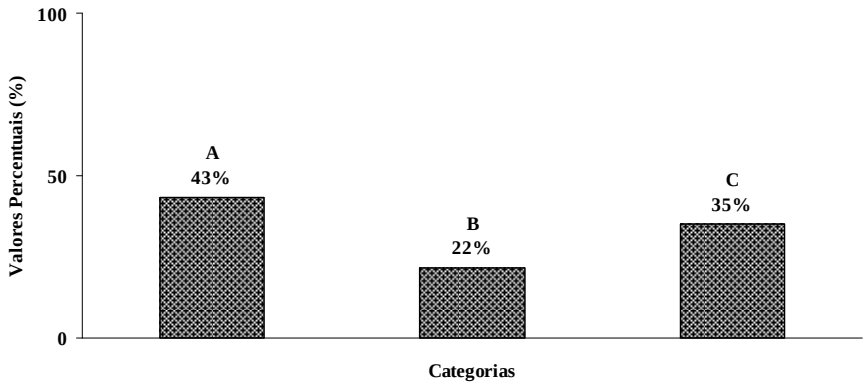
2.2 REMISSÃO EXTRA-TEXTUAL

2.2.1 PERTINÊNCIA TEMÁTICA – ASSUNTO

Tabela 7.4 – Perfil de “Pertinência Temática – Assunto” – Candidato de Treinamento

	TOTAIS	
Categorias	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	16	43
B	8	22
C	13	35

Gráfico 7.4 – Perfil de “Pertinência Temática – Assunto” – Candidato de Treinamento

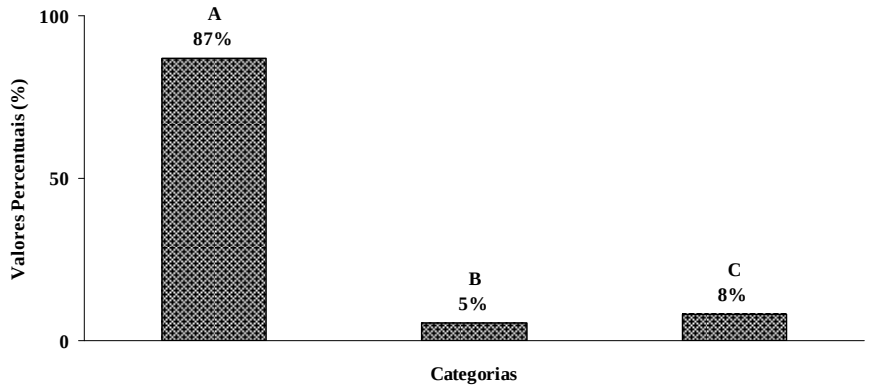


ERUDIÇÃO ENCICLOPÉDICA DE CONTEÚDO

Tabela 7.5 – Perfil de “Erudição Enciclopédica de Conteúdo” – Candidato de Treinamento

	TOTAIS	
Categorias	**Absolutos**	**Percentuais (%)**
A	32	87
B	2	5
C	3	8

Gráfico7.5 – Perfil de “Erudição Enciclopédica de Conteúdo” – Candidato de Treinamento



Anexo 7

CARREIRAS POR ÁREA

HUMANIDADES

Administração
Administração – Ribeirão Preto
Arquitetura – FAU
Arquitetura – São Carlos
Artes Cênicas – Bacharelado
Artes Plásticas
Arte e Tecnologia – USP Leste
Artes Cênicas – Licenciatura
Atuária
Biblioteconomia
Ciências Contábeis – Ribeirão Preto
Ciências Contábeis
Ciências da Informação e Documentação – Ribeirão Preto
Ciências Sociais
Ciências Econômicas – Piracicaba
Curso Superior de Audiovisual
Economia
Editoração
Geografia
Gestão Ambiental – USP Leste
Filosofia
Gestão Ambiental – Piracicaba
Gestão de Políticas Públicas - USP Leste
História
Jornalismo
Lazer e Turismo – USP Leste
Letras
Marketing – USP Leste
Música
Música – Ribeirão Preto
Oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo (APMBB)[81]
Pedagogia
Pedagogia – Ribeirão Preto
Publicidade e Propaganda
Relações Públicas
Relações Internacionais
Turismo
Treinamento Humanidades

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Ciências Biológicas

[81] Academia de Polícia Militar do Barro Branco

Ciências Biológicas – Piracicaba
Ciências Biológicas – Ribeirão Preto
Ciência deAtividades Físicas – USP Leste
Ciência dos Alimentos
Educação Física
Enfermagem
Enfermagem – Ribeirão Preto
Engenharia Agronômica – Piracicaba
Engenharia Florestal – Piracicaba
Esporte
Farmácia – Bioquímica
Farmácia – Bioquímica – Piracicaba
Fisioterapia
Fonaudiologia
Fonaudiologia – Bauru
Fonaudiologia – RibeirãoPreto
Gerontologia – USP Leste
Licenciatura em Enfermagem – USP Leste
Medicina e Ciências Médicas
Medicina Veterinária
Nutrição
Nutrição e Metabolismo – Riberão Preto
Obstetrícia – USP Leste
Odontologia
Odontologia – Bauru
Odontologia – Ribeirão Preto
Psicologia
Psicologia –Ribeirão Preto
Terapia Ocupacional
Zootecnia
Ciências Biomoleculares –São Carlos
Ciências da Natureza – USP Leste
Treinamento – Ciências Biológicas

CIÊNCIAS EXATAS

Computação – São Carlos
Engenharia Aeronáutica – São Carlos
Engenharia Ambiental – São Carlos
Engenharia Bioquímica – Lorena
Engenharia Civil – São Carlos
Engenharia de Alimentos – Piracicaba
Engenharia de Materiais – Lorena
Engenharia Industrial Química – Lorena
Engenharia – São Carlos
Física Médica – Ribeirão Preto
Física/Meteorologia/Estatística/Matemática
Geologia
Informática Biomédica – RibeirãoPreto

Informática – São Carlos
Licenciatura em Ciências Exatas
Licenciatura em Geociências e Educação Ambiental
Matemática – São Carlos
Oceanografia
Licenciatura em Matemática e Física
Matemática Aplicada – Ribeirão Preto
Química Ambiental
Química – Bacharelado – Ribeirão Preto
Química – Bacharelado/Licenciatura
Química - Licenciatura
Química – Licenciatura – Ribeirão Preto
Química – São Carlos
Sistemas de Informação – USP Leste
Treinamento – Ciências Exatas
Treinamento – Ciências Biológicas
Treinamento - Humanidades

(FUVEST, 2006. p. 3-22)

Anexo 8

Tabela 1 – Perfil dos Candidatos – Redações com adequação em todos os elementos composicionais

	REDAÇAO					
	91	**120**	**125**	**228**	**347**	**366**
DADOS PESSOAIS						
Idade (anos)	21	19	18	20	16	16
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminiino	Masculino
Cor	Parda	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
Estado Civil	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Grau deInstrução do Pai	SC	EM C	SC	SC	SC	SC
Grau de Instrução da Mãe	SC	EMC	SC	SC	SC	SI
Origem	São Paulo	Interior	Interior	Grande SP	São Paulo	São Paulo
Inscrição	São Paulo	Interior	Interior	Grande SP	São Paulo	São Paulo
DADOS ECONÔMICOS						
Renda Familiar (R$)	7000-10000	500-1500	5000-7000	3000-5000	3000-5000	3000-5000
Ocupação/carga horária (h/s)	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha
FORMAÇÃO ACADÊMICA						
Ensino Fundamental	Particular	Particular	Particular	Pública (maior parte)	Particular	Particular
Ensino Médio	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular	Particular
Curso Preparatório	Não fez	1 semestre	Menos de 1semestre	Mais de 2 anos	Não fez	Não fez
Ensino Superior	Incompleto	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
DADOS DO VESTIBULAR						
Situação de Ingresso	Não convocado	Não convocado	Não convocado	Não convocado	Convocado	Convocado
Área de Conhecimento	Ciências Exatas	Ciências Biológicas	Humanidades	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Ciências Exatas
Pontuação	525,6	732,8	523,4	794,4	556,6	585,6

LEGENDA: EM C: Ensino Médio Completo; SI: Superior Incompleto; SC: Superior Completo

Tabela 2 – Perfil dos Candidatos – Redações com inadequação em todos os elementos composicionais – (Parte 1)

	REDAÇÃO					
	10	**16**	**35**	**48**	**81**	**232**
DADOS PESSOAIS						
Idade (anos)	20	18	17	18	18	18
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino
Cor	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
Estado Civil	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Grau deInstrução do Pai	EM C	EM C	EF C	SC	SC	EM C
Grau de Instrução da Mãe	M/D	EM C	SI	EM C	SC	EM C
Origem	Interior	Interior	Interior	Interior	Grande SP	São Paulo
Inscrição	Interior	Interior	Interior	Interior	São Paulo	São Paulo
DADOS ECONÔMICOS						
Renda Familiar (R$)	1500-3000	3000-5000	5000-7000	3000-5000	7000-100000	3000-5000
Ocupação/carga horária (h/s)	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha
FORMAÇÃO ACADÊMICA						
Ensino Fundamental	PT/PB	PT	PT	PB	PT	PT
Ensino Médio	PT/PB	PT	PT	PB	PT	PT
Curso Preparatório	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	1 semestre a 1 ano	1 semestre a 1ano
Ensino Superior	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
DADOS DO VESTIBULAR						
Situação de Ingresso	Não convocado	Não convocado	Não convocado	Não convocado	Não convocado	Não convocado
Área de Conhecimento	Humanidades	Ciências Biológicas	Humanidades	Ciências Exatas	Ciências Biológicas	Humanidades
Pontuação	460	592,8	359,2	258,3	394,4	335,3

LEGENDA: EM C: Ensino Médio Completo; SI: Superior Incompleto; SC: Superior Completo; PT: particular; PB: pública; PT/PB: metade na rede pública, metade na rede particular; SP: São Paulo.

Tabela 2 – Perfil dos Candidatos – Redações com inadequação em todos os elementos composicionais (continuação)

	REDAÇÃO			
	244	**279**	**299**	**354**
DADOS PESSOAIS				
Idade (anos)	18	17	38	16
Sexo	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Cor	Branca	Branca	Branca	Branca
Estado Civil	Solteiro	Solteiro	Casado	Solteiro
Grau deInstrução do Pai	SI	SC	NF	M/D
Grau de Instrução da Mãe	EM C	EM C	NF	SC
Origem	Grande SP	São Paulo	Grande SP	São Paulo
Inscrição	Grande SP	São Paulo	Grande SP	São Paulo
DADOS ECONÔMICOS				
Renda Familiar (R$)	1500-3000	5000-7000	500-1500	Superior a 10000
Ocupação/carga horária (h/s)	Trabalha de 21-32	Não trabalha	Trabalha mais de 32	Não trabalha
FORMAÇÃO ACADÊMICA				
Ensino Fundamental	PT	PT	PB	PT
Ensino Médio	PT	PT	PB	PT
Curso Preparatório	1 semestre a 1no	1semestre a 1 ano	1semestre	Não fez
Ensino Superior	Não fez	Não fez	Não fez	Não fez
DADOS DO VESTIBULAR				
Situação de Ingresso	Não convocado	Não convocado	Não convocado	Não convocado
Área de Conhecimento	Humanidades	Ciências Exatas	Ciências Exatas	Humanidades
Pontuação	310	578,4	181,1	425,3

LEGENDA: EM C: Ensino Médio Completo; SI: Superior Incompleto; SC: Superior Completo; PT: particular; PB: pública; PT/PB: metade na rede pública, metade na rede particular; SP: São Paulo.